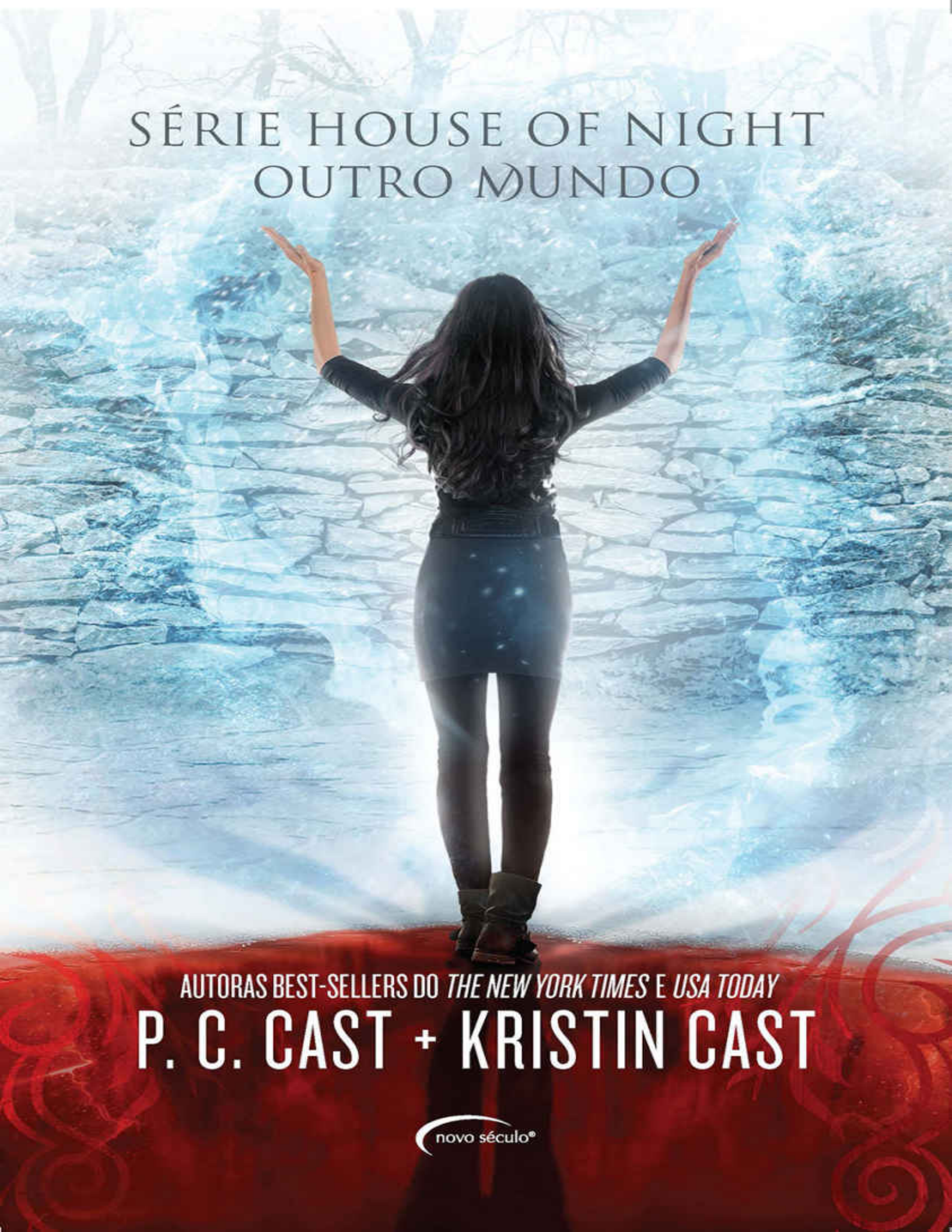

SÉRIE HOUSE OF NIGHT
OUTRO MUNDO
AUTORAS BEST-SELLERS DO *THE NEW YORK TIMES* E *USA TODAY*
P. C. CAST + KRISTIN CAST
novo século®


SÉRIE HOUSE OF NIGHT
OUTRO MUNDO
AUTORAS BEST-SELLERS DO THE NEW YORK TIMES E USA TODAY
P. C. CAST + KRISTIN CAST
novo século

AMADA

SÉRIE HOUSE OF NIGHT
OUTRO MUNDO

LIVRO 1

P. C. CAST + KRISTIN CAST

TRADUÇÃO ALESSANDRA KORMANN

novo século®

SÃO PAULO, 2017

Amada
Loved
Copyright © 2017 by P. C. Cast e Kristin Cast
Published in 2017 by Blackstone Publishing
Copyright © 2017 by Novo Século Ltda.

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vitor Donofrio

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Rebeca Lacerda

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Talita Wakasugui

TRADUÇÃO
Alessandra Kormann

REVISÃO
Tássia Carvalho

CAPA
Kathryn Galloway English

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
Vitor Donofrio

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK
Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)

Cast, P. C.
Amada
P. C. Cast e Kristin Cast; [tradução Alessandra Kormann]
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2017.

Título original: Loved.

ISBN: 978-85-428-1360-9

1. Ficção norte-americana 2. Vampiros I. Título II. Cast, Kristin III. Kormann, Alessandra IV. Série

17-1478 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura norte-americana 813



NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Para os nossos fãs da série *House of Night*,
FELIZ ANIVERSÁRIO DE 10 ANOS!
Vocês são os leitores mais espertos, criativos e leais que qualquer escritor poderia desejar e, quando vocês falam, nós escutamos.
Este livro é a nossa carta de amor para vocês.

Amados leitores,

Para aqueles que precisam de uma recapitulação sobre *House of Night* – ou para aqueles que talvez estejam entrando no mundo de *House of Night* pela primeira vez –, aqui vai um breve resumo para deixá-los atualizados para a nossa nova aventura!

O que é uma Morada da Noite?

É uma escola para a qual vampiros novatos vão depois de serem Marcados. Nos seus próximos quatro anos por lá, ou eles vão amadurecer como vampiros adultos e completar a Transformação, ou eles vão morrer de uma forma horrível.

Conte-me sobre os vampiros de *House of Night*! Ouvi falar que eles não são como os outros vampiros…

Você está certo! Eles não são!

O vampirismo em *House of Night* é baseado em biologia com uma pitada de magia da Deusa. Em alguns jovens atravessando a puberdade, começa uma incrível reação fisiológica em cadeia. Essa reação provoca sintomas parecidos com os de uma gripe, enquanto os seus corpos começam a se Transformar de humanos em vampiros.

Vampiros Rastreadores seguem os feromônios que esses jovens liberam. Quando o Rastreador faz contato, o adolescente é Marcado magicamente pela Deusa como um vampiro novato, e o contorno de uma lua crescente azul-safira aparece no meio de sua testa. O

jovem precisa ir então para uma Morada da Noite, já que ficar perto de vampiros adultos é a única maneira de a reação dentro dele ou dela ser semicontrolada, e mesmo assim muitos deles morrem horrivelmente quando os seus corpos rejeitam a Transformação.

Todas as escolas da Morada da Noite são autônomas e matriarcais. Elas têm sua própria sociedade, que existe apartada do país no qual está localizada, e sua própria religião. Uma vez que um estudante é Marcado e se torna um vampiro novato, ele ou ela é legalmente emancipado das suas famílias humanas e pode escolher um novo nome e um novo futuro.

Se um novato completa a Transformação, o contorno da lua crescente na sua testa é magicamente preenchido e se expande em uma tatuagem facial única, que é um presente da Deusa dos vampiros, Nyx.

A Deusa Nyx é a divindade da qual a maioria dos vampiros é devota, apesar de ela não exigir essa devoção. Ela tem muitas faces e nomes, já que é venerada por vampiros do mundo todo.

Vampiros não são imortais, apesar de terem vidas absurdamente longas (de duzentos a mil anos). Eles se distinguem nas artes. Os vampiros podem se Carimbar com humanos ao beber o seu sangue, e eles frequentemente têm humanos como companheiros. Eles também frequentemente escolhem um consorte vampiro. Os vampiros não podem engravidar e dar à luz, nem ser pais de crianças ou criar novos vampiros de maneira alguma.

Duas espécies diferentes de vampiros da Morada da Noite se desenvolveram. Os vampiros azuis são o tipo original. Eles são noturnos, mas podem sair à luz do sol, embora não seja agradável para eles. Alguns recebem como dons de Nyx a afinidade com um elemento ou animal (os gatos são o familiar[1] comum dos vampiros),

ou recebem outras habilidades especiais. Os vampiros vermelhos são considerados uma mutação – mas no nosso mundo de *House of Night*, liderado por nossa heroína Zoey Redbird, eles não são considerados inferiores aos vampiros azuis. Vampiros vermelhos podem ser destruídos pela luz do sol. Eles não podem entrar na casa de ninguém sem serem convidados. Eles podem influenciar os pensamentos dos humanos, mas essa habilidade não é encorajada.

A maioria dos mestres da Morada da Noite é chamada de professores, apesar de haver algumas diferenças. Por exemplo: Kramisha é a Poeta Laureada Vampira (antes dela, era Loren Blake). Ela dá aulas, mas sua função principal é ser Poeta Laureada. Kramisha também é uma Profetisa de Nyx, assim como Shaylin e Aphrodite. Esse papel contorna o título de Sacerdotisa ou Grande Sacerdotisa. As Profetisas de Nyx têm habilidades diferentes, mas todas têm natureza de oráculo, já que elas podem ler sinais ou presságios, ou ainda receber vislumbres reais do futuro. O dom de Profetisa de Kramisha se manifesta na forma de poesia profética. O dom de Shaylin é conseguir ler auras. Aphrodite recebe visões de acontecimentos futuros traumáticos.

As Sacerdotisas e as Grandes Sacerdotisas compõem a maior parte dos órgãos de direção de todas as Moradas da Noite. Uma Sacerdotisa é simplesmente uma jovem Grande Sacerdotisa em treinamento. Algumas Sacerdotisas nunca alcançam o nível de Grande Sacerdotisa, o qual indica que ela tem uma conexão especial com Nyx – as Grandes Sacerdotisas são sábias, maduras e respeitadas por todos os novatos e vampiros.

A divisão de papéis por gênero é fluida em *House of Night*. Os Guerreiros tendem a serem homens, e as Grandes Sacerdotisas

normalmente são mulheres, mas todos são encorajados a seguir o seu próprio caminho.

Os humanos têm reações variadas aos vampiros. Tradicionalmente, os vampiros se segregaram das sociedades dos humanos, mas Zoey e o seu grupo estão trabalhando duro para mudar isso. Porém, como é típico dos seres humanos, medo e ignorância provocam ódio e racismo, e os nossos vampiros lutam contra isso – especialmente em Oklahoma, o cenário da nossa Morada da Noite de Tulsa.

No Paganismo, os familiares são animais associados a bruxas ou bruxos. (N.T.)

PERSONAGENS PRINCIPAIS

ZOEY REDBIRD é a nossa heroína. Ela foi Marcada um pouco antes de completar dezessete anos. Desde o começo, a sua Marca era diferente porque a Deusa Nyx a escolheu como alguém especial. Ela é descendente de Cherokees e é muito próxima da sua avó, **SYLVIA REDBIRD**, que é Cherokee. Nyx concedeu a Zoey o dom da afinidade com todos os cinco elementos: vento, fogo, água, terra e espírito. Zoey luta contra as Trevas. Ela foi a primeira pessoa a perceber que Neferet, a Grande Sacerdotisa da Morada da Noite de Tulsa, estava negociando com as Trevas e tinha se afastado de Nyx. Zoey tem um grupo de amigos bem unidos que se autointitula a Horda de Nerds (eles não eram exatamente o grupo mais popular da escola!). Os seus amigos também têm habilidades especiais, mas nenhum deles recebeu tantos dons quanto Zoey.

Zoey tem uma história turbulenta com os garotos e, embora no mundo matriarcal de *House of Night* ela tenha o direito de ter múltiplos parceiros sem ser julgada e xingada de vagabunda, ela não é muito boa em lidar com vários caras ao mesmo tempo. O Guerreiro dela, **JAMES STARK**, é muito mais do que o seu namorado – ele é ligado a ela pelo sangue e por Juramento. Ele pode sentir as emoções dela e os dois se amam muito, embora Z. sempre vá ter sentimentos pelo seu amor de infância, **HEATH LUCK**, que foi assassinado durante a batalha entre a Luz e as Trevas.

No começo de *Amada*, Zoey e a Horda Nerd já passaram pela Transformação e são vampiros completos. Cerca de um ano antes do começo do novo livro, Zoey foi nomeada Grande Sacerdotisa do Conselho Supremo dos Vampiros Norte-Americanos – o que é uma

grande responsabilidade para uma garota que ainda nem tinha chegado aos dezoito anos.

STEVIE RAE JOHNSON é a melhor amiga de Zoey. Ela é uma típica garota de Oklahoma que ama música country e tudo ligado ao seu Estado natal. Ela foi Marcada antes de Zoey e deu as boas-vindas a ela na Morada da Noite como sua companheira de quarto. Tragicamente, o corpo de Stevie Rae rejeitou a Transformação e ela morreu – mas renasceu como uma das primeiras novatas vermelhas. Nyx concedeu a Stevie Rae a afinidade com a terra. O seu companheiro é **REPHAIM**, um ser mágico que é filho de Kalona (veja abaixo). Por causa de crimes contra a humanidade que ele cometeu contra o seu pai, Nyx condenou Rephaim a ser um corvo durante o dia e um garoto depois do pôr do sol. Apesar de o amor de Rephaim por Stevie Rae ter feito com que ele se afastasse das Trevas e de Nyx tê-lo perdoado pelo seu passado, a Deusa acredita que ele precisa assumir a responsabilidade por aqueles erros. No começo de *Amada*, Stevie Rae e Rephaim estão vivendo na Morada da Noite de Chicago, onde ela é a Grande Sacerdotisa. Com o resto da Horda Nerd, ela volta a Tulsa para comemorar o aniversário de dezoito anos de Zoey.

APHRODITE LAFONT começou a série como a garota malvada no comando. Ela tinha visões de morte e destruição concedidas por Nyx, mas não estava usando isso de um jeito que ajudasse a humanidade. O pai dela era prefeito de Tulsa e foi assassinado em *Revelada*. A mãe dela é um pesadelo. No decorrer da série, Aphrodite amadurece, cresce e se torna uma das aliadas e amigas mais próximas de Zoey. Ela é uma novata que se sacrifica para que Stevie Rae e os vampiros vermelhos possam manter sua

humanidade. Ao fazer isso, ela perde a sua Marca, mas se torna Profetisa de Nyx. Ela é ligada ao vampiro Guerreiro **DARIUS**, que é totalmente devotado a ela.

DAMIEN MASLIN é membro da Horda Nerd. Ele é estudioso, inteligente, gentil e muito fofo. Nyx concedeu a ele a afinidade com o ar. O seu verdadeiro amor é **JACK TWIST**, um novato que foi tragicamente morto pelas Trevas. Damien foi o primeiro homem a ser indicado ao Conselho Supremo dos Vampiros. Ele está no comando da Morada da Noite de Nova York e, com o resto da Horda Nerd, volta a Tulsa para celebrar o aniversário de Zoey. Ninguém percebe que ele vem lutando contra a depressão desde que era criança.

SHAUNEE COLE também faz parte da Horda Nerd. A sua afinidade é com o fogo. Ela é confiante e esperta – o suficiente para compreender que a sua amizade com outra garota membro da Horda Nerd, **ERIN BATES** (que recebeu o dom da afinidade com a água), tornou-se pouco saudável e a estava sugando demais. Infelizmente, Erin não completou a Transformação e morreu durante *Revelada*. O namorado de Shaunee é **ERIK NIGHT**, um vampiro que já namorou Zoey *e* Aphrodite. Ela é Grande Sacerdotisa da Morada da Noite de New Orleans. Junto com Erik, ela também volta a Tulsa para o aniversário de Z.

SHAYLIN RUEDE não é membro original da Horda Nerd, mas, depois de ser Marcada como uma novata vermelha e receber o dom de ver auras, ela também descobriu que tinha afinidade com a água e ocupou o lugar de Erin no círculo de Zoey. Shaylin era cega antes de ser Marcada, então ela tem um ponto de vista único e uma maturidade especial. A sua parceira é **NICOLE**, uma vampira

vermelha. Atualmente, Shaylin e Nicole vivem na Morada da Noite de São Francisco – ambas vêm a Tulsa para o aniversário de Z.

KRAMISHA é Poeta Laureada Vampira, além de Profetisa de Nyx. Ela recebe profecias em forma de poesia.

NEFERET era a Grande Sacerdotisa da Morada da Noite de Tulsa quando Zoey foi Marcada. Ela era uma vampira especialmente poderosa, com habilidade de ler a mente das pessoas e de se comunicar com gatos. Ela nasceu no final dos anos 1800 em Chicago, onde seu pai a molestou e a violentou antes de ela ser Marcada. Neferet escolheu a vingança em vez da cura, e essa escolha a colocou em um caminho de vida que a levou para as Trevas. No decorrer das aventuras de *House of Night*, ela se revelou uma tirana implacável. Ela se torna uma bruxa imortal Tsi Sgili e desperta Kalona, um semideus caído que já foi consorte de Nyx. Neferet é a maior inimiga de Zoey. O seu maior desejo é governar o mundo e tornar os humanos submissos aos vampiros, o que ela teria conseguido se não fosse a intervenção de Zoey e seus amigos. Em vez de ser Deusa do Mundo, Neferet foi sepultada por toda a eternidade… ou pelo menos é isso que Zoey e a Horda Nerd esperam.

KALONA é um semideus alado e caído. Ele e seu irmão, **EREBUS**, foram criados para serem amigos e consortes da Deusa Nyx. Erebus era amigo de Nyx – como um irmão para ela. Kalona era o seu verdadeiro amor e consorte, mas o ciúme fez com que ele desse ouvidos aos sussurros destrutivos das Trevas. Então ele traiu a sua Deusa, preferindo cair para a Terra e ser banido do reino de Nyx em vez de se abrir para a verdade e a confiança. Quando Kalona caiu, ele foi tomado por raiva e ódio – por si mesmo e pela

humanidade. Ele passou éons[1] cometendo crimes contra a humanidade até que as Sábias Nativas Americanas finalmente criaram A-ya, uma virgem mágica nascida da terra. O único propósito de A-ya era amar Kalona e compeli-lo a segui-la para dentro da terra, onde os poderes dele eram fracos o bastante para que as Sábias Cherokees fossem capazes de prendê-lo, libertando o seu povo da tirania dele.

Guiado pelas Trevas, de sua prisão dentro da terra, Kalona começou a sussurrar para Neferet para que ela cumprisse a profecia de libertá-lo. No começo, ele se tornou amante de Neferet, fingindo ser Erebus e pretendendo governar a humanidade ao lado dela. Mas, durante a série, Kalona se encontrou de novo e finalmente conquistou a confiança de Zoey e dos seus amigos. Ele foi a chave para derrotar Neferet e finalmente pôde se ajoelhar diante de seu verdadeiro amor, Nyx, e pedir o perdão da Deusa, o qual ela concedeu a ele com alegria. Ele agora vive com Nyx e é o seu consorte e verdadeiro amor.

O **TOURO BRANCO** E O **TOURO NEGRO** são símbolos vivos do puro bem e do puro mal.

O Touro Branco = Trevas
O Touro Negro = Luz

O Touro Branco era aliado de Neferet até ela se recusar a ser consorte dele, embora não esteja claro se ele se afastou totalmente dela ou não…



Quando *Amada* começa, já faz quase um ano desde que Neferet foi derrotada. Zoey e a Horda Nerd são vampiros completamente

Transformados. Eles criaram o primeiro Conselho Supremo dos Vampiros Norte-Americanos, e então o grupo se dispersou para desempenhar suas missões nas outras Moradas da Noite. O aniversário de dezoito anos de Zoey está chegando. Como uma surpresa para ela, Stark reúne toda a Horda Nerd para comemorar na Morada da Noite de Tulsa, onde Zoey é a Grande Sacerdotisa.

Éon é um período de tempo que corresponde a um bilhão de anos. (N.T.)

1

Zoey

O sonho começou de um jeito bem inocente. Quer dizer, na verdade, a maioria dos sonhos não é assim? Você está toda felizinha voando pelo céu tipo o Superman e, no minuto seguinte, um monte de aranhas está correndo em volta de você, enquanto o Yoda, o Tim Gunn[1] e a Beyoncé estão jogando strip poker no meio de um episódio de *America's Next Top Model* e você está segurando o placar para eles – pelada.

Então, quando a minha eu do sonho se deu conta, eu estava de volta a Capri, parada no jardim na cobertura da sede do ancestral Conselho Supremo dos Vampiros, admirando um Mar Mediterrâneo iluminado com tanta intensidade pela lua cheia que quase incomodava os meus olhos. Nessa hora, o meu subconsciente não gritou: "Pesadelo!". Se tivesse gritado, eu pensaria algo do tipo "Ah, beleza" e, enquanto a minha eu do sonho andava à toa em direção ao bosque de laranjeiras em plena floração plantadas em vasos, eu esperaria a minha imaginação fabricar algo surreal como um chá da tarde[2] (por chá, eu quero dizer refrigerante de cola) com Zac Effron e Michelle Obama. Mas foi só quando eu ouvi a voz *dele* atrás de mim que comecei a pensar que algo poderia ficar estranho.

– Já faz muito tempo, Zoey Redbird.

Eu suspirei e não me virei.

– Pensei que você já tivesse parado de assustar as pessoas nos sonhos.

– Assustar? – Ele riu. – Por que necessariamente eu tenho que assustar alguém? Não podemos simplesmente dizer que estou fazendo uma visita? Pensei que nós havíamos nos tornado amigos.

Ele se aproximou de mim na beirada da varanda, e eu olhei de relance para ele.

– Amigos vestem camisas quando visitam outros amigos, a menos que a visita no sonho seja, bem, um tipo *diferente* de amizade.

Kalona ia começar a falar algo, mas eu levantei a mão e continuei:

– E esse era um tipo de *amizade* que eu pensei que você só tivesse com Nyx.

– Você entendeu mal o meu objetivo. Eu só pensei que você iria gostar do cenário familiar. Nós já estivemos aqui antes, Zoey. Lembra? – Ele sorriu para mim com toda a sua incrível beleza imortal e, mesmo que eu não estivesse *nem um pouco* interessada em nada nem vagamente romântico com Kalona, não dava para negar como ele era maravilhoso.

Mas só porque não dava para negar isso, não queria dizer que eu tinha que ceder aos seus *joguinhos*, como Vovó diria.

Eu me virei para encará-lo, revirando os olhos de um jeito tão dramático que até Aphrodite aprovaria.

– Ah, sim, eu me lembro deste lugar. Era aqui que você se infiltrava nos meus sonhos e tentava fazer com que eu me juntasse a você em um daqueles seus planos sorrateiros e sexy tipo “vamos

dominar o mundo juntos". – Fiz aspas com os dedos. – É *disso* que este lugar me lembra.

O sorriso eternamente charmoso escapou do seu rosto.

– Talvez eu realmente tenha errado a ambientação para esta conversa. E tenha escolhido mal a roupa.

– Ah, você acha?

Ele tossiu para limpar a garganta, parecendo desconfortável, e então, de repente, com um estalar de dedos, o seu peito musculoso estava coberto com uma simples camiseta preta (que tinha aberturas para as suas incríveis asas brancas).

– Sim. E peço desculpas por isso. Assim está melhor?

– Totalmente – eu disse. Percebendo como ele estava constrangido, acrescentei: – E eu não quis parecer tão sensível.

– Obrigado. – Ele fez uma pausa. – Você ficaria mais confortável se eu mudasse isso também? – Kalona indicou o cenário incrível que nos rodeava.

– Não, deixa para lá. Não é nada de mais. Ah, e eu gostei das suas novas asas brancas. – Eu as examinei enquanto falava. – Mas elas não são exatamente brancas. Elas se parecem mais com a parte de dentro de uma concha de ostra, com todos aqueles tons bonitos de luz que se juntam para formar o branco. Elas combinam mais com você do que as pretas.

Ele deu uma olhada para trás, como se estivesse chocado por aquelas asas enormes que saíam das suas costas não serem mais pretas. Então ele encontrou o meu olhar, com uma expressão insondável.

– Eu também gostei da mudança de cor. O branco me agrada.

O silêncio entre nós dois se estendeu e começou a ficar esquisito, até que eu finalmente o rompi com um suspiro, dizendo:

– E então? Por que você está aqui?

Como ele simplesmente franziu a testa e não me olhou nos olhos, eu comecei a ficar preocupada.

– Rephaim está bem? Aconteceu alguma coisa com Stevie Rae? Falei com ela ontem. Ela disse que a Morada da Noite de Chicago estava dando cada vez mais preocupações, mas…

– Eles estão bem. Peço desculpas novamente. Acho que não estou conseguindo me fazer entender. – Ele passou a mão pelo seu cabelo grosso. – Na minha cabeça, esta conversa iria correr muito melhor.

– Olha só, seja o que for, é só falar.

Ele respirou fundo.

– Acredito que o perigo está chegando.

Ah, que inferno.

– Que tipo de perigo?

– Eu não sei. Mas eu consigo sentir que algo está se agitando, e eu tinha de avisá-la, não importa o que Nyx diga.

Senti o baque de um choque.

– Nyx não sabe que você está falando comigo?

– Não exatamente.

– Que diabos quer dizer “não exatamente”? Seja preciso – eu afirmei.

– A Deusa me deu liberdade para visitar o reino dos mortais sempre que eu quiser – Kalona respondeu.

– Preciso de algo mais detalhado do que isso.

– Eu não precisava contar a ela que estava vindo falar com você, pois ela já deixou claro que eu podia fazer visitas sempre que desejasse.

– Mas você contou a ela que sentiu o perigo se aproximando da Morada da Noite?

– Sim. E, como eu não consegui ser mais específico, ela achou que não valia a pena se preocupar com isso – Kalona disse.

– E então aqui está você.

– Sim, aqui estou eu. Eu queria que você estivesse prevenida e se preparasse – Kalona afirmou. – Depois de tudo que você passou, ou melhor, do que todos nós passamos, eu decidi que é melhor pecar por excesso de precaução.

Ele parecia tão desconfortável, até mesmo vulnerável, que eu percebi que aquilo provavelmente estava sendo difícil para ele. Eu e ele definitivamente tínhamos um passado e, como ele morreu e depois se reconciliou com Nyx há quase um ano, dava para imaginar que era super estranho para ele sair de sua zona de conforto e vir me procurar para me dar um aviso que a sua Deusa e consorte achava não ser necessário. É claro que isso provavelmente significava que o aviso *não era* necessário mesmo, já que Nyx sabia das coisas – mas mesmo assim. Eu tinha que dar a ele algum crédito pelas suas boas intenções.

– Ok, bem, isso foi legal da sua parte. Então, eu vou manter meus olhos bem abertos para qualquer problema. E vou contar tudo para o Stark também. Obrigada pela dica.

– Há algo mais que você pode fazer – ele falou. – Você pode ler o diário que Neferet escreveu quando era criança.

O meu corpo de repente gelou.

– Opa, espera aí! Neferet tem alguma coisa a ver com o que você está sentindo?

– Sim. Não. Eu não tenho certeza. E, como não tenho certeza, você precisa estar preparada para qualquer coisa. É por isso que eu

quero que você leia o diário dela.

– Eu não estou entendendo. De que diário você está falando?

– Quando Neferet era criança… antes de ser Marcada, ela era uma humana chamada Emily Wheiler.

– Sim, sei, eu sei disso. Ela morava em Chicago e, quando ela era jovem, antes de ser Marcada, o pai dela a estuprou.

– Sim, e ela escrevia um diário no qual contava tudo o que acontecia a ela. Neferet enterrou esse diário em Oklahoma mais de cem anos atrás. Acho que lê-lo seria uma decisão sábia. *Se* o perigo que está chegando vier de Neferet, você vai precisar de toda e qualquer informação disponível para derrotá-la.

Minha mente estava girando e comecei a sentir enjoo de estômago.

– Você quis dizer derrotá-la *de novo?* E por que cargas d'água você não mencionou esse diário no ano passado, quando ela se autodeclarou uma deusa e tentou dominar o mundo?

Ele arrastou os pés e olhou para baixo.

– Eu fiquei envergonhado. Foi por meio da energia que brotava do diário de Neferet que eu comecei a influenciá-la lá atrás. Eu a usei para me libertar da prisão com A-ya. Eu cometi um erro terrível e sinto um remorso enorme, além de vergonha, por causa disso. Quando me juntei a você contra Neferet, eu simplesmente não queria lhe dar uma razão para não confiar em mim de novo.

Soltei um suspiro longo e frustrado.

– Ok, entendo. Mas, mesmo assim, você deveria ter nos contado sobre o diário.

– Eu estou contando agora, apesar de saber que isso traz de volta as Trevas do meu passado. Espero que isso mostre o quanto

estou falando sério sobre a sensação de perigo iminente que eu sinto.

Eu assenti.

– Sim, isso definitivamente mostra. Então, onde está esse velho diário?

– Ela o enterrou na base da antiga pedra rúnica[3] de Oklahoma em 1893.

Pisquei surpresa.

– Você quer dizer a Heavener Runestone? Eu estive lá em uma viagem de estudo do meio no oitavo ano. Eca. Carrapatos.

– Carrapatos?

– Sim, eu me lembro de ter que tirar um zilhão de carrapatos das minhas pernas depois de voltar para o ônibus. Nada importante, só foi nojento. Pelo menos estamos no inverno, então carrapatos não serão problema. Mas vai ter lama. Tem chovido loucamente, mas eu prefiro mil vezes lama a carrapatos. Hum, 1893 foi muito tempo atrás. E se o diário estiver todo desintegrado e coisa e tal?

– O diário está numa condição delicada, mas você não vai precisar escavar na lama para achá-lo. Neferet o desencavou décadas atrás logo que chegou para ser Grande Sacerdotisa na Morada da Noite de Tulsa. Ela o escondeu sob as tábuas do assoalho abaixo da cama nos aposentos dela.

– O quê? Você quer dizer que ele ainda está lá? Debaixo da *minha* cama nos *meus* aposentos?

Fiquei meio enjoada de pensar que Stark e eu estávamos naquele exato momento dormindo alegremente bem acima desse diário louco da Neferet. Era quase como se nós estivéssemos dormindo em cima do túmulo dela – isso se ela não fosse imortal e estivesse realmente morta, é claro.

– Ah, é claro. Você ocupou os aposentos da Grande Sacerdotisa.

– Sim, pois eu sou a Grande Sacerdotisa – afirmei cheia de autoconfiança.

Há quase um ano, eu me tornei a primeira Grande Sacerdotisa do novo Conselho Supremo Norte-Americano – uma posição e um título com os quais só recentemente eu comecei a me sentir confortável. Bem, eu estava razoavelmente confortável quando não estava lidando com o mal-humorado e *velho* Conselho Supremo, que ainda gostava de controlar a América do Norte lá da Itália. Como se ainda estivéssemos na Idade Média. Ou naquele passado atrasado pré-internet.

Kalona estava me olhando de um jeito estranho.

– O que foi? – perguntei.

– É que pra mim é difícil imaginá-la nos aposentos de Neferet.

– Eu mudei a decoração – minha voz soou meio metida, mas só porque não queria me lembrar de que ele, é claro, tinha estado no quarto de Neferet (e na cama) muitas vezes quando ele ainda era um cara do mal e eles estavam planejando dominar o mundo. – Você não iria reconhecer.

Ele deu de ombros.

– Os aposentos não têm nenhuma importância para mim. Nem o diário tem nenhuma importância para mim. Eu nunca o li. Mas Neferet me falou sobre ele. Ela disse que relatou ali o que a tornou forte. Ela costumava se comparar a uma espada forjada a fogo. Uma noite, ela me contou que tinha desencavado o diário e que o colocou embaixo do assoalho sob a cama dela.

– Fico imaginando por que ela o desencavou – eu me ouvi perguntando.

– Ela disse que o diário estava ali para que ela não esquecesse – ele respondeu.

– Hum, ok. Vou pedir pro Stark me ajudar a afastar a cama e encontrá-lo. Ainda bem que decidi não colocar carpete quando fiz a nova decoração.

– Você vai mesmo lê-lo? – Ele pareceu genuinamente aliviado.

– Bem, sim. Como você disse, se o que você sente tem qualquer coisa a ver com Neferet, vou precisar de toda ajuda que eu conseguir. – Fiz uma pausa e acrescentei, mais para mim mesma do que para ele: – Eu me pergunto se devo contar para o resto do meu círculo. Quer dizer, eles estão espalhados por todo o país neste momento, mas talvez eles também devam ficar de sobreaviso.

– Faça o que achar melhor, Zoey. O seu círculo é forte, mesmo que vocês não estejam mais juntos. Talvez eu dê a eles mais crédito do que Nyx dá por causa do tempo que passei com todos vocês, mas eu acredito que você e o seu círculo podem lidar com a preocupação. – Ele sorriu de um jeito meio tímido, atenuando o que eu poderia ter entendido como uma crítica dele a Nyx.

– Certo, eu vou pegar o diário e colocar o meu círculo em alerta.

– Excelente – ele disse.

– Ótimo – falei. Nós dois continuamos ali parados, então soltei sem pensar: – E então, como vai o seu irmão?

– Erebus vai bem – ele respondeu.

– E Nyx? Ela está bem também?

– Nyx está espetacular.

– Bom saber. Diga que eu mandei um alô.

– Eu prefiro não fazer isso – Kalona disse, parecendo super estranho. De novo.

– Ahn?

– Ela me pediu para não preocupar você – ele contou.

– Ah, certo. Entendi. Ok, então, você tem falado com Rephaim? – continuei tentando puxar papo-furado com ele, desejando que Shaunee estivesse comigo. Ela era muito melhor do que eu em conversar normalmente com Kalona.

Ele abriu a boca para responder, mas perdeu as palavras quando inclinou a cabeça, como se estivesse escutando uma voz no vento que só ele podia ouvir.

– Desculpe-me, Zoey Redbird, mas eu preciso voltar para o Mundo do Além. A Deusa me chama. E peço perdão novamente por ter começado esta conversa do modo errado. Espero que a gente se despeça como amigos.

– Amigos? É claro. E sem problemas por tudo isso aqui. – Gesticulei em direção ao maravilhoso Mar Mediterrâneo. – Eu realmente gosto daqui. Obrigada pelo aviso. Vou me certificar de que… – Nessa hora percebi que Kalona já tinha ido embora. – Bem, isso é típico dele. Kalona não está mais no Lado Negro, mas ele ainda consegue ser bem estranho.

Balançando a cabeça, fiquei observando o mar iluminado pela lua, tentando processar as notícias indiscutivelmente más que ele tinha acabado de me trazer.



Ocupada com a lua e com o aviso, Zoey não percebeu que, assim que Kalona partiu, a sombra dele esvoaçou, tremulou e se alterou, transformando-se da figura familiar do imortal alado em uma fumaça em redemoinho – uma fumaça branca que formou o contorno de um enorme touro antes de desaparecer completamente.

Tim Gunn é um consultor de moda norte-americano que participa do reality show *Project Runway* e tem seu próprio programa de TV. (N.T.)

Tea Party, em inglês, é um movimento político ultraconservador dos Estados Unidos. “Party” significa partido e também festa. (N.T.)

Pedra com inscrições na escrita rúnica. (N.T.)

2

Zoey

– Miau!

Abri os olhos e vi Nala tão perto do meu rosto que ela era só um borrão gordo alaranjado e branco.

– Bom dia – eu sussurrei, tentando não acordar o corpo quente pressionado contra o meu.

Nala prontamente espirrou bem no meu rosto e então passou por cima do meu peito (como pode uma gata tão gorda ter patas tão pequenas e *afiadas?*), depois girou em círculo três vezes e se enrolou em forma de donut sobre o meu quadril, colocando sua máquina de ronronar a todo vapor.

– Por que ela espirra tanto? Você acha que ela pode ser alérgica a pessoas?

Virei a cabeça para olhar dentro dos olhos castanhos e doces de Stark.

– Desculpe – eu ainda estava falando baixinho. – Não queria te acordar. E eu tenho certeza de que Nala espirra tanto porque ela gosta de espirrar *nas* pessoas, não porque seja alérgica *a* pessoas. Pense bem, você já a ouviu espirrando aleatoriamente quando ela *não* está perto do rosto de alguém?

– Bem pensado. Mas por que você está sussurrando?

– Porque eu não queria te acordar – respondi com um tom de voz normal.

– Tarde demais. Você começou a murmurar e se contorcer enquanto dormia há um tempinho. Senti alguma coisa rolando com você. Pesadelo? Mas, espere. Antes de a gente falar sobre isso… venha cá, minha Grande Sacerdotisa. Minha Rainha. – Com uma mão, Stark levantou as cobertas em que ele tinha se enrolado, mostrando-me um belo pedaço do seu peito nu e musculoso, enquanto a sua outra mão deslizou por baixo dos meus ombros, puxando-me para junto dele.

Eu me aconcheguei a ele avidamente, adiando por pelo menos mais alguns minutos as más notícias que Kalona tinha me trazido. Dei um beijo no pescoço dele e deixei a minha mão percorrer o traçado da cicatriz em forma de flecha quebrada de uma queimadura no seu peito. Então eu o beijei de novo, dessa vez mais demoradamente. Os seus lábios eram mornos e impulsivos e, quando as mãos dele deslizaram pelas minhas costas, massageando a tensão que Kalona tinha provocado, eu me senti como Nala e desejei também ser capaz de ronronar.

Em vez disso, eu explorei o corpo dele, que nunca ficava velho. O peito dele tinha a quantidade certa de músculos. E eu amava o seu cheiro. Era uma mistura de homem sexy com alcaçuz doce de cereja vermelha, a sua atual obsessão de guloseima. Ele era macio em todos os lugares certos e firme em todos os lugares certos – e nós nos encaixávamos perfeitamente.

Logo o sonho foi temporariamente esquecido enquanto eu me perdia no calor e na paixão que era Stark.

– Minha Rainha linda – ele murmurou ao beijar minha orelha, quando nós finalmente voltamos para o presente.

– Eu adoro quando você me chama de sua Rainha.

– Você adora porque gosta de fingir que é britânica?

Abri o sorriso para ele.

– Oh, amável *sir*, você me conhece tão bem – falei com o meu melhor sotaque britânico.

– Shhh. – Ele colocou o dedo sobre os meus lábios. – Não fale nada. Ou pelo menos não fale com esse sotaque horrível.

– Ei! Eu tenho treinado o meu sotaque. Algum dia em breve vou ser vitoriosa na minha busca de ingressos para a peça do Harry Potter em Londres. Estou me preparando – resmunguei por baixo do seu dedo, que ele se recusou a mover.

– Shhh de novo. Quero pensar que você não vai tentar usar um sotaque britânico quando a gente estiver lá.

– Pensei que isso seria educado.

– Se o significado de "educado" para você é "desastre de proporções monumentais", então sim. Seria educado.

– Amável *sir*, o meu sotaque simplesmente não é tão ru… – tentei falar através do dedo dele com o meu dito sotaque incrível, mas ele tampou a minha boca inteira com a mão.

– Confie em mim. Isso poderia gerar uma crise internacional. É tão ruim sim.

Franzi a testa para ele e mordi o seu dedo. Stark gritou e retirou a mão.

– Aphrodite disse que o meu sotaque é bom.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– E você nunca pensou que ela poderia estar sendo irônica?

Abri a boca para responder e logo fechei. Dei um suspiro.

– Ela estava sendo irônica.

– Com certeza. Agora, que tal o segundo tempo do bom-dia, minha Rainha?

– Certamente, amável *sir.*

Dessa vez, Stark usou os seus lábios para interromper o meu pobre sotaque. E eu só posso dizer que os lábios dele foram totalmente eficazes.

Vários minutos de beijos depois, foi Stark quem se afastou – e ele não é de fazer isso. Tirando uma mecha de cabelo preto do meu rosto, ele me lembrou daquilo que temporariamente tinha me feito esquecer.

– Então, e aquele sonho ruim? Faz meses que você não tem um pesadelo assustador com Neferet.

– Não foi um pesadelo com Neferet. Ou melhor, não exatamente. Foi com Kalona.

– Você teve um pesadelo com Kalona? Que estranho.

– Bem, não foi um pesadelo. Foi uma visita. Ou, pelo menos, eu estou bem certa de que foi.

A expressão de Stark pareceu se tornar sombria com as mesmas lembranças que tinham me feito ser ríspida com Kalona, então eu me apressei em explicar:

– Mas não foi uma daquelas visitas bizarras e obsessivas que ele costumava fazer.

– Ah, que bom. Foi Nyx que o enviou até você?

– Não. Na verdade, ele disse que Nyx não sabia. Ele veio me dar um aviso. Aparentemente, Nyx acha que ele está sendo, não sei bem… excessivamente preocupado, eu acho. O que ele admitiu que era uma possibilidade.

Stark se sentou, pegou a sua camiseta que estava na mesa de cabeceira e a vestiu. Ele passou a mão pelo seu adorável cabelo

despenteado de quem acabou de sair da cama e ficou sentado de frente pra mim, com um jeito de Guerreiro super alerta.

– Explique, por favor.

Eu me sentei e reorganizei os travesseiros atrás de mim, fazendo Nala rosnar.

– Kalona disse que sentia o perigo chegando. Aqui. Na Morada da Noite. Ele quis me avisar e recomendar que eu lesse algo.

– Não entendo por que Nyx não queria que ele fizesse isso.

– Acho que tem a ver com a indicação de leitura.

– Que é?

– O velho diário de Neferet. E quero dizer velho *de verdade*, escrito quando ela ainda era Emily Wheiler.

O rosto de Stark ficou pálido.

– Merda. Neferet de novo? Isso é ruim. Bem ruim.

– Bem, Kalona disse que não tinha certeza de que o perigo tinha a ver com Neferet. Mas ele também não tinha certeza de que *não* tinha a ver com ela. Então, ele pensou em me avisar e em me contar sobre o diário.

– Qual o raciocínio dele?

– Que, se alguma coisa estiver rolando com Neferet (de novo), a gente vai precisar saber tudo o que é possível sobre ela. – Levantei a minha mão para impedi-lo de continuar a resmungar que agora era um pouco tarde demais. – Sim, eu sei. Perguntei por que só agora ele estava me contando sobre o diário. Ele deu uma desculpa meio esfarrapada.

– Bem a cara dele. Ele não é mais do mal, mas isso não significa que ele não continue sendo um pé no saco – Stark falou.

– Exatamente. Então, eu tenho que ler o diário e colocar o nosso círculo em alerta para um grande problema, apesar de estarem

todos espalhados pelos Estados Unidos neste momento. Ou pelo menos eu acho que a maioria deles está nos Estados Unidos ainda. Da última vez que falei com Damien, ele não parou de falar da necessidade de abrir uma nova Morada da Noite. – Levantei uma sobrancelha para Stark. – Nas Ilhas Cayman no Caribe.

Mesmo preocupado, Stark abriu o sorriso.

– Isso não deve ter nada a ver com o fato de que estamos em dezembro e a temperatura em Nova York está batendo recordes de frio, ou será que tem?

– Hum, sim. Como diria Damien, acho que tem uma correlação direta. – Coloquei as pernas para fora da cama e calcei minhas pantufas. – Mas ele ainda está acessível. Vou mandar uma mensagem de texto pra ele, Stevie Rae, Shaunee e Shaylin, só para colocá-los em alerta. Sabe de uma coisa, pensando bem, tem algo estranho. Normalmente tenho notícias deles pelo menos uma vez por dia, mas ultimamente eles andam muito silenciosos. – Eu congelei e encontrei o olhar de Stark, sentindo a minha primeira onda de mau pressentimento. – Ai, Deusa! Será que aconteceu alguma coisa a eles? Que inferno! Nem pensei nisso enquanto Kalona estava me dando o aviso. – Eu me virei para pegar o meu celular, que estava desligado, mas carregando, na mesinha de cabeceira. – Eu sou tão idiota. Se eles estão em perigo e eu não…

Stark interceptou a minha mão no meio do caminho.

– Eles estão bem. Não aconteceu nada a eles.

Percebi que minha mão estava tremendo quando ele a segurou entre as suas.

– Você não pode ter certeza – eu disse, já meio surtada. – Vou ligar para eles. Para todos. Agora.

Stark soltou um longo suspiro e então falou, contra a vontade:

– Você não vai conseguir. Eles estão voando.

– Ahn? O que você quer dizer? O que está rolando?

– Z., que dia é hoje?

Franzi a testa para ele.

– Não sei. Hum. Dia 23. De dezembro. Eu acho.

– Sim. Hoje é dia 23. Que dia é amanhã?

– Dia 24. – E então eu entendi o que estava acontecendo. – Não acredito! Eles vão me fazer uma surpresa no meu aniversário?

– Bem, eles *iam* fazer uma surpresa. E eu mantive a coisa toda em segredo por meses. – Ele balançou a cabeça. – Aphrodite vai me matar.

– Espera aí, sério? Eles estão vindo para cá para o meu aniversário? – Nem a visita estranha de Kalona e a sua mensagem agourenta eram capazes de enfraquecer a onda de felicidade que surgiu dentro de mim. – Todos eles?

– Todos eles.

Comecei a dar pulos de alegria e rir alto.

– Sério?

– Sério. Você não achou que o seu círculo ia ignorar o seu aniversário de dezoito anos, né?

Dei de ombros.

– Estou totalmente acostumada com o fato de o meu aniversário ser um desastre por cair bem no meio das festas de final de ano, então achei sim.

– Eu detesto essa coisa de o seu aniversário ter sido sempre um lixo – ele disse. – Eu realmente queria mudar isso nos seus dezoito anos.

– Ei, até que aconteceram coisas boas no meio do lixo. Vovó sempre me dava algo bacana e o meu irmão mais novo, Kevin,

costumava me dar umas coisinhas que ele fazia ou comprava na Dollar Store,[4] porque aquele marido péssimo da minha mãe, o padrastotário, só me dava presentes relacionados a Jesus, afinal, como você sabe, o aniversário do menino Jesus é o único que deve ser celebrado em dezembro.

– Ah, sim, é claro – Stark concordou sarcasticamente.

– Mas é simplesmente incrível que os meus amigos vão me fazer uma surpresa! E numa hora incrivelmente oportuna, inclusive. Eu posso dar esse diário idiota de Neferet para Damien. Ele vai adorar estudá-lo, e já posso vê-lo dando sermões em nós sobre a importância de torná-lo leitura obrigatória para todos os estudantes da Morada da Noite, como uma história para servir de lição ou coisa do tipo.

– Provavelmente é uma boa ideia. Então, onde ele está?

– Você não vai gostar desta parte.

– Só dessa parte? Quando se trata de Neferet, eu não gosto de parte *nenhuma* – ele afirmou.

– Neferet escondeu o diário nas tábuas do assoalho embaixo da nossa cama – eu falei.

Stark cerrou os dentes antes de falar.

– Você está certa. Eu não gostei dessa parte. Mesmo.

Suspirei e olhei demoradamente para a nossa gigante cama de quatro colunas. Stark e eu tínhamos feito o projeto dela pessoalmente. Os altos pilares foram esculpidos para parecerem quatro árvores, com os seus galhos se entrelaçando sobre nós como um dossel vivo.

– Estou pensando se ela é tão pesada como eu lembro.

– Bom, como diria Stevie Rae, mãos à obra.

– Esta coisa é muito mais pesada do que eu me lembrava. – Enxuguei o suor da minha testa e tentei espiar por cima do ombro de Stark. Ele estava de joelhos, usando um canivete para retirar a grossa tábua de madeira do chão que tinha feito um barulho oco e agourento quando nós estávamos batendo em cada centímetro quadrado abaixo da nossa cama.

– Ahn, Z., você não lembrava que a cama era pesada porque os Guerreiros Filhos de Erebus e eu arrastamos essa coisa aqui para cima e a montamos para fazer uma surpresa para você. *Eu* me lembrava de como era pesada.

– Ah, bem, então era por isso. Ai, meu Deus, aí está ele! – Fiquei ofegante quando Stark retirou algo embrulhado em um tecido de linho antigo do cubículo escondido no chão.

Estendi as mãos e ele me passou o embrulho com todo o cuidado, como se fosse uma bomba prestes a explodir. Bem devagar, eu desembrulhei um diário com uma capa de couro marrom bem gasta. Era um livro fino, mais comprido do que largo. Sua capa desgastada não tinha nenhum adorno, exceto bem no meio. Ali, em uma letra cursiva surpreendentemente fácil de ler, estavam as palavras Diário de Emily Wheiler, que estavam riscadas com um sinistro X bem em cima. Ao lado delas, estava o novo título, com a mesma caligrafia, só que mais escuro e sombrio: A Maldição de Neferet.

– Parece que nós achamos o livro certo – Stark disse. Dessa vez, foi ele quem olhou por sobre o meu ombro.

– Parece que sim – falei.

Nenhum de nós se mexeu.

– Ahn, você não vai abri-lo? – ele perguntou.

– Preferia não ter que fazer isso. – Levantei os olhos do diário e encontrei o seu olhar preocupado. – Que tal a gente tomar café primeiro? Tudo parece melhor depois de uma grande tigela de Count Chocula.[5]

– E refrigerante de cola?

– Café da manhã campeão – concordei, vestindo a minha calça de moletom com estampa de gatos tigrados alaranjados e gordos.

– Normalmente eu diria que a gente não devia procrastinar, mas você está certa. Vai ser como ler uma história de terror, e isso vai ser melhor de estômago cheio. Além disso, preciso de um café. Agora.

Escovei os dentes e prendi o cabelo em um rabo de cavalo meio bagunçado, feliz por uma das primeiras regras que eu propus quando oficialmente me tornei Grande Sacerdotisa do nosso novo Conselho ter sido afrouxar o código de vestimenta da sala de refeições dos professores. Segurando o diário cuidadosamente, cheguei antes de Stark na frente da porta e a abri. Aphrodite caiu para a frente, reequilibrando-se a tempo de não bater em mim.

– Sério? Agora você está escutando atrás da minha porta? – Balancei a cabeça para ela. – Isso é bizarro pra caraca.

– Por favor, não use essa expressão. Em voz alta. Eu entendo que esse é o seu jeitinho de falar palavrão sem dizer de verdade, mas não é legal – ela falou, ajeitando o seu cabelo impecável.

– Aphrodite só estava sendo educada. A gente ouviu aquela cama fazendo um barulho enorme, então resolvemos esperar até vocês terminarem. Como Aphrodite disse, não demorou muito. – Kramisha passou por Aphrodite, franzindo os olhos na direção da cama, que estava totalmente bagunçada e fora do lugar. A Poeta Laureada balançou a cabeça, fazendo as suas tranças douradas na

altura da cintura estilo Beyoncé chacoalharem de um lado para o outro, enquanto ela dava *aquele* olhar para Stark. – Mano, você tem energia de sobra.

– Não sei se eu fico impressionada ou passada. – Aphrodite também estava olhando para a nossa cama fora do lugar junto com Kramisha.

Senti meu rosto esquentar e ficar vermelho.

– Não, não, não. Primeiro, vocês estão erradas. Segundo, a gente não está tendo esta conversa. Terceiro, o que *vocês* estão fazendo aqui? – Na mesma hora, como se fosse puxado por um ímã, o meu olhar foi atraído para o caderno roxo que Kramisha estava segurando firme.

– Sim. É isso que você está pensando. Um poema me acordou. Pela primeira vez em quase um ano – Kramisha contou.

– E, já que a desgraça nunca vem sozinha, ela me acordou – Aphrodite disse. – Já mencionei o quanto detesto poesia?

– Não por cerca de um ano – Stark respondeu.

– Obrigada, Cara do Arco – ela falou. – E, como de costume, eu não consegui entender o que aquela coisa idiota quer dizer… por isso estamos aqui.

– Você não sabe o que tá falando, poemas não são idiotas – Kramisha rebateu com firmeza.

– Por que a gente tem que continuar discutindo isso? “Tá” não é nem uma palavra – Aphrodite contra-atacou.

– Que tal a gente discutir isto: eu vou chutar a sua bundinha branca se você continuar menosprezando a poesia. Isso é uma palavra? – Kramisha falou com fingida doçura.

– Isso é um monte de palavras. – Aphrodite jogou o cabelo para trás. – E eu acho que não se espera da Poeta Laureada que ela

recorra à violência.

– Se você tivesse que ler os poemas horríveis que os garotos escrevem nas minhas aulas, saberia que a gente tá numa guerra. Uma guerra de alfabetização.

– Mas eu acho que essa guerra é figurativa, não literal. – Aphrodite fez uma pausa, encolhendo os ombros. – Mas o que eu sei sobre isso? Não entendo merda nenhuma de linguagem figurativa, então vá em frente com a guerra. Só não pra cima de mim. Não é nada estimulante.

– Chega. Não posso lidar com vocês trocando farpas hoje – eu afirmei, e as duas se viraram para me encarar. Instantaneamente, as expressões delas mudaram.

– Está rolando algo – Aphrodite falou. – Certo?

– Certo – eu respondi.

– Duplamente certo – Stark reforçou.

– É. Eu sabia. Foi por isso que eu escrevi este poema. – Kramisha estendeu o caderno roxo para mim, mas, antes que eu pudesse (relutantemente) pegá-lo, Aphrodite interrompeu.

– O que é isso? – Ela apontou para aquilo que eu ainda estava segurando.

Suspirei profundamente e então falei rápido, como se estivesse arrancando um Band-Aid:

– É o diário de Neferet de quando ela era jovem. Kalona apareceu no meu sonho na noite passada. Ele me contou onde encontrá-lo. Ele disse que eu precisava lê-lo porque sente que há problemas a caminho. De novo.

– Neferet? Ah, Deusa, não… – A voz de Kramisha era um sussurro tenso.

– Ah, que merda. De novo não! – Aphrodite exclamou.

Rede de lojas em que todos os produtos custam US$ 1. (N.T.)
Marca de cereal que tem a imagem de um vampiro na caixa. (N.T.)

3

Zoey

A sala de refeições dos professores não era nem um pouco perto do refeitório dos estudantes – algo que eu não apreciava totalmente até não ser mais estudante. Esta é a verdade sobre se tornar professora, seja com qual idade for: você aprende rápido que os estudantes são igualmente incríveis e péssimos, muitas vezes ao mesmo tempo. É universalmente reconhecido pelos professores que, para preservar o que sobrou da nossa sanidade, precisamos ter um local de escape na escola que seja fora do alcance dos estudantes. Deve-se a isso a criação daquele lugar meio caído, mas ainda assim mágico, chamado *sala dos professores.* Aqui na Morada da Noite, tudo está pelo menos alguns degraus acima de uma escola "normal" de ensino médio – inclusive a nossa área para fugir dos estudantes. Ah, nós temos uma sala dos professores, mas em vez de ser um lugar escuro, sem janelas, com uma geladeira velha, o nosso *Santuário dos Professores* (sim, esse é o nome mesmo, escrito em uma placa dourada e tudo) é uma versão menor e mais confortável da Sala de Leitura Rose Main da Biblioteca Pública de Nova York, incluindo a pintura de nuvens fofinhas no teto.

A nossa sala de refeições é igualmente fantástica. Já esteve no restaurante Palm Court no Plaza de Nova York? Bem, não precisa.

Você poderia economizar a viagem se tivesse a permissão de entrar na sala de refeições dos professores em Tulsa. Infelizmente para você (e felizmente para nós), ninguém pode entrar, exceto os professores da Morada da Noite, os Guerreiros Filhos de Erebus e as Grandes Sacerdotisas.

Ah, e desde que eu me tornei a nova Grande Sacerdotisa do Conselho, toda terça é oficialmente dia de espaguete com almôndegas. Não é por nada, mas é bom ser Rainha. Hum, ou Grande Sacerdotisa.

Nós quatro fomos diretamente para o meu espaço – com um sofá alto e enorme de couro macio que circundava a mesa redonda, com toalha de linho, já posta para dez pessoas. Estava muito cedo, ou seja, o sol tinha acabado de se pôr, então a gente tinha a sala toda para nós.

– O de sempre, Grande Sacerdotisa? – perguntou a esguia jovem sacerdotisa-em-treinamento que, neste semestre, tinha a função de atender na sala de refeições.

– Pode me chamar de Zoey – eu disse automaticamente, como fazia todo dia. E, todo dia, ela sorria timidamente, assentia e nunca me chamava de Zoey. – E, sim. Meu refrigerante de cola duplo.

– Então, um copo de refrigerante e um copo de gelo?

– Sim e sim – respondi.

– Para mim, só um café e um bagel – Stark pediu.

– Eu quero um daqueles chai lattes. Com chantilly extra – Kramisha falou, e então acrescentou: – Por favor.

– E eu vou pedir o de sempre – Aphrodite afirmou.

– Mimosa,[6] com pouco suco de laranja – a sacerdotisa repetiu o que ela costumava pedir.

– Na verdade, hoje traga um suco de laranja pequeno separado. Eu disse pequeno – Aphrodite enfatizou.

A sacerdotisa assentiu, curvou-se respeitosamente e se retirou, deixando todos nós encarando Aphrodite.

– O que foi? Eu falei pro Darius que ia comer de um jeito mais saudável, mas vocês sabem que não suporto poluir o meu champanhe com… – ela fez uma pausa e tremeu levemente os ombros – suco. Mas chega de falar de mim, e vocês provavelmente só vão me ouvir falar isso uma vez na vida. Vamos ver o diário mortal.

Eu já tinha contado para as duas sobre a visita de Kalona ao meu sonho no caminho para a sala de refeições, e estava captando uma sensação aflitiva e horrível no ar entre nós – uma sensação que eu não tinha há quase um ano e da qual eu não senti a menor falta nem por um mísero segundo. Era medo e pavor misturados com uma saudável dose de “que m. é essa”?

Eu folheei o diário com todo o cuidado. Estava bem preservado, mas as páginas estavam frágeis e a tinta meio apagada, mas ainda bem legível. Dei um longo suspiro enquanto olhávamos para o título, A Maldição de Neferet.

– Não é nem um pouco assustador – Aphrodite sussurrou baixinho.

– E tenho a impressão de que o título vai ser totalmente adequado – eu disse. – Ok, vamos lá. – Delicadamente, abri o diário e li em voz alta:

15 de janeiro de 1893. Diário de Emily Wheiler. Registro: o primeiro. Isto não é um diário. Eu abomino a simples ideia de

> compilar os meus pensamentos e atos num caderno trancado, guardado secretamente como se fossem joias preciosas. Eu sei que os meus pensamentos não são joias preciosas. Comecei a suspeitar que os meus pensamentos são um tanto quanto loucos.

– Plim, plim! Resposta certa! – Aphrodite falou.

– Caramba, 1893. Essa merda é velha – Kramisha observou. – E ela tá louca desde então. Isso é bem louco. Continue lendo.

Foi o que eu fiz. E, enquanto a vida triste, assustadora e cheia de abusos de Emily Wheiler se desenrolava, eu me surpreendi com a pena que comecei a sentir de Neferet.

– Ah, que merda – Aphrodite me interrompeu, dando um gole na sua terceira taça de champanhe (o suco de laranja dela permanecia intocado). – Ela acabou de descrever uma estátua de um Touro Branco gigante no seu jardim?

Senti um aperto no estômago.

– Sim, foi exatamente isso o que ela descreveu.

– E esse era o único lugar em que ela se sentia segura e confortável. – Stark balançou a cabeça com repugnância. – Então esse touro maldito já a estava perseguindo desde aquela época.

– Estou sentindo pena dela – Kramisha afirmou antes que eu pudesse dizer o mesmo.

– Não sinta. – A voz de Stark foi firme. – Não importa o que aconteceu a ela, Emily Wheiler, e depois Neferet, podia escolher

como ia reagir. Nenhum pai abusivo e péssimo é desculpa para o que ela se tornou, para o que ela fez.

– E mesmo assim Kalona acha que é importante a gente entender o que aconteceu a ela. Isso me faz pensar que talvez tenha algum sentido ter pena dela – eu concluí.

– Não deixe ela te envolver. – O olhar de Stark estava tão severo e aguçado quanto sua voz. – Essa garota de dezesseis anos, essa Emily Wheiler, ela deixou de existir há mais de cem anos. Lembre-se disso enquanto lê.

Um frio desceu pela minha espinha.

– Vou fazer isso. Nós vamos.

– Pode deixar, eu leio um pouco – Aphrodite se ofereceu. – Você está comendo. Eu estou bebendo o meu café da manhã. É mais fácil beber e ler do que comer e ler. Além do mais, eu gosto de fazer as vozes.

– As vozes? Você quer dizer, como as que você escuta na sua cabeça? – Stark perguntou ironicamente, com os olhos arregalados, fingindo inocência.

– O meu gato vai comer o seu – foi tudo o que Aphrodite disse antes de virar uma página do diário e continuar a leitura. – 27 de abril de 1893.…

Fiquei mastigando o meu Count Chocula enquanto escutava a tragédia de Emily Wheiler se desenvolver. Olhei para Aphrodite, Stark e Kramisha. O diário tinha definitivamente capturado a atenção deles. Exceto por uma exclamação ou outra, tipo “ah, que merda, isso é ruim” ou outros sons de choque, ninguém falava.

O diário não era muito longo. O relógio ornamentado da parede deu as sete badaladas quando Aphrodite chegou à página final, escrita no dia 8 de maio de 1893, que descrevia como a recém-

Marcada Emily tinha sido resgatada pelo Rastreador depois do estupro e da violência de seu pai, e como ela havia tido uma escolha. Ela podia dar as costas para o mundo dos humanos, construindo uma vida nova na Morada da Noite de Chicago – ou ela podia permitir que tudo que o seu pai tinha feito a ela continuasse a envenenar a sua nova vida.

Todos nós sabemos qual escolha ela fez. Depois que Emily se curou do estupro, ela voltou para a casa do seu pai como Neferet e o matou – estrangulando-o com o colar de pérolas de sua mãe. Eu entendo exatamente por quê. Emily nos explicou com todas as letras.

> Eu não estou louca.
>
> Os terríveis eventos que aconteceram comigo e que estão registrados nestas páginas não ocorreram por causa de histeria ou paranoia.
>
> Os terríveis eventos que aconteceram comigo ocorreram porque, como uma jovem garota humana, eu não tinha nenhum controle sobre a minha própria vida. Mulheres invejosas me condenaram. Um homem fraco me rejeitou. Um monstro abusou de mim. Tudo porque eu não tinha

poder para influenciar o meu próprio destino. (...)

(...) Ninguém nunca mais vai me machucar sem sofrer igualmente ou até mais de volta. (...)

(...) Ninguém jamais vai saber dos meus segredos, já que eles estarão sepultados na terra, seguramente escondidos, silenciosos como a morte. Eu não me arrependo de nenhum de meus atos e, se isso me amaldiçoa, então a minha última oração é que essa maldição seja sepultada com este diário, para ficar presa eternamente em solo sagrado.

Assim acaba a triste história de Emily Wheiler e começa a vida mágica de Neferet – não a Rainha do Pequeno Egito, mas sim a Rainha da Noite!

Depois que Aphrodite leu as palavras finais de Neferet, o silêncio na nossa mesa ficou pesado. Eu estava em estado de choque e inexplicavelmente triste por Emily. Não por Neferet. Como Stark

havia destacado, Neferet teve uma escolha. Ela escolheu as Trevas, a violência e o ódio egoísta. Mas Emily Wheiler não teve nenhuma escolha. E eu não conseguia deixar de ter pena dela.

– Caramba. Isso foi péssimo – Kramisha falou.

– Bom, pelo menos agora a gente entende por que ela odeia tanto os homens. Principalmente os homens humanos – Stark observou.

– E por que ela era aquela louca controladora – Aphrodite completou.

– Eu entendo o ódio dela agora – eu disse, e eles me olharam embasbacados. Levantei a mão, impedindo que Stark começasse a dar a sua opinião. – Eu não disse que concordava com isso. E também acho que eu não teria feito as mesmas escolhas que ela, ou pelo menos espero que não. Mas eu a entendo, e tenho o pressentimento de que era isso que Kalona queria.

– Para o caso de ela conseguir dar um jeito de sair da gruta, você quer dizer – Aphrodite falou.

– Sim. – Eu me virei para Kramisha. – Ok, é a sua vez.

Ela arrancou uma página do seu caderno roxo e a estendeu para mim. A letra de Kramisha era bonita – algo que eu não tive tempo de perceber um ano atrás, quando ela começou a escrever poesias proféticas, que nós usamos para salvar o mundo. Mais de uma vez. Mas, de um ano para cá, a nossa Poeta Laureada estava dando aula na Morada da Noite de Tulsa, e eu assisti como visitante a muitas das suas aulas. Ela tinha um estilo irreverente, honesto e natural de ensinar que funcionava muito bem com os estudantes. Ela também tinha uma das tatuagens de vampiro adulto mais extraordinárias que eu já tinha visto. De longe, a elaborada tatuagem escarlate se estendia dos dois lados da lua crescente no

centro da sua testa – a mesma lua crescente que Marcava todos nós, fosse cor de safira ou escarlate –, parecendo uma escrita indecifrável de letras indistintas. Mas, quando você chegava mais perto e observava com atenção, podia formar palavras ocultas dentro da escrita. Palavras como *imagine, inspire, crie.* E eu juro que as palavras se alteram, pois eu nunca consigo encontrar a mesma palavra exatamente no mesmo lugar de novo. Era uma tatuagem estranha e super bacana, ou seja, como a própria Kramisha.

– Você vai pegar isto ou quer que eu leia?

– Ah, sim, desculpe. – Dei uma sacudida mental em mim mesma. Peguei o papel roxo, segurando-o quase com tanto cuidado quanto eu havia segurado o diário antigo. Limpei a garganta e li em voz alta:

Flocos de neve – cada um é único
mas mesmo assim, quando caindo
de uma existência para outra
eles podem se tocar
se unir
e nessa Junção
encontrar-se novamente.
Mas só se cada um
concordar
em sacrificar
quem eles deveriam se tornar
de uma nova maneira.
Às vezes
só é
preciso

nevar.

– E então? Alguém entendeu? Alguma coisa pelo menos? – Aphrodite perguntou.

Eu suspirei.

– Não significa nada para mim. Ou pelo menos nada que me diga algo logo de cara. – Dei uma olhada para Stark. – E você?

– Não entendi nada. – O olhar dele encontrou Kramisha. – E você?

– Não tenho a menor ideia.

Aphrodite bufou.

– Nem a menor ideia? Você é ou não é uma Profetisa?

Kramisha franziu os olhos para Aphrodite.

– Eu tenho que dar aula, então não tenho tempo de te levar lá fora e arrancar esse sorriso metido de champanhe dessa sua boca fina. Então, vou dizer apenas isto: você entende as suas visões? *Todas* as suas visões? – Ela fez um som chiado e perturbador quando Aphrodite tentou responder. – Não. Elas são retóricas. Não fale, porque de repente você está me fazendo lembrar por que a gente costumava te chamar de bruxa do inferno. – Kramisha se levantou e se curvou formalmente para mim. – *Merry meet, merry part e merry meet again*,[7] Grande Sacerdotisa. Mande mensagem se precisar de mim. – Com as trancinhas balançando no ritmo do seu rebolado, Kramisha saiu da sala.

– Afe, ela é sensível. Ela devia beber mais. – Aphrodite olhou para as próprias unhas. – E eu preciso de uma manicure. Então, vamos logo com a próxima parte.

– Próxima parte? – perguntei feito uma tonta.

Aphrodite ergueu uma sobrancelha loira perfeitamente aparada para mim.

– Sério? Tipo, você não está indo agora para o Woodward Park dar uma conferida na gruta em que Neferet está presa?

– Ah, essa próxima parte. Sim, estou indo.

– *Nós* estamos – Stark me corrigiu.

– Seja como ele diz.

– Ok, espere só um segundo. – Os dedos de Aphrodite digitaram algo no seu telefone. Então ela suspirou, sorriu e fez um gesto delicado para a garçonete. – Outro champanhe – ela pediu. Depois, com ar sombrio, ela pegou o copo intocado de suco de laranja e o bebeu em só gole, como um *shot.* Estremecendo, ela enxugou a boca.

– Aphrodite, que diabos você está fazendo? Como você disse, a gente tem que ir até o Woodward Park – eu falei.

– Sim, e como Stark disse, você não vai sozinha. Eu mandei uma mensagem para o Darius. Só tenho tempo de mandar pra dentro outra taça das minhas uvas matinais antes que ele apareça. E, por favor, deixem registrado que eu tomei essa coisa de laranja. – Ela tremeu levemente. – Estava totalmente pura e não misturada com a salvação do álcool.

– Você não existe mesmo – Stark afirmou.

Aphrodite deu um sorriso do gato de Alice.

– Obrigada, Cara do Arco.

Drink feito com champanhe e suco de laranja. (N.T.)

Merry meet, merry part e *merry meet again* é uma saudação pagã que significa “feliz encontro, feliz partida e feliz reencontro”. (N.T.)

4

Zoey

– Ai, meu Deus, quem é aquele Filho de Erebus deliciosamente maravilhoso que acabou de entrar por aquela porta? – Aphrodite se derreteu toda.

Eu nem me preocupei em olhar por sobre o meu ombro. Stark fez um barulho entre uma bufada e um suspiro.

– Espere, eu sei quem é! É o meu homem!

Aphrodite inclinou a cabeça para trás, precisamente a tempo de Darius se abaixar, murmurar “Olá, minha bela” e beijá-la. Então ele se endireitou e balançou levemente a cabeça, contrariado.

– Champanhe de café da manhã?

– Sempre, bonitão – Aphrodite respondeu. Mas ela apontou o copo de suco de laranja vazio e disse: – Mas eu deixei o café da manhã mais saudável com isto.

Darius deu uma olhada para mim.

– Ela tomou o suco mesmo?

Eu assenti.

– Sim. Engoliu tudo de uma vez como um soldado.

– Era só suco de laranja. É gostoso – Stark falou.

– Então da próxima vez, *você* toma – Aphrodite retrucou.

Stark ficou passado. Eu só balancei a cabeça e revirei os olhos. Às vezes – na verdade, na maioria das vezes –, era mais fácil simplesmente deixar pra lá as loucuras que Aphrodite falava em vez de realmente tentar entendê-las. Stevie Rae uma vez me disse que ela escutava o que Aphrodite dizia da mesma forma com que lia Shakespeare – sem na verdade entender cada palavra, mas captando a mensagem básica no final das contas. Como de costume, concordei com Stevie Rae.

– Qual é a urgência, minha bela? – Darius perguntou depois de se curvar formalmente para mim e de cumprimentar Stark abaixando levemente a cabeça.

– Kalona apareceu no sonho de Z. dando um alerta de perigo. Ele falou para ela ler o diário de Neferet. Nós lemos. É tão grave quanto você pode imaginar. Agora nós vamos com Z. até o Woodward Park. Tenho esperança de que não vai dar merda. O que seria a primeira vez. Então, eu mandei o bat-sinal, e você está aqui. Fim.

Eu vi várias emoções passarem pelo rosto do Guerreiro – surpresa, medo, raiva. Ele me olhou. Eu assenti. Ele suspirou.

– E eu estava ingenuamente esperando que a emergência fosse algo como o champanhe da sala de refeições ter acabado.

– Isso poderia ser classificado mais como uma tragédia do que uma emergência – Aphrodite disse.

– Neferet realmente começou a se levantar?

– Nós não sabemos – eu falei com muito mais coragem do que sentia. – Mas nós vamos descobrir.



– Por que a gente resolveu caminhar mesmo? – Aphrodite perguntou ao se apoiar em Darius, levantando o pé para examinar a

sola vermelha da sua bota Louboutin de salto agulha. – Ai, meu Deus, chiclete? Eu pisei no chiclete de algum Neandertal?

Stark e eu estávamos andando na frente deles. Olhei por sobre o meu ombro e falei:

– Nós estamos fazendo uma caminhada porque está uma linda noite de dezembro, nem tão quente e nem tão fria, e o centro da cidade está todo envolvido pelas luzes do Natal. Aphrodite, está tudo lindo. Eu queria aproveitar isso. – Eu não acrescentei "enquanto a gente pode, porque se Neferet der um jeito de escapar todos nós provavelmente vamos morrer", mas as minhas palavras não ditas ficaram pairando sobre nós.

– Nós avisamos para você colocar sapatos confortáveis – Stark lembrou.

– As botas Louboutin da coleção passada eram as mais confortáveis que eu tinha – ela respondeu enquanto esfregava o sapato na calçada, tentando se livrar do resto do chiclete.

– Olhem a Utica Square.[8] Adoro como ela está toda iluminada para o Natal. Parece um daqueles globos com neve e uma cidadezinha em miniatura dentro – eu disse.

– Eu não estou olhando – Aphrodite afirmou.

– Ela ainda está boicotando a Utica Square por causa do fechamento da loja Miss Jackson's? – Stark sussurrou para mim.

– Sim, estou – Aphrodite respondeu. – Esses bárbaros de merda. Eles esperam que eu compre na Sacks? Como o resto das pessoas de classe média alta? – Ela estremeceu. – Não. Eu tenho recorrido às compras on-line na Nordstrom.

– Mas, minha bela, você acabou de voltar de uma viagem de compras a Dallas. Você disse que a Nordstrom de lá era um paraíso – Darius falou.

– Foi uma hipérbole – ela resmungou. – Um triste exagero.

Na esquina da Rua Vinte e Um com a Utica, nós viramos à esquerda, atravessando a rua e passando pelos prédios de escritórios decorados festivamente e pelo delicioso restaurante McGill's. Depois de uma pequena subida, lá estávamos nós olhando para o Woodward Park mais abaixo.

– Oh-oh – eu disse.

– Que droga é essa? – Stark perguntou.

Aphrodite e Darius nos alcançaram, e todos nós ficamos olhando para o que deveria ser um parque escuro e deserto, iluminado apenas por lâmpadas de rua com aparência de *vintage.* Mas, naquele momento, ele estava tudo menos escuro e deserto. Havia um monte de pessoas que pareciam ser repórteres, uma grande van do Canal 2 e várias câmeras em volta de uma mulher em pé, diante de um palanque (Palanque? No Woodward Park? Ahn?), encarando a multidão. As luzes das câmeras piscavam, mas nós estávamos longe demais para ouvir o que estava sendo dito.

– Ah, que merda. É a minha mãe.

Nós três olhamos embasbacados para Aphrodite. Então nossos olhares se voltaram de novo para a cena no parque e, com certeza, agora eu podia ver que aquela mulher de fato era a bela e detestável mãe de Aphrodite, Frances LaFont.

– Fico imaginando o que será que ela está armando – Stark falou.

– Nada bom – eu disse. – Isso é certo. – Eu olhei para a minha amiga, que estava olhando para a sua mãe com uma expressão tipo estado de choque, com o rosto tão branco quanto o de uma boneca de porcelana. – Você falou com ela desde que o seu pai morreu?

– Não. Eu liguei para ela depois que derrotamos Neferet. Pensei que ela iria querer saber que eu estava bem. Nem sei por que

pensei isso, mas enfim. Eu liguei. A assistente pessoal dela me encaminhou uma mensagem da minha mãe, em que ela dizia que estava “permanentemente não disponível para falar com aquela pessoa que tinha sido a filha dela”. – Ela fez aspas no ar com os dedos. – Isso foi no ano passado.

– Ela é uma pessoa consumida por raiva e ambição – Darius disse, passando o braço por sobre os ombros de Aphrodite e puxando-a para mais perto. – Foi disso que você escapou, minha bela.

– Ei, Stark e eu podemos descer lá. Volte para o McGill’s e peça uma taça de vinho. A gente vê o que está rolando e encontra vocês daqui a pouco.

Aphrodite balançou a cabeça.

– Não. Foi ela quem disse aquilo. Eu não sou mais a filha dela, então ela não pode mais ferrar com a minha vida.

Darius tocou o rosto dela suavemente.

– Os valentões dificilmente se impõem quando confrontados por aqueles que *não* são fracos ou *não* estão sozinhos. Você não é nenhum dos dois – ele disse.

– É isso mesmo. Principalmente, não está sozinha. – Peguei a mão dela e apertei.

– E definitivamente você é insuportável demais para ser fraca – Stark disse, e o sorriso dele fez com que a frase se tornasse o elogio que ele pretendia.

Aphrodite piscou várias vezes para evitar chorar, então respirou fundo e se esticou para ficar um pouco mais alta.

– Ok, vamos ver que tipo de merda ela está aprontando agora.

Cerrando fileiras ao redor de Aphrodite, seguimos ladeira abaixo. Atravessamos a rua e nos aproximamos devagar da beira do grupo

de pessoas, bem na hora em que uma voz familiar no meio da aglomeração gritou uma pergunta.

– Sra. LaFont, as próximas eleições majoritárias são só daqui a quase um ano. Por que anunciar a sua candidatura tão cedo?

Aphrodite suspirou em choque.

Os olhos azuis da Sra. LaFont perscrutaram a multidão até que ela avistou a repórter.

– Chera Kimiko, que ótimo ver você. Eu estava com medo de que tivéssemos perdido você para a felicidade conjugal. É bom ver que você está de volta às notícias, apesar de eu preferir a política sensata da Fox a do Canal 2.

Aphrodite fez som de dois beijinhos em voz baixa.

– Obrigada, Sra. LaFont – Chera respondeu sem perder o compasso. – E eu acho que repórteres devem reportar as notícias e não fabricá-las. Quer que eu repita a pergunta?

– Não, querida. Eu me lembro da pergunta perfeitamente bem. Eu estou anunciando a minha candidatura a prefeita de Tulsa cedo porque acredito que as pessoas de bem da nossa bela cidade precisam de esperança.

– Esperança? A taxa de desemprego em Tulsa caiu 1,5% em relação ao ano passado e atualmente está no seu nível mais baixo desde o *boom* do petróleo. As vendas de imóveis subiram. Nós finalmente aumentamos o salário dos professores de forma competitiva, e a construção na Harvard Street de fato terminou. – Chera fez uma pausa, enquanto risadas baixas eram ouvidas na multidão, antes de concluir. – Tulsa precisa de esperança para quê?

– Você se lembra da história bíblica de Sodoma e Gomorra? – a Sra. LaFont disse, com um sorriso glacial no seu rosto perfeito.

– Ah, que merda. Lá vamos nós – Aphrodite resmungou.

– Essas duas cidades também prosperaram, mesmo enquanto elas apodreciam por dentro. Tenho certeza de que a taxa de desemprego delas também estava baixa antes de Deus, em Sua infinita sabedoria, castigá-las por abrigar pecadores abomináveis. Se você bem lembra, os anjos do Senhor não conseguiram nem achar dez homens virtuosos para salvar as cidades.

– Desculpe, Sra. LaFont, eu não estou entendendo. A senhora está dizendo que Tulsa está abrigando pecadores e que precisa nos salvar deles? – Chera perguntou.

– Bem, *eu* não disse isso. Você disse. E, já que você disse, deixe-me explicar. Eu acho que não traz nenhum bem para nós se ganharmos riqueza, mas perdermos as nossas almas no processo.

– Senhora? – Chera perguntou, claramente tão perplexa quanto o resto das pessoas.

– Vampiros – LaFont pronunciou a palavra como se tivesse mordido um limão azedo. – Vampiros são as criaturas abomináveis que nós estamos abrigando.

– Oh-oh – falei baixinho. – Talvez agora seja uma boa hora para a gente ir embora.

– Sem chance – Aphrodite respondeu.

– Mas, Sra. LaFont, Tulsa passou o último ano trabalhando *com* a Morada da Noite. Há até um novo programa em desenvolvimento que vai permitir que os estudantes da região tenham aulas na Morada da Noite sem pagar nada. Nos jardins da escola, há uma feira aberta ao público com os produtos dos fazendeiros locais toda quinta à noite. E a nova Grande Sacerdotisa deles, Zoey Redbird, instituiu um programa de resgate de gatos em conjunto com o Street Cats de Tulsa. As relações entre humanos e vampiros nunca estiveram tão boas – Chera afirmou.

– E não esqueça que a Morada da Noite nos salvou de Neferet! – gritou outro repórter que eu não reconheci.

– Não esqueça *você* que Neferet veio da Morada da Noite. Eles são a razão de ela ter descarregado todo o seu mal sobre a nossa cidade. Se não fosse por causa da Morada da Noite, aquelas mil e duzentas pessoas, incluindo o meu marido, estariam vivas hoje. Quantas dessas pessoas eram seus irmãos e irmãs? Maridos e esposas? Filhos e filhas? – LaFont fez uma pausa para deixar a multidão murmurar inquieta.

No meio dessa pausa, Chera perguntou:

– Qual é a sua proposta, Sra. LaFont? Qual vai ser a sua plataforma na campanha para a prefeitura?

– Isso é simples. Minha plataforma é: *Faça Tulsa ser Forte de Novo.* Acho que isso diz tudo.

Houve um silêncio constrangedor, e então Chera perguntou:

– O que isso significa exatamente?

– Bem, isso significa que nós precisamos que as boas pessoas cristãs da nossa comunidade se unam para preservar a nossa cultura e a nossa identidade. Nós somos fortes quando nós somos Tulsa, não quando abrigamos uma bomba-relógio no coração da nossa bela cidade. Se eu for eleita prefeita, prometo rescindir o contrato de aluguel da Morada da Noite com a antiga Cascia Hall Preparatory School e escoltar cada vampiro para fora da nossa cidade. Nós precisamos pegar Tulsa de volta!

– Aaaaah! Uma pergunta! Eu tenho uma pergunta! – Aphrodite tinha dado um passo à frente e estava fazendo uma excelente imitação de Damien, agitando a mão com muito mais entusiasmo do que ela jamais demonstrou nas aulas.

Os olhos azuis frios da sua mãe se acenderam quando viram sua filha. Percebi que eles se arregalaram por um instante, quando alguma emoção passou por eles – choque, talvez? Ou tristeza?

Então aqueles olhos, que tinham exatamente a mesma cor e o mesmo formato dos de sua filha, estreitaram-se, e eu descobri qual era a emoção: raiva.

– Por favor, os meus seguranças particulares podem acompanhar essa jovem senhorita para fora do parque? – a Sra. LaFont ordenou com uma voz gélida.

– Hum, não, *m*ãe – Aphrodite falou como se estivesse dando um sermão numa criança petulante. – Este parque é público. Eu tenho todo o direito de estar aqui. Bem, neste momento eu tenho. Se você for eleita, tenho certeza de que isso irá mudar. Ei, talvez você possa trazer de volta aquela ideia de marcar os indesejáveis com uma estrela amarela, você sabe, para encorajar as *boas pessoas de Tulsa* – ela modulou o tom da voz para soar exatamente como a sua mãe – a seguir a manada dos valentões. Afinal, como todos nós sabemos, um valentão só precisa espancar algumas crianças na escola, e então o resto do rebanho vai começar a segui-lo ou evitá-lo por medo.

– Esta coletiva de imprensa está encerrada – LaFont afirmou. – E essa pessoa…

– Que é a sua filha! – Aphrodite a cortou.

A interrupção não pareceu perturbar LaFont nem um pouco.

– Essa pessoa acabou de provar o meu ponto de vista. Ela e a sua família de vampiros interromperam uma livre reunião de humanos. De novo. Vejo todos vocês ao longo da campanha. Boa noite e que Deus abençoe Tulsa!

Ágil como uma serpente, a Sra. LaFont desceu do palanque. A sua equipe de seguranças a cercou e a escoltou até uma limusine que estava aguardando.

– E ainda falavam que a bruxa do inferno era *eu* – Aphrodite disse, balançando a cabeça de desgosto.

– Ah, algumas pessoas ainda falam – Stark brincou, obviamente tentando aliviar a tensão entre nós.

Eu estava observando Aphrodite atentamente. Os olhos dela estavam brilhantes demais. Darius estava praticamente colado com velcro ao lado dela.

Eu entendia o que ela estava passando. A minha mãe também tinha me traído. Mas eu ainda a amava. Eu não conseguia evitar. E acho que Aphrodite também não conseguia.

– Vamos nessa. Vamos dar uma volta pelos jardins de rosas. Na hora em que a gente voltar para cá, os repórteres já devem ter ido embora – eu falei.

– Aphrodite LaFont? – De repente as luzes de uma câmera estavam brilhando na nossa direção, e Chera Kimiko estava apontando um microfone para Aphrodite.

– Sim, eu sou Aphrodite. Mas abandonei o meu sobrenome. Tipo, do mesmo jeito com que a minha mãe me abandonou. – Ela atirou o cabelo para trás e sorriu diretamente para a câmera.

Pensei que ela merecia um Oscar. Ela definitivamente tem o cabelo para isso. Sério, aquele cabelo loiro comprido é do nível princesa da Disney.

– Mas você é a filha de Frances LaFont, não é?

– Frances LaFont me pariu, mas a verdade é que ela não tem sido uma verdadeira mãe para mim há anos.

– Qual é a sua reação ao anúncio de que ela planeja concorrer à prefeitura?

– Eu estou super confusa. Quero dizer, o meu pai foi um prefeito decente. Bem, se você ignorar o fato de que ele cortou impostos do 1% mais rico da população e bateu recordes abissais de permissões para as maiores companhias de petróleo ferrarem totalmente com o nosso meio ambiente. Alô, terremotos em Oklahoma! Enfim, apesar das fraquezas republicanas do meu pai, ele era um político de carreira. Ele fazia a lição de casa. Ele conhecia a sua cidade e o seu povo. Minha mãe nunca foi, bem, como posso dizer isso de um jeito que não seja ofensivo… – Ela fez uma pausa, encolheu os ombros e continuou. – Não importa. Acabei de perceber que não existe nenhuma razão para eu *não* ser ofensiva. Minha mãe sempre foi mais preocupada com sapatos, coquetéis e aparências do que com a lei e o governo. E o que ela acabou de dizer prova que ela tem um monte de lição de casa para fazer antes mesmo de poder começar a governar esta cidade.

– O que você quer dizer? – Chera perguntou.

– Bem, o seu primeiro anúncio oficial depois da sua candidatura foi que ela planeja revogar o aluguel do prédio da Morada da Noite. Minha mãe deveria checar melhor os fatos. A Morada da Noite não aluga nada. Nós somos donos da propriedade. Completamente. Sem hipoteca. Ela *não* pode nos chutar para fora daqui. Pessoal, guardem os seus votos para alguém que mereça. Fui! – Ela jogou um beijo para a câmera, jogou o seu cabelo de princesa da Disney para trás e saiu andando, enquanto as câmeras piscavam e os repórteres continuavam fazendo perguntas para ela.

Espécie de shopping ao ar livre de Tulsa. (N.T.)

5

Aphrodite

Aphrodite se afastou dos repórteres, das câmeras e das pessoas olhando para ela. Rápido. Ela mantinha a cabeça erguida e uma expressão facial propositalmente neutra, mas bonita – ironicamente, era a expressão que a sua mãe havia feito com que ela aprendesse por meio de tapas ardidos e insultos mordazes. Mas tinha funcionado. Inclusive agora. Mesmo com o seu coração doendo a cada batida e com o seu constrangimento monumental, ela mantinha aquela expressão fria, indiferente e intocável.

Ela podia escutar Z., Stark e Darius se esforçando para passar pela multidão e alcançá-la, mas os repórteres tinham percebido que havia “vampiros de verdade” no meio deles e de repente Chera havia reconhecido Zoey, então o circo da mídia ficou completo, com um monte de microfones e câmeras cercando os três.

Aphrodite começou a andar um pouco mais devagar. Darius devia estar nervoso, mas provavelmente sem querer empurrar um monte de repórteres humanos e demonstrar a sua força sobrenatural, especialmente quando havia câmeras apontadas na direção dele. Se ela ficasse à vista, ele não iria surtar.

Ela ouviu Zoey dizendo:

– Não, a Morada da Noite não tem nenhum comentário sobre as próximas eleições majoritárias, principalmente porque ainda não estamos no *ano que vem.*

Ela sentia muito por ter deixado Z. para arrumar a confusão dela. Bem, mais precisamente, a confusão de sua mãe. Mas ela tinha que fugir de todos aqueles olhares observadores antes que eles conseguissem enxergar através da sua fina fachada – antes que eles a vissem ferida.

Se eles vissem isso, iriam filmar. E então a sua mãe iria ver.

Uma mãe normal que visse a dor e o embaraço de sua filha sentiria tristeza, talvez até remorso – e provavelmente iria tentar consertar as coisas. Ou pelo menos era isso que Aphrodite pensava que mães normais fariam – ou deveriam fazer. Mas ela não sabia. Ela nunca teve uma mãe normal.

Já a sua mãe – a socialite rainha do gelo – iria usar a dor da sua filha. Ela iria descobrir um jeito de se aproveitar dela. De novo.

– Ela iria *tentar* se aproveitar de mim. Eu não sou mais uma criança assustada que quer o amor e a aprovação da sua mamãezinha – ela falou devagar, enfaticamente, saboreando cada palavra. – Ela ainda pode ser capaz de me magoar, mas não pode me usar mais.

Aphrodite tinha chegado à esquina da Rua Vinte e Um com a Avenida Peoria. Ela fez uma pausa, sem querer virar à esquerda na direção do Tulsa Rose Gardens e sair da vista de Darius. Ela olhou para trás. O grupo estava se dispersando. Darius estava andando a passos largos tão rapidamente na direção dela que Z. e Stark quase corriam para acompanhá-lo.

Aphrodite respirou fundo várias vezes – inspirou contando até quatro e soltou o ar contando até quatro. Ela se esforçou para

relaxar. Darius era o seu Guerreiro. Eles tinham uma ligação pela qual ele conseguia sentir as emoções dela, e a última coisa que ela queria era que ele percebesse que a sua mãe ainda conseguia magoá-la tanto.

Aphrodite se recusava a dar todo esse poder a Frances LaFont.

Darius chegou apressado até ela. Ele não disse nada. Ele simplesmente a puxou para os seus braços e a abraçou forte. Aphrodite se permitiu ficar agarrada a ele, para absorver o seu cheiro e o seu carinho, para ficar imersa no seu amor incondicional.

– Você está bem? – Z. estava ofegante quando chegou perto de Aphrodite. Ela delicadamente tocou o ombro da amiga e passou a mão no seu cabelo.

– Eu tinha esquecido que a sua mãe era tão vaca – Stark falou, não de um jeito rude. – Isso deve ter sido péssimo para você.

Aphrodite inclinou a cabeça, com o queixo ainda apoiado no peito de Darius.

– Foi mesmo. Mas, como era de se esperar, não foi nem de longe a pior coisa que a minha mãe já fez para mim.

– Você a enfrentou – Z. afirmou. – Você está virando totalmente uma adulta. Estou tão orgulhosa de você.

– Estamos todos orgulhosos de você – Darius disse.

– Você também pareceu super inteligente. Damien não teria feito melhor – Stark completou.

Aquilo fez Aphrodite dar um princípio de sorriso.

– Prometa que você vai dizer isso a ele – ela pediu.

– Ah, eu não vou precisar fazer isso – Stark respondeu. – Pelas câmeras e celulares que gravaram cada segundo do que você falou, *todo mundo* vai ver você colocando aquela vaca fria no lugar dela, várias e várias vezes.

– Ei, que tal fazer uma conta falsa no Facebook? Nós podemos fingir ser um velho e bom republicano de Oklahoma chamado Billy Bob Johnson. A foto do perfil dele, é claro, vai ostentar a bandeira dos Estados Confederados. Toda vez que alguém postar um vídeo de hoje à noite, a gente compartilha com a sua mãe. Isso vai deixá-la maluca – Z. sugeriu.

– Parece divertido. A gente também pode compartilhar com ela memes de gatos fofinhos. Ela odeia gatos. – Agora Aphrodite deu um sorriso de verdade.

– Então é isso. Ela oficialmente não tem alma – Z. concluiu.

– Ah, isso é oficial faz muito tempo. – Aphrodite ficou na ponta dos pés para beijar Darius antes de sair dos seus braços. – Ok. Estou melhor agora.

– Tem certeza? – Z. perguntou.

– Tenho. – Aphrodite olhou para a cena atrás dos seus amigos. – Por que estão demorando tanto para ir embora?

– Vocês viram todas aquelas câmeras? – Z. balançou a cabeça. – Não entendo como esse anúncio ridiculamente prematuro conseguiu atrair tanta imprensa. E por que ela encenou tudo isso no parque? Quero dizer, ela não estava nem longe de onde Neferet… – Z. perdeu as palavras.

– Você entendeu agora? – Aphrodite perguntou.

– Eu não entendi. Por favor, expliquem – Darius pediu.

– Ela vai perseguir a Morada da Noite. O comentário dela sobre revogar o nosso aluguel não foi provocado por mim. Ela está construindo uma plataforma de medo – Aphrodite falou.

– E o melhor jeito de criar medo é dar a ele um alvo, e então inventar um monte de caca e divulgar na internet – Z. completou.

– Não é uma boa hora para Neferet estar se agitando – Stark disse.

– Como se tivesse uma boa hora para isso? – Aphrodite ironizou.

– Bem, tem sim. Uma boa hora seria daqui a centenas de anos, depois de Z. e eu termos morrido em paz, abraçados na nossa cama, quando a gente já estiver brincando alegremente no Bosque de Nyx no Mundo do Além – Stark respondeu.

– Ou seja, quando ela for problema de outra pessoa – Z. disse.

Stark deu um beijo na testa dela, bem no meio da sua lua crescente.

– Sim. Exatamente.

– Não posso dizer que eu acho uma má ideia – Darius falou.

– Eu ouvi isso, bonitão. – Aphrodite pegou a mão calejada de Darius e começou a caminhar pela calçada que emoldurava a Avenida Peoria. – Mas, primeiro, vamos dar uma parada e sentir o cheiro das rosas.

– Ei, eu tive a intenção de fazer uma metáfora com aquele comentário sobre rosas. Eu admito que sou péssima em linguagem figurada, mas nem tanto. – Aphrodite estava olhando perplexa para o que deveriam ser jardins desertos e vazios por causa do inverno com roseiras cobertas por adubo vegetal para um sono gelado.

Em vez disso, vários idosos – obviamente membros do Tulsa Garden Center – estavam circulando pelos arbustos que se estendiam pela lateral dos jardins que margeavam o Woodward Park, murmurando e admirando as rosas em plena floração.

– Isso é muito estranho – Z. afirmou. – Já tivemos geadas. As roseiras não deveriam estar florindo.

– Ahn? – Stark perguntou.

– Rosas não desabrocham depois de uma geada. Elas ficam adormecidas. Como as carpas nos lagos. Eu sei disso porque costumava ajudar Vovó a podar as suas roseiras e depois cobri-las para o inverno. Nós sempre fizemos isso depois da primeira geada. Mas parece que essas roseiras estão florindo.

– Tenho um mau pressentimento em relação a isso – Stark disse.

– Fiquem aqui. Eu vou perguntar para um desses velhinhos o que está rolando – Aphrodite falou. Quando Darius começou a acompanhá-la, ela tocou o ombro dele levemente e disse: – Não, você fica aqui também, bonitão. Você é um Guerreiro vampiro enorme e assustador, lembra? As coisas estão melhores entre humanos e vampiros no momento, mas vão rolar muito menos perguntas e olhares embasbacados se eu não estiver escoltada por você.

Darius assentiu com firmeza.

– Vou ficar observando daqui. Saberei se você precisar de mim.

Aphrodite deu uma piscadinha e cantarolou “Every Breath You Take”, do Sting, enquanto se dirigia ao idoso mais próximo.

– Com licença, senhor – Aphrodite deu o seu sorriso mais doce de menininha.

O aposentado deveria ter sorrido. Homens *sempre* sorriem quando ela joga o seu charme para cima deles, mas aquele idoso mal olhou para ela enquanto murmurava:

– A loja de jardinagem está fechada.

– Ah, obrigada, senhor, mas eu não quero comprar nada. Bem, pelo menos neste momento eu não quero – ela falou automaticamente. – Eu só estava querendo entender o que está acontecendo com as rosas. Não é estranho elas estarem desabrochando agora?

– É sim, senhorita. Mas é ainda mais estranho do que isso. Aparentemente, nós fomos vítimas de um ladrão de rosas.

– Ladrão de rosas? Não entendo – Aphrodite respondeu, acrescentando silenciosamente para si mesma: “Eu nem sabia que podia existir algo assim”.

Então ele finalmente olhou para ela, e a sua expressão irritada se suavizou.

– Nós também não entendemos. Mas alguém furtou todas as rosas dos canteiros que margeiam o Woodward Park e as substituiu por estas. Elas não são nem rosas de verdade. – Ele apontou com desgosto para um arbusto perto deles.

Aphrodite seguiu com o olhar a direção que o dedo dele indicava e sentiu um choque quando percebeu o que estava vendo.

Todas as roseiras que emolduravam a lateral do Woodward Park estavam em plena floração, apesar de as suas folhas estarem murchas e os seus caules contorcidos e mirrados.

E todas as rosas eram completamente negras.

Essas rosas tinham uma aparência quase molhada que as fazia reluzir com a iluminação pálida da rua.

Aphrodite sentiu uma pontada de medo.

– Quando isso aconteceu?

– Esta é a parte mais estranha de tudo. Só pode ter acontecido esta tarde, há apenas algumas horas. Mas ninguém viu nada, até que era tarde demais.

– O que o senhor quis dizer quando falou que não são rosas de verdade?

– Não existem rosas negras de verdade. Uma rosa não tem os genes necessários para ter a cor preta.

Enquanto o velho homem falava, Aphrodite chegou mais perto da roseira, *realmente* olhando com atenção. Ela esticou um dedo hesitante, mal encostando em um dos botões.

E puxou rápido a sua mão de volta.

Aphrodite encarou as rosas. Havia algo errado com todas as flores, elas pareciam oleosas e frias, como nenhuma flor que já tinha visto. Mas foram os arbustos o que a fizeram perder a respiração de medo. Os caules dos arbustos – de todos eles – na verdade não estavam contorcidos como pareciam a uma certa distância. De perto, era óbvio que eles estavam inclinados, curvados sinuosamente em direção ao chão, como se fossem cobras, com a aparência de gavinhas feitas de Trevas e espinhos…

– Então, apesar de ser possível fazer rosas negras pintando-as com tinta, spray etc., é geneticamente impossível criar uma de verdade atualmente – concluiu o velho jardineiro.

– Essas rosas foram pintadas com tinta ou spray? – Aphrodite perguntou, e o seu enjoo de estômago já respondia à pergunta.

– Não. Nós estamos completamente atônitos com o que aconteceu aqui, mas sabemos que um crime foi cometido.

– Obrigada, senhor. Espero que encontre o seu ladrão de rosas. – Ela se afastou, voltando apressadamente para perto dos seus amigos.

– E então? O que está rolando? – Z. perguntou.

– A coisa é feia. Venham, vamos voltar para o parque e ficar longe de todas essas pessoas do Garden Center. Eles não precisam escutar o que vamos falar.

Aphrodite foi na frente no caminho de saída do Tulsa Rose Gardens, que parecia os níveis de um bolo de casamento e acabava em uma trilha de cascalho que levava ao Woodward Park.

Lâmpadas de rua com ar *vintage* iluminavam de amarelo-claro pequenas áreas pelas quais os quatro passaram rapidamente, movendo-se em direção ao centro do parque, que costumava ser repleto de carvalhos antigos e labirintos gigantes de azaleias.

O incêndio no parque do ano passado tinha destruído a maior parte deles, mas a cidade – com o apoio financeiro do novo Conselho Supremo Norte-Americano de Zoey Redbird – havia replantado tudo intensamente durante o ano. Agora o parque tinha uma cara de novo, mesmo durante o inverno.

– Ei, não tem ninguém por perto. Conte para a gente o que está acontecendo – Z. pediu.

– Ainda não. A gente ainda não chegou lá. – Aphrodite continuou andando. Ela precisava. Ela estava *obrigada* a isso. Assim que ela percebeu que estava sendo levada, suas mãos começaram a suar e o seu estômago a revirar, enquanto a dor de cabeça começava. *Não quero que isso aconteça bem aqui no meio do parque!* A mente dela gritou, mas Aphrodite não colocou para fora o seu desespero interno. Ela estava acostumada.

Tudo isso fazia parte de ser Profetisa de Nyx.

Finalmente, eles chegaram ao cume de pedra que dava vista para a parte de baixo, com o lago e a gruta onde o sacrifício de Aurox havia sepultado Neferet.

Tudo parecia ilusoriamente normal.

O muro havia sido concluído no meio do verão. Feito com a mesma pedra do cume e da gruta, parecia mais uma formação natural do que uma barricada para manter longe os humanos idiotas que achassem uma boa ideia deixar lembranças e velas acesas em volta da caverna lacrada.

Boa ideia?

Só pensar em alguém venerando Neferet já deixava Aphrodite enojada.

Se Neferet algum dia conseguisse escapar, aqueles mesmos humanos – que consideravam romântico e trágico o que tinha acontecido à “Deusa de Tulsa” – como um grupo de seguidores a chamava na internet – seriam os primeiros a ser devorados pela Tsi Sgili e as suas gavinhas de Trevas. Retardados e imbecis.

Então, com a ajuda da Morada da Noite, um muro havia sido construído ao redor da gruta. Ele começava de um lado no cume de pedra, com uma altura de três metros, e continuava em um formato de meia-lua, curvando-se de volta na direção do cume, ligando-se do outro lado à escada de pedra.

A paisagista tinha acrescentado uma pérgola em cima do muro e a coberto com glicínias, que eram resistentes e cresciam rápido. Agora, mesmo no inverno, as trepadeiras entremeadas nas grossas toras de cedro obscureciam quase completamente a vista da gruta lacrada. Em mais um ano ou dois, iria ficar impossível avistar a tumba que repousava silenciosamente abaixo das plantas.

Aphrodite olhou em volta procurando o banco de ferro do qual se lembrava e foi na direção dele. Ela se sentou e então levantou o olhar para os seus amigos confusos.

– Primeiro, as rosas. O velhinho no jardim acredita que alguém arrancou as roseiras normais e as trocou por rosas super estranhas e contorcidas que estão em plena floração neste momento. No meio do inverno. Ah, e o ladrão fez tudo isso hoje à tarde, mais ou menos na mesma hora em que Z. estava sendo alertada por Kalona de que algo ruim ia acontecer. Mas ninguém viu nada.

– Espere aí, eles acham que alguém arrancou um monte de roseiras? Esta tarde? Por que alguém faria isso? – Z. perguntou.

– *Ninguém* pensou isso. Se os velhinhos realmente pensassem, eles iriam perceber que seria impossível alguém desenterrar *centenas* de roseiras, à luz do dia, e substituí-las por rosas malucas, tudo isso sem ser visto. Mas eles estavam distraídos com a cor das flores, uma cor que é geneticamente impossível uma rosa produzir.

– Que cor? Não dava para ver direito de longe – Z. disse.

– Preto. Todas as flores eram completamente negras.

– Magia. Alguém só pode estar usando magia – Stark concluiu. – Mas por quê?

– Infelizmente, acho que eu sei por quê. As rosas não são apenas negras. Elas são oleosas e frias. Eu toquei em uma. Foi como você pode imaginar que seria tocar em uma cobra. A menos que as cobras não sejam frias, úmidas e nojentas.

– Eu não gosto do rumo que isso está tomando – Z. afirmou, parecendo tão pálida quanto Aphrodite se sentia.

– Sim, e essa não é a pior parte. As próprias roseiras são assustadoras. Os caules estão todos disformes, curvados e inclinados em direção ao chão, parecendo exatamente gavinhas escuras e cheias de espinhos.

– Ah, Deusa! – Zoey arfou. – Os filhos de Neferet! Os filamentos de Trevas.

– Você percebeu alguma consciência neles? – Darius perguntou rapidamente. – Você sentiu ou viu qualquer movimento deles?

– Não. Mas você viu que fiquei pouco tempo lá perto. – Ela procurou e encontrou o olhar de Zoey, e então se dirigiu formalmente a ela: – Grande Sacerdotisa, eu acredito que Kalona estava certo em alertá-la.

– Isso é péssimo – Stark falou.

– Sim, mas como a Profetisa de Nyx nos lembrou, desta vez nós fomos alertados antes – Darius afirmou. Então ele franziu os olhos de preocupação ao se voltar para Aphrodite. – Minha bela? Você não parece nada bem.

– Eu não estou doente. – Com a mão trêmula, Aphrodite enxugou o suor que estava escorrendo da sua testa, automaticamente se retraindo com a dor aguda nas suas têmporas. – Eu vou ficar bem. Só me leve para a Morada da Noite o mais rápido possível. Chame um carro preto do Lyft.[9] Não suporto a ideia de pegar outro Prius ou Corolla. É simplesmente desumano. E lembre que para mim não é problema misturar Xanax e vinho – Aphrodite pediu. *Dois meses*, ela disse a si mesma. *Daqui a dois meses iria fazer um ano da minha última visão. Nyx, eu não quero reclamar, mas às vezes, na verdade na maioria das vezes, é um saco ter visões e…*

Aphrodite desabou, cobrindo os seus olhos que ardiam de dor com as mãos, pressionando-os, tentando evitar que eles explodissem enquanto a visão tomava conta dela, arrastando-a para as correntes escuras e submersas da semiconsciência.

Então Aphrodite não estava mais no seu corpo dilacerado pela dor. Houve um terrível som de algo se rasgando, como se um gigante tivesse partido ao meio um pedaço de pano do tamanho de uma casa. Ela abriu os olhos e se sentiu imediatamente arrasada pelos sentimentos de terror, desespero e perda.

Por toda a volta dela, sangue brotava de uma enorme fenda no chão. Do gêiser de sangue, emergiam figuras nadando para cima, enganchando no chão suas mãos com dedos longos como garras, puxando-as para fora do que parecia um poço de sangue.

Os pés do corpo que ela ocupava começaram a cambalear para trás.

Foco! Ela ordenou a si mesma. *Você não faz parte do que está acontecendo. Você é só uma observadora.*

Ela piscou várias vezes, tentando limpar os olhos das lágrimas que jorravam pelo seu rosto. Ela sentiu que os seus ombros estavam trêmulos com os seus soluços e que ela estava fazendo um som estranho de lamento.

Mas não sou eu! Saia dessa, garota! Caia na real e descubra o que está rolando!

Desta vez, ela também esfregou os olhos quando piscou. Então ela se deu conta de que o corpo que ela ocupava deixou cair algo.

Aphrodite forçou o olhar para baixo. Havia uma vela amarela aos seus pés.

Vela amarela? Ar. De repente, ela percebeu de quem era o corpo que ela estava ocupando. *Damien!*

Ela tentou manter o controle sobre a visão e sobre o pavor que estava inundando Damien, mas, como ela estava experimentando os eventos junto com ele, o medo dele a debilitava. E esse simples fato era o principal problema com as visões de Aphrodite. Como ela não apenas via o que acontecia, mas sim experimentava o que quer que estivesse rolando – o que normalmente incluía uma morte terrível –, as emoções que o corpo que a abrigava sentia tendiam a estragar a coleta de informações que ela tentava desesperadamente fazer.

Só me deixe olhar em volta e ver onde diabos estamos e que diabos está acontecendo!

Por um momento – só por uma fração de segundo – Aphrodite controlou o corpo de Damien. Ela fez com que ele ficasse imóvel e olhou em volta, tentando decifrar onde ele estava.

O lugar era familiar. Pedras, um gramado marrom de inverno, mais pedras – mas tudo estava coberto pela enxurrada crescente de sangue, deixando tudo estranho como um pesadelo.

– Saia daqui. CORRA!

A voz de Z.! Aphrodite tentou fazer com que Damien virasse a cabeça para olhar para Zoey, mas o olhar dele estava aprisionado pelas coisas que emergiam do gêiser escarlate.

Ah, minha Deusa! Eles são vampiros vermelhos! Mas eles não eram como nenhum vampiro ou novato vermelho que Aphrodite já tinha visto. Essas criaturas mal pareciam humanas. Elas se moviam com um andar encurvado, como feras, rosnando e chiando baixo uma para a outra. Enquanto ela olhava através dos olhos de Damien, as criaturas viraram suas cabeças para encará-lo. Como um caçador que acabou de avistar a sua presa, os olhos delas se fixaram em Damien e elas começaram a persegui-lo.

– CORRA! – a voz de Zoey gritou de novo.

Sim, Damien, que merda, CORRA! Aphrodite concordou. Mas então ela se deu conta da verdade quando mais uma figura emergiu da fenda no chão. Aquele círculo não tinha sido fechado. Se Damien corresse, aquela fonte de sangue nojenta ia continuar vomitando aqueles zumbis vampiros!

Nessa hora Damien estava, de fato, descongelando e começando a escalar com dificuldade as pedras atrás dele, tentando chegar à escadaria, sem enxergar direito. Aphrodite piscou freneticamente junto com Damien, tentando clarear a visão dele. E funcionou. A visão de Damien clareou – bem a tempo de ver uma terrível familiaridade na última figura que emergiu. A criatura ficou em pé e a sua cabeça girou, como um animal, para focar em Damien.

– *Jack!* – Aphrodite pensou no nome dele no mesmo instante em que o corpo em que ela estava o gritou.

Então Damien ignorou os pedidos desesperados de Zoey para que ele corresse, e os pedidos mentais de Aphrodite para que ele ficasse e fechasse aquele maldito círculo. Ele ignorou o seu próprio pavor. Ele só sabia de uma coisa, e Aphrodite também sabia – Jack estava ali diante dele.

Com um movimento que definitivamente era mais de predador do que de amante, Jack correu para Damien, chorando lágrimas de sangue.

Assim que Jack chegou mais perto, Aphrodite sentiu o cheiro horrível dele. Era doce, enjoativo e terrivelmente familiar. Dentro da mente de Damien, Aphrodite estava berrando: *Deixe para lá o fechamento do círculo, corra, corra, CORRA!* Mas o corpo não se moveu. O choque o congelou no lugar.

Até que Jack inclinou a sua cabeça para trás, como se fosse para olhar amorosamente nos olhos de Damien e pedir um beijo de reencontro. Mas, em vez do beijo, Jack abriu a sua boca com uma amplitude impossível, expondo dentes assustadoramente afiados, e com um rugido feroz Jack Twist arrancou nacos de carne do rosto e do pescoço do seu amante.

Como um foguete, o espírito itinerante de Aphrodite saiu em disparada do corpo quando ele desabou. Banhada em terror, pairando sobre a cidade, ela olhou para Tulsa abaixo enquanto a maré vermelha de vampiros bizarros se espalhava, e os gritos e os gemidos de morte dos condenados ecoavam ao redor dela.

Aphrodite sabia o que aquelas coisas eram – e elas eram muito, mas muito mais do que apenas novatos ou vampiros vermelhos

normais.

– Não! Ah, minha Deusa! Não, Damien!

– Aphrodite! Está tudo bem. Você está de volta. Você está segura. – A voz de Zoey chegou até Aphrodite, encontrando caminho através dos seus soluços ofegantes de pânico e repletos de dor.

Mantendo os olhos pressionados bem fechados, Aphrodite estendeu os braços, procurando. Darius estava ali. Darius sempre estaria ali. Ele pegou as mãos dela, segurando-as com firmeza.

– Você está segura, minha bela. Está tudo bem. A visão acabou – Darius falou baixinho para acalmá-la. – Eu já chamei o carro preto. Está a cinco minutos daqui.

– Como foi? O que você viu? – A voz de Stark se intrometeu.

Aphrodite não precisou ver a reação de Darius. Ela sentiu. Ele se retesou e se virou, colocando-se entre Aphrodite e Stark, como que para protegê-la das perguntas dele.

Mas Aphrodite era uma Profetisa de Nyx. Ela não precisava de proteção. Ela precisava fazer o seu trabalho.

– Zumbis. Eu vi zumbis. Eu os vi se espalhando por Tulsa, infectando todo mundo, matando todo mundo.

No silêncio de choque que se seguiu ao seu anúncio, Aphrodite sentiu flocos pesados e úmidos começarem a cair no seu cabelo, rosto e corpo. Espontaneamente, ela se ouviu pronunciando as últimas palavras do poema de Kramisha.

Às vezes
só é
preciso
nevar.

Concorrente do Uber nos Estados Unidos. (N.T.)

6

Zoey

– Eu sei que dá vontade, mas não podemos esconder isso de Damien – eu afirmei.

– Ok, eu entendo – Aphrodite respondeu. – Mas eu vi o que vi. Damien era o foco da fúria dos zumbis, e Jack o matou. Tente imaginar a cena. Tenho certeza de que Jack o matou. Eu fui embora quando Jack ainda estava comendo o rosto dele, então é o que se presume. Se nós vamos contar a ele, e eu concordo que a gente deva fazer isso, precisamos contar a verdade. Namorado zumbi comendo o rosto dele e tudo.

– Isso é tão nojento – eu disse.

– Você acha que ouvir isso é nojento? Tente viver isso. Ou morrer assim. – Ela encolheu os ombros e deu outro gole de champanhe. – Acho que ambos são nojentos. – Aphrodite fez uma careta e pressionou a toalha úmida que Darius havia colocado sobre os seus olhos ensanguentados e lacrimejantes, enquanto ela se recostava na *chaise longue* de veludo com detalhes dourados na sala de estar dos seus aposentos. Assim como eu, depois que nós estabelecemos o nosso novo Conselho Supremo, ela se mudou do dormitório das garotas para o prédio de pedra parecido com um castelo que abrigava o alojamento dos professores, a sala de

refeições e, no primeiro andar, os escritórios administrativos da Morada da Noite. Assim como eu, ela também havia mudado totalmente a decoração da sua nova habitação. E, ao contrário de mim, ela não havia deixado Damien tomar conta do projeto dela. Em vez disso, ela contratou uma equipe de projetistas muito chiques e caros e disse a eles para "transformar esses aposentos antiquados e depressivos em algo que evoque um bordel chique misturado com Luís XIV". Eles haviam feito um trabalho incrível, apesar de todo o dourado que eles usaram às vezes me cegar e me dar dor de cabeça.

Brincadeira.

Mais ou menos.

– Nós temos que contar a ele – eu repeti.

– Isso vai feri-lo e deixá-lo confuso, Z. – Stark argumentou.

Eu suspirei.

– Eu sei disso, mas a gente não é mais criança. *Nós* somos as pessoas que estão tomando decisões adultas em nome de *todos* os vampiros norte-americanos. E "nós" significa o meu Conselho, o que inclui Damien. É claro que isso vai feri-lo, mas a gente já sabe o que acontece quando escondemos segredos uns dos outros.

– Desastre. E permita-me acrescentar que desastre foi o que eu presenciei nessa visão, do tipo apocalipse de zumbis. Damien o causou. Não de propósito, mas ele saiu correndo em vez de fechar o círculo. – Aphrodite virou o rosto na minha direção, dirigindo o seu cenho franzido para mim, mesmo com os olhos cobertos. – Você disse para ele correr. Ahn, Z. Por falar nisso, se zumbis estiverem brotando de uma fonte de sangue ou qualquer coisa assim, e você tiver traçado um círculo que deixou que eles entrassem, *feche o*

maldito círculo antes de começar a berrar para as pessoas saírem correndo.

– Eu vou definitivamente manter isso em mente – respondi, tentando não me ofender por ela basicamente estar me dizendo que eu tinha estragado tudo tanto quanto Damien.

De repente Aphrodite se sentou ereta, segurando firme a toalhinha dourada em cima dos seus olhos fechados.

– Merda! Acabei de descobrir onde eu estava.

– Você quer dizer durante a visão? – perguntei.

Ela começou a assentir vigorosamente, então parou e deu um gemido, segurando as têmporas, quando a toalha ensanguentada caiu do seu rosto e expôs os rastros de lágrimas vermelhas que ainda brotavam por baixo das suas pálpebras fechadas.

– Caralho, isso dói. Mas, sim, durante a visão. Era no Woodward Park… perto da gruta de Neferet. Eu reconheço o lugar agora que estou longe de todo aquele pânico e confusão. Damien estava retrocedendo em direção às escadas de pedra quando Jack saiu daquela espécie de fonte sangrenta e nojenta. – Ela estremeceu. – Ele estava logo abaixo de onde nós estávamos hoje quando eu tive a visão. Bem perto do muro.

– Droga, isso está ficando cada vez pior! – Stark exclamou.

– Você teve alguma sensação ligada a Neferet? Ou gavinhas de Trevas? Qualquer coisa rondando por ali?

– Não, mas acho que isso eu já tive antes da visão. Aquelas roseiras definitivamente pareciam gavinhas. Você diz em relação à visão? A não ser que Damien percebesse algo, eu provavelmente não perceberia. Além disso, é preciso lembrar o estado de pânico em que ele estava, o que significa que eu estava no mesmo estado

de pânico. Realmente fica difícil pensar quando o seu corpo está cheio de adrenalina, histérico e morrendo.

– Você não tem ideia de por que eu e Damien estávamos na gruta?

– A menor ideia. Eu só tenho 95% de certeza de que vocês dois tinham traçado um círculo.

– Tinha mais alguém lá? – Stark perguntou.

– Não. Bem, talvez. Sinto muito, não tenho certeza.

– Isso pode ter a ver com o alerta que Kalona que me deu – eu falei. – As visões de Aphrodite não são sempre literais. Talvez essa seja uma daquelas visões mais metafóricas, provocada pelo que quer que seja que Kalona sentiu. Pode ter sido simbólica em relação a algo. Você saberia dizer? – perguntei a ela.

Ela começou a balançar a cabeça e então fez uma careta de dor, ficando bem imóvel.

– Não. Mas eu posso dizer que foi exatamente como a cada vez que eu tenho uma visão de morte. Eu estou dentro da pessoa que está morrendo. É confuso, assustador, doloroso e não ajuda muito porque eu tenho que tentar peneirar todas essas emoções horríveis rapidamente, antes que a pessoa à qual estou ligada morra ou eu seja expelida dela de novo.

– O que o seu instinto diz: foi uma visão literal ou metafórica? – Stark quis saber.

– Literal. Não parecia uma daquelas minhas visões mais tipo sonho – Aphrodite respondeu. – Exceto que eu estou confusa em relação a Jack. Ele está morto, certo? Quer dizer, não tem a menor chance de ele estar se esgueirando pelos túneis da estação como um novato vermelho feroz, fedorento e salivante, certo?

Eu balancei a cabeça.

– Não, ou pelo menos eu não vejo como isso seria possível. Eu vou contar tudo para Kramisha quando ela terminar de dar aula e ver se ela pode ter algum insight. Ela reformou totalmente aqueles túneis. Eu estive lá poucos dias atrás. Ficou legal. Bem legal mesmo, e os túneis estão cheios dos novatos vermelhos que vão e voltam de ônibus de lá para a escola todo dia. Na verdade está tão cheio que Kramisha e eu estávamos falando sobre pedir para Stevie Rae reabrir alguns túneis que ela fechou no ano passado, da próxima vez que ela estiver na cidade. Não consigo imaginar como poderia haver qualquer criatura tipo zumbi se arrastando por ali.

– E eu tenho que acrescentar que o Restaurante da Estação é incrivelmente fantástico – Aphrodite acrescentou. – Já estava na hora de abrir um restaurante vegano de alto nível em Tulsa.

Não consegui deixar de sorrir. O restaurante tinha sido ideia de Kramisha. Ela criou o plano de negócios e o apresentou para o nosso Conselho Supremo. O projeto foi aprovado por unanimidade. Todos nós adoramos a dupla camada de ironia: vampiros dirigindo um restaurante livre de carne encravado bem no meio do cinturão do gado e da bíblia! E agora nós adoramos o fato de o restaurante ser um estrondoso sucesso. No começo, os moradores de Tulsa podem ter ido ao restaurante para ficar admirando as belas novatas garçonetes, mas logo ficou claro que eles estavam voltando porque a comida era realmente incrível.

– Sim, seria difícil para qualquer um ficar vagando por aquele lugar movimentado sem ser percebido. Principalmente se esse alguém tivesse o cheiro de coisas mortas apodrecendo em um porão e agisse ainda pior do que os primeiros novatos vermelhos.

– Além disso, tem o sacrifício de Aphrodite, em que ela perdeu a sua Marca e se transformou, bem, no que quer que ela seja agora –

Stark começou.

– Uma Profetisa de Nyx incrivelmente atraente – Aphrodite o interrompeu.

– Sim, isso. Enfim, quando você fez o sacrifício da sua humanidade, você salvou Stevie Rae *e* deu a todos os novatos vermelhos a capacidade de escolher entre a Luz e as Trevas. Nós conhecemos Jack. Morto ou morto-vivo, não tem a menor chance de ele ter escolhido as Trevas em vez da Luz.

– Desculpem se isto pode parecer insensível, mas nós vimos o corpo de Jack queimar na pira funerária. Ele não pode ter ressuscitado como um novato vermelho – Darius lembrou.

– O que me dá a esperança de que a visão de Aphrodite seja metafórica pelo menos em parte – eu disse.

– Sim, parece mesmo que a gente não pode interpretar literalmente essa parte sobre Jack – Aphrodite concordou. – Mesmo assim, vai ser difícil contar para Damien que ele era o foco de um ataque de zumbis em Tulsa liderado metaforicamente pelo seu namorado morto.

Eu suspirei.

– Era só o que faltava para a surpresa do meu aniversário natalino.

– Ela sabe? – Aphrodite perguntou a Stark, contrariada. – Bom trabalho, Cara do Arco.

– Eu tive que contar depois daquele maldito sonho com Kalona. Ela começou a ligar para todo mundo e já estava surtando por não conseguir contatar ninguém do círculo – Stark se defendeu.

– Quando todo mundo vai chegar? Precisamos convocar uma reunião do Conselho o mais rápido possível – eu afirmei.

Stark pegou o seu telefone no bolso e mexeu na tela.

– Eles vão chegar daqui a meia hora. Eles se encontraram nos túneis na noite passada e iriam ficar lá até a festa amanhã, mas eu mandei uma mensagem de texto no grupo. Todo mundo está vindo para cá agora. Stevie Rae e Rephaim acabaram de aterrissar, eles foram os últimos a responder.

– Damien já está aqui? – eu perguntei.

– Já. Chegou ontem à tarde. Ele já foi no Ihloff Salon fazer a mão e o pé.

Franzi a testa.

– Ele foi até o Ihloff e não veio me ver? – estranhei.

– Ei, gênia. Era para ser uma *surpresa* – Aphrodite explicou.

– Ah, é – eu falei.

– E, como você está totalmente acostumada a ter um aniversário péssimo, então ter uma festa surpresa que não é mais surpresa já não está acima da média para você? – ela acrescentou.

– Verdade – concordei. – Ok, vamos começar a reunir o Conselho. Você acha que vai estar bem o suficiente para se juntar a nós daqui a uns trinta minutos?

– Com certeza, se Darius parar de regular o meu Xanax.

Olhei para Darius. Ele balançou a cabeça.

– Ei, eu senti isso – Aphrodite disse.

– Isso é algum dom estranho de Nyx? – Stark murmurou para mim enquanto saíamos do quarto de Aphrodite.

– O quê?

– Essa capacidade bizarra que ela tem de saber o que está rolando ao seu redor mesmo quando está cega.

– Hum. Não. Acho que esse é um dom seleto concedido pelos deuses farmacêuticos.

Stark abriu o sorriso enquanto passava o braço em volta do meu ombro.

– Você é bem engraçadinha.

– Ei, eu estava falando sério.

– O que faz você ser mais engraçada ainda. – Ele beijou a minha orelha, fazendo-me dar risada e me retrair.

Então eu o fiz parar e levantei o rosto para ver os seus olhos castanhos e doces.

– Obrigada – eu disse.

– De nada. Mas por quê?

– Pela minha quase festa surpresa.

– Você não acha que foi ideia de Stevie Rae? – ele perguntou.

– Tenho certeza de que ela topou na hora, mas eu reconheço uma ideia de Stark quando vejo uma – eu respondi. – Então, obrigada. E, caso você tenha esquecido, eu te amo. Para sempre.

– Eu nunca vou esquecer. Para sempre.

Nessa hora Stark me beijou, e por um instante o seu toque, o seu sabor e a corrente de amor que fluía entre nós apagaram todo o resto – todas aquelas coisas loucas, tristes e assustadoras.



– *Aiminhadeusa*, eu estava com tanta saudade, Z.!

Stevie Rae voou para os meus braços. Se eu estivesse desprevenida, ela podia ter me derrubado. Não que eu me importasse. Para ver a minha melhor amiga de novo, definitivamente compensaria cair de bunda no chão.

– Stevie Rae! Parece que eu não te vejo há anos! – Eu a abracei forte, sem ligar por ela estar quase me deixando sem fôlego. Quando finalmente conseguimos nos soltar, vi que lágrimas estavam escorrendo pelo seu rosto. – Não! Não chore! Assim vou começar a

chorar também e vou ficar um desastre, cheia de catarro e rímel escorrido misturado.

– Você não vai conseguir fazê-la parar. Ela está chorando desde que o avião começou a sobrevoar Tulsa para aterrissar. – Rephaim me deu um abraço rápido e um beijinho no topo da minha cabeça (o que me fez lembrar como ele era alto).

Eu retribuí o abraço dele e então encontrei o olhar líquido da minha melhor amiga.

– Está se acabando de chorar desde essa hora? O que está havendo com você?

Ela fungou e enxugou as bochechas, tentando sorrir em meio às lágrimas.

– É só… é só que eu te-tenho saudade de casa…

– Own, venha cá. – Abri meus braços de novo, e ela se agarrou a mim, soluçando como se alguém tivesse roubado as suas botas de cowboy favoritas (o que não era verdade, pois ela as estava usando). – Ei, se você está com tanta saudade de casa, podemos conversar sobre trazer você de volta para cá. Stevie Rae, a minha intenção não era que você ficasse infeliz lá no norte.

– E eu? Estou meio infeliz lá no leste. Nova York está congelante desde meados de novembro. Não aguento mais – Damien falou enquanto entrava na Sala do Conselho, estendendo os braços e sorrindo para mim.

– Damien! – Stevie Rae e eu exclamamos juntas.

– Abraço coletivo! – ela gritou, e nós abrimos espaço para que Damien pudesse entrar no nosso festival de abraços.

– Eu também! Eu também! – Shaylin chegou correndo, batendo palmas, com Nicole logo atrás.

– Ah, nada disso. Nada de abraço coletivo sem o fogo! – Shaunee entrou resplandecente na sala.

– E sem mim. A menos que seja demais para vocês lidar com o meu poder de estrela.

– Erik! – Eu sorri com alegria quando Erik Night fez a sua entrada triunfal. Por último, claro. – Meu Deus, é você mesmo, Drácula? – falei com a minha melhor voz de adolescente excitada ao ver sua *boy band* favorita. Erik atualmente era um *superstar* de uma nova série de TV a cabo dirigida por Joss Whedon,[10] chamada *Fantasyworld*. Um complemento fantástico para as séries incrivelmente populares *Westworld* e *Futureworld.* O papel dele, claro, é o Drácula. Uma versão robô super sexy do Drácula, inclusive com ele seminu em cenas de sexo tão realistas que me fazem corar. Eles gravam a série em New Orleans, e Joss é tão sensacional que ele deixa um jatinho à disposição para quando Erik é chamado a desempenhar suas funções de Rastreador. Por isso ele conseguiu ser um *superstar.*

Stevie Rae, Shaylin e Damien também pegaram a minha deixa. Eles começaram a fingir que estavam desmaiando ou a implorar por um autógrafo do “Drácula”.

– Você pode me dar uma mecha do seu cabelo? Estou fazendo um boneco do Erik Night para o meu altar do Erik Night. Não que isso seja nem um pouco bizarro – Stevie Rae pediu, rindo alto em meio às suas lágrimas.

– Quero ter filhos seus! – Damien gritou afoito.

– Eu nem consigo falar. A sua beleza me mata – Shaylin falou se abanando.

Erik franziu a testa.

– Ok, a Shaylin acabou de estregar a suspensão da descrença.[11] Ela nem joga no meu time – ele disse.

– Não mesmo, ela só joga no meu. – Nicole jogou beijinhos para a sua Consorte.

– Suspensão da descrença? – Stevie Rae perguntou.

– Depois eu explico – Damien respondeu.

– Veja se assim está melhor. – Shaylin colocou as costas da mão na sua testa e começou a fazer uma imitação bem razoável de Scarlet O'Hara em *E o vento levou*. – A sua virilidade me transformou. Eu nunca mais vou comer xoxota!

– Eu detesto esse filme – afirmei. – Não termina nunca.

– E é racista – Shaunee acrescentou.

– Tudo nessa época era racista – Damien falou baixinho.

– Por favor, não usem aquela palavra. É coisa de pobre. – Aphrodite entrou devagar na sala, segurando no braço de Darius.

– Racista? – Damien perguntou.

– Xoxota – Aphrodite disse.

– *Aiminhadeusa.* Os seus olhos. – Stevie Rae aproximou-se de Aphrodite e tocou no rosto dela com delicadeza. – Você acabou de ter uma visão. Você está bem?

– Vou ficar. E também é bom ver você.

– Esperem aí, é por isso que estragaram a surpresa? Aphrodite teve uma visão – Damien concluiu, e os olhos dele encontraram os meus. – E a coisa é tão feia que todos nós precisávamos vir já para cá.

– Sim – confirmei.

– Em uma escala entre bom e ruim, considerando "bom" se descobrissem que unicórnios são reais e "ruim" se Kenny Chesney[12] perdesse a sua voz para sempre, a coisa é ruim em que nível?

– No nível “Kenny Chesney nem nasceu”, mais do que ruim – Stark respondeu.

– Precisamos nos sentar – falei quando Lenobia e Kramisha entraram na sala, com a Poeta Laureada fechando a porta da Sala do Conselho firmemente assim que passou por ela.

– Ah, que inferno – Stevie Rae suspirou, soando, de modo perturbador, como se fosse eu.

Roteirista dos Estados Unidos, criador de várias séries de sucesso, como *Buffy, a Caça-Vampiros*. (N.T.)

Na linguagem teatral, capacidade do espectador de “acreditar” na cena, de embarcar na fantasia. (N.T.)

Cantor norte-americano de música country. (N.T.)

7

Zoey

– Ok, então todo mundo tem cópias do poema que Kramisha trouxe para mim assim que eu estava acordando do sonho com Kalona. – Eu tinha explicado rapidamente o sonho para todos, enquanto Kramisha distribuía cópias da sua poesia profética.

– Acho que nós também vamos precisar de cópias do diário de Neferet – Lenobia sugeriu. Ela oficialmente fazia parte apenas do nosso Conselho da escola, e não do Conselho Norte-Americano, mas todos nós respeitávamos a sua sabedoria, então ela sempre era convidada para os nossos encontros. – Vamos lê-lo com atenção. Kalona tem razão em um ponto. Se nós tivermos que lutar contra Neferet de novo, o conhecimento vai ser o nosso segundo maior poder.

– O segundo maior? – Stark perguntou.

Lenobia deu um sorriso angelical.

– Bem, Stark, estou surpresa por você perguntar isso. – Os seus inconfundíveis olhos cinza encontraram os meus. – Zoey Redbird, qual é o nosso maior poder?

– O amor – respondi automaticamente. – O amor, sempre.

– Sem dúvida – Lenobia disse.

– Posso perguntar uma coisa? – Rephaim levantou a mão, como se fosse um bom aluno da pré-escola.

– Claro que sim. E você não precisa levantar a mão – eu falei.

– Você tem certeza de que o meu Pai a visitou em Capri?

– Bem, sim. Eu já estive lá antes, e ele já esteve lá antes. Quero dizer, nos meus sonhos. Acredite em mim, essas visitas estão bem marcadas na minha memória.

– Por causa da sua natureza negativa? – Rephaim perguntou.

Limpei a garganta, desconfortável com as lembranças que aquela conversa estava desenterrando.

– Sim. Por causa da sua natureza negativa.

– E era o meu Pai que causava a parte negativa nos seus sonhos antigos?

– Rephaim, se você quer dizer algo, pode dizer. Eu não estou entendendo aonde você quer chegar – eu afirmei.

– Eu não quero ofender. – Ele pareceu tão desconfortável quanto eu me sentia.

– Ah, que merda! Nós não temos tempo para ficarmos cheios de dedos com os sentimentos dos outros. Só vá direto ao ponto, Menino-Pássaro – Aphrodite disse.

Ele olhou para Aphrodite e para mim, e eu assenti.

– Então, este é o meu ponto: o meu Pai visita os meus sonhos com frequência, mas nunca em um lugar do passado que tenha associações negativas para ele. Uma vez eu perguntei a ele sobre isso, por que ele só entrava nos meus sonhos quando eles eram em lugares novos em que nós dois nunca havíamos estado antes. Ele respondeu que não suportaria reviver nenhuma memória de quando ele estava perdido nas Trevas.

– Espere aí, você está me dizendo que no último ano Kalona nunca, *nem uma única vez*, visitou-o em um sonho em algum lugar em que ele tenha feito algo ruim? – Um medo realmente terrível congelou a minha espinha.

– É exatamente isso o que estou dizendo – Rephaim confirmou. – E ainda que o meu Pai explicou isso para mim. As palavras exatas dele foram… – Ele fez uma pausa, pensando, e então citou Kalona: – Filho, eu *nunca* vou revisitar o passado. Eu não suporto a recordação do que eu permiti que as Trevas fizessem.

– Rephaim, será que você pode, ahn, ligar para Kalona ou algo assim, e perguntar por que ele me visitou em Capri, apesar de aquele lugar definitivamente ser de uma época em que ele estava repleto de Trevas? – eu pedi.

Rephaim abriu um sorriso, repentinamente pueril.

– Eu não ligo para ele. Eu faço orações para ele.

– Espere um instante. Você está equiparando Kalona a um deus para quem você reza? – Damien disse. – Isso não parece certo para mim.

– Meu Pai com certeza não é um deus, mas ele de fato morreu. Damien, você não acredita que as pessoas mortas que amamos podem escutar nossas orações?

Eu vi o rosto de Damien ficar branco e depois enrubescer em um rosa brilhante e alegre.

– Eu sempre tive *esperanças* que sim, mas… – Damien levantou-se da sua cadeira e foi até Rephaim, abraçando-o enquanto dizia: – Muito obrigado por isso. – Ele sorriu e enxugou os olhos, voltando para o seu lugar na mesa redonda.

Stark, Aphrodite, Darius e eu ficamos em silêncio olhando a expressão feliz de Damien. Eu sabia o que os meus amigos

estavam pensando, e eu detestava, *detestava* o fato de que tinha de ser eu a estragar aquela alegria dele.

Mas, como eu havia dito mais cedo, a gente não é mais criança. Nós somos o Conselho Supremo. Ficar adulto normalmente é um saco – neste exato momento, pior ainda.

– Então, depois do sonho com Kalona e do poema profético de Kramisha, eu, Stark, Aphrodite e Darius decidimos que a gente precisava ir até o Woodward Park para se certificar de que nada estranho estava rolando com Neferet – eu relatei. – Aphrodite, conte a eles o que você viu quando nós passamos pelos jardins de rosas.

Aphrodite rapidamente narrou a conversa com o idoso do Garden Center, descrevendo as bizarras rosas negras e seus caules parecidos com gavinhas.

– Isso tudo é altamente perturbador – Lenobia disse, voltando seu olhar penetrante na direção de Aphrodite. – O meu palpite é que você teve a visão um pouco depois disso.

– Garota esperta – Aphrodite falou. Então ela olhou para mim. Eu assenti.

– Certo. Vou contar o que eu vi. Damien, antes quero dizer que sinto muito por isso.

– Sente pelo quê? – Damien perguntou.

– Sinto muito que isso vai ser difícil para você. – O olhar de Aphrodite se voltou para mim, e eu assenti. Ela suspirou e continuou. – Eu vou contar tudo como eu senti. Não vou adoçar nada.

– Pode pôr a culpa em mim – eu afirmei. – Isso é muito importante para a gente deixar qualquer detalhe de fora, mesmo que esses detalhes possam machucá-lo.

– Eu não gosto do rumo que as coisas estão tomando – Damien falou.

Sem que eu pedisse nada, Stevie Rae, Shaunee e Shaylin se levantaram dos seus lugares à mesa e foram até Damien. Elas o cercaram, física e emocionalmente, com os elementos que elas incorporavam e com o seu amor.

Damien respirou fundo.

– Tudo bem. Estou pronto agora. Vá em frente, Aphrodite. O que a sua visão mostrou para você?



Aphrodite compartilhou a sua visão sem deixar nenhum detalhe de fora. Ela falou com pouca emoção, como se estivesse lendo uma notícia de jornal sobre algo ruim que aconteceu do outro lado do mundo. Era terrível, mas havia uma espécie de alheamento que permitia que nós ficássemos a par dos elementos da visão dela e dos possíveis perigos que a gente poderia enfrentar sem surtar.

Damien não falou nada. Ele ouviu atentamente, demonstrando emoção apenas duas vezes. Da primeira, quando Aphrodite descreveu Jack emergindo da fonte de sangue. Os olhos dele se arregalaram e se encheram de lágrimas, que ele enxugou impaciente com a mão levemente trêmula. Depois, quando ela contou como ele tinha corrido na direção do seu amante e encontrado apenas dentadas e a morte, o rosto de Damien perdeu toda a cor e ele juntou as mãos como se estivesse rezando em silêncio.

Stevie Rae estava chorando baixinho. Ela colocou uma mão no ombro de Damien.

Shaunee parecia que estava passando mal, mas ela também colocou uma mão em Damien.

A mão de Shaylin tremia, mas ela a colocou firmemente no ombro do ar, ao lado do fogo e da terra.

Houve um longo silêncio quando Aphrodite concluiu e depois acrescentou:

– Zoey queria saber se a minha visão era metafórica, como algumas das minhas visões em sonho têm sido. A minha resposta foi a mesma que dou agora: não pareceu nem um pouco simbólica. Pareceu real, como quando eu sonhei com Z. tendo a sua cabeça cortada. Esse nível de real. A única coisa mais parecida com sonho era a aparência de Jack. Eu sinceramente não sei que conclusão tirar disso.

– Damien – eu falei com delicadeza, satisfeita por minha voz não soar tão trêmula quanto eu me sentia. – Se você precisar sair um pouco, lavar o rosto, dar um tempo, nós entendemos completamente.

– Não – ele começou a falar e perdeu a voz. Então ele fez uma pausa para limpar a garganta e começou de novo. – Não. Eu preciso ficar aqui. Eu preciso ajudar vocês a entender o que isso quer dizer.

– Você tem certeza?

– Absoluta. – Damien secou os olhos com um lenço de papel de uma caixa de Kleenex que Stark empurrou para ele por sobre a mesa. Quando ele falou de novo, a sua voz não estava nem um pouco chorosa. Damien estava totalmente focado na solução. – Por mais que eu queira que isso fosse verdade, eu sei o mesmo que todos vocês sabem. Jack não pode estar vivo – ele afirmou. – Vamos considerar as coisas logicamente. Aphrodite, você disse que a sua visão parecia literal, embora pelo menos parte dela tenha que

ser metafórica por causa do fato importante de que Jack não pode estar vivo – ele repetiu.

– Isso. É bem confuso, mesmo para uma das minhas visões, que são sempre confusas em alguma medida.

– Eu tenho uma hipótese – Damien disse. – E se a visão é as duas coisas, tanto figurativa quanto literal?

– Você pode explicar melhor? – eu pedi.

– Vou tentar. Pelo aviso de Kalona e aquelas rosas estranhas, parece que Neferet deve estar se agitando. Ou, no mínimo, ela encontrou um jeito de influenciar o mundo mortal lá de dentro de sua prisão. E se a visão deva ser entendida como literal e figurativa ao mesmo tempo? Um aviso literal de que Neferet está exercendo a sua influência no mundo, assim como ela exercia a sua influência nos novatos mortos, transformando-os em novatos vermelhos que eram totalmente desprovidos de bondade. Por isso os novatos vermelhos emergindo de uma fonte de sangue perto da prisão dela. *E* figurativa, pois, ao incluir a ressurreição de Jack em uma visão, Nyx pode estar fazendo uma alusão aos nossos entes queridos que estão em perigo por causa do despertar da influência de Neferet.

– Parece lógico – Lenobia falou. – Perturbador, mas lógico.

– Mas eu ainda fico me perguntando sobre a parte de meu Pai nisso. Eu quero perguntar por que ele escolheu aparecer para Zoey em um lugar tão cheio de memórias negativas – Rephaim acrescentou.

– Esse é um bom próximo passo – eu concordei. – Rephaim, quanto tempo normalmente demora para Kalona responder as suas, ahn, orações?

– Não muito – ele respondeu.

– Ele realmente virou um bom pai – Stevie Rae disse. – Quero dizer, tirando a parte que ele está morto e tal.

– Ok, enquanto Rephaim envia suas orações, acredito firmemente que a gente precisa entrar em ação – Damien sugeriu.

– O que você está pensando? – eu quis saber.

– Acho que nós devemos proceder como se Neferet tivesse descoberto algum modo de exercer a sua influência, mesmo de dentro da prisão. E quando alguém está preocupado com uma possível fuga da prisão, qual é a providência lógica que a pessoa responsável pela prisão toma? – ele perguntou.

– Se eu fosse o diretor do presídio, com certeza contrataria mais guardas – Stevie Rae falou.

– Exatamente – Damien afirmou.

– Ahn? – Eu não entendi.

– Você precisa fazer o que um diretor de presídio faria, Z. – Damien continuou. – Certificar-se de que a vigilância da prisão de Neferet seja reforçada.

– Aurox sacrificou a sua imortalidade para aprisionar Neferet. A menos que você conheça um imortal que não se importe em se juntar a Aurox, não tenho a menor ideia do que fazer – eu disse.

– Ei, não pense de forma tão literal – Shaunee interveio. – Nós não precisamos de outro imortal. Neferet não escapou. Nós não precisamos prendê-la de novo. Só precisamos reforçar aquilo que já a está segurando.

– Como um feitiço de proteção! – eu exclamei, sentindo uma onda de esperança. – Eu posso fazer isso. *Nós* podemos fazer isso.

– Claro que sim! – Shaunee concordou.

– E depois que a proteção adicional estiver feita, se as rosas negras forem embora junto com as visões de Aphrodite e as visitas

em sonho de Kalona, então nós saberemos que essa era a resposta certa – eu concluí.

– Em parte – Lenobia falou mais alto que os sons de alívio que os meus amigos estavam fazendo.

– Em parte? – eu perguntei.

– Se o problema é que Neferet encontrou um meio de exercer influência sobre o mundo mortal, então um feitiço de proteção é só a primeira parte da solução do problema, a menos que você faça um feitiço de proteção muito especial, talvez algum que seja ligado especificamente a você, Zoey.

– Por que Zoey iria querer fazer isso? – Stark fez a pergunta que estava zunindo na minha mente.

– Não acho que seja algo que Zoey *queira* fazer, mas sim algo que ela *precise* fazer – Lenobia explicou. – Se o feitiço estiver ligado a Zoey, então, se ele começar a se romper, a nossa Grande Sacerdotisa vai saber.

– Espero que isso signifique que eu também vou saber como consertar o rompimento. – Comecei a mexer nas minhas unhas nervosamente embaixo da mesa.

– Você vai saber sim, Z. – A voz de Stevie Rae estava cheia de uma confiança que eu não estava sentindo. – Tudo que você precisa fazer é nos chamar, e a sua cavalaria vai chegar para salvar o dia.

– A Horda dos Nerds ataca de novo – Aphrodite falou, apenas um pouco sarcasticamente.

– Você faz parte dessa Horda – eu disse.

– Sou a parte mais atraente – ela brincou.

Revirei os olhos, sentindo-me cada vez mais normal. A gente tinha um plano – e isso era um alívio. E eu tinha o meu círculo em

volta de mim – e isso era uma benção.

– Ok, então é isto o que a gente precisa fazer. Primeiro, todo mundo precisa ler o diário de Neferet.

– Eu faço as cópias – Shaunee se voluntariou.

– Eu vou até o centro de mídia pesquisar sobre feitiços de proteção – eu falei. – Vou adorar qualquer ajuda que vocês puderem me dar.

– Sem problemas. – Damien se ofereceu. – Pesquisar é a minha especialidade.

– Ótimo, então todos nós sabemos o que fazer. Vamos nos separar até depois do jantar. – Olhei para o relógio na parede. – Ainda não é meia-noite. Que horas o sol nasce, Stark?

– Amanhã vai nascer às 7h36.

– Ok, que tal a gente se encontrar no centro de mídia às 4h00? Ah, Lenobia, você pode fazer um anúncio de que o centro de mídia vai ficar fechado para os estudantes até segunda ordem, por favor?

– Claro – Lenobia disse.

– Tenho esperança de que nós vamos encontrar logo o feitiço perfeito e então a gente pode…

Aphrodite tossiu intencionalmente para me interromper.

– Algum problema? – perguntei.

– Em potencial – ela respondeu. – Desculpe, Damien. De novo. Mas, como Profetisa de Nyx, vou ter que insistir nisto. Damien não pode representar o ar quando você for traçar o círculo para o feitiço de proteção.

– É claro que eu tenho que representar o ar! Eu *sou* o ar! – Damien se exaltou. – E com certeza eu tenho que estar lá quando o feitiço for feito.

– Por quê? – Aphrodite perguntou, encarando o olhar dele com firmeza.

– Porque eu sou o ar – Damien disse teimosamente.

– Eu posso ficar no seu lugar – Aphrodite argumentou. – Você não pode estar lá.

– Eu tenho que estar lá!

– Por quê? – ela repetiu a pergunta com uma voz calma e racional.

– Porque eu tenho que estar! – Damien gritou.

Depois do silêncio que se seguiu ao grito, eu me dirigi a ele suavemente e com carinho.

– Jack não vai estar lá, Damien, mas a visão de Aphrodite foi clara em uma coisa: nós não sabemos por quê, mas a sua vida está em perigo.

– Mas isso pode ser uma metáfora – ele falou cheio de tristeza.

– “Pode ser” não é suficiente – eu afirmei. – Deixe Jack de fora da visão e você vai perceber isso.

Damien abaixou a cabeça.

– Eu… eu não sei o que dizer.

– Diga que você vai ajudar Zoey a encontrar o feitiço perfeito. – Stevie Rae apertou o ombro de Damien.

– Diga que entende que nós não podemos deixar que nada aconteça a você – Shaylin sugeriu.

– Diga que sabe o quanto você é amado, mesmo que Jack não esteja mais aqui – Shaunee pediu.

Damien levantou a cabeça. Os olhos dele estavam brilhantes e cheios de lágrimas.

– Acho que tudo o que eu posso dizer neste momento é obrigado, meus amigos. Obrigado.

– Esse já é um bom começo – Aphrodite falou. – Você também poderia dizer que me perdoa?

Eu fiquei surpresa com a pergunta de Aphrodite até me lembrar da agonia na sua voz quando ela acabou de ter a visão e de como ela havia gritado o nome de Damien sem parar. Às vezes era fácil esquecer que Aphrodite sentia as coisas profundamente, pessoalmente – ainda mais que ela normalmente não se sentia segura o bastante para expor os seus sentimentos.

– Não há nada para perdoar, minha amiga – Damien disse.

Percebi que Aphrodite finalmente relaxou o que restava de tensão em seus ombros.

– Obrigada. – Ela então se voltou para mim. – Eu vou para o centro de mídia com vocês.

– Pensei que você detestasse fazer pesquisa – eu comentei.

– Detesto mais ainda ficar sentada esperando.

– Bem, ok então.

– Nós vamos deixar as malas no nosso quarto e depois encontramos vocês lá também – Stevie Rae falou.

– Quarto? Você não quer dizer num dos aposentos dos professores visitantes? – eu perguntei.

– Não, hum. Bem. Essa era a outra parte da surpresa do seu aniversário – Stark disse.

– Afe, Cara do Arco! – Aphrodite explodiu. – Você tem que entregar tudo mesmo?

– Caraca, do que você estão falando? – eu perguntei.

– Por favou, fale palavrão ou não fale. Mas desista dessas abreviações – Aphrodite falou.

– Ah, contem logo para ela! – Shaunee exclamou.

– Eu vou contar. – Stevie Rae pulou para perto de mim, rindo feito uma doida. – Nós vamos ficar no nosso antigo quarto no dormitório. Bem, pelo menos nas próximas noites. Essa é outra parte do presente de Stark para você. Ele deixou o nosso quarto arrumado exatamente do jeito que era antes.

– Ele fez isso? – Eu olhei da minha amiga para Stark. – Você fez isso?

– Sim.

– Você quer dizer que o meu quarto no dormitório, aquele que eu dividia com Stevie Rae, está como ele era antes?

– Sim de novo. Vocês duas podem fazer festa do pijama até dizer chega. Surpresa!

Eu me voltei para ele.

– James Stark, este é o presente de aniversário mais legal que eu já ganhei na vida. – Então eu o beijei como se ninguém estivesse olhando.

– Eca. Vão para o quarto – Aphrodite resmungou.

– Ela não pode! Ela está dividindo o quarto comigo, comigo, comigo! – Stevie Rae brincou.

– Espero que isso não signifique que eu também tenho que ficar no dormitório – Shaunee falou enquanto todo mundo começou a caminhar em direção à porta.

– Deusa, espero que não mesmo – Damien concordou. – Eu estou amando os quartos de hóspedes nos túneis. E aquele restaurante… delicioso.

– Eu só preparei o quarto de Z. – Stark disse, com os braços ainda em volta de mim.

– Graças à Deusa – Shaylin sussurrou para Nicole. – Já estou cansada de camas separadas.

Eu fiquei para trás, mantendo Stark comigo até que nós fôssemos as únicas pessoas na Sala do Conselho.

Ele levantou a sobrancelha para mim.

– Você quer dar uns amassos?

– Eu normalmente diria sim, mas neste momento tenho outra coisa em mente. Vou te contar o que está me incomodando – eu falei baixo, apesar de nós estarmos definitivamente sozinhos. – Kalona disse que Nyx não achava que a gente deveria se preocupar, e por isso ele me visitou sem que ela soubesse. Mas logo em seguida da sua visita furtiva no meu sonho, Aphrodite recebeu uma visão, e as visões dela *sempre* vêm de Nyx. Então, alguém não está dizendo a verdade.

– Você quer dizer que Kalona, Nyx ou Aphrodite estão mentindo? – Stark perguntou.

– Receio que sim.

8

Zoey

– Tudo bem. Vá em frente e dê a sua aula de arco e flecha. A escola precisa continuar o mais normal possível pelo maior tempo possível. Tenho esperança de que os novatos não vão nem perceber que alguma coisa estranha está rolando porque o feitiço de proteção vai funcionar super bem. Foi por isso que não tirei Kramisha da sua aula de poesia. – Fiquei na ponta dos pés e beijei Stark na porta do centro de mídia, e então dei um empurrãozinho nele. – Lembre-se, tudo normal. Pelo que os novatos e a maioria dos outros professores sabem, está tudo normal.

– Entendi. Eu te encontro aqui assim que terminar a minha aula.

– Mande-me uma mensagem de texto antes. Vai estar na hora do jantar e, se a gente ainda estiver trabalhando, você pode dar uma passada na sala de refeições e fazer um pedido para eles entregarem no centro de mídia.

– E se a gente for bem safadinho e fizer um pedido na Andolini's? [13]

Eu abri um sorriso.

– Stevie Rae vai querer te beijar por causa disso.

– Bom, ela não vai se dar bem, pois eu prefiro morenas deslumbrantes.

– Resposta certa! – joguei um beijo para ele antes de entrar no centro de mídia deserto, que era uma mistura incrível de tecnologia moderna de ponta com livros organizados pelo Sistema Decimal de Dewey, alguns tãããão fora de catálogo que só tinham os nomes dos autores vampiros que os escreveram *e* criaram a única cópia do livro.

Foi na direção desses livros – aqueles que não eram acessíveis aos novatos – que eu me dirigi.

Damien já estava lá e tinha aberto vários tomos antigos ao redor dele. Ele não me viu chegar, o que tinha muito mais a ver com a sua capacidade de se concentrar do que com a minha habilidade de andar furtivamente. Mas isso me deu a oportunidade de observá-lo.

A sua Marca de adulto ainda me comovia pela sua beleza. Ela se espalhava da lua crescente cor de safira no meio de sua testa para emoldurar os seus olhos com asas. E não eram apenas asas comuns. Elas pareciam tipicamente egípcias. Quando a luz batia na tatuagem do jeito ideal, a lua crescente parecia ser Ísis com a cabeça virada de perfil, desfraldando as suas asas poderosas. Era uma Marca perfeita para a personificação do ar, além de ser simplesmente extraordinária.

Damien foi o primeiro homem a ser aceito em um Conselho Supremo. Ele também era a pessoa mais inteligente que eu conhecia. Mas naquele momento eu percebi como ele estava cansado. A tatuagem dele disfarçava as suas olheiras, mas não as escondia completamente. E ele parecia mais magro.

Eu limpei a garganta e ele levantou a cabeça rapidamente para encontrar o meu olhar.

– Ei, você chegou rápido – eu disse.

Ele encolheu os ombros.

– Eu pensei que tinha muito trabalho a fazer, e as minhas habilidades de pesquisa ficaram bem enferrujadas no último ano. Quem diria que administrar uma escola seria tão… – Ele hesitou e olhou para mim, como que pedindo ajuda para concluir a frase.

– Chato? Entediante? Algo que consome muito tempo? – eu ofereci algumas opções.

– Todas as anteriores – ele respondeu com um leve sorriso.

Eu me juntei a ele na mesa, depois de pegar um bloco de papel e um punhado de lápis número dois.

– Adam está curtindo a visita de vocês a Tulsa?

Damien não encontrou o meu olhar.

– Adam não está aqui.

– Ahn? Ele ficou em Nova York? Eu estava certa de que ele tinha vindo com você. Nenhum de vocês dois havia voltado para Tulsa há quase um ano.

– Na verdade, ele já tinha voltado. Acho que há mais ou menos um mês. Eu que não vim com ele. – Damien respirou fundo e então finalmente me olhou nos olhos. – Nós terminamos três meses atrás.

– O quê? Ah, Damien, sinto muito.

Ele levantou o ombro várias vezes.

– Está tudo bem. Mesmo. A gente só está em momentos diferentes das nossas vidas.

– Ah, meu Deus, ele é daquele tipo que tem medo de se comprometer? Ele não tem ideia de como tinha sorte de estar com você! Quer que eu ligue para ele? Tenho umas palavrinhas para dizer a ele. Sério.

– Hum, não. Obrigado. Mesmo. Mas está tudo bem.

– Mas você não disse nada! Eu teria ido até Nova York para assistirmos a velhos filmes juntos tomando sorvete.

Ele colocou a mão dele sobre a minha.

– Eu sei que você teria ido, mas nós não terminamos porque Adam tem medo de se comprometer. Ele estava totalmente comprometido. Fui eu.

– Você terminou com Adam?

– Bem, de acordo com Adam, eu dei um gelo nele e o fiz pular fora. – Damien levantou o ombro de novo. – E eu não posso discordar dele. Ele é um cara incrível, mas não é o *meu* cara incrível. – Então ele pareceu murchar. – O meu cara incrível está morto.

– Ah, querido! – Segurei a mão dele entre as minhas. – Eu entendo. De verdade. Quando Heath foi assassinado, aquilo me despedaçou… literalmente. Mas eu consegui passar por isso.

– Porque você tinha Stark.

– Não vou dizer que o fato de eu ter Stark não tenha ajudado. Ajudou sim. E ainda ajuda. Mas a verdade é que eu consegui me recompor porque Heath queria que eu fosse feliz de novo. Esta é uma coisa que você pode ter certeza em relação a alguém que realmente ama você: a pessoa quer que você encontre a felicidade, mesmo que você não consiga se imaginar sendo feliz de novo.

– Parece que uma parte minha está faltando. – Damien abaixou a cabeça. – Eu pensei que essa sensação de vazio terrível iria passar. Talvez não totalmente, mas o suficiente para que eu pudesse me sentir normal de novo. Mas não passou. Tentei preencher o vazio com Adam, e sinto muito por ter feito isso. Eu magoei um cara legal, e o buraco ainda esta dentro de mim. Como você conseguiu esquecer Heath?

– Eu não esqueci – eu falei sinceramente. – Não se trata de esquecer Heath. Eu também tenho esse lugar dentro de mim. O

lugar que só o Heath pode preencher. Eu aprendi que posso feliz *e* sentir a falta dele, além de outra coisa, a mais difícil de todas. Eu tive que me dar permissão para ser feliz sem o Heath. – Eu segurei no queixo de Damien, levantando o seu rosto de modo que ele teve que me olhar nos olhos. – Dê permissão a si mesmo para ser feliz sem o Jack.

– Parece uma traição.

– Eu sei. Mas onde está Jack?

Damien pareceu confuso com a minha pergunta, mas ele a respondeu.

– No Mundo do Além com Nyx.

– Você acha que ele está feliz?

A sua expressão sombria se suavizou em um sorriso.

– Tenho certeza de que ele está.

– Mesmo que você não esteja lá com ele?

– Sim. Mesmo que eu não esteja lá com ele. Ok, entendi o que você quer dizer. Seria terrível se eu pensasse que Jack está infeliz e não consegue continuar sem mim. Só parece diferente porque quem ficou vivo fui eu.

– Você vai tentar se dar permissão para ser feliz? Se não for por você mesmo, pelo menos por Jack? – eu o questionei.

– Eu vou. – Ele suspirou. – Mas é uma hora estranha para tudo isso estar acontecendo, não é? Principalmente com Jack e eu no meio da visão de Aphrodite.

– É verdade. Eu não consigo entender. Mas esta não é a primeira vez que eu não entendo o mal.

Damien fez uma pausa e bateu o dedo em uma pilha de papéis, que eu percebi que era uma cópia do diário de Neferet.

– Acho que a gente precisa ter em mente que, de acordo com as próprias palavras de Neferet, no começo ela não era do mal. Não tenho nem certeza absoluta de que ela percebeu que estava se voltando para as Trevas. Parece que ela estava simplesmente procurando por um salvador e depois por poder, para que ela nunca mais estivesse em uma posição em que precisasse ser salva de novo.

– Como nós seguimos adiante com isso em mente? – Eu estava satisfeita por Damien ser um leitor rápido e por ele ter expressado pensamentos que também estavam passando pela minha cabeça desde que eu lera o diário de Neferet.

– Eu ainda não tenho certeza, mas tenho a sensação de que nós precisamos lembrar que Neferet foi cortejada pelas Trevas bem antes de ser Marcada.

– Ok, bem, vou manter isso em mente. – Eu virei alguns livros antigos que Damien havia espalhado ao redor dele para ler a sua lombada. – Você já encontrou algum feitiço de proteção bom?

– Já encontrei vários. Marquei algumas páginas aqui, aqui e aqui. – Marcadores pulavam para fora dos livros que ele empurrou para o meu lado da mesa. – Qualquer um deles serviria, mas você não precisa de um feitiço qualquer. Você precisa de um que diga algo a você especificamente.

– Mas como eu vou saber qual feitiço diz algo a mim se nem sei direito contra o que eu estou me protegendo?

– Bom, Z., é por isso que nós estamos aqui! – Stevie Rae chegou apressada à nossa mesa, trazendo a sua característica atitude positiva, o seu brilho e o seu sorriso radiante, além de Shaunee, Shaylin e Aphrodite logo atrás.

– Você parece melhor – eu disse para a minha melhor amiga enquanto ela se sentava ao meu lado e Aphrodite pegava a cadeira do meu outro lado.

– Eu também estou melhor, obrigada – Aphrodite falou.

Eu revirei os olhos.

– Eu estava falando com Stevie Rae, mas você realmente parece melhor.

– Do que a caipira está melhor? – Aphrodite franziu os olhos para Stevie Rae. – Você e o Menino-Pássaro tiveram alguma rusga?

– Não – Stevie Rae disse e então se voltou para Damien. – O que é uma rusga?

Ele respondeu sem tirar os olhos do texto que estava estudando.

– Rusga: uma pequena desavença, principalmente entre amigos ou amantes.

– Ah. Obrigada. Como eu disse, não. Rephaim e eu estamos ótimos. É que tenho andando com muita saudade de casa, só isso.

– Saudade de casa? Você ainda está em Chicago, certo? – Aphrodite perguntou.

– Sim.

– Essa sim é uma cidade. Não como Nova York, mas ainda assim é muito melhor do que Tulsa, que é só uma mancha de petróleo em um mar de esteroides – Aphrodite afirmou.

– Eu amo Tulsa. – Stevie Rae se indignou. – Não é essa joça de mancha de petróleo aí não. É o meu lar.

– Quer trocar comigo? – Aphrodite falou.

– É pra já! – Stevie Rae exclamou.

– Ahn, que tal se a gente redirecionar essa energia toda para algo positivo, como tentar me ajudar a achar o feitiço de proteção certo? Mais tarde podemos conversar sobre fazer algumas

mudanças. – Senti todo mundo olhando para mim. – Ei, vocês *todos* estão com saudades de casa?

Damien suspirou.

– Eu amo Nova York. É verdade que a cidade não dorme. Isso faz parte do seu charme e da sua neurose.

– Isso não responde à minha pergunta – eu observei.

– Eu estou com saudades de casa – Damien confessou.

– Eu estou amando New Orleans – Shaunee disse. – Mas eu não sou de Tulsa como vocês. E eu sei que isto é chocante para uma garota do fogo, mas eu descobri que realmente gosto de morar perto do mar.

– Então, o fato de você não estar com saudades de casa não tem nada a ver com o fato de que por acaso Erik Night está filmando em New Orleans? – Shaylin levantou a sobrancelha para Shaunee.

– Talvez tenha um pouquinho.

– A coisa entre vocês está ficando séria mesmo? Com exclusividade? – Aphrodite quis saber.

– Aparentemente – Shaunee respondeu.

– O nosso garoto Erik não está experimentando todas as jovens estrelinhas do set? – Aphrodite provocou.

Shaunee fuzilou Aphrodite com os seus olhos negros.

– O *seu* garoto Erik pegava geral. O *meu* Erik não faz isso. Não sei nem por quê. Eu dei toda liberdade a ele. Disse que de jeito nenhum eu ia gastar a minha energia me preocupando se ele consegue ou não manter o zíper da sua calça fechado. Mas ele insiste que sou eu quem ele quer. Eu nem penso mais nisso. Ele volta para casa e para mim todo dia depois de filmar. E vamos dizer apenas que o *entusiasmo* dele em voltar para mim é óbvio.

Estrelinhas? Pelo jeito elas não são páreo para uma mistura de fogo com açúcar mascavo, querida.

– Hum. Bem, isso é uma surpresa – Aphrodite disse. – E você está totalmente certa sobre a coisa do açúcar mascavo. Os garotos brancos definitivamente precisam alargar os seus horizontes em termos de namoradas. Não tenho tanta certeza em relação à parte do fogo, mas obviamente está funcionando para você. – Então ela acrescentou: – Estou feliz por vocês.

Shaunee piscou surpresa, mas sorriu para Aphrodite.

– Obrigada. Também estou feliz por mim. E estou totalmente satisfeita em New Orleans.

– E você, Shaylin? Como São Francisco está te tratando? – eu perguntei.

– O clima é estranho. É frio no verão e agradável no inverno. Mas já estou me acostumando. E eu simplesmente *amo* o fog. Além disso, lá tem uma grande comunidade gay. Eu e Nicole nos sentimos em casa.

– Bom saber – eu comentei. – Damien e Stevie Rae, quando nós resolvermos essa nova confusão, que tal vocês dois ficarem em Tulsa por uns tempos? Vamos conversar sobre fazer algumas mudanças.

– Eu gostaria – Damien respondeu.

– Eu e Rephaim também. Ele não fala muito sobre estar com saudades de casa, mas acho que é principalmente porque eu ando tão infeliz que ele não quer jogar mais merda no caminhão de esterco.

– Se ela voltar para cá, a gente pode fazer alguma coisa para ela parar com essas analogias caipiras? – Aphrodite perguntou.

– Não! – Stevie Rae e eu falamos juntas.

– Onde está Rephaim? Chamando Kalona em oração? – eu quis saber.

– Não, ele está assistindo à aula de arco e flecha de Stark. O pai dele só o visita durante o dia quando ele está em forma de corvo. Rephaim disse que isso tem a ver com o fato de que a sua consciência humana, com a qual Kalona se comunica já que ele não é, bem, um pássaro, descansa durante o dia. Basicamente, é nessa hora que a parte humana de Rephaim dorme. Portanto é aí que Rephaim recebe a visita do seu pai. Acho isso muito legal.

– Ele não pode adiantar essa conversa indo dormir agora mesmo? – Aphrodite perguntou.

Stevie Rae abriu a boca para responder para Aphrodite, mas eu falei antes.

– Acho que não tem nenhuma razão para enviar uma mensagem desesperada de urgência para Kalona. Quero dizer, ele disse que apareceu para mim em Capri porque achou que eu iria gostar. Provavelmente é só isso. Não é preciso fazer disso uma grande questão.

Aphrodite encolheu os ombros.

– É, bem, não é exatamente como se Nyx não estivesse em cima do que quer que esteja rolando. Ela tomou duplas providências ao enviar um poema para Kramisha e uma visão para mim.

– E agora está na hora de fazermos a nossa parte – disse uma voz perto da porta do centro de mídia. Eu me virei rapidamente, sentindo a felicidade tomar conta de mim, e então eu e meus amigos gritamos o nome dela juntos.

– Vovó Redbird!

Com passos ágeis e cheios de energia que contradiziam a sua idade, minha avó veio apressada até mim e me deu um abraço.

– Vovó! Pensei que você estivesse em Maui!

– Ah, *u-we-tsi-a-ge-ya*, você achou mesmo que eu iria perder o seu aniversário? E não apenas um aniversário qualquer, mas um rito de passagem? – Ela segurou meu rosto entre suas mãos quentes e macias e me deu um beijo na testa. – Maui pode esperar. Você só vai fazer dezoito anos uma vez.

– Estou tão feliz que você está aqui! – exclamei.

– Eu também estou! Quando eu posso ganhar o meu abraço? – Stevie Rae perguntou, praticamente dançando na ponta dos pés.

– Venha cá, meu doce, e dê um abraço na Vovó. – Ela abriu os braços para a minha melhor amiga.

– Eu também quero! – Damien pediu.

– E eu! – Shaunee empurrou sua cadeira para trás e correu até Vovó.

– Também quero entrar nessa! – Shaylin disse.

– Ah, merda, eu também! – Aphrodite falou.

A risada de Vovó era alegre e pura.

– Todos vocês então. Abraço coletivo!

Nesse momento, nós éramos apenas um círculo de amigos rodeados por risadas e unidos pelo amor.

Vovó beijou cada um dos meus amigos e depois os fez voltarem para os seus lugares em volta da mesa, enquanto ela pegava a cesta de piquenique que havia deixado perto da porta.

– Eu trouxe um reforço e tanto: cookies de chocolate e lavanda. Vamos ao trabalho – ela disse.

Como o grupo esperto que a gente era, fizemos o que Vovó falou.

Pizzaria de Tulsa. (N.T.)

9

Zoey

– Então, nenhum dos feitiços de proteção mais poderosos vai funcionar porque, como o feitiço que Thanatos usou para prender Neferet no edifício Mayo, eles sempre estão ligados à Grande Sacerdotisa que os faz – eu raciocinei em voz alta.

Damien assentiu.

– Sim, e isso é ruim porque precisamos de algo que seja permanente.

– Não há algum jeito de Zoey separar uma parte do seu subconsciente para sustentar o feitiço? – Vovó perguntou.

– Eu posso tentar, mas uma hora o feitiço vai terminar.

Vovó pareceu confusa, então eu expliquei melhor.

– Quando eu morrer. Quero dizer, isso não vai acontecer possivelmente por algumas centenas de anos, mas mesmo assim. Não vai ser bom para quem estiver aqui depois de mim.

– E há outra coisa além disso. Ligar Zoey ao feitiço vai sugá-la, não importa se ela estiver ativamente consciente disso ou não – Damien afirmou. – E se Neferet estiver mesmo se agitando e resolver começar a pressionar e testar o feitiço, Zoey pode muito bem acabar como Thanatos. Morta.

– Não. Nós não vamos permitir isso – disse a minha avó.

– E se a gente fizer um revezamento? – Stevie Rae sugeriu. – Todas nós somos Grandes Sacerdotisas. Z. pode começar fazendo o feitiço. Ela pode sustentá-lo por, não sei bem, quanto tempo ela se sentir confortável. Daí nós fazemos outro círculo, e eu assumo a vez.

– E quando você se cansar, é a minha vez – Shaunee se ofereceu. – E assim por diante. Será que isso vai funcionar?

– Eu acho que não – Aphrodite falou, e todo mundo se virou para ela. – Sei que não sou nenhum rato de livraria como Damien.

– Prefiro o termo estudioso – Damien observou.

– É claro que você prefere. Enfim. Eu não sei tudo que Damien sabe, mas eu sou uma Profetisa de Nyx, e fazer um revezamento para sustentar um feitiço de proteção não parece certo. Poderia acontecer muita coisa para estragar tudo.

Stevie Rae suspirou e perguntou:

– Isso porque “muitos cozinheiros estragam a sopa”, como diz a minha mãe?

– Desta vez eu entendi a sua analogia caipira e, sim, acho que é isso – Aphrodite respondeu.

– Então, o problema central parece ser uma questão de estabilidade – Vovó concluiu. – Se o feitiço passar de Sacerdotisa para Sacerdotisa, não há estabilidade. E, em um feitiço de proteção, estabilidade é essencial.

– Bem, então Z. precisa escolher um destes outros feitiços – Shaunee empurrou uma pilha de livros de feitiços na minha direção.

Eu olhei para os livros e suspirei.

– Eu já dei uma lida neles. Nenhum serve. Nenhum mesmo. Ou eles são muito sombrios ou muito leves e alegres. Ou eles são para,

tipo, proteger o seu jardim contra pragas. Ou para se proteger contra enxaquecas…

– Para tudo. Eu preciso desse – Aphrodite interrompeu, arrancando um livro da minha mão.

– Ou contra desejos negativos. Ou contra a falta de jeito. Eu nem sabia que isso era um problema – eu continuei. – Ou para afastar contratempos, como pneus furados ou titica de passarinho caindo na sua cabeça.

– Sério? Tem feitiço para isso? – Stevie Rae se espantou.

– Esse do passarinho seria bom para você. – Aphrodite desatou a rir, enquanto o resto de nós a ignorou.

– Sim, há feitiços para um monte de coisas secundárias. Também há feitiços para as coisas mais importantes. São feitiços que não mantêm a Grande Sacerdotisa que os faz ligada à proteção, mas… Não sei. Eu só… – Perdi as palavras e apenas fiquei ali sentada, olhando para a pilha gigante de livros e para um monte de migalhas de cookies, tentando descobrir o que não estava certo. Como se isso fizesse sentido.

– *U-we-tsi-a-ge-ya*, eu acho que a resposta está dentro de você. Você só precisa deixá-la sair.

– Ok. Como?

– Mostre-me algum feitiço de proteção que parece quase bom.

Procurei entre os livros, até que encontrei um dos feitiços que eu tinha marcado antes. Era um feitiço de proteção antigo contra desejos negativos.

– Aqui está um – entreguei o feitiço a ela.

– Proteção contra um Desejo Negativo – ela leu. – Parece promissor, e vejo que você até marcou a página. Mas você o rejeitou. Por quê?

– Só não parece ser o feitiço certo.

– Por quê? – ela quis saber.

– Bem, ele não é grande o bastante – eu disse.

– Grande o bastante? O que isso significa? – Aphrodite perguntou.

– Se Neferet está se agitando, ela vai ter muito mais do que um ou dois desejos negativos. Ela é uma assassina. Eu simplesmente não acho que esse feitiço seja grande o bastante.

– Isso faz sentido. Mas, Zoey Passarinha, e se você mudasse alguma coisa nesse feitiço e o ampliasse? Isso funcionaria?

– Não. – Dei uma olhada para o feitiço de novo. – Sim. – Continuei a ler. – Não. – Suspirei. – Mesmo se eu mudar as palavras, ainda assim não parece que é o certo. Nenhum desses parece.

– Por quê? – Vovó me instigou novamente.

Começando a me sentir incomodada, eu soltei:

– Porque eles não são meus! São só alguns feitiços genéricos e aleatórios criados por vampiros que provavelmente já estão mortos. Mas, mesmo se estiverem vivos, eles não me conhecem. Eles não conhecem o meu círculo. Eles não conhecem Neferet. Eles nem conhecem Tulsa. Esses feitiços simplesmente não vão funcionar.

O rosto de Vovó se abriu em um sorriso resplandecente.

– Aí está a sua resposta!

– Ahn?

– A sua avó está certa! – Damien gritou, dando a volta na mesa para abraçar Vovó.

– Eu não entendi – Stevie Rae disse. – Mas estou feliz de verdade porque alguém entendeu.

– Hora de explicar tudo para a gente – Shaunee pediu.

– É tão simples que eu nem acredito que ninguém pensou nisso – Damien falou. – Zoey, você tem que criar o seu próprio feitiço.

– Ah, mas não sozinha – Vovó completou. – Para que o feitiço seja poderoso, mas para evitar que ele fique ligado apenas à nossa Zoey Passarinha, o seu círculo precisa ajudá-la a criar o feitiço. Então todos vocês terão uma parte nele.

– E se ele estiver ligado a qualquer um de nós… vai estar ligado a todos nós – Damien afirmou.

– Por vocês… por vocês tudo bem? – eu perguntei.

– Sim – Damien assentiu.

– É claro, Z. – Stevie Rae concordou.

– Com certeza – Shaunee confirmou.

– Um por todos, e todos por um! – Shaylin abriu o sorriso.

– E a Horda de Nerds ataca outra vez – Aphrodite falou.

– Sim, não é maravilhoso? – disse a minha sábia e incrível avó.

– Se você está falando da pizzaria Andolini's, sim, definitivamente ela é maravilhosa! – Stark gritou por trás da pilha de caixas de pizza que ele estava carregando, enquanto ele, Darius, Rephaim e Nicole entravam na sala junto com uma onda de ar frio e cheiro de pizza quente.

– Ainda está nevando? – eu perguntei.

– Sim, mas não é gelo. Então as estradas não devem estar tão ruins – Stark respondeu.

– Ele diz isso como se não soubesse como os motoristas de Oklahoma perdem a cabeça assim que cai um floco de neve. – Shaunee balançou a cabeça de desgosto. – Eles precisavam ver como é o inverno em Connecticut. Lá tem um pouco mais de neve para eles.

– E aí, Vovó Redbird! – Stark foi na direção dela e lhe deu um abraço gigante. – Como vai minha segunda namorada?

– Ah, *tsi-ta-ga-a-s-ha-ya.* Sempre encantador. – Ela acariciou o rosto dele e lhe deu um beijo de avó. – Agora me coloque no chão. Acabamos de descobrir o feitiço de proteção de Zoey e, se trabalharmos rápido, ela pode fazer o feitiço hoje à noite.

Quase engasguei com o pedaço de pizza que eu estava enfiando na boca.

– Espere aí, hoje à noite?

– Parece perfeitamente oportuno. Está nevando, o que significa que o parque vai estar deserto. E ainda faltam duas horas para a meia-noite. Se vocês se apressarem, podem programar a realização do feitiço para a meia-noite. Corrija-me se eu estiver errada, Damien, mas meia-noite não é a hora perfeita para um feitiço de proteção?

– É sim, Vovó – ele respondeu. – Mas, Z., você vai estar pronta até lá?

Eu deixei meus nervos de lado.

– Sim, provavelmente. Se vocês me ajudarem. Então, o meu intento vai ser bem específico. Eu vou fazer uma proteção contra qualquer brecha no lacre de Aurox. É o sacrifício dele que está segurando Neferet lá. Imagino que seria inteligente dar um reforço a ele.

– Tem lógica – Damien disse. – E o que você precisa de cada um de nós?

– Tragam-me algo que simbolize cada um dos seus elementos. Algo que signifique proteção para vocês. Eu vou escrever esses itens no feitiço.

– Você quer dizer, tipo, algo que você possa tocar? – Stevie Rae perguntou.

– Sim. A gente deve ser o mais literal possível. Isso vai deixar o feitiço mais simples.

– Z. está certa. Quanto mais simples for o feitiço, menor a chance de confusão – Shaylin falou. – Ou pelo menos foi isso que eu descobri quando tentei fazer um feitiço de felicidade na inauguração da nova Morada da Noite de São Francisco. Eu usei simbolismo. Bem, hum, não funcionou como eu esperava.

Nicole deu risada.

– Sim, ela usou o nosso relacionamento como o seu símbolo de felicidade quando fez o feitiço, o que foi muito fofo. Mas também fez com que todas as garotas do evento de repente sentissem atração por outras garotas.

Shaylin deu um suspiro resignado.

– Fossem elas gays ou não.

Nicole riu tanto que até deu um ronco, mas ela conseguiu dizer:

– Principalmente as garotas que não eram gays. Definitivamente virou uma noite interessante.

– E teve muita felicidade. Bem, só não foi o que eu tinha imaginado.

– Shaylin, aquela felicidade toda não foi o que um monte de garotas hétero tinha imaginado – Nicole falou.

– Seria misógino dizer que eu queria estar lá para testemunhar isso? – Erik perguntou, usando toda a sua vasta gama de habilidades de atuação para soar inocente.

– Que nada, menino. Não soa misógino. Soa típico. E você sabe como eu me sinto em relação a algo típico – Shaunee disse, dirigindo um sorriso sexy e indolente para Erik.

– Sim, mestra. Eu não preciso de uma sala cheia de falsas lésbicas quando eu tenho a minha própria princesa núbia. – Erik se curvou para Shaunee com um floreio e beijou a sua mão graciosamente estendida.

– Como ela fez isso? – Aphrodite sussurrou para mim.

– Não tenho a menor ideia – eu respondi, observando Erik babar por Shaunee.

– Magia de garota negra – Stevie Rae comentou. – Eu queria um pouco.

– Idem – concordei. Aí me lembrei do fato de que eu não podia mais nem me bronzear, então resolvi mudar de assunto antes que a conversa ficasse depressiva. – Ok, eu vou começar com o ar. Damien, assim que você descobrir o que quer usar para simbolizar o ar, passe no meu escritório. Traga pizza. – Peguei o meu bloco e me dirigi até uma mesa que não tinha um monte de livros empilhados, sobras de cookies, latas de refrigerante e pizza em cima.

Não precisei esperar muito. Eu ainda estava mordendo a ponta do lápis e tentando decidir que diabos seria a minha simbologia para o espírito quando Damien *e* Aphrodite se sentaram do outro lado da minha mesa.

Levantei a sobrancelha de modo interrogativo.

Damien olhou para Aphrodite. Ela suspirou.

– Vá em frente. Conte você para ela. Você é melhor com as palavras.

– Certo, mas você fala mais – Damien disse.

– Verdade. Eu conto. Ok, Damien e eu pensamos juntos no símbolo do ar. Eu tive a ideia do athame.[14] Ele costuma ser usado para cortar o ar durante um Ritual e é um símbolo de poder, o que eu acho que é importante – Aphrodite explicou.

– E eu pensei no resto, que é o que você deve fazer com o athame. Qual é o símbolo mais poderoso no léxico dos vampiros? – Damien me questionou.

– Isso é um teste? – eu perguntei, só em parte de brincadeira.

– Se for, espero que você passe, *u-we-tsi-a-ge-ya*. – Vovó se sentou ao meu lado.

– Z. é boa em testes – Stark falou entre mordidas de pizza, enquanto ele se sentava do meu outro lado.

– Olha a pressão – eu murmurei. Então eu sorri. O que tinha de errado comigo? É claro que eu sabia a resposta. – É o pentáculo!

– Correto – Damien afirmou. – Depois que Aphrodite te entregar o símbolo do ar, acho que seria perfeito se você usasse o athame para desenhar um pentáculo de proteção dentro do círculo.

– É uma ideia excelente – eu aprovei.

– Fantástico! – Damien exclamou. – Eu vou até o Templo de Nyx escolher um athame.

– Eu vou com você. A gente pode aproveitar e pegar as velas rituais quando estivermos lá – Aphrodite sugeriu.

Eu sorri enquanto eles saíam apressados. *Isso pode ser mais fácil do que eu imaginava*, pensei.

– Ok, Shaunee, o fogo é o próximo.

Shaunee ainda estava mastigando pizza quando se sentou na cadeira em frente a mim.

– Você sabe o que é um tetraedro?

– Isso é um teste – eu resmunguei. – Parece alguma coisa relacionada à Matemática. O que significa que eu não tenho a menor ideia.

– É uma pirâmide sólida de quatro lados – Shaunee explicou.

– É. Pura Matemática – eu comentei.

– Geometria, na verdade – Stark me corrigiu.

– Sim – Shaunee concordou. – Um tetraedro do fogo é uma representação geométrica dos quatro fatores necessários para criar o fogo: combustível, calor, oxigênio e uma reação em cadeia que não seja inibida. *Voilà!* Você tem o fogo.

– Faz sentido. Eu acho – falei. – Então, o seu símbolo é?

– Z., preste atenção. O meu símbolo vai ser um tetraedro.

Eu olhei para ela sem expressão.

Ela suspirou.

– Em outras palavras, eu vou fazer uma pirâmide para o seu feitiço. Você pode colocá-la no centro do círculo. Vai ser um foco para a proteção do fogo.

– Ah, como o pentáculo que eu vou desenhar com o athame de Damien! A sua coisa piramidal é apenas outro foco para proteção.

– Exatamente. E agora eu vou vasculhar esta sala até achar algo legal para fazer o tetraedro. Aqui é uma escola, certo? A gente deve ter cartolina, cola e tesoura.

– Bem, sim, mas as tesouras podem ter aquelas horríveis pontas redondas – eu disse.

– Espero que não. – Shaunee balançou a cabeça com tristeza.

– Água! A sua vez – eu chamei.

Shaylin veio até mim, colocou a mão dentro de sua bolsa e pegou uma pedra. Ela a colocou sobre a mesa na minha frente.

– Este é o meu símbolo. É estranho, mas tenho andado com ela na minha bolsa desde que a encontrei, quando Nicole e eu estávamos fazendo uma caminhada no Golden Gate Park. Estava no lago perto do pagode japonês. É perfeita.

Eu peguei a pedra. Não era nada especial. Mais ou menos do tamanho de um punho fechado, era algum tipo de rocha marrom.

Tinha um chanfro meio curvo na parte de cima. Olhei para ela com cara de interrogação.

– Desculpe, eu não entendi.

– Ah, segure assim. É mais fácil ver neste ângulo. – Shaylin girou a pedra para que eu olhasse a parte chanfrada do lado oposto.

– É um coração! – eu exclamei.

– Adivinhe o que fez esse coração?

Eu passei os dedos pela indentação ondulada que formava um coração quase perfeito, então de repente entendi. Abri o sorriso para Shaylin.

– A água!

– Sim! A água é tão poderosa que pode até transformar uma pedra. Acho que isso é uma energia de proteção cheia de poder.

– Acho que você está certa – concordei.

– Ah, e a sua aura está muito clara e brilhante – Shaylin afirmou. – A de vocês também – ela falou para Stark e Vovó. Então ela abaixou a voz. – Mas Damien parece triste. Acho que ele pode estar deprimido. E Aphrodite está definitivamente estressada.

– Isso não me surpreende – eu disse.

– E a minha aura? – Stevie Rae perguntou quando se aproximou da mesa.

Shaylin a observou.

– A sua aura está muda. Não está tão ruim quanto a do Damien, mas você não está 100%.

– Você acha que parece que eu estou sentindo falta de casa? – ela perguntou.

– Com certeza.

– E nós vamos consertar isso – eu prometi. – Obrigada, Shaylin. Você tem razão. A sua pedra é perfeita. Está pronta, terra?

– Sim! – Stevie Rae pulou para a cadeira na minha frente. – Sei exatamente qual é o meu símbolo, mas não sei bem onde vamos conseguir uma a esta hora da noite.

– O que é? – perguntei, intrigada.

– Bem, a proteção mais poderosa da terra vem na forma de árvores. E a sorveira tem poderes especiais. Ela regula a comunicação entre os mundos. É conhecida como Árvore Vivificante porque ela pode estimular as suas capacidades psíquicas. Acho que é o símbolo perfeito para a proteção da terra, mas eu não tenho uma.

– Stevie Rae, você precisa de um broto de verdade, ou apenas uma parte da árvore serviria? – Vovó a questionou.

– Qualquer parte da árvore serviria bem. Eu posso fazê-la crescer. Você tem um galho de sorveira ou algo assim, Vovó Redbird?

– Não tenho, mas estou certa de que não vai ser difícil encontrar uma varinha de sorveira aqui na Morada da Noite – Vovó sugeriu.

– Há toneladas de varinhas e coisas do tipo na sala de Feitiços e Rituais, atrás do armário de suprimentos – eu lembrei.

– Isso vai funcionar! – Stevie Rae exclamou. – Eu vou lá encontrar algo de uma sorveira.

– Quatro já foram, falta um – Stark disse. – Então, qual vai ser o seu símbolo do espírito?

– Não tenho ideia – eu respondi.

– Então é bom que a sua avó esteja aqui com você, *u-we-tsi-a-ge-ya*. – Vovó foi até a sua cesta de piquenique e colocou a mão nas suas profundezas misteriosas e cheias de fragrâncias, tirando lá de dentro uma única pena vermelha. Ela a trouxe até a mesa e a

estendeu para mim. – Este é o seu símbolo, Zoey Passarinha, e o símbolo do espírito do seu povo.

– Ah, Vovó! É perfeita! Obrigada.

– Então é isso. Você tem todos os elementos do seu feitiço – Stark falou.

– Tenho. Que horas são?

Ele conferiu no seu telefone.

– Dez e meia. Parece que a gente vai conseguir cumprir o prazo da meia-noite.

– Parece sim – eu concordei.

– Isso só pode ser um bom sinal – Shaylin comentou.

– Sim. Ok, deem-me alguns minutos para juntar tudo isso em forma de feitiço. Até lá, Aphrodite e Damien já devem estar de volta com o athame e as velas, Shaunee já vai ter construído a sua pirâmide do fogo e Stevie Rae já vai ter encontrado uma varinha de sorveira. Aí a gente vai para o Woodward Park.

– Como você está se sentindo em relação ao feitiço como um todo, Zoey Passarinha? – Vovó perguntou quando Stark foi buscar um pouco mais de pizza para nós.

– Muito bem – eu afirmei. – Quero dizer, é um feitiço realmente simples. Não há muita coisa que possa dar errado.

Vi uma sombra passar pela expressão de Vovó, mas, antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa, ela se animou.

– É isso mesmo, *u-we-tsi-a-ge-ya.* Vamos pôr um fim nas loucuras de Neferet. De novo.

Faca cerimonial. (N.T.)

10

Zoey

O inverno em Oklahoma é uma mistura de ansiedade e expectativa – você sabe que o gelo e a neve estão chegando. Você apenas não sabe quando, onde e quanto. Eu já devia estar farta do clima do inverno, ainda mais com o apocalipse de gelo que parou a cidade por semanas no último inverno, mas, enquanto caminhávamos pelo Woodward Park deserto, com flocos gordos de neve caindo devagar de um céu ameaçadoramente fechado, eu não podia deixar de ter a mesma sensação de fascínio e excitação que sempre tive em cada dia de escola da minha vida, quando a previsão do tempo indicava neve. Sério. O que é mais incrível do que um dia de neve? (Ok, sim, eu escutei você. Férias de verão. Mas eu estou falando de dias de folga da escola *inesperados.*)

Madura ou imatura, a neve tinha deixado todos nós com um humor positivo. E ali, marchando em meio às folhas salpicadas de flocos brancos e brilhantes, cercada pelas pessoas que eu mais amava no mundo, eu estava cheia de otimismo. Neferet e as Trevas pareciam uma lembrança meio apagada de um pesadelo. Do tipo em que você acorda chorando, mas, assim que desperta completamente, ele se dissipa em vagas memórias e medos esquecidos.

– Eu gostei do trabalho de replantio – Stevie Rae disse. Ela estava andando ao meu lado, olhando em volta para o parque silencioso por causa da neve. – Vai ser estranho na primavera e no verão, sem a maioria daqueles carvalhos gigantes e arbustos enormes de azaleias em que todo mundo gostava de tirar foto na frente. Mas já dá para ver que vai ficar bem bonito depois que tudo crescer. Talvez até mais bonito do que era.

– É o que a gente espera. A Morada da Noite colocou um monte de dinheiro nessa reforma, e foi uma das nossas paisagistas que criou os novos canteiros de plantas. Ela até adicionou um lago maravilhoso lá do lado da Avenida Peoria, que nós enchemos de carpas.

Stevie Rae olhou para mim.

– Espero que eu esteja aqui para ver.

Eu segurei a sua mão e fiz com que ela diminuísse o passo comigo, até que ficamos um pouco atrás dos outros.

– Você vai estar aqui para ver se você quiser estar. Stevie Rae, eu não sabia que você estava infeliz. Eu sinto muito mesmo.

– Não é culpa sua.

– É claro que é. Fui eu que organizei o nosso novo Conselho Supremo e tive a semibrilhante ideia de espalhar todo mundo por aí desse jeito.

– É uma boa ideia, Z. Eu só sinto falta de casa. Muita falta, eu acho. O meu coração está aqui. – Ela olhou para Rephaim, que estava caminhando ao lado de Stark, e acrescentou: – E o dele também.

– E o de Damien também – eu falei baixinho, olhando para ele, que estava andando ao lado de Aphrodite.

– Pois é, eu não vi Adam em lugar nenhum. O que rolou? – ela perguntou.

– Eles terminaram. Damien não esqueceu Jack – eu contei.

– Ah, cara, que pena. Mas isso não me surpreende. Talvez estar em casa o ajude a deixar Jack descansar em paz no seu coração.

– Espero que sim. Mas eu fiquei meio assustada com a visão de Aphrodite. A participação predominante de Jack na visão é bem louca, e parece mais do que uma coincidência o fato de Damien estar tão triste e com saudade de casa.

– Talvez essa parte não seja literal. Talvez Nyx tenha decidido que a gente precisava aumentar a proteção na gruta, e ela aproveitou a oportunidade para fazer uma observação sobre o perigo de não esquecer o passado.

– Querendo dizer que o passado vai te comer vivo se você não ficar em paz com ele – eu concordei. – Eu entendo. Mas tem o poema de Kramisha. Não tenho a menor ideia de onde ele entra nisso.

– Bem, tem uma metáfora sobre a neve no poema inteiro, com uma referência a flocos de neve que se juntam para se encontrar novamente. Isso também combina com a visão de Aphrodite. Poderia ser para Damien, simbolizando que ele realmente precisa se curar para que possa amar novamente. Você disse que ele e Adam terminaram, certo?

– Certo.

– Imagino que esse término tenha mais a ver com Damien do que com Adam?

– Você está certa de novo – eu confirmei. – Mas acho melhor Damien te contar o resto.

– Sem problemas, Z. Eu não quero me meter nas coisas dele. Mas realmente parece que um bocado disso tudo pode ser sobre Damien seguir em frente. – Ela abaixou o tom de voz. – Ele parece acabado. E Damien *nunca* parece acabado.

– Sim, ele precisa estar em casa. Eu queria ter sabido antes sobre ele e sobre você também. Ei, faça um trato comigo. Prometa que você nunca mais vai me esconder coisas assim de novo.

– Z., você estava tão ocupada com o novo Conselho, integrando as Moradas da Noite Norte-Americanas. Eu não queria te incomodar. Aposto que Damien também sentiu a mesma coisa.

– Sim, eu estou ocupada, mas eu *nunca* estou ocupada demais para os meus amigos.

– Eu não posso simplesmente ir embora de Chicago, você sabe. Há muita coisa para fazer lá. A cidade está apenas começando a relaxar o bastante para deixar alguns humanos estudantes de arte terem aulas na Morada da Noite. Eu preciso voltar para lá e cuidar para que tudo transcorra suavemente.

– E se você voltar *temporariamente?* Só o suficiente para preparar a sua substituição. Você realmente poderia ser útil para mim aqui. Os túneis da estação abrigam a única Morada da Noite para novatos vermelhos. Você seria uma melhor Grande Sacerdotisa para eles do que eu.

– Sério? – Os olhos azuis de Stevie Rae cintilaram de alegria.

– Sério – eu disse. – Com Stark e Kramisha somados à equipe daqui, eu fico com algumas Sacerdotisas extras. Tenho certeza de que uma delas adoraria ir para Chicago.

– E Damien? Nova York não deve ser mais fácil de integrar do que Chicago.

– Damien concluiu mais cedo a avaliação anual de professores da sua Morada da Noite – eu contei.

– É claro que ele concluiu mais cedo. – Stevie Rae abriu o sorriso.

– Sim, ele é super organizado. Ele derramou elogios a uma jovem Grande Sacerdotisa em particular. Pelo que eu me lembro, ela se chama Monique. Enfim, na avaliação ele ficou falando sem parar sobre como ela tinha a capacidade de sugerir soluções criativas para questões aparentemente sem saída. Talvez Damien deva prepará-la para assumir o lugar dele em Nova York. – *E então voltar para Tulsa para me ajudar a organizar a bagunça administrativa em que eu me enterrei*, concluí em pensamento.

– Z., você vai deixar três pessoas realmente felizes neste feriado!

Sentindo o meu coração mais leve, eu dei o braço para a minha melhor amiga e, como pré-adolescentes cheias de risadinhas, nós saímos saltitantes para alcançar o resto do nosso grupo.

Todo mundo estava esperando por nós no topo do cume de pedra, que dava vista para a prisão da gruta murada e lacrada lá embaixo.

– Certo, todo mundo se lembra do seu papel?

Aphrodite, Shaunee, Shaylin e Stevie Rae assentiram. Encontrei o olhar desolado de Damien.

– Querido, eu preciso que você fique aqui em cima com Stark e Rephaim.

– Mas eu queria muito fazer parte do círculo, mesmo que eu não possa invocar o ar – ele falou baixo, com a voz realmente triste.

– Eu acho que não é seguro. A visão de Aphrodite se desenrolou ali embaixo. – Eu apontei para o lugar ao lado do muro junto à gruta,

onde eu decidira traçar o círculo e fazer o novo feitiço de proteção. – Você foi assassinado, Damien.

– Mas eu fui assassinado por Jack, e isso é impossível – ele insistiu.

– Sério, Damien? Você vai querer discutir sobre o que é possível e o que não é, depois de tudo que aconteceu no ano passado? – Aphrodite afirmou, mas com gentileza. – Eu não entendo a visão que Nyx mandou para mim. Mas entendo que eu estava em um corpo que morreu. E esse corpo estava segurando a sua vela amarela. Não é seguro para você lá embaixo. Que inferno, eu nem gosto do fato de que você vai ficar aqui em cima. O meu voto foi para você ficar esperando lá na Morada da Noite com Vovó Redbird e Nicole.

O olhar de Aphrodite encontrou o meu. Eu tinha vetado o voto dela e permitido que Damien viesse com a gente. Eu simplesmente não consegui suportar a tristeza nos olhos de Damien. Ele personificava o ar e tinha feito parte do meu círculo desde a primeira vez em que eu traçara um, tanto tempo atrás. Eu não podia deixá-lo para trás.

– Eu não vou sair correndo. Eu vou fechar o círculo se alguma coisa louca acontecer. Isso não iria mudar com Damien aqui assistindo ou não – eu falei para ela com firmeza.

– O que isso quer dizer? – Damien perguntou.

– Nada! – Aphrodite, Darius, Stark e eu respondemos juntos.

Sim, nós quatro havíamos resolvido deixar de fora alguns detalhes do relato da visão que ela contou para Damien. Ele não precisava saber que o fato de ele ter quebrado o círculo tinha soltado aquela onda gigante de coisas tipo zumbis em Tulsa. Eu já estava prevenida. Eu não ia sair correndo *até* que o meu círculo

estivesse fechado. Eu podia garantir isso com toda a certeza. Mas, se havia nem que fosse a mínima chance de algo relacionado a Jack acontecer, nenhum de nós acreditava que Damien estaria em condição de tomar a decisão certa – a decisão segura.

– Significa que, aconteça o que acontecer esta noite, todos nós precisamos estar com a cabeça em ordem – eu expliquei. – É por isso que Stark e Rephaim vão ficar aqui em cima com você, Damien.

– Para ter certeza de que eu não vou fazer nada idiota – Damien falou com voz triste.

– Não. Para ter certeza de que o círculo vai estar seguro – Stark rebateu, mentindo apenas parcialmente.

– Ei, eu também preferia ficar lá embaixo com Stevie Rae – Rephaim acrescentou. – Mas eu não quero distraí-la.

– Damien, nós temos uma visão perfeita aqui em cima. Se alguma coisa ficar estranha, nós vamos perceber e podemos avisar Z. e o círculo. Eu posso dar cobertura a elas facilmente daqui de cima. – Stark deu uma palmadinha na aljava cheia de flechas amarrada na lateral do seu corpo.

– Sim, e Stark e eu estamos satisfeitos por termos mais um par de olhos para vigiar com a gente – Rephaim completou.

– E eu vou descer ao nível do chão junto com o círculo – Darius afirmou. – Se vocês virem qualquer coisa, gritem. Eu as tiro de lá.

– Parece ótimo. – Eu me virei para Shaylin, demorando um instante para admirar a sua tatuagem de vampira adulta. A “Grande Onda de Kanagawa”, de Hokusai, ficava incrível em vermelho. A tatuagem era em camadas, com onda sobre onda, criando o efeito bem apropriado de uma aura. – Shaylin, você pode, por favor, dar uma conferida em nós cinco antes de a gente traçar o círculo e fazer

o feitiço? As nossas intenções têm que estar sólidas. Preciso ter certeza de que estamos todas prontas.

– É claro, Grande Sacerdotisa – ela respondeu formalmente. Então Shaylin examinou cada um dos meus amigos. Não levou muito tempo. A sua capacidade de ler auras definitivamente tinha ficado mais rápida no ano que passou. – Todas nós estamos bem. E isso também me inclui. Eu me olhei no espelho antes de sairmos da Morada da Noite. – Shaylin fez uma pausa, olhando-me com ar de interrogação. Eu assenti levemente, então ela continuou: – Damien, normalmente a sua aura é como um céu de verão, claro e cheio de coisas que parecem nuvens rodopiando rápido no ar. Mas neste momento as suas cores estão arroxeadas, parecendo uma tempestade.

– O que isso significa? – ele perguntou de modo hesitante, não característico dele.

– Nada terrível – ela o tranquilizou. – Só que você está se pressionando demais e está no limite. Mesmo se Aphrodite não tivesse recebido aquela visão, eu iria recomendar a Zoey que você ficasse fora do círculo. Desculpe.

– Não se desculpe por dizer a verdade. Está tudo bem. – Damien se esforçou para sorrir, mas não teve muito sucesso. – Eu vou ficar aqui em cima com Stark. Eu realmente me sinto cansado.

– Eu vou cuidar disso depois que a gente terminar aqui. Tive uma ideia – eu disse. – Uma ideia genial.

– Ótimo. Isso *nunca* deu errado antes – Aphrodite murmurou.

– Seja legal – eu falei.

– É difícil ser legal *e* sincera – ela respondeu.

Eu a ignorei.

– Ok, todo mundo está com os seus apetrechos?

As minhas quatro amigas assentiram. Eu levantei a mão e toquei na pena de cardeal-do-norte[15] que Vovó havia trançado no meu cabelo um pouco antes de a gente sair.

– Então, lembrem-se do seu intento. É simples e claro: proteção contra Neferet. É isso. A única coisa que vocês têm que pensar lá embaixo é nisso e em invocar os seus elementos. Certo?

– Certo! – elas ecoaram.

Eu segui na frente, descendo as amplas e sinuosas escadas de pedra, que terminavam ao lado do novo muro de pedra que rodeava a gruta.

– Ah, que merda. Vejam isso. Pense em gente idiota. – Aphrodite apontou para o muro e nós olhamos mais de perto.

Enfiadas em pequenas fendas e nichos naturais da pedra, havia oferendas. Eu vi de tudo, de moedas a cristais e miçangas, e até mesmo um monte de velas votivas (que não estavam acesas no momento).

– É preciso tirar essas coisas daqui – eu afirmei. – Depois que a gente fizer o feitiço e fechar o círculo, vamos jogar fora todas essas porcarias. E por uns tempos eu vou fazer com que os Filhos de Erebus mantenham um Guerreiro de guarda aqui 24 horas por dia.

– Anotado, Grande Sacerdotisa – Darius disse. – Os turnos vão começar ao amanhecer.

– A última coisa de que nós precisamos é que Neferet se alimente da veneração idiota de humanos – Aphrodite falou.

Eu assenti e agradeci a Darius, mas afastei aquela idiotice pública da minha mente.

– Foco, pessoal. Lembrem-se do nosso intento. – Então eu me afastei vários metros do muro até ficar no meio de uma parte plana e adequada do terreno. – Certo, façam um círculo ao meu redor.

As minhas amigas acharam as suas direções facilmente: o ar no leste, o fogo no sul, a água no oeste e a terra no norte. Todas fizeram um círculo em volta de mim – eu personificava o espírito ao centro. Cuidadosamente, coloquei a vela ritual roxa e comprida aos meus pés. O espírito sempre era o último elemento a ser chamado para o círculo e o primeiro a fechá-lo. Peguei a caixa de fósforos extra longos dentro da minha jaqueta preta incrível (que tinha WILD FEMINIST[16] escrito em grandes letras brancas nas costas – eu amo a Wild Fang![17]). Fechei os olhos e inspirei e expirei profundamente três vezes, enquanto eu concentrava os meus pensamentos no meu intento.

Proteção contra Neferet.

Quando eu me senti pronta, abri os olhos e caminhei diretamente para onde Aphrodite estava, no lado leste do círculo. Eu havia escrito a invocação dos elementos e o feitiço propriamente dito com um foco na proteção. As minhas palavras e a minha voz espelhavam o poder que eu estava determinada a invocar.

– Oh, ventos de tempestade, eu os invoco. Derramem as suas poderosas bênçãos sobre a magia que eu opero aqui. Ar, manifeste-se! – Eu encostei o fósforo na vela amarela de Aphrodite. Ela se acendeu instantaneamente, e o cabelo de Aphrodite se levantou, balançando em uma rajada de vento tão intensa que, se ela não tivesse protegido a sua vela, ela teria se apagado. – Ar, qual é a sua oferenda para este feitiço de proteção?

Aphrodite pegou a adaga ritual dentro da sua capa com pele nas bordas que ela estava usando.

– Eu ofereço um athame. Que ele possa perfurar qualquer coisa que fique no caminho do nosso feitiço esta noite.

Eu me curvei formalmente para ela antes de pegar o athame e enfiá-lo na presilha de cinto do meu jeans. Então eu segui o meu caminho no sentido horário em direção ao sul e ao fogo.

– Oh, fogo dos raios, portador de tempestades, operário da magia, eu o invoco. Derrame as suas poderosas bênçãos sobre a magia que eu opero aqui. Fogo, manifeste-se!

Não precisei encostar o fósforo na vela vermelha de Shaunee. Ela ardeu sozinha em uma explosão de calor tão forte que me fez recuar um pouco.

– Fogo, qual é a sua oferenda para este feitiço de proteção?

Shaunee ergueu a mão que não estava segurando a vela e me deu uma pirâmide perfeita feita de cristal. Eu pisquei várias vezes, surpresa.

O sorriso de Shaunee era intenso, fazendo as tatuagens do seu rosto – duas fênix gêmeas surgindo em meio às labaredas – parecerem incandescentes com a sua chama interna.

– Eu ofereço um tetraedro, a manifestação física dos elementos que criam o fogo. É o meu desejo que o seu calor afaste qualquer coisa que fique no caminho do nosso feitiço esta noite. Eu o encontrei numa das caixas de troféus antigos. Perfeito, certo?

– Perfeito – eu concordei. Eu me curvei e o peguei. Senti a sua superfície lisa e fria na palma de minha mão antes de colocá-lo no bolso da minha jaqueta. Fui então para o oeste, na direção da personificação da água de Shaylin.

– Oh, enxurradas de inundação de chuvas de tornado, envoltas em tempestade, eu as invoco. Derramem as suas poderosas bênçãos sobre a magia que eu opero aqui. Água, manifeste-se!

A vela de Shaylin demorou um instante a mais do que o necessário para se acender, mas, quando o pavio finalmente pegou

fogo, perdi o fôlego quando, apenas por um instante, juro que me senti transportada para o meio do oceano. Shaylin riu de contentamento.

– Água, qual é a sua oferenda para este feitiço de proteção?

Shaylin me estendeu a pedra do tamanho de um punho fechado, esculpida pela água em forma de coração.

– Eu ofereço a prova do poder do meu elemento. É o meu desejo que ela inunde qualquer coisa que fique no caminho do nosso feitiço esta noite.

Eu me curvei para Shaylin e para a água e coloquei a pedra no meu outro bolso. Eu a senti pesada e sólida e pensei em como ela também era perfeita.

Andando em direção ao topo do círculo, parei diante de Stevie Rae, que mostrou suas covinhas para mim.

– Oh, terra sólida, sobrevivente poderosa de todas as tempestades já criadas, eu a invoco. Derrame as suas poderosas bênçãos sobre a magia que eu opero aqui. Terra, manifeste-se!

A vela verde de Stevie Rae acendeu fácil, e eu fui transportada instantaneamente para uma cordilheira gigantesca. Eu sentia as montanhas em toda a minha volta e sabia que a terra iria sustentar o nosso feitiço de proteção com um poder incomparável.

– Terra, qual é a sua oferenda para este feitiço de proteção?

– Eu ofereço esta sorveira. Ela é um portal mágico e uma protetora. O meu desejo é que ela sirva como uma porta para o nosso feitiço esta noite.

Segurando a varinha, Stevie Rae levantou a mão. Isso de repente lembrou uma cena de Harry Potter, o que me fez sorrir enquanto eu me curvava para a minha melhor amiga e pegava a oferenda alongada e graciosa. Eu me virei e caminhei para o centro do nosso

círculo, ajoelhando-me ao lado da minha vela roxa do espírito para completar a sua abertura.

– Oh, espírito forte, poderoso e onisciente, eu o invoco. Derrame as suas poderosas bênçãos sobre a magia que eu opero aqui. Espírito, manifeste-se e complete o meu círculo!

Uma sensação agradavelmente familiar me absorveu, fazendo-me lembrar de como eu sentia falta de fazer círculos. Rapidamente, fiz uma promessa silenciosa a mim mesma de que não ia mais deixar o trabalho me afastar do prazer de traçar círculos. Então eu levantei a mão e soltei a trança que prendia a minha pena de cardeal-do-norte.

– Eu ofereço esta pena, o espírito do meu povo, livre e forte. É o meu desejo que ele preencha o nosso círculo e concentre o nosso intento para o nosso feitiço esta noite.

Então eu me levantei e deixei os meus olhos seguirem o filete prateado incandescente que ligava as minhas amigas, as personificações dos elementos, em um círculo perfeito de poder, brilhando com o seu intento. Sentindo-me completa, feliz e poderosa, eu comecei a esvaziar os meus bolsos e a organizar os itens cuidadosamente no chão macio salpicado de neve.

Eu trabalhei de trás para frente. Primeiro, ofereci a varinha de sorveira. Falando devagar e com atenção, comecei a fazer o feitiço de proteção. Eu tinha decidido que não havia tempo para criar a rima e a métrica que normalmente compõem as palavras de um feitiço. Em vez disso, foquei na intenção e no poder – muito poder.

– Eu começo com a oferenda da terra, a sorveira. Eu a devolvo a terra, abençoada pelos elementos e imersa em poder. Que ela cresça forte e por muito tempo, tão poderosa que possa resistir a qualquer influência negativa. – Eu pressionei a ponta da varinha no

chão, plantando-a com firmeza. Então peguei a pedra de Shaylin e a coloquei do lado oeste do galho de sorveira, dizendo: – Em seguida vem a água. Eu a coloco ao lado da sorveira, onde ela pode nutrir o seu crescimento por meio de águas revigorantes, como o sangue através dos nossos corpos. – Minha mão encontrou a pirâmide, a qual depositei do lado oposto do galho. – Eu continuo com a manifestação do fogo, simbolizado pelos quatro lados da pirâmide. Que o seu calor aqueça a sorveira, mesmo quando o hálito gelado das Trevas ameaçar impedir o seu desenvolvimento ou quiser destruí-la. – Finalmente, eu apontei o athame para o alto. A luz da união do nosso círculo cintilou na sua lâmina, e a sua beleza intensa me fez sorrir. – E agora, o ar! Com este athame eu vou marcar um pentáculo dentro do nosso círculo, para criar um pentagrama cheio de poder, infundido com o poder dos elementos e o nosso intento conjunto. – Eu me movimentei deliberadamente, pois, para um pentáculo manifestar totalmente um pentagrama no meio de um círculo, ele precisa ser desenhado por uma única linha, com a ponta do espírito para cima.

Eu já tinha desenhado quatro das cinco linhas quanto tudo aconteceu.

– Sinto muito, eu insisto para que vocês vão embora. Esta área do parque está fechada para um evento privado.

A voz de Darius – profunda e firme – atravessou a minha concentração. Levantei a cabeça e franzi os olhos, tentando enxergar através do filete incandescente de poder que mantinha o nosso círculo unido. Havia um pequeno grupo de pessoas. Consegui ver que uma delas estava segurando uma câmera e que estavam seguindo uma mulher, que caminhava decididamente na direção do nosso círculo.

– Este parque é público. Não pode ser fechado para eventos privados.

Fui atingida pela familiaridade daquela voz, embora a minha mente, que ainda estava tentando se concentrar no feitiço que eu estava quase terminando de fazer, parecesse confusa, lenta.

Eu ouvi Aphrodite ofegar logo antes de a mulher falar novamente.

– Bem que eu suspeitava! Os vampiros estão negociando com Satã! Vejam esse círculo profano! E a vampira no meio, ela está desenhando a marca de Satã, o pentagrama! Fox News, vocês estão gravando isso? Quando eu for eleita prefeita de Tulsa, vou acabar com esse tipo de blasfêmia perigosa contra a nossa boa comunidade cristã!

– Ah, que merda, mãe! Vá embora! – Aphrodite gritou.

Redbird, em inglês. (N.T.)

Feminista selvagem, em inglês. (N.T.)

Marca feminista de roupas. “Wild” significa selvagem e “Fang”, dente canino, presa. (N.T.)

11

Zoey

Eu me culpo pelo que aconteceu em seguida. O pensamento só passou pela minha mente por um instante, mas eu devia tê-lo controlado. Eu devia ter ignorado qualquer coisa fora do meu círculo e ter me mantido firme ao meu intento. Uma Grande Sacerdotisa mais velha teria feito isso. Uma Grande Sacerdotisa mais sábia também.

Eu não sou velha nem sábia, e eu ferrei com tudo.

Se um apocalipse de zumbis fizesse a mãe de Aphrodite ser devorada, acho que eu iria considerar isso #winning.[18] Enquanto a minha mente registrava esse pensamento, eu desenhei a última linha do pentáculo – e algo aconteceu. Uma coisa terrível. No meio do caminho, a força com que eu estava segurando o athame se afrouxou. Minha mão deslizou desajeitadamente pelo cabo da adaga ritual na direção da sua lâmina bem afiada – abrindo um corte profundo na palma da minha mão.

Da minha posição de joelhos, olhei para a minha mão. O athame era tão afiado que a princípio eu não senti nenhuma dor. Tudo o que eu senti foi uma onda de calor quando o sangue gotejou da minha mão, salpicando o galho de sorveira e o chão no centro do pentagrama sagrado.

Então o tempo pareceu ficar acelerado, e tudo aconteceu com uma velocidade ofuscante.

Um grande influxo de poder me derrubou. Eu rolei com tanta força que teria quebrado o círculo se os braços fortes de Shaunee não tivessem me segurado.

– Z., você está bem? – Ela olhou para a minha mão ensanguentada, enquanto eu me levantava com dificuldade.

– Eu… eu não sei bem. – Pressionei minha mão contra a minha cintura. Dava para sentir a umidade penetrando pela minha blusa, então eu fiz uma brincadeira de criança comigo mesma. *Se eu não olhar, não pode ser tão ruim*, pensei. – Eu me sinto estranha. Tonta. Cansada. Eu não sei o que…

– Ah, Deusa, não!

O grito de Aphrodite me fez girar cambaleante para encarar o centro do círculo. A sorveira não era mais um galho. Ela havia crescido desenfreadamente até formar uma árvore completamente crescida. Mas ela não era como nenhuma sorveira que eu já tinha visto na vida – e eu já tinha visto muitas, tanto na Ilha de Skye quanto no Bosque da Deusa no Mundo do Além. As folhas delicadas tipo samambaia dessa árvore não eram verdejantes e saudáveis como as de uma árvore jovem. Nem eram vermelhas e vibrantes como as de uma sorveira no outono. As folhas dessa árvore eram contorcidas e longas, parecidas com dedos com artrite, e elas tinham uma cor escura e enferrujada de sangue velho. Os seus galhos eram disformes, não do jeito mágico com que as sorveiras se inclinam e se moldam, muitas vezes se juntando à outra sorveira ou, como eu vi bastante no Bosque da Deusa, formando um espinheiro místico. Os galhos dessa árvore se moviam sem parar, enrolando-se uns nos outros de um modo bizarro, feito serpentes. O tronco da

árvore começou a tremer, expandir, pulsar – como se ela estivesse respirando. Então, com um barulho forte de algo se rasgando, a sorveira se rompeu e uma fonte de sangue jorrou como um gêiser por baixo dela.

Como se tivessem sido banhados por uma onda carmesim nas entranhas da terra, corpos começaram a aparecer. O primeiro levantou a cabeça. Os seus olhos vermelhos vagaram pelo círculo em óbvia confusão antes de ele se arrastar da árvore quebrada e se agachar, olhando em volta, como se não tivesse ideia de onde estava. Outras criaturas o seguiram, sendo vomitadas do centro do círculo. Todas pareciam desorientadas, caindo uma por cima da outra. Depois elas se agachavam juntas, incertas, enquanto mais e mais delas emergiam da fonte sangrenta.

Eu balancei a cabeça, tentando afastar uma exaustão profunda que me sugava. Eu me sentia como se estivesse correndo uma maratona, só que eu estava parada ali – tonta, respirando pesadamente, incapaz de me centrar.

– Deusa, eu não sei o que tem de errado com a minha cabeça – Shaunee falou atrás de mim, soando tão tonta e esgotada quanto eu me sentia.

Eu olhei para Shaunee e reparei na hora que a chama da vela vermelha que ela ainda segurava estava tão pequena que corria o risco de ser apagada pela neve.

Mas Shaunee é o fogo. Ela nunca tem problema para manter uma chama acesa.

Olhei rapidamente para o meu círculo. Shaylin, Stevie Rae e Aphrodite estavam todas boquiabertas assistindo àquelas coisas meio vampiros vermelhos que continuavam a jorrar da fenda no chão. Shaylin estava tão pálida que parecia um fantasma. Stevie

Rae esfregou os olhos como se quisesse limpá-los. Aphrodite estava cambaleando, como se fosse cair.

E então eu entendi o que estava rolando.

– Zoey, saia daí! – Stark berrou do cume acima de nós.

– Ninguém sai daqui até eu fechar este círculo! – eu gritei. – Essas coisas meio zumbis e meio vampiros estão extraindo poder do nosso círculo – eu disse para Shaunee. – Eu preciso fechá-lo e cortar esse poder deles.

– Faça isso, garota! Eu vou segurar firme até você liberar o fogo.

Eu assenti.

– Shaylin, Stevie Rae, Aphrodite! Eles estão drenando os nossos elementos! Aguentem aí até eu chegar a vocês e liberá-los!

Gritos estridentes se misturaram às respostas delas, ecoando do grupo de humanos que cercava a mãe de Aphrodite, embora nenhum deles saísse do lugar – ninguém saiu correndo para os seus carros como deveria ter feito. Todos continuavam olhando fixamente para as criaturas brotando da fonte sangrenta – e eu percebi que ainda estava piscando a luz vermelha da câmera da Fox, que filmava tudo.

Aphrodite plantou os seus pés no chão como se ela fizesse parte da linha de defesa do time Broken Arrow Tiger. Eu a vi respirar fundo e, com um esforço hercúleo, ela colocou as mãos ao lado da boca e gritou:

– Mãe! Saia daqui! Agora! O nosso círculo é a única coisa que está segurando essas coisas, e a gente vai fechar o círculo!

Mais gritos vieram do grupo de jornalistas, mas a mãe de Aphrodite se manteve firme no meio deles, com os olhos arregalados ao fitar as criaturas.

– Vocês invocaram demônios! – ela berrou para a sua filha. – E agora o mundo vai ver com os seus próprios olhos as aberrações que os vampiros criam!

– Eles não são vampiros, mãe. Eles são zumbis. Nós não os invocamos, mas eles vão comer a sua bundinha se *você não sair daqui agora!*

– Vá logo! Feche o círculo! – Shaunee disse para mim. – Depressa!

Eu forcei os meus pés a se mexer, deixando o medo de lado, e caminhei na direção do centro do círculo e da minha vela do espírito, tão dificilmente quanto se estivesse andando em areia movediça. A aglomeração cada vez maior de criaturas girou as suas cabeças na minha direção, e eu tropecei e parei, incapaz de respirar, enquanto eles focavam os seus olhos incandescentes em mim.

Alguns ainda pareciam confusos, balançando suas cabeças e esfregando suas pálpebras pesadas – assim como os quatro membros do meu círculo.

Mas alguns estavam parados, com seus olhos escarlate atravessando a neve.

O meu tempo estava acabando.

Freneticamente, os meus olhos escanearam o chão ensopado de sangue, tentando encontrar a minha vela. Ela estava lá – ao lado da sorveira contorcida – e estava caída de lado, com a chama já apagada. Dei um suspiro rápido de alívio, dizendo:

– Espírito! Eu o libero do meu círculo!

Cambaleando desajeitadamente, saí correndo em sentido anti-horário, beirando o lado de dentro do círculo, para chegar ao norte e a terra.

– Eu te dou cobertura, Z. Não saio daqui até você dispensar o ar – Aphrodite berrou quando passei correndo por ela.

– Não vou sair daqui também! – o grito de Shaylin soou agudo e fraco, mas inabalável.

– Estou firme! – Shaunee falou obstinadamente.

Cheguei tropeçando na frente de Stevie Rae e parei só o suficiente para assoprar a vela dela e dizer:

– Terra! Eu a libero do meu círculo! – Agarrei o braço de Stevie Rae quando o seu elemento se soltou e ela quase caiu.

– Peguei você, Stevie Rae! – De repente Rephaim estava lá, ao lado de Stevie Rae, amparando-a com um braço forte ao redor da cintura dela e empunhando na outra mão algo que parecia um pouco maior do que um canivete.

Ótimo. Será que ninguém mais além de Stark trouxe armas de verdade? Eu já sabia a resposta para a minha própria pergunta. Ninguém esperava que o nosso bem-intencionado feitiço de proteção fosse se transformar no apocalipse dos zumbis. Nós estávamos lamentavelmente despreparados para tudo o que aconteceu em seguida.

– Siga-me! – eu falei para Rephaim.

Ao lado de Stevie Rae e de Rephaim, eu fui cambaleando até Shaylin.

– Água! Eu a libero do meu círculo! Fique conosco. Apoie-se em Rephaim se você não conseguir andar. Agora vamos até Shaunee e Aphrodite!

Shaylin assentiu e segurou no braço de Rephaim. Trôpegos, nós fomos até Shaunee.

– Saia da frente, garoto! Você está atrapalhando a visão da câmera.

Dei uma olhada para trás por sobre o meu ombro. A mãe de Aphrodite estava gritando para Darius, que tinha se posicionado entre o nosso círculo e o grupo de jornalistas. Ele havia desembainhado a espada (agradeço à Deusa pelo treinamento dos Guerreiros Filhos de Erebus), obviamente preparando-se para proteger o grupo se aquelas coisas parecidas com zumbis começassem a atacar.

– Ele é a única coisa que está entre você e a morte! – Aphrodite exclamou.

– Ele é a única coisa que está entre mim e a verdade que eu tenho que mostrar para o mundo! – Francis LaFont rebateu.

– Fogo! Eu o libero do meu círculo!

Mas Shaunee não estava nem olhando para mim. Ela estava encarando o meio do círculo atrás de mim. Ela apontou um dedo trêmulo para lá e disse:

– Novatos! Ai, Deusa! Há novatos saindo daquela confusão.

Mal tive tempo de olhar, mas o que eu vi me deu adrenalina suficiente para me impulsionar a terminar de percorrer o círculo. Com Stevie Rae e Shaylin agarradas a Rephaim e com Shaunee apoiada em mim, concluí os últimos metros que me separavam de Aphrodite.

– Ar! Eu…

– JACK! – aquele grito se sobrepôs às minhas palavras com a força da sua agonia. Levantei os olhos para o cume. Damien estava lá ao lado de Stark. O meu Guerreiro estava segurando o braço de Damien, que se debatia para se soltar, com os olhos arregalados de choque voltados para o centro do círculo atrás de mim.

– Não olhe. Só termine de fechar este maldito círculo! – Aphrodite disse.

– Ar! Eu o libero! – Assoprei a vela amarela para apagá-la e, com um pequeno chiado como o de um pavio queimado, o filete incandescente que mantinha nosso círculo unido se extinguiu.

Nós cinco cambaleamos quando fomos libertadas da terrível drenagem que tinha usurpado o poder do nosso círculo através de nós.

Um segundo depois, houve outro barulho horroroso – mas desta vez era mais uma explosão do que o som de algo se rasgando. Eu me virei e vi que a sorveira contorcida tinha sido sugada para dentro do chão. Não sobrara nada dela nem dos símbolos rituais que eu havia colocado ao seu lado. Só o que restara era um círculo de sangue cheio de monstros salivantes e sibilantes, que definitivamente tinham sido libertados do caos que os estava segurando.

No meio do círculo estava Jack Twist, parecendo pálido e confuso. No centro de sua testa amarelada, havia o contorno de uma lua crescente vermelha.

– Nós estamos livres! – gritou uma das criaturas cujo rosto estava Marcado com a tatuagem completamente formada de um vampiro vermelho adulto. – Devorem todos!

Então foi o inferno na terra. Literalmente.

Os vampiros vermelhos começaram a se precipitar para fora do círculo. Metade veio na nossa direção, enquanto a outra metade se deparou com Darius, que ainda estava entre eles e o grupo de humanos.

– Subam aqui! Agora! – Stark berrou.

Levantei os olhos e vi uma chuva de flechas na direção das criaturas. Damien havia desmoronado aos pés de Stark.

– Vão! Vão! Vão! – eu disse. – Subam aqui!

Stevie Rae, Shaylin e Shaunee correram até a escada de pedra. Rephaim estava retrocedendo mais devagar, com a sua faca levantada contra a horda sibilante. As criaturas haviam feito uma pausa para se debater contra as flechas disparadas uma atrás da outra pelo arco mortal de Stark.

Com um enjoo no estômago, eu percebi que nenhuma das criaturas estava ferida de morte. Sim, elas haviam parado, mas estavam simplesmente arrancando as flechas dos seus corpos e as atirando no chão, como se fossem insetos irritantes.

– Stark! Não está funcionando! Coloque o seu intento nas flechas! – eu berrei para ele e então agarrei o braço de Aphrodite. – Vamos!

Mas ela se soltou de mim e começou a andar para a frente.

– Não vou deixar Darius – ela disse com firmeza.

– Ah vai, vai mesmo! – Eu a empurrei na direção de Rephaim. – Tire-a daqui!

Rephaim assentiu, enganchou o seu braço na cintura fina dela e a levantou. Mesmo com ela chutando e gritando, ele continuou retrocedendo em direção às escadas.

– Darius! Hora de sair daqui! – eu gritei, seguindo Rephaim.

Nessa hora, finalmente, uma criatura berrou e caiu ao chão. A flecha de Stark havia atravessado totalmente a sua garganta, ficando só as penas da parte detrás para fora. O metal e o sangue brotaram do seu pescoço.

Darius estava enfrentando um semicírculo de criaturas cada vez mais próximo. A maioria delas estava perseguindo os jornalistas, que finalmente tinham parado de dar ouvidos à mãe de Aphrodite e estavam correndo e gritando desesperados na direção de uma fileira de carros estacionados ilegalmente na Rua Vinte e Um. A mãe de

Aphrodite não os havia seguido. Ela estava se escondendo atrás de Darius, que girava a espada em círculos ao redor deles e acabou atingindo o braço de uma criatura aleatória, enquanto elas chiavam e se aproximavam mais.

– Quebre as espinhas deles! É o único jeito de matá-los! – Stark berrou. – Zoey, suba já para cá!

– Estou indo! – eu gritei. – Darius, pegue LaFont e vamos embora!

Darius fez exatamente isso. Em um só movimento, ele pegou Frances LaFont e a colocou sobre o seu ombro, do jeito clássico de salvamento dos bombeiros. Com a mão livre com que segurava a espada, ele atacou as criaturas que rosnavam, arrancando a cabeça do vampiro mais próximo. A criatura desabou, contorcendo-se em espasmos, e não se levantou mais.

E do nada, os vampiros vermelhos se dispersaram. Mais tarde, quando tive tempo para pensar, lembrei que eles tinham dito palavras sibilantes de encorajamento uns para os outros, mas, quando Stark e Darius descobriram o seu ponto fraco, esses sussurros mudaram. Parecia que as criaturas compartilhavam o cérebro e, ao estilo Borg,[19] a horda se espalhou, desaparecendo na escuridão da neve.

– Venha, Darius! – eu o chamei.

Segurando LaFont, Darius correu atravessando o círculo na direção de Jack.

Jack não havia saído do lugar. Ele não tinha seguido nenhum dos vampiros adultos. Ele ainda estava parado nas ruínas escurecidas do que foi uma sorveira. Darius parou a menos de um metro dele.

– Jack? – Ele deu mais um passo, aproximando-se do garoto.

– Eu… Eu não consigo. – Jack estava com os braços cruzados sobre o peito, como se ele estivesse tentando se controlar. A voz era parecida com a dele, mas ao mesmo tempo não era. Senti uma pontada forte quando percebi qual voz a dele me lembrava: a de Stevie Rae, quando ela era uma novata vermelha. Antes do sacrifício de Aphrodite. Quando ela tinha pouco ou nenhum controle sobre os seus impulsos ferozes.

– Darius, não… – Eu tentei avisá-lo tarde demais.

– Eu não consigo. Preciso comer! – Jack rosnou e se encolheu, obviamente preparando-se para saltar sobre Darius.

Os olhos do Guerreiro se arregalaram ao compreender. A sua espada erguida hesitou, e por um segundo terrível eu pensei que o Guerreiro Filho de Erebus ia ser devorado pelo doce Jack, agora zumbi.

Do cume acima de nós, Damien berrou o nome de Jack.

Jack vacilou só o tempo suficiente para Aphrodite passar correndo por mim e golpeá-lo com algo que o fez desabar no chão, contorcendo-se espasmodicamente.

Ela olhou para mim por sobre os ombros.

– Taser.[20] Eu vim preparada. – Ela fez um gesto impaciente indicando Jack e falou para Darius: – Bom, coloque-a no chão e pegue ele. Minha mãe pode andar.

No instante em que os pés de LaFont tocaram o chão, ela se virou para Darius, levantou a mão e deu um forte tapa na cara dele.

– Não! – Em um segundo, Aphrodite estava em cima dela, segurando a sua mão e falando bem perto do rosto dela: – Ele acabou de salvar a sua vida.

– A minha vida não precisaria ser salva se você não tivesse invocado demônios! – LaFont cuspiu as palavras para a sua filha.

A minha raiva transbordou.

– A sua filha não invocou nada. Eu invoquei. Acidentalmente. Eu estava tentando proteger Tulsa. Você interferiu. *Você causou isso!*

– Mentira! Vocês são uns monstros que mataram o meu marido e tiraram a minha filha de mim. E agora vocês soltaram uma praga em Tulsa! – Os seus olhos franzidos faiscaram para Aphrodite. – Que você apodreça no inferno com esses vampiros que você ama mais do que o seu próprio povo!

– Mãe. Pela última vez. Eu. Não. Sou. Humana.

Aphrodite não gritou. Ela não fez nada além de se impor frente à sua mãe louca de pedra. Mas ela brilhou com poder de um jeito que eu não tinha visto até aquele momento, como se Nyx tivesse salpicado purpurina sobre ela.

A Sra. LaFont se encolheu e se afastou dela, cambaleando por alguns passos, até se virar e sair correndo na direção da Rua Vinte e Um.

Darius começou a segui-la, mas a voz tranquila de Aphrodite o deteve.

– Deixe-a ir.

O Guerreiro parou.

– Mas as criaturas estão por aí. Elas podem matá-la.

Aphrodite assentiu com firmeza.

– Sim. Podem mesmo. E isso seria exatamente o que ela merece.

– Talvez você queira pensar melhor… – eu comecei, mas ela me interrompeu.

– Não. Eu não quero. Vamos embora, Grande Sacerdotisa. A gente tem que lidar com uma situação de emergência, e salvar a minha mãe não faz parte disso.

– Tudo bem, então – eu disse. – Vamos nessa.

Darius levantou Jack, que ainda estava inconsciente, como se ele não pesasse mais do que uma criança. E então nós fomos na direção da escada de pedra para nos juntar aos nossos amigos.

Aphrodite puxou a minha manga enquanto atravessávamos o círculo ensanguentado.

– Eu estava errada sobre a visão – ela falou rapidamente e em voz baixa. – Não foi a morte de Damien que eu testemunhei.

Olhei para ela com cara de interrogação.

– Não estou entendendo.

– Nyx me enviou uma visão da minha própria morte.

Eu senti uma pontada de choque e a encarei.

– Que diabos isso significa?

– Significa que, seja esta grande merda o que for, não é nada tão simples como apenas nos livrarmos dos vampiros vermelhos zumbis e cuidar para que Damien não perca sua maldita cabeça por causa do zumbi Jack. Significa que eu estou no centro desta confusão, *não* Damien. E, se o alvo é uma Profetisa de Nyx, podemos estar enfrentando algo muito mais sinistro do que a gente pensava.

– Ah, que inferno – eu disse.

A palavra significa vitória. A hashtag se popularizou por meio do ator Charlie Sheen, que, mesmo depois de perder a guarda dos seus filhos e o emprego na série *Two and a Half Men* e de passar por clínicas de reabilitação por dependência de álcool e drogas, passou a postar *#winning.* É usada com ironia, em situações em que na verdade não há vitória, muito pelo contrário. (N.T.)

Os Borgs são criaturas de Star Trek que compartilham a consciência. (N.T.)

Marca de arma de eletrochoque. (N.T.)

12

General Dominick

Havia uma inteligência feroz e sombria na horda. Não era uma consciência comunitária, apesar de eles de fato compartilharem pensamentos, já que os seus dons psíquicos eram vastos. No momento em que eles foram libertados com o feitiço que rasgou o tecido do mundo deles, transportando-os para uma realidade alternativa, dois pensamentos eram os mais importantes nas suas mentes – *alimentem-se* e *fujam para os túneis!*

Dominick os liderava. Ele tinha sido o primeiro a passar por aquela estranha abertura, atraído pelo cheiro de sangue de uma Grande Sacerdotisa e também pelo seu intento. Ele a sentira. Ele a ouvira. Dominick estava bem acostumado a escutar os comandos de uma Grande Sacerdotisa. Afinal de contas, ele era o segundo general favorito dela.

Assim que os Guerreiros descobriram como matá-los, Dominick havia ordenado que o seu pequeno exército fugisse. Estava claro onde eles estavam: no Woodward Park em Tulsa. Só que este Woodward Park era radicalmente diferente daquele que ele conhecia, e não apenas porque estava tudo coberto de neve. O parque parecia vazio. Onde estavam os velhos carvalhos? Os montes de enormes arbustos de azaleia?

Dominick afastou esses pensamentos inconsequentes.

Ele era um Guerreiro. Um líder do Exército Vermelho. Ele tinha uma missão: cumprir as ordens da sua Grande Sacerdotisa. Ele só tinha um desejo além disso: alimentar-se.

E, como essa estranha invocação havia despertado a ele e à pequena parte do seu exército no meio do seu sono profundo, a sua necessidade de se alimentar era intensa – tão intensa que até superava a sua confusão sobre onde e *quando* ele realmente estava.

Ele havia ordenado aos seus homens desarmados que escapassem da barreira de flechas e da espada mortal que o Filho de Erebus levantara contra eles – contra eles! Eles deveriam ser parte de uma facção rebelde. Como eles tinham capturado a Grande Sacerdotisa? Onde estava a Guarda Vermelha dela? E o mais importante, onde estava ela?

Dominick chacoalhou a cabeça. Procurar a Grande Sacerdotisa ficaria para mais tarde. Eles precisavam ficar a salvo. Eles precisavam encontrar armas. Mas, primeiro, eles precisavam se alimentar.

Agrupando-se embaixo da ponte arqueada coberta de neve, que ficava a leste da área onde eles haviam se materializado, Dominick fez uma pausa, tentando organizar os seus pensamentos. Estava difícil. Até mesmo ele – o líder do Exército Vermelho – tinha problemas para se concentrar quando a fome tomava conta dele.

– Comida! – rosnaram os poucos miseráveis do seu exército que estavam chegando mais perto dele.

– Quietos! – Dominick latiu para eles. Eles se encolheram para trás, bem cientes do que poderia acontecer se virassem o foco da

ira dele. – Esperem aqui – ele ordenou. Então ele saiu do esconderijo abaixo da ponte.

Os vampiros cujo círculo os havia atraído para lá já tinham ido embora.

Já os humanos não. Tolamente, eles estavam saindo dos carros para onde haviam fugido antes e voltando para o círculo ensanguentado.

Dominick assobiou uma vez. O som se misturou ao ar da neve. Ele viu os humanos fazerem uma pausa e olharem em volta nervosamente.

Mas eles eram humanos. A visão noturna deles era inadequada, mesmo se a escuridão não estivesse encoberta pela neve pesada que caía. Então eles logo continuaram a recolher os equipamentos que tinham deixado cair, alheios ao perigo que corriam.

Dominick ficou ali esperando até que as sombras se agitaram e a outra metade do seu grupo se juntou a ele. Eles se agruparam ao seu redor, sussurrando sua fome. Um deles se aproximou.

– General, onde estamos? O que aconteceu?

Dominick reconheceu o tenente imediatamente. O tenente Heff era o mais jovem novato vermelho a ser Marcado na história – e era também o mais jovem a passar pela Transformação. Com recém-completados dezesseis anos, ele era também um dos vampiros vermelhos que mantinha algum autocontrole sobre a fome que dominava a ampla maioria do Exército Vermelho.

– Nós atendemos ao chamado da Grande Sacerdotisa. Nós estamos em casa, mas não em casa. Nós temos que nos alimentar e chegar aos túneis. Reúna a nossa tropa. E fiquem atentos em relação à Grande Sacerdotisa. Acho que ela pode ter sido levada pelos rebeldes.

– A Grande Sacerdotisa? Você quer dizer aquela que fechou o círculo, prendendo-nos aqui?

– Não. Eu não reconheço aquela Sacerdotisa. Nós precisamos encontrar Neferet. Ela é a nossa única Grande Sacerdotisa.

– Será como o senhor ordena, General. Mas os soldados precisam se alimentar.

Dominick rosnou e deu um tapa com as costas da mão no seu tenente.

– Tenente Heff, nunca suponha que você precisa me contar sobre os meus homens! – Ele apontou para o grupo de humanos que estava a alguma distância. – Nós vamos nos alimentar lá. – Ele encarou a horda belicosa e sussurrante. – Em silêncio. E rapidamente. Alimentem-se dos humanos. Depois nós vamos escapar para os túneis, de onde nós vamos começar a procurar a nossa Grande Sacerdotisa. – *E vamos tentar descobrir onde diabos estamos*, ele acrescentou silenciosamente para si mesmo. – Tenente, você vigia a nossa retaguarda. Se os rebeldes retornarem, nós não temos nada além dos nossos dentes e das nossas mãos para nos protegermos.

– Os nossos dentes e as nossas mãos são mais fortes do que os deles – o tenente disse.

Dominick o estapeou de novo.

– Mas não são mais fortes do que flechas e espadas. Faça o que eu mando ou eu mesmo vou arrancar a sua cabeça do seu corpo.

O tenente Heff se encolheu.

– Sim, General.

– Sigam-me!

Dominick saiu em disparada do esconderijo embaixo da ponte rodeado por sombras escuras, e foi seguido de perto por aqueles

que haviam sido arrancados de seu sono e jogados neste mundo transformado com ele. Eles se moveram quase que completamente em silêncio. A neve os ajudou nisso, embora perseguir humanos fosse uma coisa simples. Os humanos tinham ouvidos, mas eles não os usavam para escutar. Assim como não usavam os seus olhos para enxergar na escuridão da noite.

Os vampiros e novatos vermelhos atacaram silenciosamente também.

Os humanos não eram silenciosos, mas os seus gritos não duraram muito.

Os homens de Dominick estavam tão esfomeados que começaram a se alimentar vorazmente, arrancando braços e pernas de corpos vivos apenas com as mãos. Eles não perceberam quando uma humana escapou. Ela conseguiu chegar até a van que estava estacionada ao lado da Rua Vinte e Um.

– Não a deixem ir embora! – Dominick rosnou enquanto rasgava nacos de carne de um corpo quente.

Cinco dos seus homens saíram correndo na direção da mulher. Ela deu partida na van e arrancou, enquanto os vampiros pularam sobre o teto. Eles quebraram a janela da motorista e a puxaram de trás da direção quando a van bateu de frente em um caminhão que tinha acabado de subir a ladeira para o alto da rua. Os dois veículos explodiram em chamas. O motorista do caminhão foi expelido pela janela da frente, o que foi uma sorte para os homens de Dominick. Ele acabou sendo mais um corpo de quem eles poderiam se alimentar.

Dominick se levantou e limpou o sangue da sua boca.

As luzes já estavam se acendendo nas casas que margeavam o Woodward Park. No mundo dele, os humanos sabiam o seu lugar.

Este não era o mundo dele.

Ele assobiou de novo. Instantaneamente, o seu pequeno exército se reagrupou.

– Já chega! Nós precisamos chegar aos túneis. Agora. Ficaremos agrupados desde que não sejamos atacados. Se vier um ataque, espalhem-se. Aqueles que forem fortes o bastante vão conseguir chegar aos túneis. Aqueles que não são fortes não deveriam estar no meu exército. Entendido?

Os seus homens sibilaram e assentiram enquanto terminavam de engolir o resto de carne humana. Dominick olhou para o grupo e encontrou o tenente.

– Heff, fique comigo. Mas, se nós formos atacados, leve o máximo de homens que conseguir para os túneis. Eu o nomeio o meu Substituto. Se eu cair, é você quem deve completar esta missão. Encontre a Grande Sacerdotisa. Ela nos chamou para cá. Como sempre, nós vivemos para atender aos desejos dela.

– Nós vivemos para atender aos desejos dela… – sussurrou a horda.

O tenente Heff assentiu solenemente.

– Sim, senhor.

– Encubram-se com as sombras. Vamos correr!



Heff

Kevin Heffer saiu correndo, apesar de a sua mente estar em turbilhão. Ele estava dormindo, assim como o resto dos soldados, e tinha sido despertado ao ser arrancado de sua cama e lançado em uma maré de sangue com os seus irmãos soldados nesta estranha

versão do Woodward Park. Mas não era por isso que a sua mente estava em turbilhão – isso era apenas estranho.

Era a Sacerdotisa. Aquela que tinha fechado o círculo. Ele a reconhecera. É claro que ele a reconhecera.

Mas como poderia ser ela? Ela estava morta!

– Tenente, acorde e preste atenção! Um dos soldados acabou de sair correndo atrás de uma mulher no beco. Traga-o de volta aqui! – o general ladrou, apontando para uma rua lateral escura.

– Sim, senhor! – Heff cumpriu as ordens que recebeu.

Ele correu para a rua e encontrou um dos soldados mais ferozes inclinado sobre uma mulher de meia-idade bem vestida. Ele já havia dado uma mordida no seu ombro, e ela estava gritando histericamente. Ele agarrou o vampiro vermelho e o empurrou para o lado.

– Você ouviu o general! Nós vamos para os túneis. Agora. Sem paradas.

O vampiro rangeu os dentes, mas se encolheu quando Heff levantou o punho, ameaçando bater nele até fazê-lo obedecer.

– Sssssim, ssenhor – ele sibilou.

– Vá! – Heff apontou para a parte de trás do grupo, e o soldado saiu correndo na direção deles. Heff então se virou para a mulher.

– Não! Afaste-se de mim! – ela gritou e tentou se levantar para sair correndo, mas escorregou no seu próprio sangue e caiu pesadamente na rua cheia de neve.

Heff encontrou o olhar dela e o prendeu com o seu.

– *Chega de gritos* – ele ordenou a ela, que obedeceu imediatamente.

– Chega de gritos – ela repetiu feito um robô.

Ele pensou em se alimentar dela. Ele não iria rasgá-la em pedaços, como aquele vampiro feroz teria feito. Heff não fazia isso. Ele nunca fez isso. E ela estava sob o seu controle mental, então ele poderia provar do seu sangue, só um pouco, e ela não reclamaria. Ele não iria nem machucá-la muito mais do que ela já estava ferida. Ele ainda estava com fome. Ele estava sempre com fome. Mas ele deu uma olhada para a coluna de soldados que já estava desaparecendo e saiu em disparada. *Vai haver mais comida mais tarde. Também vai ter tempo para eu tentar entender como a minha irmã pode estar viva…*



Zoey

BUM! A gente se encolheu automaticamente quando um barulho de explosão enorme ecoou através da noite.

– Ah, que merda! Era um transponder? – Shaunee perguntou.

– Parece que sim – Shaylin respondeu. – E nem tem gelo ainda.

– Droga, a neve *estava* bonita. Agora está tudo doido – Stevie Rae falou.

– É o tempo em Oklahoma – Aphrodite resmungou. – É um saco.

– Vai logo, Stark – eu disse, tentando espiar através do vidro com película escura do SUV. A neve estava caindo tão rápido que já tinha coberto o asfalto das ruas. E agora o vento havia se acentuado, deixando tudo branco e impossível de enxergar.

– Estou fazendo o que eu posso – Stark falou sem tirar os olhos da rua.

– Ele é um novato vermelho! Por que ele é um novato vermelho? – Damien estava virado totalmente para trás, encarando Jack, que ainda estava inconsciente, amarrado feito um cabrito e preso pelo

cinto de segurança entre Darius e Rephaim no banco de trás do novo Escalade da escola.

Aphrodite, Stevie Rae e eu estávamos nos assentos do meio. Stark estava dirigindo e Damien estava no banco do passageiro. Shaylin e Shaunee estavam esmagadas na parte de trás do carro, como se fossem compras de supermercado.

– Não tenho ideia – respondi para Damien. – Você não pode ir mais rápido? – perguntei a Stark.

Ele me deu aquele olhar pelo espelho retrovisor.

– Você reparou na neve? Estou fazendo o melhor que posso, mas a Utica já está péssima.

– Desculpe – eu disse. – É que eu nem consigo ver onde estamos. Hum, por causa da neve.

– Ele ainda está inconsciente. O que você fez a ele? – Damien perguntou pela enésima vez.

– Eu já te contei. Eu o atingi com um Taser – Aphrodite respondeu. – E ainda bem que eu fiz isso. Ou ele ia devorar um de nós ou ia morrer. De novo.

– Jack nunca machucaria nenhum de nós! – Damien insistiu.

– Querido. – Eu toquei no ombro dele com delicadeza. – Você tem que lembrar que este não é o seu Jack. O seu Jack está morto. Este Jack é como aquelas coisas que saíram da fonte de sangue da árvore. Eu sei que é duro. É claro que você está emocionado, mas…

– Ele me reconheceu. Ele ia atacar Darius, mas parou quando eu gritei o seu nome – Damien teimou. – E eu não estou sendo exageradamente emotivo.

Aphrodite bufou.

Damien a fuzilou com os olhos.

– E se fosse Darius? E se Darius tivesse sido assassinado no ano passado e de repente aparecesse do nada? Diferente, mas vivo? O que você faria? Ou melhor, o que você *não faria?*

Aphrodite sustentou o olhar de Damien.

– O meu coração iria se despedaçar. E eu não sei o que mais responder para você. Damien, nós só estamos tentando evitar que você se machuque, ou coisa pior.

– Não façam isso – Damien afirmou. – Eu não sou criança. Não preciso de proteção. Preciso de respostas e da confiança de vocês.

– Mas nós podemos confiar que você não vai se colocar em perigo? – eu falei com carinho. Como ele não respondeu, eu acrescentei: – Nós somos os seus melhores amigos. Nós te amamos. Nós também queremos Jack de volta. Mas nós não estamos tão emocionalmente envolvidos quanto você. Nós enxergamos com mais do que os nossos corações, e o que nós vemos é um garoto que é Jack e ao mesmo tempo não é. Você pode, por favor, acreditar que a gente não está te subestimando?

Os ombros de Damien desabaram, mas ele não tirou o olho de Jack.

– Eu entendo o que você está tentando dizer, Z. O que todo mundo está tentando dizer. A minha mente entende, mas o meu coração não. Nem um pouco.

– Deixe a gente te ajudar – Shaunee pediu.

– Pode contar com todos nós – Stevie Rae acrescentou.

– Ele está respirando bem – Rephaim disse. – Ele vai ficar bem quando acordar.

– Ele cheira mal – Darius observou.

– É o mesmo cheiro que eu tinha – Stevie Rae lembrou.

– Eu também tinha esse cheiro. – Stark olhou para Damien. – E você sabe o que isso significa.

Damien assentiu enfaticamente.

– Ele é um novato vermelho que não preservou toda a sua humanidade.

– Ou talvez ele não tenha preservado nenhuma humanidade – Stevie Rae argumentou. Quando Damien abriu a boca para rebater, ela levantou a mão e o cortou. – Eu entendo mais disso do que você. Stark também. Você tem que escutar a gente.

– Eu sei. Desculpe. Eu vou escutar vocês.

– Não precisa se desculpar – Stevie Rae disse afetuosamente. – Nós entendemos. Todo mundo entende.

– É por isso que ele *não* está morto – Aphrodite afirmou.

– Você o salvou por minha causa? – Os olhos de Damien derramaram lágrimas silenciosas, que escorreram pelas suas bochechas.

– Claro que sim – Aphrodite disse. – Stevie Rae e Stark acharam que a humanidade dele, talvez…

Jack despertou de repente e começou a se debater contra as amarras fortes que o mantinham bem preso, rosnando e sibilando.

– Jack! Jack, está tudo bem! Vai ficar tudo bem! Sou eu… Damien.

Jack voltou o seu olhar vermelho para Damien. Eu vi. Eu vi um relance de reconhecimento. Então ele contorceu o lábio.

– Morto! Você está morto! – A voz dele era bizarra. Era como um terrível irmão gêmeo sinistro do fofo e doce Jack.

Ficamos todos em silêncio com o choque.

Bem, todos menos Aphrodite.

– Quem é você? – ela perguntou.

Ele voltou o olhar para ela.

– Sacerdotisa?

– Bem, certo. Você pode me chamar de Sacerdotisa. Quem é você?

– Você me conhece. Eu sou Jack. Por que você cobriu a sua Marca? – As palavras dele eram curtas, duras, cortadas. Como se falar fosse um esforço muito grande. – Eu preciso comer! – Ele virou a cabeça, obviamente examinando o pescoço de Rephaim.

Aphrodite levantou o Taser.

– Hum, não. Você não vai comer ninguém. Nós vamos te dar um bom smoothie de sangue quando chegarmos em casa.

– O que você quis dizer quando falou em “morto”? – Encontrei a minha voz de novo. – Você estava falando de Damien?

Jack me encarou.

– Sim. E você também. Mortos.

– Cala a boca! – Stark falou rispidamente.

Os olhos de Jack voaram para Stark, que estava lutando contra a tempestade de neve.

– General?

Eu vi o reflexo alarmado de Stark no espelho retrovisor.

– O meu nome é Stark. Você me conhece?

– Todos nós o conhecemos, General. O senhor lidera o Exército Azul. Mas a sua Marca está errada. Por que está vermelha? – O olhar dele percorreu o interior do SUV. – Onde está a Grande Sacerdotisa?

– Bem, há várias aqui neste carro. – Stark habilmente evitou a pergunta de Jack sobre a sua Marca. – Qual Grande Sacerdotisa você está procurando?

– Neferet, é claro – ele respondeu.

– Merda – Aphrodite disse. Ela se virou totalmente no banco para poder encarar Jack. – Você quer dizer a Grande Sacerdotisa Neferet ou a Deusa Neferet?

Jack pareceu confuso.

– Só há uma Neferet. Ela é a nossa Grande Sacerdotisa. A nossa única Grande Sacerdotisa.

– Mas você me chamou de Grande Sacerdotisa.

– Não. Eu a chamei de Sacerdotisa – ele a corrigiu.

– Ok, então Neferet não é uma imortal? – eu perguntei.

Jack me encarou. Então, intencionalmente, ele apertou bem os lábios e parou de falar.

– Jack? – Damien falou gentilmente com ele. – O que foi? Por que você não responde a pergunta de Zoey?

Jack se recusou a olhar para Damien. Quando ele falou, a voz dele estava fria, sem emoção.

– Vocês são rebeldes.

– Nós somos rebeldes? Que tipo de rebeldes? – Damien quis saber.

Jack não respondeu.

Damien tentou de novo.

– Fale comigo, Jack. Por favor.

Jack levantou o rosto com relutância e o seu olhar encontrou Damien. Eu vi novamente. Vi o choque de reconhecimento passar pelos seus olhos vermelhos.

– Você está morto – ele repetiu teimosamente.

A garganta de Damien se mexeu quando ele engoliu várias vezes, claramente tentando se recompor. Finalmente, ele disse:

– Mas eu não estou. Você está me vendo. E me ouvindo. Eu estou vivo. E eu te amo.

Jack balançou a cabeça.

– Não o bastante para viver.

– O quê? Não entendo – Damien falou.

– O meu Damien se matou há seis meses e dois dias. Ele não me amava o bastante para viver por mim. Você não é o meu Damien.

Damien ofegou e colocou a mão no pescoço. Ele abriu e fechou a boca, mas as apalavras não saíram.

– Nós chegamos ao portão – Stark disse. – Que tal a gente colocar o nosso, ahn, hóspede em um dos quartos do porão embaixo do Ginásio? Eu posso instalar facilmente um cadeado em um dos quartos.

– Portão? Ginásio? – Jack olhou desesperadamente para fora da janela. – Não! Aqui não. Eu não pertenço a este lugar. Levem-me para os túneis. Eu pertenço aos túneis.

Um pressentimento horrível envolveu o meu estômago e o apertou.

– Você quer dizer os túneis embaixo da estação?

Como ele não falou nada, Stark gritou:

– Responda a ela!

– Sim. Os túneis da estação. Vocês todos conhecem. É onde o Exército Vermelho mora.

– Que grande merda! – Aphrodite exclamou. – Provavelmente o resto daquelas coisas fugiu para lá.

– Ah, que inferno! – eu disse. – O restaurante! – Não precisei conferir que horas eram. O Restaurante da Estação, dirigido pela Morada da Noite, ficava aberto a noite inteira, todas as noites. Ainda faltavam várias horas para o amanhecer, o que significava que ele ainda estava aberto e servindo os comensais tardios de Tulsa, junto com qualquer vampiro ou novato que quisesse se esbaldar com

uma gastronomia de primeira. Tentei ligar para lá. – Estou sem sinal! Alguém tem sinal?

Todo mundo checou os seus celulares freneticamente – estavam todos sem serviço.

– É a neve. Provavelmente ela derrubou a torre de telefonia celular do centro quando atingiu aquele transponder – Damien falou.

Stark parou derrapando ao lado da entrada do Ginásio.

– Vou achar um telefone fixo e ligar para o restaurante. Darius, reúna os Filhos de Erebus. Eu encontro vocês no porão. – Eu já estava fora do carro, correndo em meio à neve na altura da panturrilha, antes que Stark desligasse o motor do SUV.

Por favor, que ainda dê tempo… por favor, que ainda dê tempo…

13

Skye

– Deusa, era de se imaginar que esse tempo horrível manteria as pessoas em casa. Mas não. Por que estamos tão lotados? – disse a jovem garçonete, cujo crachá prateado tinha gravado o nome SKYE.

– Garota, que Kramisha não te ouça falando assim. Todo esse povo aqui é uma coisa boa. Mantém a gente ocupada, e isso também é bom. Eu não sei você, mas minha mãe e meu pai me deserdaram no mesmo segundo em que eles viram isto aqui. – A jovem garçonete apontou para o centro da sua testa, onde o contorno de uma lua crescente vermelha se destacava contra a sua pele clara. – A Morada da Noite nos dá casa e comida e tal, mas não muito dinheiro para gastar. As gorjetas são boas aqui. Pense bem na sua atitude.

Skye na verdade não repensou a sua atitude, mas sim no volume da sua voz.

– Desculpe, Xena. Acho que eu só preciso de uma noite de folga. Eu tenho uma prova importante amanhã de Feitiços e Rituais e não tive um segundo para estudar.

– Ei, deixe que eu fico com as suas duas últimas mesas até acabar aqui e descanse o resto do seu turno. Estou com a seção D esta noite – Xena se ofereceu.

Skye fez uma careta ao compreender.

– Essa é a pior seção de todas. Alguém precisa falar com Kramisha sobre isso. Essa coisa de mesa grande comunitária simplesmente não funciona em Tulsa.

– Né? – Zena concordou. – Aqui não tem nada a ver com Nova York ou algo assim.

– Ei, obrigada por ficar no meu lugar. Valeu mesmo.

– Sem problemas. Estou de olho em uma cama de um designer para o meu gato Pita,[21] então vou curtir as gorjetas extras.

– Obrigada de novo. Ahn, o seu gato é louco. Você sabe disso, certo? – Skye franziu a testa quando o telefone começou a tocar.

– Louca é a sua mãe – Xena gritou por sobre o ombro enquanto se dirigia à cozinha para conferir se os seus pedidos estavam prontos. – E atenda esse maldito telefone!

Ainda franzindo a testa, Skye pegou o gancho do aparelho, que era uma réplica de um antigo telefone de discar de bronze. Combinava totalmente com o resto da decoração do Restaurante da Estação, no estilo *art déco* de um clube clássico dos anos 1920 – assim como as garçonetes melindrosas e os garçons de smoking.

– Restaurante da Estação, pois não?

– Aqui é Zoey Redbird. Quem fala?

– Grande Sacerdotisa! – Skye automaticamente se empertigou. – Aqui é Skye Summers. A sua mesa está disponível. Podemos esperá-la…

– Kramisha está aí?

– Bem, não, senhora. Ou, sim, mas ela está em algum lugar lá embaixo no…

– Preste muita atenção no que vou falar. Faça exatamente o que eu vou dizer. Vá até a porta da frente. Tranque-a. AGORA. Depois

leve todos os clientes lá para baixo nos túneis. Feche a entrada para os túneis e coloque uma barreira na frente. Então fale para Kramisha me ligar.

– Mas, hum. Eles não terminaram de comer. E tem um monte de humanos aqui. Eles não vão querer descer para os túneis.

– Eu não estou nem aí para o que eles querem! Tem um exército de criaturas a caminho daí. Eles vão matar todo mundo que virem pela frente. Solte o telefone *agora* e feche aquela porta da frente. Depois leve todo mundo para os túneis e me ligue de volta no telefone fixo.

– Si-sim, Grande Sacerdotisa. – Trêmula, Skye largou o telefone e começou a ir na direção da grande porta dupla de vidro na entrada do restaurante.

Mas ela não conseguiu.

As portas se abriram com tudo. Em uma onda de neve e ar gelado, criaturas esfomeadas invadiram a estação. Skye viu as suas Marcas Vermelhas. Ela viu os seus olhos brilhantes e as suas presas reluzentes. Ela ouviu os gritos dos clientes do restaurante, que tentaram fugir de suas mesas, mas foram pegos em seguida quando a horda atacou a sala de refeições e começou a arrancar, rasgar e comer a carne dos humanos.

– Skye!

Ela ouviu o grito de Xena e tentou voltar por onde veio. Tentou chegar até a cozinha e ao alçapão que dava para os túneis abaixo.

Mas um demônio de olhos vermelhos bloqueou o seu caminho.

– Aaaah, delícccia – ele sibilou.

Skye gritou até que ele rasgou o seu pescoço e então, felizmente, ela não sabia de mais nada.

Zoey

– Ah, Deusa, não. Não, não, não, não, não! – Eu escutei tudo. – Corram! – eu gritei impotente para o telefone. – Vão para os túneis!

A linha ficou muda.

Pense, Zoey! Disquei com força os três números de emergência no telefone fixo: 911.

O sinal de ocupado soou como o prenúncio de uma tragédia.

– Sério? – gritei para o telefone.

As minhas mãos estavam tremendo tanto que foi difícil digitar o código de segurança no meu telefone. Ainda estava sem serviço. Fui até os meus contatos e achei o telefone fixo de Kramisha. A gente tinha instalado uma linha fixa nos túneis durante a reforma. Não importava o quanto a gente tentasse, nenhuma companhia de telefone celular conseguia um plano que oferecesse um serviço confiável lá embaixo.

O telefone tocou.

– Vamos lá, Kramisha!

E tocou. E tocou. Então a secretária eletrônica arcaica dela atendeu:

– Mensagens são um saco. Se você tem menos de quarenta anos, sei que também acha. Eu vi o seu número. Mas eu não tô aqui. Liga de novo.

– Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus! – Desliguei e procurei o número da mesa do Detetive Marx.

De algum jeito, consegui digitá-lo corretamente no telefone fixo. *Por favor… Por favor… detetives têm que trabalhar em horários estranhos. Por favor, esteja aí.* Ele atendeu no segundo toque.

– Marx, é Zoey. Só escute. Reúna um monte de policiais e vá até o Restaurante da Estação. Agora. Aconteceu uma coisa no

Woodward Park esta noite. Vampiros e novatos vermelhos de algum outro lugar conseguiram atravessar para o nosso mundo. Eles são assassinos. E eles estão na estação.

– Como nós vamos saber a diferença entre os vampiros vermelhos bons e maus?

– Se tiver um cheiro ruim, como algo morto misturado com o odor do porão velho e embolorado da sua avó, então é um cara do mal. Ah, e você tem que quebrar a espinha deles no meio para matá-los.

– Parece coisa de vampiros à moda antiga.

– É mais coisa de zumbis à moda antiga, mas você não está errado.

– Neferet está solta?

– Não que eu saiba.

– Foi ela que provocou isso?

– Nós não vimos nenhum sinal dela.

– A confusão na Rua Vinte e Um… na frente do Woodward Park… não foi um simples acidente de carro?

– Não. E tem mais. Olhem lá perto do muro em volta da gruta de Neferet. A coisa foi feia. Além disso, fique de olho em Frances LaFont.

– LaFont? O que ela tem a ver com isso?

– Bem, digamos apenas que ela foi encantadora como sempre e interrompeu um feitiço esta noite, o que soltou esses vampiros vermelhos meio zumbis em Tulsa. Ela escapou, mas não tenho ideia se ela conseguiu chegar em casa ou se uma criatura dessas a pegou.

– Anotado – ele disse.

– E estou enviando Guerreiros Filhos de Erebus até a estação para que eles ajudem no que puderem. Darius vai liderá-los, e são

todos vampiros azuis.

– Copiei.

– O tempo está muito ruim?

– Aparentemente, nós estamos sendo atingidos por uma grande tempestade de neve. A previsão era de apenas alguns metros de neve, mas algo mudou no padrão climático cerca de uma hora atrás. Vai ser grave. Fique em segurança. A gente se fala mais tarde.

– Obri… – Antes que eu terminasse, ele desligou.

Passei uma mão trêmula pela minha testa suada, inspirei profundamente, soltei o ar e tomei a decisão que pensei que iria manter segura a maior parte das pessoas sob minha proteção. Então eu apertei o botão do sistema de comunicação interna e falei com uma calma fingida.

– Estudantes e professores, aqui é a sua Grande Sacerdotisa. Acabei de falar com o Departamento de Polícia de Tulsa sobre o mau tempo, e eles aconselharam que todos fiquem fora das ruas. Por causa dessas inesperadas e traiçoeiras condições climáticas, estou cancelando as aulas imediatamente. Professores, por favor, cuidem para que os seus alunos voltem para os dormitórios o mais rápido possível e ajudem os seus estudantes humanos a ligar para os seus pais, usando linhas fixas, pois as torres de celular estão fora de serviço, para avisá-los de que a polícia nos aconselhou a não sair com os ônibus com as ruas assim, então os estudantes serão muito bem-vindos como nossos hóspedes na Morada da Noite até que o tempo melhore. Obrigada e que sejam todos abençoados.

Desliguei o botão do sistema de comunicação interna e comecei a cutucar minhas unhas. Será que eu tinha tomado a decisão certa, mantendo os estudantes humanos no campus? Mas e se eu não fizesse isso e eles dessem de cara com aquelas criaturas

vermelhas… Eu estremeci, nem querendo pensar nessa possibilidade.

– Zoey Passarinha, o que aconteceu?

Levantei os olhos e vi Vovó em pé na porta do escritório administrativo.

– Venha comigo, Vovó. Talvez você possa nos ajudar a entender o que houve.



Zoey

No porão embaixo do Ginásio, os Guerreiros Filhos de Erebus mantinham o seu enorme esconderijo de armas. Algumas eram simplesmente letais. Outras eram letais e com joias incrustadas. Eu tinha descoberto aquela sala preciosa cheia de espadas, facas, arcos e tudo o mais quando estávamos combatendo Neferet e precisávamos manter os novatos vermelhos a salvo em nosso porão. Durante o ano em que assumi o papel de Líder do novo Conselho Supremo Norte-Americano, eu fiz questão de que Darius – o atual Mestre da Espada dos Filhos de Erebus – supervisionasse a catalogação e a triagem de todo o armamento armazenado. Nós descobrimos que a Morada da Noite tinha uma fortuna em armas no seu subterrâneo, e começamos a emprestar algumas das mais antigas para os museus humanos. O Philbrook Museum estava atualmente exibindo uma maravilhosa coleção de espadas samurai que datavam de mais de mil anos.

Nós também limpamos e reorganizamos o porão, dividindo uma parte dele e construindo meia dúzia de quartos de hóspede aconchegantes para os novatos e vampiros vermelhos visitantes. Os vampiros comuns achavam o sol desconfortável, mas suportável.

Para os novatos e vampiros vermelhos, era impossível tolerá-lo. Se fossem expostos ao sol por tempo demais, eles se incineravam como um dos fabulosos vampiros ficcionais de Anne Rice. Era por isso que eles descansavam mais confortavelmente no subsolo.

Vovó e eu descemos correndo as escadas que davam no enorme porão que tinha a mesma extensão do Ginásio. Naquela hora, toda a sua amplitude estava lotada de Guerreiros Filhos de Erebus muito grandes e bem armados.

Darius e Stark se aproximaram de mim imediatamente. Darius ergueu a mão e os murmúrios dos Guerreiros silenciaram.

– Vão para o Restaurante da Estação. É tarde demais. Eles já atacaram. Ninguém atende ao telefone fixo de Kramisha nos túneis. O 911 estava ocupado, então eu liguei para a mesa do Detetive Marx. Ele está enviando policiais para lá, mas, pelo que escutei quando liguei para o restaurante, eles vão encontrar algo tão terrível… – Engoli para conseguir continuar. – Algo tão terrível quanto o que aconteceu quando Neferet e as suas gavinhas massacraram as pessoas na igreja da Avenida Boston.

– Vão achar que a culpa é nossa. – Stark parecia tenso e sombrio.

– Vai ser difícil nos culparem quando descobrirem que aqueles zumbis mataram gente nossa também – eu afirmei.

Aphrodite atravessou a aglomeração para ficar ao lado de Darius.

– Você quer dizer que o pessoal que servia as mesas no restaurante está… – Ela perdeu as palavras.

Eu assenti com pesar.

– Parece que sim.

– E Kramisha e o resto dos novatos e vampiros vermelhos que vivem nos túneis? – Aphrodite quis saber.

– Eu não sei. Tentei avisá-los. Eu simplesmente não sei.

– Então a gente precisa se mexer. E logo – Darius afirmou. – Filhos de Erebus, aqueles que eu já escolhi vão comigo até a estação. O resto fica aqui sob as ordens de Stark. Protejam a escola. Nós ainda não sabemos com o que estamos lidando, mas sabemos que eles conhecem a nossa cidade e que a única maneira de detê-los é cortando a espinha deles ao meio. Arranquem as suas cabeças.

– E nós vamos saber logo com o que estamos lidando. Nós temos um deles aqui. Vamos obter respostas – Stark disse soturnamente.

– Mas vocês não vão ter como saber, a menos que os celulares voltem a funcionar – eu acrescentei. – Portanto, tenham cuidado.

– Isto vai parecer estranho, mas não deixem que eles mordam vocês – Aphrodite falou.

– O que você sabe? – eu perguntei.

– Nada certo. Ainda. Mas o meu instinto está me dizendo algo, e eu sei o que enxerguei na minha visão. Uma maré vermelha cobriu Tulsa, e simplesmente não foram tantos deles que vieram para cá através daquela coisa no parque. Eu juntei dois mais dois. Não deixem que eles mordam vocês. Ponto final.

– É melhor prevenir. – Levantei as mãos e os Filhos de Erebus abaixaram suas cabeças. – Que as bênçãos de Nyx os encham de força, coragem e sabedoria. E que vocês voltem em segurança para agradecer à nossa Deusa. Abençoados sejam.

– Abençoados sejam – os Guerreiros repetiram.

Eu segurei Darius antes que ele seguisse os seus Guerreiros para fora do porão e o abracei.

– Cuide-se. Ninguém vai aguentar Aphrodite se você não estiver aqui.

– Eu vou me cuidar, Grande Sacerdotisa – ele prometeu.

Então de repente Aphrodite estava nos braços dele. Ela o beijou profundamente. Depois tirou do pescoço o lindo lenço azul, preto e branco da Burberry que ela estava usando e o enrolou no alto do bíceps dele, amarrando firme.

– Minha bela? Você acha que o meu braço vai ficar com frio?

O sorriso dela estava trêmulo.

– Não, e o lenço é de seda, então não é exatamente quente. Você é o meu Guerreiro. O meu cavaleiro. Mestre da Espada dos Filhos de Erebus. É justo que você leve uma prenda da sua Profetisa para o campo de batalha.

– Suponho que você espera que eu traga o lenço de volta sem nenhum dano e nenhuma mancha?

– Você supôs corretamente. E a única mancha que eu vou tolerar é o sangue de *outras pessoas.* Não o seu. Eu vou saber a diferença. – Ela o beijou de novo, e ele seguiu os seus Guerreiros escada acima.

– Acho que a gente deve colocar vigias em volta de todo o muro – Stark sugeriu.

– Eu concordo – eu disse.

– *U-we-tsi-a-ge-ya*, você não me contou que conseguiu que a cidade designasse a Morada da Noite como um abrigo para tempestades? – Vovó perguntou.

– Sim. Droga! – Percebi as implicações do que Vovó havia dito. – Se a neve está tão forte que derrubou o serviço do celular, é só questão de tempo até ficarmos sem energia também. Como os nossos lampiões e o nosso aquecimento a gás não vão ser

afetados, os humanos da vizinhança podem começar a aparecer por aqui. Não os confundam com aqueles vampiros zumbis vermelhos.

– Bem lembrado – Stark falou. – Obrigado por mencionar isso, Vovó Redbird.

– E eu preciso de alguém para ficar ao telefone no escritório administrativo – eu afirmei. – Para continuar ligando para o telefone fixo de Kramisha. A gente precisa saber o que está acontecendo lá embaixo.

– Nicole e eu podemos fazer isso – Shaylin se ofereceu.

Eu sorri agradecida para ela, enquanto ela saía apressada do porão.

– Guerreiros, dividam-se em turnos de acordo com o seu pelotão – Stark estava orientando os Filhos de Erebus. – Primeiro Pelotão, comece a patrulha imediatamente. Segundo Pelotão, renda-os ao amanhecer. Eu vou atualizar vocês sobre o que descobrirmos sobre essas criaturas o mais breve possível.

Os Guerreiros o saudaram, curvaram-se para mim e subiram a escada em fila.

Nós estávamos enfrentando algo desconhecido, assustador e perigoso, mas eu me sentia segura sabendo que os nossos Guerreiros estavam de guarda. E eu sabia que – não importava o quanto as coisas lá fora estivessem terríveis – Darius iria trazer os seus Guerreiros de volta.

Eu estava sendo ingênua? Eu esperava que não. Esperava estar sendo uma Grande Sacerdotisa que bota fé nos seus Guerreiros.

– Conte-me o que aconteceu, Zoey Passarinha – Vovó me pediu.

– É mais fácil te mostrar. Onde ele está? – eu perguntei a Stark.

– Nós o colocamos no último quarto. Era o menor, e tem uma porta de aço com cadeado. – Ele indicou com o queixo a direção do

canto mais distante do porão.

Agora que o grupo de Guerreiros havia partido, eu consegui ver que Damien estava sentado em uma cadeira bem na frente da porta trancada do pequeno quarto de hóspedes. Rephaim e Shaunee estavam em pé, um de cada lado de Damien.

– Ok, é a hora das respostas – eu disse. – Como você está levando? – falei para Damien quando me aproximei dele.

Ele levantou a cabeça e vi seus olhos atormentados, com olheiras escuras e inchadas. O rosto dele estava magro demais. A sua pele, muito pálida. Ele estava péssimo.

– Ele está vivo. Isso é tudo que eu realmente fui capaz de absorver.

Eu assenti.

– Não posso dizer que eu entendo como você se sente, mas posso imaginar como seria se Heath ou até mesmo Aurox de repente aparecessem aqui, vivos, mas não exatamente como eles mesmos. Seria difícil. Bem difícil. Como eu posso te ajudar a passar por isso?

– Todos nós – Aphrodite, que estava ao meu lado, acrescentou. – O que todos nós podemos fazer para te ajudar?

Damien enxugou os olhos e tentou sorrir.

– Apenas fiquem aqui comigo. Eu… eu acho que não devo ficar sozinho agora. Então, mesmo se eu pedir para vocês irem embora, por favor, não vão.

– Ah, meu amigo, você definitivamente pode contar conosco para sermos super enxeridos e nos intrometermos na sua vida – Shaunee prometeu.

– É isso aí – Stevie Rae concordou. – Afe, eu nem preciso de desculpa para me intrometer na sua vida. Eu gosto disso. Eu sou

naturalmente enxerida.

– Infelizmente, isso é a mais absoluta verdade – Aphrodite falou. – Mas você pode contar com a gente. Nós somos a Horda Nerd. As merdas não conseguem nos separar.

– Um por todos… e todos pelos nerds! – Stevie Rae gritou.

– O-obrigado – Damien agradeceu, enxugando mais lágrimas do seu rosto. – Ok, eu estou pronto para o que for.

– E eu não estou entendendo – Vovó disse.

– Fique atrás de Stark – eu orientei Vovó. – Nós vamos abrir esta porta. Jack está lá dentro. Mas ele não é o *nosso* Jack.

A expressão alarmada de Vovó se acalmou rapidamente. Ela foi até Damien e gentilmente tocou o ombro dele.

– Eu entendo. E eu também estou aqui ao seu lado, meu filho.

Damien apertou a mão dela.

– Obrigado, Vovó. Isso ajuda muito.

– Lembrem-se, tenham cuidado – eu afirmei. – É duro, mas a gente não conhece esse garoto de verdade… e ele é um tipo diferente de novato vermelho.

– Um tipo zumbi – Aphrodite completou.

– Não! Eu não acredito… – Damien começou, mas a minha mão erguida o deteve.

– Damien, nós não sabemos o que ele é. Mas nós sabemos que vamos manter você e o resto de nós em segurança. Não fique na defensiva. Lembre-se de que estamos todos do seu lado e nós também queremos estar do lado de Jack. A gente só não sabe de que lado ele está.

Damien assentiu, arrasado.

Vovó pousou a sua mão no ombro dele.

– Eu vou estar com você, meu filho.

– Vamos lá. – Stark abriu a porta.

O Outro Jack se sobressaltou e rosnou para nós. Mas percebi que os olhos dele não estavam vermelhos, e ele parou de rosnar quando nenhum de nós tentou entrar no quarto. Ele estava sentado na beirada de uma cama *queen size* muito confortável, agarrando um copo alto vazio. O meu incrível olfato me disse que Aphrodite tinha providenciado um smoothie de sangue para ele assim que chegou.

– Oi, Jack – eu comecei. – Quer mais um pouco disso aí?

– Sim.

– Eu vou buscar mais – Shaunee se ofereceu e saiu apressada.

– Nós precisamos conversar – eu continuei. – É importante.

– Eu não tenho nada a dizer para rebeldes.

– Nós não somos rebeldes – Stark disse.

– Eu não sei o que está acontecendo com o senhor, General. Mas o senhor não é um vampiro vermelho. O senhor é o braço direito de Neferet, líder do Exército Azul. – Ele fez um gesto rápido indicando as tatuagens vermelhas de vampiro adulto de Stark, que eram em forma de flechas.

– Ok, é o seguinte. – Stark pegou uma das cadeiras do lado de fora do quarto, virou-a de costas e sentou-se displicentemente, como se conversar com o novato vermelho morto/zumbi Jack fosse uma coisa corriqueira. – Aconteceu algo no Woodward Park. Nós não sabemos por quê. Nós não sabemos como. O que nós sabemos é que você não é daqui, porque o Jack que fazia parte deste mundo morreu há vários meses.

– Como? – A voz de Jack estava fraca. Ele alternava o foco do seu olhar rapidamente entre mim e Stark.

– Vamos deixar essa parte para mais tarde – eu falei.

– Não. – Damien se levantou da sua cadeira e foi até a porta perto de nós. – Não. Nós vamos contar a verdade para ele. Toda a verdade. Se a gente não contar, como podemos esperar que ele confie em nós?

– O que Damien disse faz sentido, *u-we-tsi-a-ge-ya* – Vovó concordou.

– Ok, mas só o básico por enquanto. Estamos em uma hora crítica – eu disse. – Jack, a sua morte foi arranjada para parecer um acidente, mas nós temos certeza de que Neferet o matou, ou pelo menos provocou a sua morte.

– Mas como? – ele perguntou, soando tão parecido com o *nosso* Jack que senti um aperto no coração.

– Foi uma espada – Damien contou. – Você caiu de uma escada portátil em cima de uma espada.

– O que eu estava fazendo em cima de uma escada portátil?

– Fazendo uma decoração – Damien respondeu.

– Ah. Faz sentido – Jack falou.

Eu quase sorri.

– Hum, Jack, de onde você é?

Ele pareceu surpreso.

– De Tulsa.

Eu pensei melhor e mudei minha pergunta.

– De *quando* você é? Em que ano estamos?

– 2017. Bem, já é quase 2018.

Eu suspirei e resmunguei:

– Isso não ajudou nada.

– Que tal isto? Você é obviamente um novato vermelho – Stark começou.

Jack assentiu.

– E aqueles outros que vieram para cá com você e saíram no Woodward Park… a maioria é de vampiros vermelhos, certo?

– Sim.

– Mas eles não são… você não é… como os novatos ou vampiros vermelhos a que nós estamos acostumados – Stark continuou. – Então, o que você é?

– Eu não entendi a pergunta.

– Olhe para Stark. Ele é um vampiro vermelho. Do tipo a que a gente está acostumado. – Aphrodite se aproximou para que Jack pudesse vê-la. – Olhe *bem* para ele. E sinta o cheiro dele.

Jack realmente fez o que ela pediu. Ele até farejou o ar na direção dele.

– Ele é como os vampiros azuis.

– Mas eu não sou. Eu sou um vampiro vermelho.

– A sua mordida Marca os outros como vermelhos? Eles se levantam de novo? – Jack perguntou.

Houve uma longa pausa e então Stark disse:

– Você vai ter que explicar melhor essa pergunta.

– Não.

Eu suspirei.

– A gente não tem tempo para isso.

– Jack, você disse que no seu mundo está acontecendo uma guerra? – Damien perguntou.

– Você sabe que sim – Jack respondeu sem olhar para Damien.

– E a Morada da Noite de Tulsa, o que ela é? – ele questionou Jack.

Então Jack olhou para Damien. Ele encolheu os ombros.

– Acho que não há mal nenhum em responder isso. Todo mundo sabe. A Morada da Noite de Tulsa é o forte de Neferet para o seu

Exército Azul. Assim como os túneis da estação de Tulsa são o forte para o seu Exército Vermelho.

– Então, basicamente, esta Morada da Noite é uma fortaleza de Neferet – eu disse.

– Sim.

– E você esteve aqui hoje mais cedo? – eu continuei, entendendo onde Damien estava querendo chegar.

– Sim. Eu passei pela Morada da Noite esta noite mais cedo. Depois eu voltei para os túneis um pouco antes de o sol nascer. Era onde eu estava quando nós fomos puxados para o Woodward Park.

– Ok, então. Venha comigo. Quero que você veja a nossa Morada da Noite. Se for igual à sua, daí você vai saber que está certo. Nós somos rebeldes ou o que for e nós o capturamos, mesmo que eu não tenha a menor ideia de por que faríamos isso. Se não for nada parecida com a sua Morada da Noite, bem, então eu espero que você saiba que pode confiar na gente – eu falei.

– Está bem. – Ele se levantou. – Eu vou com vocês.

– Amarrem as mãos dele – Aphrodite disse.

Damien começou a dizer algo, mas Stevie Rae o interrompeu.

– Ela está certa, Damien. Eu já passei pelo que imagino que Jack está passando, e a única coisa que eu posso garantir é que não é seguro confiar nele.

– Como vocês esperam que eu confie em vocês, se vocês não confiam em mim? – Jack perguntou.

Aphrodite entrou no quarto de Jack e deu alguns passos. A reação de Jack foi instantânea. Os seus olhos começaram a brilhar e ele realmente começou a salivar. Ele se agachou, e o seu corpo assumiu uma posição de predador pronto para dar o bote. Stark

começou a se mover, mas Aphrodite levantou o Taser e o apontou para Jack.

– Não me faça te dar um choque. De novo. E olhe para si mesmo. Você está babando e rosnando como um animal para mim. Diga por quê.

Ele não falou nada, então ela bateu o pé no chão e levantou um pouco mais o Taser.

– É o seu sangue! O cheiro é tão doccccccce – ele sibilou a última palavra.

– Provei o meu ponto – Aphrodite afirmou. – Mantenham as mãos dele amarradas e fiquem longe das suas presas. – Ela se virou para Damien. – Sabe a visão que eu tive, em que eu pensei que estava vendo a sua morte pelas mãos dele?

Damien assentiu.

– Descobri esta noite que eu entendi mal. Ele não devorou você. Ele devorou a pessoa que estava substituindo você hoje. Ele me devorou. E, se eu não estivesse prevenida o bastante para levar isto – ela ergueu o Taser de novo –, hoje ele teria sido morto ou teria devorado um de nós de verdade. Eu sei que isso é difícil para você, mas você tem que dar um jeito de lidar com a sua merda, Damien. Este não é o seu Jack.

O olhar de Damien rapidamente se voltou para o Outro Jack, que o encarou de volta com olhos incandescentes cor de ferrugem.

– Eu entendo o que você quer dizer – Damien falou. – E eu concordo. Amarrem as mãos dele.

Enquanto Stark amarrava as mãos de Jack, Vovó se aproximou de mim e falou em voz baixa no meu ouvido:

– *U-we-tsi-a-ge-ya*, eu tenho uma ideia. Você se importa se eu for para o meu quarto trabalhar nisso?

Uma das primeiras coisas que eu tinha feito depois de virar a responsável pela Morada da Noite de Tulsa foi transformar uma ala dos dormitórios dos estudantes em quartos de hóspedes para familiares, e um desses quartos eu dei para Vovó – permanentemente.

– Claro, Vovó. Sem problemas.

Ela me deu um beijo na bochecha e saiu apressada. Eu encarei o Outro Jack, desejando que eu tivesse um plano melhor – ou qualquer plano – para fazê-lo falar.

Então percebi que eu estava complicando demais as coisas. Na dúvida, fique com a verdade, e foi exatamente isso o que eu fiz.

Em inglês, “pita” é a sigla da gíria “pain in the ass” (algo como “pé no saco”). (N.T.)

14

Zoey

– Primeiro, antes de a gente ir lá para cima, quero que você dê uma olhada em volta – eu falei para Jack. Stark havia amarrado as mãos dele atrás das suas costas e estava segurando firme a ponta da corda que ele usara. Eu fiz uma pausa diante da escada e me virei, apontando para o porão impecável e para os confortáveis quartos de hóspedes. – A sua Morada da Noite tem tudo isso?

Jack olhou ao seu redor e deu de ombros.

– Eu não saberia dizer. Nunca estive aqui embaixo. Eu nem sabia que tinha um porão embaixo do Ginásio.

– Bem, isso não é estranho. A gente também não sabia até o ano passado – Damien disse.

– Eu concordo, mas estou querendo provar o meu ponto de vista. Lembre-se disso, Jack. Esta vai ser a primeira de um monte de diferenças.

Ele assentiu levemente. Nós subimos as escadas e viramos na direção do corredor que conectava o Centro Equestre e o Ginásio ao edifício principal da Morada da Noite.

– Esperem aí. – O corredor estava deserto, mas, quando espiei o belo pátio da escola pela janela, percebi que os estudantes ainda estavam se encaminhando para os dormitórios. E eles estavam se

encaminhando bem devagar, fazendo brincadeirinhas, deitando-se na neve e abrindo os braços e pernas para fazer anjos de neve, enquanto eles se moviam na direção aproximada dos dormitórios. – Stark, dê o seu casaco com capuz para Jack. – Ele franziu a testa para mim. – Você quer que alguém o reconheça? Nós não temos tempo para responder perguntas agora e não precisamos de um monte de fofoca rolando na escola.

Stark suspirou, mas rapidamente desatou as mãos de Jack, tirou o seu casaco e o arremessou para Jack, que o vestiu.

– Coloque o capuz e cubra o seu rosto o máximo possível – eu o instruí, e ele obedeceu sem reclamar. – Ok, aonde você quer ir, Jack?

Jack pareceu surpreso.

– Não quero que depois você diga que só viu o que a gente queria que você visse, ou qualquer outra besteira do tipo. Então, aonde você quer ir?

– Onde eu estava poucas horas atrás. No auditório. Neferet discursou para o Exército Vermelho. Eu estou só começando o meu treinamento para Guerreiro, mas eles me deixaram assistir ao discurso dela antes de ir para a minha aula de esgrima no Ginásio.

– O nosso Ginásio parece igual? – eu perguntei.

Ao mesmo tempo, Damien disse:

– Treinamento para Guerreiro? Você?

Jack olhou para Damien de um jeito que para mim foi difícil definir. Achei que ele pareceu triste e até um pouco assustado. E pareceu muito que ele queria dizer algo para Damien, mas a expressão dele ficou indiferente e sem emoção, assim como a sua voz.

– Sim, eu estou fazendo o treinamento para Guerreiro como os outros novatos vermelhos. E acho que o Ginásio está bem igual, mas no meu as coisas ficam lá em cima.

– Que coisas? – Stark o questionou.

– As armas. Elas normalmente ficam penduradas em todas as paredes do Ginásio. Mas agora elas estão lá embaixo no porão.

– Vamos para o auditório – eu falei.

Começamos a caminhar em silêncio. Eu podia sentir Damien encarando Jack. Eu sabia que ele não conseguia evitar, e senti uma dor no coração por ele. O que eu faria se Heath de repente aparecesse?

Nós já estávamos na metade do caminho para o auditório quando Jack parou. Ele olhou pela janela do corredor na direção do pátio, onde estudantes novatos e humanos continuavam brincando na neve, enquanto os gatos da Morada da Noite faziam travessuras perto deles. Tipo, eles estavam se entrelaçando nas pernas deles, fazendo os novatos tropeçarem. Eu vi Malévola uivar para uma garota como se alguém tivesse pisado com força no seu rabo gordo e felpudo e o quebrado em mil pedaços. A insuspeita novata deu um grito e um passo abrupto para trás, caindo de bunda no chão, enquanto Malévola ficou se limpando presunçosamente. (Eu suspirei internamente, tomando uma nota mental para voltar ao sistema de comunicação interna e dizer aos novatos para irem para os dormitórios e *levarem os gatos com eles.*)

– Se vocês têm humanos para usar como geladeira, por que eu tenho que beber sangue velho em um vidro? – A voz de Jack era dura, quase malvada, o que soava super estranho vindo dele.

– Nunca mais os chame de geladeiras – eu afirmei e olhei para Aphrodite, sabendo que ela continuaria dali em diante. Não há nada

melhor do que a justa indignação de alguém que cometeu erros e aprendeu com eles.

– Eles são estudantes, *pessoas*, e eles têm aulas aqui – Aphrodite disse. – Nós *nunca* os chamamos de geladeiras.

– E nós *nunca* deixamos novatos ou vampiros, não importa de que cor, alimentarem-se deles. Essa coisa parou quando Zoey assumiu – Stevie Rae completou.

– É isso mesmo, veja se desenvolve alguma compaixão aí e se liga, Outro Jack – Aphrodite concluiu.

O Outro Jack estava olhando incrédulo para o grupo misturado de adolescentes novatos e humanos enrolando bolas de neve para fazer algo gigante, que podia ser um dragão ou um cachorro. Ou talvez um gato com um focinho grande.

– Adolescentes humanos podem assistir a algumas aulas na Morada da Noite de Tulsa – eu expliquei. – Nós estamos trabalhando principalmente com os departamentos de artes de escolas como a Tulsa Public, Broken Arrow, Unions e Jenks. Isso só está funcionando há um semestre, mas as aulas já estão lotadas para o próximo ano, e a Bixby e a Coweta demonstraram interesse em participar do programa.

– E nós estamos expandindo o nosso programa com os humanos para todo o país – Stevie Rae continuou. – Ajuda muito nas nossas relações públicas. Quero dizer, o preconceito se alimenta da ignorância e do medo. Se a única interação que os humanos têm com os vampiros é no cinema ou quando eles compram um trabalho artístico nosso, bem, isso não contribui muito para a troca de ideias ou a compreensão, certo?

Jack tinha deixado de olhar embasbacado para os garotos do lado de fora e passou a encarar Stevie Rae.

– Você está me dizendo que os humanos são livres aqui?

– Ahn, sim. É exatamente o que eu estou dizendo, mas não sei por que eu preciso te contar isso. É uma coisa normal. Afe – ela falou. – Diga para ele, Rephaim.

– Eu nunca tinha ouvido alguém usar a palavra geladeira para um humano – Rephaim disse. – Isso é bem errado.

– Quem é você? – Jack perguntou.

– Ele é Rephaim. Ele e o nosso Jack eram amigos – Stevie Rae lembrou.

– Antes ele era um *Raven Mocker.* Ele ainda se transforma em um pássaro do amanhecer ao pôr do sol – Aphrodite explicou. Jack fez uma expressão assustada e ela abriu o sorriso. – Essa foi exatamente a minha reação ao Menino-Pássaro.

– Nada disso é normal – Jack afirmou.

– Tudo isso é normal – Damien disse suavemente, e eu me perguntei como uma voz tão doce e triste podia ser tão pungente. – Quem não é normal é você, Outro Jack.

Jack balançou a cabeça levemente e fechou a boca.

– Pronto para continuar? – eu perguntei.

Ele assentiu. Nós seguimos pelo corredor, e Jack continuou a olhar perplexo para os garotos brincando juntos na neve. A minha mente estava a mil, pensando no que ele tinha revelado. Os humanos não eram livres no lugar de onde ele tinha vindo. E Neferet controlava dois exércitos. Isso não parecia nada bom.

O corredor terminava na entrada do prédio principal da Morada da Noite, com os escritórios administrativos de um lado e várias entradas para o auditório do outro.

– Esperem um pouco. – Eu abri a porta do escritório e coloquei a cabeça para dentro. – Ninguém atendeu ainda? – perguntei para

Nicole e Shaylin.

– Não, sinto muito – Shaylin respondeu.

– Continuem tentando. – Eu me juntei de novo ao meu grupo. – Ok, vamos para o auditório. – Eu abri a porta e me afastei para o lado, abrindo passagem. – Você e Stark primeiro.

Jack entrou decidido no auditório, como se ele soubesse o que esperar – e parou como se tivesse dado de cara num muro. Ele ficou boquiaberto, com uma expressão ainda mais chocada do que a que ele fez quando encarou os garotos humanos. Damien ia dar um passo para a frente, mas eu levantei a mão em silêncio, detendo-o. Jack precisava descobrir a verdade por si próprio. Esse era o único jeito de a gente ter uma chance de conseguir a informação que precisávamos dele.

Finalmente, Jack se virou para mim.

– Esses retratos. De onde eles vieram?

Olhei para o auditório pouco iluminado. Eu sabia do que ele estava falando. Havia enormes pinturas a óleo originais forrando as paredes, retratando famosos vampiros e vampiras atores, atrizes, cantores e cantoras que eram de Oklahoma, como Brad Pitt, Alfre Woodard, Blake Shelton, Megan Mullally e Kristin Chenoweth, só para citar alguns. Veja só, as pessoas realmente não percebem que Oklahoma parece produzir talentos. É verdade que um monte de gente depois vai embora daqui. Mas mesmo assim. Talento. É um grave engano subestimar qualquer pessoa de Oklahoma.

– Os quadros foram encomendados pela escola. Eles não foram feitos por um único artista. A estrela pode escolher o seu pintor favorito. Não conte para Erik, mas, se ele ganhar o Globo de Ouro ao qual foi indicado, o Conselho vai votar para que ele seja o nosso próximo retratado.

– Eu vou até ali. – Jack foi direto até o quadro mais próximo.

Era um retrato antigo de Blake Shelton, encomendado em 2011, quando o seu álbum *Red River Blue* ganhou o disco de platina. (Eu só sei disso porque havia datas em placas abaixo dos quadros – não sou especialista em música country. Isso é coisa de Stevie Rae.)

Fiquei ali parada, pensando em como eu amava um dos clássicos de Blake, “Honey Bee”, apesar de eu ser mais o tipo de garota que curte Zayn, quando Jack levantou suas mãos atadas, segurou a parte de baixo da moldura dourada ornamentada e tentou tirar o quadro da parede.

– Ei! Ele está tentando arrancar o quadro de Blake! – Stevie Rae gritou.

– Que diabo você está fazendo? – Stark empurrou Jack, afastando-o da pintura.

– Os quadros estão aparafusados na parede – Jack disse.

– Hum, sim. Como sempre estiveram. – Stevie Rae avançou até o retrato e o examinou para se certificar de que Jack não o havia danificado.

– E aquelas luzes tipo de museu também estão aparafusadas acima dos quadros, caso você queria pegar uma escada para conferir – eu falei.

– Mas você não tem muita sorte com escadas – Aphrodite lembrou. – Se eu fosse você, pularia essa parte.

– Aphrodite! – Damien arfou.

– O que foi? É verdade. E não foi este Jack que caiu da escada. Esse é o Outro Jack, não o Jack *Jack.* Isso realmente tem que estar claro para você, Damien.

O Outro Jack voltou devagar para perto de nós, que ainda estávamos na porta. Ele estava pensando com tanta intensidade que eu praticamente podia ver a fumaça saindo da sua cabeça.

– Esses retratos não podem ter sido tirados do lugar e colocados de volta em poucas horas – ele concluiu.

– Não – eu concordei. – É assim que o auditório, o *nosso* auditório, é. Imagino que ele seja diferente daquele em que você estava há apenas algumas horas, não é?

Jack abriu a boca para responder, mas não saiu nenhuma palavra. Ele estava olhando por cima do meu ombro, de boca aberta. O seu rosto, que já era pálido, perdeu o resto de cor que ainda tinha.

– Zoey… aí está você. Preciso saber o que aconteceu no Woodward Park. E o que está havendo no restaurante? Travis e eu tentamos alterar as nossas reservas, mas…

– Lenobia! Você está viva! – Jack tentou correr até ela, mas Stark segurou firme na corda que mantinha as suas mãos amarradas na frente do seu corpo.

Lenobia arregalou os seus belos olhos cinza.

– Jack? Minha Deusa! É você mesmo?

– Não vamos conversar aqui fora – eu disse. – Vamos entrar no auditório e fechar a porta.

Todos nós entramos em fila, Lenobia ainda olhando estupefata para Jack. Assim que a porta foi bem fechada, as palavras do Outro Jack jorraram.

– Mas eles a mataram! Eu vi. Você e Travis. E os seus cavalos. – O Outro Jack teve que fazer uma pausa e desviar o olhar de Lenobia para se recompor. Mas era como se ele não conseguisse parar de olhar para ela, porque ele em seguida se virou na sua

direção. – Eu não a dedurei. Eu juro. Você era a minha professora favorita. Eu nunca a delataria.

Lenobia ainda estava encarando o Outro Jack, mas ela falou comigo.

– Zoey, quem é ele, por que ele cheira tão mal e de que diabos ele está falando?

– Lembra da visão de Aphrodite?

– Claro que sim.

– Bem, ela não era metafórica. Este é o Outro Jack. Ele veio através daquela coisa parecida com uma fonte de sangue. Junto com uma horda de vampiros vermelhos realmente perigosos e assustadores. Todos têm esse cheiro ruim, como Stevie Rae e os outros novatos vermelhos tinham antes de Aphrodite sacrificar a sua humanidade por eles. Você não está conseguindo falar com o restaurante da Estação porque eles o atacaram. Aphrodite atingiu o Outro Jack com um Taser. É por isso que ele está aqui. Nós estamos tentando convencê-lo de que ele não está no mesmo mundo em que estava hoje mais cedo. Um mundo onde Neferet é a Grande Sacerdotisa e lidera dois exércitos vampiros, um vermelho e outro azul. E, aparentemente, os humanos são usados como geladeiras nesse mundo. Pronto. Você já está bem atualizada.

– Vocês fazem parte do grupo dos rebeldes – Jack repetiu, parecendo um pouco menos em estado de choque do que ele ficou na hora em que Lenobia apareceu. – E… e Persephone ainda está viva?

– Hum, sim – eu respondi. – Eu a montei ontem.

Ele murchou, desabando em uma das cadeiras estofadas de veludo de teatro.

– Eu estou feliz. Feliz mesmo. E o resto dos cavalos, como Bonny, Mujaji, Anjo? Estão todos bem?

– É claro – Lenobia confirmou.

– Eu posso vê-los? Não neste segundo. Mas vocês se importariam se eu visitasse os estábulos? Mesmo se Stark mantiver minhas mãos amarradas.

Lenobia pareceu assustada.

– No mundo de onde você veio, alguém matou todos os meus cavalos.

Ela não formulou a frase como uma pergunta, mas Jack a respondeu mesmo assim.

– Sim. Sinto muito. Alguém a delatou. Você e Travis tentaram escapar. Vocês… vocês não conseguiram. Nem os cavalos.

Lenobia abaixou a cabeça e fechou os olhos. Percebi que os lábios dela se moveram quando ela sussurrou uma prece quase silenciosa. Quando ela levantou o rosto, os seus olhos estavam banhados em lágrimas, que escorriam pela sua face.

– Eu não sei nada sobre rebeles ou exércitos, sejam vermelhos ou azuis, Jack Twist. Neste mundo, nós lutamos para nos livrar de Neferet antes que o veneno dela nos arruinasse. Mas eu posso dizer que, se eu vivesse em um mundo onde Neferet está no comando, eu juro pela minha vida que eu iria me voluntariar e me unir a qualquer um que estivesse se rebelando contra ela. O meu Travis iria me seguir. Os meus cavalos iriam me seguir. Não importa o que custasse.

– Verdade – Aphrodite falou.

– Sim. Não há a menor dúvida quanto a isso – Stevie Rae concordou.

– Nós estamos com Lenobia – Rephaim disse.

– Com certeza. Se um rebelde é alguém que luta contra Neferet, então eu sou um rebelde – Damien acrescentou.

– Definitivamente. Nós já combatemos aquela vaca uma vez e vencemos – Stark lembrou. – A gente faria isso de novo.

– Mas não precisamos lutar contra ela – eu expliquei a Jack, encarando o seu olhar com firmeza. – Neferet não está no comando de nada por aqui. Ela tentou dominar o mundo e nós a impedimos. E não há nenhuma guerra contra os humanos aqui porque a gente a deteve.

– Não há nenhuma Neferet aqui – Jack falou devagar. – Não há nenhum exército também?

– Não – eu respondi resolutamente. – Só há os Guerreiros Filhos de Erebus, cuja missão é proteger a Morada da Noite e as suas Sacerdotisas. Eles também protegem os humanos da nossa comunidade. Tipo agora, se você olhar lá do lado de fora do muro, você vai ver os Guerreiros patrulhando. Esses Guerreiros vão deixar entrar *qualquer* humano que peça para se refugiar na nossa escola. Nós não estamos em guerra contra nada, exceto contra aquelas criaturas, seja lá o que elas forem, que vieram para este mundo com você.

O Outro Jack se levantou e veio na minha direção. Completamente alerta, Stark o acompanhou.

– Eu estou convencido. Este não é o meu mundo.

Soltei um longo suspiro de alívio.

– Ótimo. Nós temos perguntas para te fazer. Um monte de perguntas.

Ele assentiu.

– Eu vou ajudá-los. Vocês também podem me ajudar? Por favor? – Lágrimas vermelhas escorreram dos seus olhos.

– Não sei se consigo mandá-lo de volta para o seu mundo – eu disse.

– Eu não quero voltar para lá. Nunca mais. E eu não quero perder o controle sobre mim e me transformar em um vampiro vermelho. Por favor. Por favor, ajudem-me.

15

Zoey

– É claro que nós vamos ajudá-lo! – Damien falou efusivamente. Ele deu um passo e entrou na minha frente para dar um abraço em Jack. Ele conseguiu alcançar Jack e até dar um abraço desajeitado nele.

Eu vi a transformação assim que o rosto de Jack se aproximou da pele macia do pescoço de Damien. Os seus olhos brilharam. Ele retraiu os lábios, rosnou e a boca dele abriu de um jeito absurdo, mostrando os seus dentes cheios de saliva e uma língua vermelha demais.

– Não! – Stark gritou e afastou os dois, empurrando Jack para um assento. Então ele se voltou para Damien. – Você não prestou atenção no que a gente falou? Este *não* é o seu Jack. Que droga, Damien! Sinta o cheiro dele.

– Você iria se importar com o cheiro de Zoey? – Damien perguntou.

– Não. Sim – Stark suspirou. – Não, eu não iria me importar, pois eu a amaria de qualquer jeito, mas, sim, eu iria prestar atenção ao cheiro dela porque isso significa que há alguma coisa errada.

– Escute ele, Damien – Jack falou. A voz dele estava áspera. Os seus olhos ainda estavam vermelhos incandescentes. – Você tem

que ficar longe de mim. O seu sangue não é tão doce quanto o dos humanos, mas eu não consigo me controlar sempre, principalmente quando estou com fome.

– Com que frequência você fica com fome? – eu quis saber. Afinal, ele tinha acabado de engolir um smoothie de sangue grande no porão.

– O tempo todo – Stevie Rae respondeu por ele. – Certo, Stark?

Stark assentiu solenemente.

– Ela está certa. Nós entendemos como ele se sente. Ele *pode* até tentar, com ênfase no "pode", mas ainda assim é difícil controlar a sua sede de sangue.

– Não apenas de sangue – Jack falou devagar, como se pronunciar as palavras tivesse se tornado difícil. – Carne de seres vivos. Eu tenho um desejo incontrolável por isso também.

– *Aiminhadeusa* – Stevie Rae ofegou. – Vocês são canibais?

– Não de vampiros nem novatos, se a gente não precisar. Só de humanos. Nós comemos humanos.

– Como se comer só humanos fosse menos repugnante – Stevie Rae comentou.

As mãos de Jack estavam trêmulas quando ele enxugou as lágrimas vermelhas que manchavam o seu rosto.

– Eu preciso… eu preciso comer. Não consigo me concentrar.

– Rephaim, vá atrás de Shaunee. Ela ia trazer outro smoothie para ele. Nós vamos levar o Outro Jack de volta para o seu quarto no porão. Pegue sangue, bastante sangue, e leve para o quarto dele lá embaixo. Agora.

Rephaim saiu em disparada do auditório. Eu encarei Jack.

– Nós vamos arranjar mais sangue para você. Na verdade, a gente vai te manter com todo o sangue que você conseguir beber,

mas carne não. Carne humana, não. Nunca. Você entendeu?

Ele assentiu.

– Você consegue se controlar o suficiente para voltar andando para o porão? – Eu me enrijeci e continuei com uma voz dura totalmente desprovida de emoção: – Porque se você não conseguir, Aphrodite vai te deixar inconsciente com o Taser de novo e Stark vai te carregar.

– Eu consigo.

– Não pense que eu estou brincando. Se você ameaçar o meu povo, vai ser contido.

– Eu entendi.

– Mesmo? Eu estou segurando o Taser e sou a pessoa mais parecida com um humano neste ambiente. Se você olhar de um jeito suspeito para qualquer um de nós, eu vou te dar um choque. Desculpe, Damien – Aphrodite acrescentou.

Damien abaixou a cabeça e enxugou os olhos com a mão trêmula. Eu sabia que o que Jack tinha acabado de fazer e de dizer tinha abalado fundo o meu amigo. Eu tinha que ser forte por ele. Todos nós tínhamos.

– Sim. Eu entendi perfeitamente – Jack falou.

– Ótimo. Vamos. Nós temos um monte de perguntas e precisamos de respostas logo – eu afirmei. – Aphrodite e Stevie Rae, por favor, reúnam os professores na nossa sala de refeições e os atualizem sobre tudo que nós sabemos até agora. Lenobia, por favor, vá até a enfermaria e avise que provavelmente vão chegar pacientes.

– Já estou a caminho, Grande Sacerdotisa. – Lenobia saiu apressada do auditório.

– Ei, não querem que eu vá até o porão com vocês? Pode ser que vocês precisem de mim para lidar com o canibal. – Aphrodite gesticulou para Jack com o Taser.

– Obrigada, mas acho que Stark, Damien e eu podemos lidar com ele.

– Quer levar isto? – ela me ofereceu o Taser.

– Não, ela tem a mim – Stark disse.

– Então, você quer levar isto, certo? – Aphrodite revirou os olhos para Stark.

Eu contive um sorriso.

– Fique com ele. Você nunca sabe quando pode precisar disso.

Totalmente séria, Aphrodite assentiu.

– Você está certa. E aí vai um segredinho: eu amei usar isto aqui.

– Ah, Aphrodite – Stark comentou. – Isso não é nenhum segredo.



Jack matou três copos cheios de sangue antes que os seus olhos parassem de brilhar.

– Por que tanto? – eu perguntei. – Você parecia ok com apenas um copo.

Jack limpou a boca cuidadosamente com as costas da manga da sua camisa, fazendo uma careta para a mancha de sangue que ficou nela.

– A minha fome é mais intensa porque eu não estou comendo carne.

– É assim com todos os novatos vermelhos? – Stark perguntou.

– Sim. E com os vampiros vermelhos também.

Eu olhei para Damien, que estava com as mãos em cima do bloco no qual ele deveria anotar as respostas que o Outro Jack estava dando para nós.

– Damien, se isso for demais para você, posso chamar Stevie Rae aqui para ela tomar notas – eu falei com delicadeza.

Damien balançou a cabeça.

– Não. Eu consigo. Eu quero fazer isso. – Ele desviou o olhar de Jack e começou a escrever.

Stark e eu nos olhamos. Ele deu de ombros. Eu havia dado uma função a cada um, o que fez com que todos saíssem do porão – exceto Stark e Damien. Stark se recusou a sair dali, é claro. Ele ainda achava que o Outro Jack podia tentar devorar um de nós. E eu me recusei a obrigar Damien a sair do porão. Eu só esperava não ter tomado uma decisão ruim. De novo.

– Ok, então vamos logo conseguir respostas. Jack, a gente provavelmente vai ter mais perguntas mais tarde.

– Eu entendo – ele falou.

– Ok, para começar, nós temos novatos e vampiros vermelhos na Morada da Noite deste mundo, mas eles são diferentes. Como você pode ver por Stark. Hum, eu não quero ofender, mas você e os outros, principalmente os outros, parecem muito… ahn… – Fiz uma pausa, lutando para encontrar uma palavra que não soasse agressiva e acabasse fazendo com que ele se retraísse.

– Loucos por sangue e selvagens tipo uns zumbis – Stark completou.

– Bem, sim, essa é uma forma de colocar as coisas. – Olhei para Stark com cara de “você não está ajudando”. – Outra forma é que o seu pessoal parece muito mais influenciado pelo frenesi de se alimentar de sangue do que os nossos novatos e vampiros vermelhos.

O Outro Jack assentiu.

– Há diferentes níveis de frenesi por comida, mas ele realmente controla a maioria de nós, vermelhos.

– Então, você não conserva a sua humanidade quando é Marcado como vermelho? – Damien perguntou.

Uma sombra de tristeza passou pelos olhos do Outro Jack.

– Quando nós passamos pela Transformação, o frenesi por comida controla as nossas vidas. Alguns vampiros vermelhos conseguem controlar isso em certa medida. Eles se tornam oficiais do Exército Vermelho. O resto são soldados.

– Então parece que todos os novatos vermelhos fazem a Transformação para vampiros – Stark observou.

– É isso mesmo.

– Então, se você é um novato vermelho, sempre se Transformará em um vampiro adulto. Ok, que outras regras se aplicam a vocês? Tipo, vocês podem sair à luz do dia? – eu quis saber.

– Não, nós não podemos ser expostos ao sol. Nem como novatos, nem como vampiros. O sol nos queima.

– O que mais? – Eu o estimulei a falar mais.

– Bem, entre o amanhecer e o pôr do sol, os novatos vermelhos ficam inconscientes. Os vampiros vermelhos podem ficar ativos, mas eles ficam muito fracos.

– Espere aí, você quer dizer que não consegue ficar acordado, literalmente? – Stark o questionou.

– Sim. Já estou começando a sentir isso agora. Não falta muito para o sol nascer e a minha mente já está ficando sonolenta.

– Ok, então precisamos nos apressar – eu falei rapidamente. – O que mais é diferente entre vocês e os vampiros e novatos azuis?

Parecendo cada vez mais exausto, o Outro Jack começou a contar as diferenças nos dedos.

– Nós temos que ser convidados para entrar em uma moradia privada. Alguns vampiros vermelhos podem usar controle mental, mas são os mesmos vampiros que são oficiais no exército. Os vampiros vermelhos normais não conseguem se concentrar em nada exceto comer, então eles não podem controlar mentes. Nós saramos de feridas rapidamente, mas precisamos comer para isso. Ah, e claro, a mordida de um vampiro vermelho é contagiosa. Acho que é só.

– Repita. – Senti um peso e um enjoo no estômago. – Como assim, contagiosa?

O Outro Jack me olhou surpreso.

– Você sabe, se um vampiro vermelho morde um humano, esse humano vai morrer em três dias, e depois, dentro de mais três dias, se o corpo dele não for decapitado ou queimado, ele se levanta como zumbi vermelho.

– Você vai ter que explicar isso melhor – Stark afirmou, enquanto eu só consegui ficar encarando Jack.

– Isso não acontece aqui? – Jack quis saber.

– Não – eu respondi. – Ser vampiro não é algo contagioso. É um dom de Nyx, seja você Marcado como azul ou vermelho.

– Ah, bem, ser vampiro também não é algo contagioso no meu mundo. É por isso que nós os chamamos de zumbis. Eles se levantam depois de três dias, mas eles não são humanos nem vampiros. Eles só têm um desejo absurdo por sangue e por carne de seres vivos, e depois eles morrem. Desta vez, para sempre. Normalmente, dentro de mais ou menos uma semana. Ah, a mordida deles também é contagiosa.

– Zumbis. Literalmente – eu disse.

O Outro Jack assentiu.

– Sim. Literalmente.

– Você contou que os vermelhos se curam de feridas rapidamente, mas eu percebi que os vampiros vermelhos mal se retraíam quando as minhas flechas os atingiam, até que elas atravessaram os pescoços deles. O que isso significa? – Stark o interrogou.

– Nós só podemos ser mortos quando temos a espinha partida ao meio ou quando somos queimados. Ah, nós também podemos morrer de fome, mas isso leva tempo e é terrivelmente doloroso. É assim que o Exército Vermelho disciplina os seus soldados. Fazem com que eles passem fome para que obedeçam às ordens. – O Outro Jack estremeceu levemente, lembrando-me tanto o nosso Jack que eu tive que desviar o olhar dele, para que ele não visse as lágrimas que se acumularam nos meus olhos.

– E Neferet é a líder tanto do Exército Vermelho quanto do Azul? – Stark o questionou.

– Sim.

– Hum, ela está lutando contra quem exatamente? – eu perguntei.

– É melhor perguntar contra quem ela *não* está lutando. Os exércitos dela assumiram o controle do centro dos Estados Unidos. A resistência rebelde e humana está na costa leste e oeste. Assim que ela os derrotar, vai dominar a Europa, mas primeiro ela precisa se livrar do Conselho Supremo. E isso está se mostrando mais difícil do que ela imaginava.

– O que você quer dizer com “assumiu o controle do centro dos Estados Unidos”? – eu quis saber.

– Você sabe, os humanos são geladei… ahn, ou melhor, eles são usados como fonte de alimentação. Alguns humanos fazem isso por

vontade própria. Eles tentam que um vampiro azul os escolha para serem usados como, ahn, seus alimentadores privativos. Pelo menos assim eles não são mortos. Bem, isso se os vampiros azuis forem cuidadosos. O resto dos humanos serve para alimentar o Exército Vermelho.

– O que significa uma sentença de morte – Stark concluiu.

O Outro Jack assentiu.

Eu me sentia trêmula e enjoada. O que ele estava descrevendo não era o nosso mundo, mas era tão perto de nós – do que poderia ter acontecido se Neferet tivesse conquistado o poder – que era assustador.

– Jack, você disse que Neferet é uma Grande Sacerdotisa. O que aconteceu com as outras Grandes Sacerdotisas?

– Não existem outras Grandes Sacerdotisas. – Jack encolheu os ombros com desconforto. – Eu não sei o que aconteceu a elas. Quando Neferet criou os dois exércitos, e eles começaram a assumir o controle de diferentes Estados, bem, ou elas renunciaram às suas posições, jurando que Neferet era a única Grande Sacerdotisa, ou elas simplesmente desapareceram. – Ele limpou a garganta antes de continuar. – Ou elas foram feitas de exemplos.

– O que isso quer dizer?

Jack estava olhando para as suas mãos entrelaçadas no seu colo. Então ele levantou a cabeça e os seus olhos encontraram os meus.

– Elas foram decapitadas e pregadas a cruzes do lado de fora das suas Moradas da Noite.

Eu estremeci.

– Do mesmo jeito que ela fez com a Professora Nolan e Lauren Blake. Só que aqui ela jogou a culpa nos humanos para poder

começar uma guerra. Você tem certeza de que Neferet ainda é mortal?

– Você já me fez essa pergunta antes, e eu não sei o que isso significa. Ela é uma vampira. Eu não sei se ela é qualquer coisa além disso.

– Kalona está no seu mundo? – Damien perguntou de repente.

– Kalona? O que é Kalona? – o Outro Jack falou.

– Um imortal alado, antigo consorte de Nyx. Até que ele Caiu e, bem, causou um monte de problemas para os humanos por muito tempo – eu expliquei. – Ele se ligou a Neferet e então ela descobriu como virar imortal.

– Não há ninguém assim por perto de Neferet. Tenho certeza.

– Bem, isso é bom – Stark comentou.

– Onde está Nyx? – soltei a pergunta que estava fumegando na minha mente.

Jack suspirou fundo.

– Neferet diz que Nyx está conosco. Com todos nós vampiros, sejam vermelhos ou azuis. Mas ela acabou com os rituais e círculos mensais. Ela afirma que venera Nyx privadamente e depois conta aos seus exércitos o que a Deusa diz. Os rebeldes falam que isso é mentira. Eles dizem que Nyx está firme ao lado deles.

– Eu também acho, e nem estou nesse mundo – Damien falou em voz baixa sem tirar os olhos do seu bloco.

– Então, se os túneis da estação estiverem bem fechados e os vampiros vermelhos do seu mundo não conseguirem entrar lá, qual seria o seu Plano B? Para onde eles iriam para escapar do sol? – Stark perguntou.

– Neste mundo, é difícil dizer. Na minha Tulsa, debaixo do centro há um complexo sistema de túneis. Muitos são conectados. Mas há

entradas para eles em toda parte de modo que nenhum vampiro vermelho nunca fica preso do lado de fora.

Eu olhei para Stark.

– Eles não podem entrar em nenhuma casa ou edifício privado. E nós não temos um grande sistema de túneis debaixo da cidade, pelo menos não até o momento.

– Então nós temos que levar os Guerreiros até os prédios públicos que têm entrada para os túneis – Stark afirmou.

– Vamos tentar fazer uma lista com poucas opções – Damien sugeriu.

Ele olhou para o Outro Jack. Percebi que Damien estava se esforçando o máximo que podia para manter o seu rosto sem nenhuma expressão. Odiei pensar em como isso devia estar sendo difícil para Damien – ter Jack de volta, mas não o *seu* Jack de verdade.

– Ok, como? – Jack perguntou.

– Nós temos entrada para os túneis apenas em poucos prédios públicos no centro. – Damien fez uma pausa, refletindo, e então os citou. – Ao lado do sistema de túneis abaixo da estação, há uma seção que conecta o Philtower ao Philcade. O edifício Atlas, o Mid-Continent Tower, o edifício Kennedy e o Exchange Tower, todos na Avenida Boston, são ligados. E também há um sistema de túneis embaixo do Crowne Plaza e do Tulsa Performing Arts Center. Há alguma dessas entradas principais para os túneis no seu mundo?

– Neferet tem um apartamento no edifício Philtower, então esses túneis são bem movimentados. Há até camas de campanha neles por causa dos oficiais que visitam Neferet. Além disso, no edifício Atlas há um clube que os vampiros vermelhos frequentam. Bastante. – O Outro Jack fez uma pausa, parecendo desconfortável.

– Por causa disso, ahn, como os oficiais se alimentam lá com frequência, então eles têm camas portáteis lá embaixo também.

– Aposto que esse é realmente um lugar alegre – Stark disse sarcasticamente.

Jack levantou a cabeça rapidamente.

– Isso me deixa enojado.

– Ah, é mesmo? Enojado como quando você tentou morder Damien, na hora em que ele te abraçou? – Stark o encarou.

O rosto do Outro Jack ficou vermelho.

– Eu luto contra isso. Eu tento. Mas a fome… é como uma onda que fica quebrando em cima de mim. A fome e a raiva que vêm junto… é *horrível.* E eu sei que vou me afogar. É inevitável que algum dia eu vá ser um vampiro vermelho totalmente Transformado e que o Jack que eu sou vá embora… ou pelo menos a maior parte de mim. Eu odeio isso. – Lágrimas vermelhas escorreram pelo seu rosto ruborizado. – Eu odeio cada segundo disso. – Os seus olhos ensanguentados encontraram Damien. – Eu não quero te machucar, mas se eu estiver faminto o bastante eu vou acabar fazendo isso. Eu sei que você não é o meu Damien e que eu não sou o seu Jack, mas eu sinto muito, muito mesmo.

Damien abaixou a cabeça e as suas lágrimas caíram em cima do seu bloco de notas, fazendo manchas úmidas de tinta.

– Eu sei. Eu só não sei o que fazer.

– Bem, a primeira coisa que nós vamos fazer é enviar Guerreiros até o Philtower e o edifício Atlas – eu afirmei, estendendo a Jack e a Damien lenços de papel amassados que tirei do fundo do meu bolso. – Nós vamos tomar conta dessa praga dos vampiros zumbis vermelhos e depois vamos descobrir como curar o Outro Jack.

Jack apertou o lenço de papel amassado contra o peito e arregalou os olhos para mim de um jeito familiar.

– Sério? Vocês vão mesmo tentar me curar?

– Sério – prometi com toda a convicção, mesmo que eu não tivesse a menor ideia de como iria conseguir isso. – Stark, vamos ver o que está rolando com Darius e Marx e o quanto as coisas estão ruins no Restaurante da Estação. Vou falar para Shaunee vir aqui para baixo com mais smoothies de sangue.

– Eu posso… – Damien começou, mas eu o cortei.

– Não, Damien. Você não pode ficar sozinho com o Outro Jack. Não até a gente descobrir como ajudá-lo a se controlar. Sinto muito, mas tem que ser assim.

– Eu entendo – Damien disse com voz fraca. Ele se levantou e se aproximou de Jack, que estava sentado na beirada da cama. – Eu volto. Quando eu puder.

Com hesitação, ele estendeu a mão e a colocou sobre o ombro de Jack. Eu senti mais do que vi a tensão de Stark, quando Jack se sentou mais ereto e colocou suas mãos juntas, como que para se segurar e evitar tocar em Damien *(Tocar? Ou morder? Ou Dilacerar? Ou arrancar um pedaço?).*

– Eu nem consigo dizer como é bom ver você de novo, Jack. Mesmo nestas circunstâncias peculiares.

O Outro Jack levantou os olhos para ele, e senti um aperto no coração quando ele deu um sorriso totalmente típico de Jack para Damien.

– Você soou igualzinho ao Damien.

– Eu sou Damien.

O Outro Jack abaixou a cabeça e olhou para as suas mãos entrelaçadas.

– Não, eu quis dizer o *meu* Damien.

– Eu entendo exatamente o que você quer dizer – Damien falou tão baixo que eu mal pude ouvi-lo.

Então ele me entregou o seu bloco de notas e saiu do quarto sem olhar para trás.

Eu suspirei, com o coração partido pelos dois.

– Outro Jack, você consegue pensar em mais alguma coisa que a gente deveria saber? – perguntei.

– Sim. Mate-os. Mate todos os vampiros vermelhos. Eles são contagiosos e vampiros completos. Eles não vão mudar. Acho que eu vi dois oficiais atravessando para cá junto comigo e alguns novatos, mas a maioria era apenas de soldados. Soldados vermelhos são cruéis. Quero dizer, desumanos mesmo. A única coisa que dá para prever a respeito deles é que vivem para se alimentar e que preferem carne humana.

– Mas eles comem vampiros, certo? – Stark perguntou.

– Sim. Mas eles preferem não comer. Por exemplo, quando eles lutam contra os rebeldes. Eles apenas os matam. Bebem o sangue deles e, na maioria das vezes, deixam a carne de lado. Eles não gostam do sabor.

– Ok, isso ajuda. – Eu sorri para o Outro Jack. – Você fez bem. Pelo menos nós sabemos contra o que nós estamos lutando. Shaunee já vai descer com o seu sangue. Vou pedir para ela deixar um pouco no seu frigobar também. E você tem TV a cabo aqui, além de Netflix.

Ele sorriu de volta para mim, parecendo muito o nosso Jack.

– Obrigado. Mas já vou apagar daqui a pouco. Posso sentir o nascer do sol. Mas vou precisar comer assim que acordar, então o sangue na geladeira é uma boa ideia.

– Você precisa de mais alguma coisa?

– Da cura.

– Vou tentar isso o máximo que puder – eu prometi.

– Você vai me deixar ficar aqui, na Morada da Noite deste mundo, se conseguir me curar? – a voz dele soou frágil, como se a minha resposta pudesse quebrá-la.

– Outro Jack, eu não tenho a menor ideia de como abri a passagem entre os nossos mundos, então fazer isso de novo vai ser difícil.

O olhar dele não desgrudou do meu.

– Mas há uma diferença entre me deixar ficar aqui porque você não consegue me mandar de volta e eu ficar aqui porque você deixou.

– Você está certo. Há mesmo. Então, deixe-me ser clara de uma vez por todas. Você é bem-vindo aqui, Outro Jack. Muito bem-vindo.

Os seus ombros relaxaram de alívio, enquanto lágrimas vermelhas encheram os seus olhos.

– Obrigado. Muito obrigado.

– Nós vamos fazer isso funcionar – Stark disse.

– Vai dar tudo certo – eu concordei.

– Promete?

– Sim. Pacto. – Automaticamente, estendi a minha mão com o dedinho estendido, assim como eu teria feito se fosse com o nosso Jack.

O Outro Jack mostrou as covinhas e enganchou o seu dedinho no meu, antes que Stark se colocasse entre nós dois.

– Pacto feito – ele falou.

Então eu e Stark fomos embora. A gente tinha que ir embora, não apenas por causa do apocalipse absurdo de zumbis que

precisávamos evitar. A gente tinha que ir embora porque Jack havia tocado em uma ferida no meu coração que ainda pertencia ao nosso Jack. Se eu não saísse dali, iria me dissolver em lágrimas, catarro e memórias agridoces…

16

Zoey

Stark e eu corremos para o escritório administrativo. Shaylin, Nicole e Vovó Redbird estavam com expressão sombria.

– Por favor, digam-me que Kramisha está bem. – Foi tudo que consegui fazer a minha boca falar.

– Ela está segura – Vovó confirmou.

Desabei em uma cadeira e tentei me preparar.

– E os outros?

Shaylin e Nicole ficaram encarando Vovó em silêncio. Ela veio até mim e segurou a minha mão.

– Todos os novatos que estavam trabalhando hoje no Restaurante da Estação foram mortos.

Minha mão começou a tremer, e Vovó a apertou com força.

– Uma novata conseguiu chegar até o alçapão na cozinha e o fechou bem depois de passar por ele. Então ela avisou aos outros, antes de morrer por causa dos seus ferimentos – Vovó continuou.

– Eles conseguiram entrar nos túneis? – eu perguntei.

– Não. Graças ao heroísmo daquela jovem novata – Vovó contou.

– E os humanos? – Eu prendi a respiração.

Vovó balançou a cabeça.

– Todos morreram, *u-we-tsi-a-ge-ya.*

– Ah, Deusa – eu sussurrei a palavra como uma oração. – Quantos?

– Setenta e oito humanos.

– Que droga, é muita gente. – Stark parecia tão mal quanto eu.

– O restaurante estava quase lotado com muita gente celebrando as festas de final de ano – Shaylin explicou.

– Quantos novatos e vampiros?

– Todos os garçons. Eram sete. Todos novatos – Vovó contou com tristeza. – Tão jovens. Eram todos tão jovens.

– Havia também um barman. Era um vampiro azul – Shaylin continuou.

– Derek. – A voz de Stark saiu grave com o seu pesar. – Eu o conhecia. Ele era melhor barman do que arqueiro, mas era um cara legal.

– O *chef*, um *sous chef*, um *chef* de setor e dois lavadores de pratos. Todos mortos – Nicole acrescentou. A voz dela estava tão trêmula quanto as minhas mãos.

– O *chef* Zachary? Ele está morto? – Fiquei balançando a cabeça de um lado para o outro. Então senti um terrível entendimento formigando por toda a minha pele. – Preciso falar com Darius. E com Marx. Eles têm que decapitar ou queimar os corpos dos humanos.

– Zoey, por que isso? – Vovó perguntou.

– Os vampiros vermelhos do outro mundo são contagiosos. Há alguma coisa na mordida deles. Quando mordem os humanos, eles os infectam. Se os seus corpos não forem decapitados ou queimados, eles se levantam em três dias.

– Ah, Grande Mãe Terra! – Vovó ofegou.

– Eles são vampiros quando se levantam? – Shaylin quis saber. Ela e Nicole estavam sentadas em cadeiras bem juntas, como que para compartilhar o choque.

– Não. É pior. Eles são coisas irracionais que precisam se alimentar. E a mordida deles também é contagiosa. Depois eles morrem, para sempre, em mais ou menos uma semana – eu expliquei.

– Mas não antes de infectar mais um monte de gente – Stark completou.

– É o apocalipse de zumbis. Em Tulsa. Que merda inacreditável.

Todos nós nos viramos e vimos Aphrodite parada perto da porta. Ela olhou para mim.

– Não se preocupe. Stevie Rae e eu colocamos todos os professores a par do que está rolando. Bom, a gente ainda não sabia sobre essas novidades horríveis, mas enfim. Stevie Rae foi dizer *Bye Bye Birdie*[22] antes de Rephaim sair voando… Merda, isso tudo é péssimo. Como está o Outro Jack?

– Está bem. Tirando a sua fome insaciável e o fato de que ele vai se transformar em um vampiro vermelho praticamente irracional, contagioso, do tipo que espalha a praga zumbi mais cedo ou mais tarde. Ele está bem – eu respondi.

– Sério? – Shaunee colocou a cabeça para dentro da porta do escritório. – O Outro Jack é um zumbi?

Eu suspirei.

– Não. Mas a mordida de um vampiro vermelho adulto do mundo dele transforma os humanos em uma espécie de zumbis. Por falar no Outro Jack, você pode, por favor, pegar mais um monte de sangue e levar lá para baixo? Ele precisa ter o suficiente para beber agora e mais um tanto para colocar no seu frigobar para quando ele

acordar depois do pôr do sol. Ah, e não desça lá sozinha. – Olhei para todos na sala. – Ninguém desce para vê-lo sozinho. Não confiem nele. Ele se parece com o nosso Jack. Às vezes ele até soa como o nosso Jack.

– Mas ele não é o nosso Jack – Stark disse com firmeza. – Ele tem um apetite voraz que só eu e Stevie Rae entendemos completamente. Acreditem em nós. Ele não consegue controlá-lo.

– Vou chamar Erik para ir comigo. Ele está fazendo um FaceTime com Joss sobre o novo episódio de *Fantasyworld.*

– Leve isto. – Aphrodite entregou o Taser a ela. – Mas eu quero de volta.

– Ok, sem problemas. – Enquanto saía, Shaunee avisou por sobre o ombro: – Ei, um monte de SUVs acabou de parar lá na frente. Acho que os Guerreiros estão de volta.

Nós nem tivemos tempo para sair do escritório antes de os Guerreiros entrarem apressados no prédio, trazendo junto o ar gelado, a neve e uma terrível sensação de desolação.

– Os homens precisam se alimentar. Nós ainda temos trabalho a fazer – Darius falou sombriamente para os Guerreiros.

Ao seu lado, o Detetive Marx parecia pálido e igualmente soturno.

Aphrodite chegou perto de Darius primeiro. Ela voou para os seus braços e então deu um passo rápido para trás.

– Um pouco desse sangue é seu?

– Não.

– Você está bem?

– Não. Foi… – Ele estremeceu. – Foi horrendo. Quase tão ruim quanto no Mayo.

– Onde está Kramisha? – eu perguntei.

Darius encontrou os meus olhos.

– Ele preferiu ficar nos túneis com os novatos vermelhos. Ela está liderando um círculo com eles e fazendo preces a Nyx por aqueles que foram mortos. – Ele balançou a cabeça. – Não posso nem imaginar a carnificina que teria acontecido se nós não tivéssemos instalado aquelas portas pesadas com trancas. Aquelas criaturas não conseguiram entrar, mas eles deformaram tanto o alçapão de aço que vai ser preciso arrancá-lo das dobradiças para removê-lo.

– Isso é até bom. Ninguém deve ir até aquela cozinha até que ela seja limpa – Marx comentou.

– Mas eles estão bem? Kramisha e os outros estudantes que não estavam trabalhando no restaurante? – eu quis saber.

– Eles estão abalados, mas fisicamente bem – Darius contou.

– Ok, entrem aqui no escritório – eu disse a eles. – Shaylin e Nicole, por favor, peguem algo quente para Darius e Marx beberem.

Os dois estavam cobertos de neve. Neve vermelha. Tentei não olhar muito de perto para as roupas deles.

– Posso trazer algumas toalhas para esses dois jovens Guerreiros. Talvez eles se sintam melhores se puderem se secar – Vovó se ofereceu.

– Sim, obrigada, Vovó. – Então eu me voltei para Darius e Marx. – Ok, isso vai ser difícil de escutar, então vou dizer logo. Aí vai o que nós descobrimos sobre o Outro Jack.

Antes que eu começasse, Marx me interrompeu.

– Quem é Outro Jack?

– Ele é de uma Morada da Noite de um mundo alternativo, que é de onde esses outros novatos e vampiros vermelhos vieram – eu respondi. – Ele se parece muito com o nosso Jack. Lembra? Aquele que morreu há mais ou menos um ano, naquele acidente esquisito em que ele caiu de uma escada e aterrissou em uma espada.

Marx assentiu rapidamente.

– Aquele caso em que vocês não acreditaram que foi um acidente, mas nunca conseguiram provar o contrário?

– Isso – eu disse. – Aí vai o que ele nos contou sobre o mundo dele.

Eu expliquei tudo para eles. Contei todos os detalhes, incluindo a parte sobre os túneis e que eu ia tentar descobrir um jeito de salvar o Outro Jack da sua danação iminente. Quando terminei, houve um longo silêncio. Então Darius se voltou para Aphrodite e colocou as mãos nos ombros dela.

– Sei que aconteceu algo ruim. Só conte logo – ela pediu.

– O Detetive Marx recebeu uma ligação do pronto-socorro St. John's. Sua mãe chegou lá cambaleando não faz muito tempo. Ela foi mordida, Aphrodite. Por um vampiro vermelho.

Aphrodite vacilou um pouco, como se o chão abaixo dela tivesse tremido. Então o olhar dela encontrou o meu.

– Ela está infectada – ela afirmou.

– Ela está – eu concordei.

– E o Outro Jack diz que ela vai morrer. Com certeza. Em três dias.

– Sim.

– Sinto muito, minha bela – Darius falou em voz baixa para ela, puxando-a para os seus braços.

Vi os olhos azuis de Aphrodite brilharem com lágrimas não derramadas.

– Todos aqueles humanos. Os que foram mortos no seu restaurante. Eles precisam ser decapitados ou cremados, certo? – Marx quebrou o silêncio.

– Sim. Foi o que o Outro Jack disse.

– E você confia nele? – Marx me perguntou.

– Confio. Ele quer se refugiar aqui, então tem todos os motivos para nos contar a verdade – eu respondi.

– Então eles precisam ser cremados – Marx concluiu, parecendo muito mais velho do que era. – Eu mesmo vou avisar as famílias. – Ele olhou para Stark. – Quanto falta para o sol nascer?

– Uma hora e meia – Stark falou.

– E vocês disseram que têm certeza que sabem para onde essa maldita horda foi? Está uma nevasca lá fora agora que o vento aumentou. Nós não vamos conseguir rastrear aqueles monstros.

– Imaginei que vocês poderiam seguir o rastro de sangue deles – Stark comentou.

– Foi o que nós pensamos no começo também – Darius disse. – Mas eles cuidaram disso.

– Ahn? Como? – eu perguntei.

– Eles rolaram na neve. Como animais. E depois se espalharam em diferentes direções. Nós não podemos levar cães lá para fora por causa desse maldito tempo. Eles não conseguem farejar em uma nevasca.

– A gente acha que sabe onde eles estão – eu afirmei. – O Outro Jack nos contou aonde eles iriam para o subterrâneo no mundo deles. São todos novatos ou vampiros vermelhos. Isso significa que eles precisam ficar embaixo de alguma cobertura antes de o sol nascer, senão eles vão morrer.

– Mesmo se continuar nevando e o sol não aparecer? – Marx questionou.

– Eu não sei se eles são mais sensíveis do que nós – Stark respondeu. – Mas eu teria problemas em ficar ao ar livre durante o dia por muito tempo, mesmo se a neve cobrisse o sol.

– Então eles precisam procurar abrigo – Marx deduziu.

– E tem que ser em um prédio público. Eles não podem entrar um uma residência privada sem serem convidados – eu acrescentei. – Nós precisamos ir até os túneis embaixo do Philtower e do edifício Atlas. Mas primeiro a gente tem que enviar Guerreiros para as entradas dos outros túneis. Façam com que eles montem uma guarda ostensiva. Eles precisam ficar onde possam ser vistos claramente por qualquer um que esteja espreitando por ali, tentando entrar.

Marx assentiu.

– Limitar as opções de lugares seguros para eles.

– E agir como se nós não soubéssemos que o objetivo deles é entrar no Philtower e no edifício Atlas – Stark disse. – E então fechar o cerco depois do amanhecer e acabar com eles.

– Vou enviar os meus homens agora mesmo – Marx disse, mas eu coloquei a mão no seu ombro e o detive.

– É preciso que sejam Guerreiros. Eles não podem ser transformados em, bem, na falta de uma palavra melhor… em zumbis – eu disse.

Marx suspirou.

– Ok. Sim. Entendi. Os seus Guerreiros vão assumir o comando desta vez.

– Mas os Guerreiros precisam parecer policiais de Tulsa – Stark afirmou. – Se pensarem que estão lidando apenas com humanos, vão ficar mais descuidados. Eles não têm ideia de que vampiros e humanos trabalham juntos neste mundo.

– Bem pensado – Marx concordou. – Vou ligar para a expedição e virar o mundo de cabeça para baixo para que alguém traga um monte de uniformes e chapéus.

– Além disso, faça com que todos os seus policiais saibam que não podem ser mordidos por nenhuma dessas criaturas – Stark lembrou.

– Mais uma coisa – eu acrescentei. – Faça um aviso para os moradores de Tulsa ficarem dentro de algum lugar. A cidade *toda.* Não deixe nem as máquinas limpa-neve saírem. Nós temos que manter os humanos a salvo dessa infecção.

– Vou ligar para o escritório do prefeito e informá-lo. Ele vai divulgar um boletim de emergência dizendo para ninguém sair por causa da nevasca. Mas você conhece o povo de Oklahoma.

– A gente fica do lado de fora olhando os tornados chegarem. Eu sei. Espero para que a gente tenha mais noção no inverno – eu falei.

– Vai sonhando – Aphrodite disse, enquanto Marx começou a voltar para o seu carro para passar um rádio para a delegacia, relatando as notícias realmente terríveis.

Ele fez uma pausa na porta e olhou para mim.

– Você sabe como eles chegaram a este mundo?

Tomei a decisão rapidamente. Ele merecia a verdade. Tulsa merecia a verdade.

– Kalona me avisou em sonho que algum perigo estava a caminho. – Marx arregalou os olhos quando mencionei o nome de seu amigo morto, mas ele permaneceu em silêncio, deixando-me terminar. – Ele pensou que podia ter algo a ver com Neferet, então a gente estava fazendo um feitiço de proteção lá na gruta só para garantir, caso ela estivesse tentando causar problemas.

– Achei que você tinha dito que Neferet não estava por trás disso tudo. – Marx ficou ainda mais pálido, o que eu pensei que não fosse possível.

– Nós não vimos nenhum sinal de Neferet, mas ela está viva e bem no mundo dos zumbis – eu contei.

– Posso imaginar – ele murmurou. – Se não foi algo que Neferet fez, o que aconteceu?

– Minha mãe apareceu e ferrou com o nosso feitiço – Aphrodite disse.

– Na verdade, acho que eu estraguei o nosso feitiço – eu falei. – Porque a Sra. LaFont começou a gritar com a gente, e eu não devia ter deixado isso chegar até mim, mas deixei. – Respirei fundo e então eu me entreguei. – A minha mão escorregou. Eu me cortei. E nessa hora lembro que pensei que, se acontecesse um apocalipse de zumbis em Tulsa, não ia ser tão ruim assim se eles devorassem a Sra. LaFont. – Sentindo-me muito, muito mal, eu encarei Aphrodite. – Eu sinto muito. Eu realmente não queria isso. E tudo é culpa minha.

Aphrodite também me encarou e então começou a rir. Começou como uma risadinha baixa e foi aumentando, até que ela teve que se apoiar em Darius, que parecia totalmente confuso e bem apreensivo.

– Ahn, vou começar a avisar as pessoas. – Marx deu um olhar preocupado de relance para Aphrodite enquanto saía.

Eu me aproximei dela. A sua gargalhada tinha se dissipado em risadinhas mais baixas intercaladas com pequenos roncos. Ela estava enxugando os olhos.

– Ei, eu sinto muito, muito mesmo. De verdade.

– Ah, Z. Não foi *tudo* culpa sua. Eu estava basicamente pensando a mesma coisa que você – ela contou.

Shaylin limpou a garganta e a nossa atenção se voltou para ela.

– Hum. Eu também.

– Eu também o quê? – Stevie Rae perguntou ao entrar apressada no escritório de mãos dadas com Rephaim.

– Quando a Sra. LaFont apareceu no parque, eu desejei que ela morresse – Shaylin falou.

– Ah, sim. – Stevie Rae assentiu, fazendo os seus cachinhos loiros balançarem. – Eu desejei que ela fosse embora e parasse de azucrinar Aphrodite… para sempre.

– E aposto que, se a gente perguntar para Shaunee, ela vai dizer que também estava pensando algo parecido – Aphrodite concluiu. – Não estresse, Z. A minha mãe produz esse efeito nas pessoas. Várias já desejaram que ela morresse. Elas só não tinham o poder para transformar desejo em realidade. O nosso círculo tem esse poder.

Ah, que inferno… Eu pensei, enquanto puxava Aphrodite para perto de mim e a abraçava bem forte.

Título de um musical da Broadway que virou filme. Significa “tchau, passarinho”. (N.T.)

17

Damien

No piloto automático, Damien deixou o porão embaixo do Ginásio em direção ao quarto que tinha sido destinado a ele na ala de visitantes do alojamento dos professores. Ele caminhava devagar, olhando o amanhecer cheio de neve e reparando que todos os estudantes, novatos e humanos, pareciam finalmente ter se retirado para o dormitório.

Ele os invejava.

Às vezes, ele desejava poder voltar a ser um deles. Na verdade, ultimamente ele desejava com muito mais frequência ser um estudante do que não ser.

A verdade é que Damien se sentia vazio e sozinho. Adam havia tentado persistentemente fazer com que ele se livrasse daquela melancolia terrível, mas todas as suas tentativas – fossem elas românticas, sexy ou, mais para o final, irritadas e confusas – tinham apenas servido para fazer Damien se sentir ainda mais sozinho.

Era como se tivesse algo errado com ele.

Os seus pais costumavam dizer que ele pensava demais e que não saía ao ar livre e não brincava o suficiente. Bem, uma coisa boa em ser um vampiro adulto era que ele não tinha mais que encarar

aquelas tentativas patéticas dos seus pais de fingir que queriam tê-lo por perto.

De fato, depois que ele foi Marcado, eles tinham praticamente parado de serem seus pais. Embora eles costumassem enviar os mesmos presentes de aniversário relacionados a esporte todo ano. Mas, neste último ano, depois que ele tinha passado pela Transformação, os presentes pararam de chegar. As ligações esporádicas pararam. As visitas – não que tivesse havido muitas – pararam. Ponto final. Foi um alívio. Ou pelo menos era isso o que ele dizia a si mesmo.

Damien havia tentado se comunicar com eles. Um pouco depois que ele se mudou para Nova York. Ele ligou. O número de telefone deles tinha mudado. O e-mail que ele enviou voltou com uma mensagem de que não foi possível ser entregue. Ele enviou um cartão-postal – com uma imagem maravilhosa da Estátua da Liberdade – avisando-os de que havia sido transferido para Nova York e os convidando para visitá-lo a qualquer hora. Foi devolvido com uma nota manuscrita recusando a entrega. Essa foi a última vez que ele tentou contatá-los.

Ele tinha amigos. Muitos amigos, na verdade. Na Morada da Noite de Nova York, ele tinha sido recebido com entusiasmo – assim como a maioria das mudanças que o novo Conselho de Zoey introduziu. Basicamente, as coisas estavam indo bem. Muito bem mesmo.

Tirando o fato de que ele sentia falta de tudo relacionado a Tulsa. Até dos caipiras idiotas. Pelo menos eles eram de Oklahoma, e eram os *seus* caipiras idiotas.

A saudade que ele sentia de casa era segredo. Os seus novos amigos eram ótimos – inteligentes, viajados, interessantes e muito

divertidos. Definitivamente, tinha muita coisa bacana para fazer na *Big Apple.*

Mesmo assim, Damien costumava ficar sozinho no seu condomínio super moderno no campus da Morada da Noite de Nova York, olhando sites de imobiliárias do centro de Tulsa e pesquisando casas à venda lá – apenas para poder ver a velha vizinhança que cercava a Morada da Noite. Apenas para poder ver a sua casa.

Com certeza, tinha algo errado com ele.

Damien chegou ao seu quarto e entrou na suíte espaçosa e luxuosa. Ele foi direto até a pequena cozinha e começou a preparar um bule de chá. Enquanto fazia a infusão, ele segurou a delicada xícara de porcelana e ficou olhando para o nada.

Quando o bule elétrico apitou, ele tomou um susto e se sacudiu. Então ele colocou o jogo de chá em uma bandeja e a ajeitou na mesa de café. Facilmente, ele localizou a sua bagagem de mão e a sua mala nos suportes do lado de fora do closet, onde um dos novatos as havia colocado. Dentro da sua maleta de mão, ele encontrou o livro que tinha comprado no aeroporto, *Last Seen Living*,[23] de Caleb Roehrig, e foi até o luxuoso canapé de veludo. Enquanto adicionava leite de amêndoas e cubos de açúcar à xícara de chá, ele tirou do gancho o telefone fixo da escola e apertou o 9 para ligar para o escritório administrativo.

– Morada da Noite de Tulsa. Aqui é Shaylin – ela atendeu no primeiro toque.

– Oi, é o Damien.

– Oi! Soube que o Outro Jack tentou morder o seu pescoço, sobre os zumbis e todo o resto. Você está bem?

– Estou sim. Agora estou na minha suíte de hóspede, mas, como os celulares ainda estão fora de serviço, não sei como encontrar

Zoey.

– Ah, ela está entrando e saindo do escritório. Eu falo para Zoey te ligar da próxima vez que ela passar por aqui – Shaylin disse.

– Legal. Obrigado. Ela está planejando enviar Guerreiros até o centro para armar uma cilada para os outros vampiros vermelhos, não é?

– Bem, sim, parece que o plano é esse.

– Você avisa que eu estou pronto para ir junto se ela precisar de mim?

– Claro. Ei, tem certeza de que você está bem? Você parece um pouco… não sei bem… apagado. Sem ofensas.

– Isso não me ofende. Estou apagado mesmo. Não só um pouco… com a coisa do Outro Jack e tudo mais. Mas vou ficar bem. Apenas diga que eu estou aqui se ela precisar de mim.

– Pode deixar. Damien?

– Sim?

– Lembre que todos nós estamos aqui do seu lado. Toda a Horda Nerd. A gente ama você.

Damien abaixou a cabeça enquanto lutava para segurar as lágrimas.

– Obrigado – ele conseguiu dizer com a voz fraca antes de desligar.

Damien enxugou os olhos e tentou soar alegre.

– Ok. Bem, Z. sabe que estou aqui, e ela vai ligar se precisar de mim. Vou tomar um chá de camomila, ler um pouco e talvez até tire um cochilo. Na verdade, um cochilo parece uma boa ideia.

Os seus ombros desabaram e ele olhou para a capa do livro fechado que estava louco para ler.

Ele sentia falta de Jack. Do *seu* Jack. Mas o seu Jack estava morto. O Outro Jack, como Aphrodite e todo mundo o estava chamando, estava lá embaixo. Vivo. Não era o *seu* Jack, mas se parecia com ele. Às vezes, até soava como ele. E qualquer parte de Jack era melhor do que aquele buraco horrível que era a sua ausência.

– O que poderia acontecer se eu voltasse lá para baixo, para o seu quarto, e apenas me sentasse com ele? – Damien murmurou para si mesmo.

Ele olhou para o relógio em cima da lareira apagada. Haviam-se passado alguns minutos depois das seis, então ele tinha cerca de uma hora e meia até Jack ficar inconsciente.

– Não. Eu tenho que ficar longe dele. Preciso lembrar que ele é perigoso e que *não é meu*. – Damien colocou a mão na boca, tentando conter um soluço.

Houve uma batida leve na sua porta.

Damien limpou a garganta e enxugou os olhos.

– Quem é?

– Vovó Redbird. Posso entrar, por favor, Damien?

Surpreso, Damien foi rápido até a porta. Ela estava parada ali com uma pequena cesta de piquenique pendurada no braço, sorrindo para ele, de um jeito doce, familiar e tão cheio de amor de avó que ele teve vontade de encostar a cabeça no ombro dela e chorar até adormecer.

Em vez disso, ele falou:

– Claro. É muito bom ver você. Aceita um chá de camomila?

– Aceito, querido – Vovó disse.

Damien fez um gesto para que ela se sentasse no canapé enquanto ele buscava outra xícara no armário.

– Esses quartos de hóspedes ficaram muito bonitos – ela observou. – Zoey me contou que você fez a maior parte da nova decoração deles. Você é muito talentoso, Damien.

– Obrigado. Eu gosto de design. Antes de ser Marcado, eu pretendia ir para a SCAD, Savannah College of Art and Design. Eles têm um programa em Lacoste, na França. Eu ia tentar ficar um semestre estudando fora. Foi por isso que comecei a aprender francês antes do ensino médio. Você quer leite de amêndoas e açúcar?

– Só um pouco de leite, por favor. Bem, você com certeza tem muito talento como decorador. – O rosto de Vovó se enrugou em um sorriso angelical. – Embora eu ache que decorador não seja a palavra adequada para algo dessa magnitude. – Com um gesto amplo, ela indicou toda a bela suíte.

– O nome mais oficial desse trabalho é design de interiores, mas eu não acho ofensivo chamar de decoração de casas ou *home décor.* Claro que eu não sou formado nisso nem trabalho na área, então posso estar errado.

– Ah, a semântica. Ela realmente pode nos derrubar, não é?

Damien assentiu e deu um gole de chá antes de perguntar:

– Posso ajudá-la em algo, Sra. Redbird?

– Primeiro você tem que me prometer que nunca mais vai me chamar de Sra. Redbird de novo. Pode me chamar de Sylvia ou de Vovó, como preferir.

– Eu prefiro Vovó – Damien disse.

– Eu também, querido – ela falou. – Eu não vim aqui pedir que você faça algo por mim, mas sim porque eu quero fazer algo por você.

– Por mim? – Ele interrompeu o movimento da xícara até a sua boca no meio do caminho.

– Por você – ela repetiu com firmeza e abriu a tampa da pequena cesta de piquenique. Cuidadosamente, ela tirou de dentro um maço embrulhado em um lenço de cores vivas. – Estou vendo a sua tristeza, *wahuhi.*

– Sim. Eu estou triste. Jack está lá embaixo. Mas não está. Jack está vivo. Mas não está. Acho que ficar triste é uma reação natural.

– Eu não estou censurando você, meu filho. Estava apenas reconhecendo a profundidade da sua tristeza. – Vovó Redbird tocou o rosto dele com delicadeza. – Mas você e eu sabemos que essa tristeza não tem nada a ver com Jack.

– Não sei o que você quer dizer. – As suas palavras negaram, mas o fato de que ele as pronunciou com uma voz muito mais aguda do que o normal revelou a verdade.

Vovó não disse nada. Ela só o observou com olhar de quem sabia das coisas e uma expressão carinhosa.

Damien abaixou a cabeça, incapaz de olhar para ela por mais tempo.

– Você não tem motivos para se envergonhar. Às vezes o nosso espírito chora. Quando isso acontece, você precisa trabalhar para confortá-lo e para curá-lo.

– Você… você pode fazer isso por mim? – ele perguntou com hesitação.

– Não, *wahuhi*, ninguém pode fazer isso por você. Isso é algo que você precisa fazer sozinho. Mas eu posso ajudá-lo a se fortalecer, para que você possa começar o processo de cura.

Ele levantou a cabeça.

– Mas e se eu não tiver cura?

– Então ou você vai viver miseravelmente ou vai morrer. A escolha é sua, e somente sua. – Vovó inclinou a cabeça para o lado, examinando-o. – Mas eu acredito que você vai fazer uma escolha sábia. Eu sempre senti muita sabedoria e bondade dentro de você, embora você raramente as use em benefício próprio. Posso fazer uma pergunta impertinente?

– Sim.

– Você quer se curar? Você quer viver, abraçando toda a felicidade e toda a confusão que vem junto com ela?

Damien abriu a boca para dar uma resposta automática, mas Vovó Redbird levantou a mão em um gesto impositivo.

– Não responda mecanicamente. Muitas pessoas não querem abraçar a felicidade, não nesta vida. Se você é uma dessas pessoas, tenha a coragem para afirmar o seu caminho de vida de verdade. Eu não vou julgá-lo, prometo.

– Por que alguém não iria querer abraçar a felicidade?

– Porque uma vida cheia de depressão, e de toda a tristeza, estresse, tumulto e drama que vêm junto com uma vida assim, pode ser viciante. Depois que você vive bastante tempo dessa forma, só se sente normal se está mergulhado em trevas. Não, eu não me refiro às Trevas que são acompanhadas pelo mal. Eu me refiro às trevas que são a ausência de alegria, de leveza de espírito, de felicidade. A depressão é um abismo, um poço do qual é difícil emergir. Você precisa realmente querer tudo o que a ausência de tristeza traz junto: todas as vitórias e derrotas de uma vida aberta às infinitas possibilidades de amor, de luz e de risadas.

– Em outras palavras, uma vida em que eu posso ter o coração partido. De novo.

– Sim, meu filho.

– Ou em que eu posso me desapontar com os amigos e a família.

– Ou, em uma vida plena, abraçando a felicidade, você poderia escolher a carreira errada ou tomar decisões que magoem os outros, mesmo que tenha as melhores intenções, além de tantos, tantos outros erros que você não cometeria se ficasse retraído dentro de si mesmo e fechado para essas possibilidades. Ou se você acabasse com a sua vida. Portanto, pense antes de me responder. Você quer se curar?

Damien sentiu os seus olhos ficarem úmidos e transbordarem, mas ele não os desviou do olhar compreensivo de Vovó Redbird. Finalmente, ele sussurrou:

– E se eu não for corajoso o bastante para me abrir para esse tipo de dor?

– Então você também não vai conhecer esse tipo de felicidade.

– Mas eu quero. Quero a felicidade. – Damien murmurou desesperadamente.

Vovó se inclinou para a frente e falou com firmeza:

– Então acredite em si mesmo. Acredite que você é corajoso e merecedor dessa felicidade.

– Sim. – A palavra saiu como um sussurro, então Damien parou, limpou a garganta e começou de novo, desta vez com uma voz que encheu todo o ambiente. – Sim. Eu quero me curar. Quero viver uma vida repleta de felicidade.

O sorriso de Vovó era como uma lua cheia iluminando um campo branco do inverno.

– É claro que sim, meu filho. E você vai conseguir. Agora, vamos começar.

Ela abriu o tecido dobrado, afastou o jogo de chá para o lado e começou a colocar os itens sobre a mesa: uma concha grande, dois

bastões de defumação, uma pena de pomba, uma vela roxa e um punhado de turquesas, que ele percebeu que era um longo colar.

– Pensei que você tinha dito que não podia me curar – ele falou.

– Não posso. Mas eu posso limpar o seu espírito e envolvê-lo em proteção, para que você possa começar a trilhar o caminho que vai levá-lo à felicidade – ela explicou enquanto acendia a vela roxa.

– Tudo bem. Vou fazer tudo que você disser. – Ele se endireitou no seu assento.

– Eu digo que você precisa fazer as pazes com Jack.

– Jack está morto.

– Jack está em um pequeno quarto logo abaixo do Ginásio.

– Aquele não é o meu Jack, Vovó. É o Outro Jack.

– Será que realmente importa de quem Jack é? – Vovó perguntou enquanto levou um bastão de defumação grosso de sálvia branca até a chama da vela roxa. – Ele não é, de qualquer forma, eternamente o seu Jack? Você não iria amá-lo em qualquer corpo, de homem ou de mulher?

– Eu iria. – Damien sentiu uma onda de choque emocional ao se dar conta de que a sua resposta automática era de fato a verdade. *Eu amaria Jack, não importa o corpo em que ele voltasse para mim. Homem, mulher, simplesmente não faria diferença. Ele ainda seria o meu verdadeiro amor.*

– E você não entenderia que o espírito dele, a essência que é realmente Jack, pode ser o mesmo, ainda que o corpo que o abriga e que a personalidade que vem junto possam ser um pouco diferentes, por causa das diferentes experiências de vida?

Damien assentiu pensativamente.

– Sim, Vovó, acho que eu entenderia.

– Então você acredita que poderia aprender a amar Jack de novo, mesmo se ele renascesse em um corpo totalmente diferente. Quem sabe um adorável asiático, que nunca conheceu um vampiro ou nem mesmo um novato? Ou uma mulher, cuja única experiência com a comunidade gay seja a sua família homofóbica que recrimina quem eles chamam de pecadores?

– Jack ainda estaria em algum lugar dentro deles. Sim, eu iria querer ficar com ele. Ou ela.

– Então aprenda a amá-lo de novo em seu próprio corpo.

Damien foi abruptamente para trás, como se tivesse levado um tapa dela.

– Oh, Deusa, Vovó! Eu não tinha pensado nisso dessa forma. – Ele sentiu um súbito e incrível alívio na tensão que estava apertando o seu peito. – Eu estava tão envolvido no pensamento de que ele é Outro Jack que não consegui enxergar a verdade. Isso *não* importa. Se ele não é o meu Jack neste instante, eu sei que ele pode ser, que ele vai ser o *meu* Jack de novo.

– É isso mesmo, *wahuhi.* Siga esse caminho. Espero que ele o leve à felicidade.

– Nós já nos apaixonamos antes. Podemos nos apaixonar de novo.

– Claro que vocês podem, meu filho. É claro que sim. – Vovó pegou o longo colar de turquesas e o ajeitou no pescoço de Damien, de modo que as contas ficaram sobre o peito dele. Então ela segurou o maço de defumação de sálvia na mão esquerda e a pena de pomba na direita. – Por favor, fique em pé.

Damien fez o que Vovó pediu, ficando um pouco mais para o lado do canapé para que ela pudesse se mover com facilidade ao redor dele. Então ela começou a defumá-lo, andando de modo ritmado em

um círculo pequeno em sentido horário, usando a pena de pomba para direcionar a fumaça, enquanto cantarolava a batida de uma canção Cherokee.

Ela o rodeou por quatro vezes e depois deixou o bastão de defumação de sálvia sobre a concha de ostra. Ainda cantando e movendo seus pés compassadamente, ela acendeu o longo feixe trançado de erva-doce americana e recomeçou o processo novamente.

Quando terminou as suas quatro rotações, ela fez um gesto para Damien abaixar a cabeça, para que pudesse colocar a mão sobre ela, abençoando-o.

– Oh, Grande Mãe Terra, ajude este generoso *wahuhi* a sempre falar a verdade, a escutar com uma mente aberta, a se lembrar sempre de que a paz precisa primeiro ser encontrada do lado de dentro. Proteja-o no seu caminho de vida, aberto à felicidade, falando a verdade e acreditando em levar a paz dentro de si.

Então ela ficou na ponta dos pés e, delicadamente, beijou a lua crescente preenchida no centro da testa dele.

– Nyx, eu selo a minha benção com um beijo meu para você.

– Obrigado, Vovó. – Damien sentiu que ele parecia mais alto e, quando se moveu, mais leve. Ele começou a levantar o colar de turquesas para tirá-lo e devolvê-lo à Vovó, mas a mão dela o deteve.

– Ele é seu agora. Eu o fiz para você, colocando cada conta no lugar enquanto cantava uma oração de proteção. Não quero que você o tire até o final da próxima lua cheia.

– Você quer dizer que devo ficar com ele o tempo todo? Até no chuveiro?

Ela sorriu e assentiu.

– Sim, meu filho. E na cama também. As pedras vão ajudá-lo no seu novo caminho. Também vão ajudar Jack.

– Jack?

– Eu compreendo que, do jeito que Jack está agora, é difícil para ele controlar o seu impulso de se alimentar.

– Sim, Stark e Zoey não querem que eu fique sozinho com ele por causa disso. Eles provavelmente têm razão.

– Eles estão preocupados com o seu bem-estar. Todos nós estamos. Mas não é da fome de Jack que você precisa ser protegido. É do seu espírito perturbado. Eu senti assim que o vi. O espírito dele está impregnado de Trevas. – Vovó Redbird pressionou a sua mão contra as turquesas. – As Trevas são afetadas pelos poderes de proteção destas pedras sagradas. Elas vão enfraquecer as Trevas no espírito de Jack o suficiente para que ele consiga controlar a sua fome terrível por um tempo.

– Isso é incrível, Vovó. Muito obrigado!

– Meu filho, isto não é uma cura para a doença de Jack. Eu não tenho esse poder, nem essas pedras têm. Nem você. Lembre-se disso. Seja sábio. Vá vê-lo agora. Converse com ele. Vá conhecer esse Outro Jack que é apenas uma nova versão do seu verdadeiro amor.

– Eu vou. – A sensação de alívio de Damien era arrebatadora. Ele passou uma mão trêmula pelo cabelo. – Quanto tempo essas pedras me dão para ficar com ele?

– Você deve estar seguro até que ele durma com o nascer do sol. – Ela fechou a pequena cesta de piquenique e a estendeu para ele. – Leve isto com você. Eu coloquei algumas coisinhas aqui para vocês dois.

– É bem menor do que a sua cesta normal de piquenique, Vovó.

– Ah, eu tenho tantas cestas… cada uma tem o tamanho certo para o seu propósito.

Damien espiou dentro da cesta e viu uma garrafa térmica, que estava morna ao seu toque, e duas belas taças de cristal para vinho. Damien levantou a sobrancelha para Vovó.

– Café?

Ela sorriu astutamente.

– Sangue. Fresco e quente. Shaunee conseguiu para mim.

Damien piscou em choque, o que fez Vovó dar risadinhas e parecer uma menina precoce.

– Você pensa que eu não sei que vocês bebem sangue, *wahuhi?*

– Eu, bem, sim. Acho que eu sabia que você sabe. Mas não esperava que você ficasse tão confortável com isso.

Ela levantou o ombro.

– Isso não me choca. Sabia que o meu povo costumava comer os fígados frescos, ainda sangrando, dos animais mortos para alimentar a tribo? Isso era feito com respeito e gratidão pela vida dada a eles. Este sangue é doado, não foi tirado à força, e foi aceito com respeito e gratidão. Não vejo uma diferença fundamental entre os dois.

– Obrigado. – Antes de fechar a tampa da cesta, Damien colocou dentro dela o livro que ele estava planejando ler, para o caso de Jack estar mais sonolento do que ele esperava. Ele poderia, pelo menos por um pouquinho, ficar sentado no quarto dele e observá-lo dormindo.

– E, Damien, eu quero que você leve alguém junto para ver Jack. – Vovó interrompeu os pensamentos dele.

– Mas eu pensei que você tinha me dado este colar para que eu pudesse ficar sozinho com ele – Damien falou, tocando

cuidadosamente as pedras. Elas tinham um toque frio e suave e pareciam vibrar levemente a cada batida do seu coração.

– Esse alguém é especial. Ela está esperando do lado de fora da porta. Você vai encontrar uma coisinha para ela embaixo da garrafa térmica e das taças de vinho. – Vovó fez um gesto com a mão para que ele fosse logo. – Vá. Agora. Eu vou arrumar aqui e depois vou embora. Você não tem muito tempo até o sol nascer.

Damien ajeitou a camisa e olhou em volta procurando um espelho.

– Você está ótimo. Vá logo. Ele está sozinho lá embaixo. Ele está assustado. E está lutando contra Trevas que estão dominando firme e profundamente a alma dele. Vá até ele. Jack precisa de você tanto quanto você precisa dele.

– Eu vou. Agora mesmo. Obrigado de novo. – Damien se abaixou e a beijou com carinho em sua bochecha macia. E então sussurrou: – Eu te amo, Vovó.

– Eu também te amo. Nunca se esqueça de como você é amado nesta vida. *Wahuhi*, uma família não é feita de sangue. É feita de espírito. O espírito da sua família da Morada da Noite é muito forte.

Damien foi até a porta, mas, antes de abri-la, ele olhou de novo para Vovó.

– O que *wahuhi* significa?

– Coruja. Eu resolvi que, se Stark é um galo, então você tem que ser uma coruja.

– Eu gosto – Damien disse. Então ele abriu a porta devagar e espiou para fora. – Olá? – ele falou para o hall vazio.

Au-au!

Ele olhou para baixo e viu a labradora dourada sentada lindamente, balançando o rabo como se tivesse acabado de receber

o maior sonho do seu coração.

– Duquesa! Ai, meu Deus, é fabuloso ver você! Senti tanto a sua falta! – Damien se ajoelhou e ela praticamente se arrastou para o seu colo, enquanto ele ria e enchia de beijos aquela carinha doce e familiar. – Ei, você quer ver Jack?

Au-Au! O rabo começou a balançar mais, num nível quase obsessivo.

– Ok, vamos nessa! – Damien teve que se esforçar para não correr. Duquesa foi ao seu lado, abanando o rabo alegremente e dando um sorriso canino para ele. Ele colocou a mão perto da cabeça dela para poder sentir o seu calor reconfortante. – Jack vai estar diferente – ele falou seriamente, e a labradora voltou o seu olhar inteligente para ele, ouvindo com atenção. – Ele vai estar com um cheiro diferente. Bem diferente. E pode ser que ele não te reconheça. Mas, por favor, não deixe que isso te assuste. Seja boazinha com ele. Por favor. Por mim.

Au! Au! Au!

Damien esperava que três latidos significassem sim.

Vista pela última vez com vida, em tradução livre. (N.T.)

18

Damien

Damien parou na frente da porta do quarto de Jack, assentindo para o Guerreiro Filho de Erebus que estava de guarda. Felizmente, o Guerreiro estava lá para manter Jack do lado de dentro – não para manter outras pessoas do lado de fora.

Damien estava nervoso. Muito nervoso. Duquesa se sentou ao lado dele, com a língua de fora e balançando o rabo alegremente.

Acho que seria melhor se eu fosse um cachorro, ele pensou. *Eles ficam felizes facilmente.*

Ele levantou a mão para bater na porta, mas não conseguiu.

Duquesa levantou os olhos para ele e choramingou.

– Ok. Eu sei. Ok. – Ele respirou fundo e bateu na porta.

– Pode entrar – Jack disse.

As orelhas de Duquesa se levantaram instantaneamente ao ouvir som da voz dele.

– É isso mesmo. É o Jack – Damien sussurrou para ela enquanto digitava o código na fechadura digital da porta. – Pronta? – Como Duquesa começou a abanar o rabo e a pular em volta dele cheia de entusiasmo, Damien resolveu que seria melhor um pouco mais de compostura. – Sentada, Duquesa – ele disse a ela. – E quieta.

Ele abriu a porta.

Jack estava sentado na cama, vendo TV. Ele estava segurando uma jarra de sangue pela metade. Ele tinha tirado os sapatos e sentado de pernas cruzadas sobre os pés. O olhar dele se voltou primeiro para Damien. Ele abriu a boca para falar algo, então Duquesa choramingou e ele instantaneamente abaixou os olhos na direção da grande labradora dourada sentada ao lado de Damien.

– Um cachorro? Sério? – A voz de Jack soou adorável, fazendo Damien se lembrar tanto do seu verdadeiro amor que ele teve vontade de chorar.

Em vez disso, ele se forçou a sorrir.

– Sim, é isso aí. Um cachorro. Sério.

– Eu adorava cachorros. Quero dizer, eu sei que nós devemos ser do tipo que ama gatos, mas não consigo evitar. Além disso, acho que não tem nada de errado em gostar de cachorros.

– Né? Isso é uma coisa com a qual a gente sempre concordou. Você reconhece esta garota?

– Garota?

Damien assentiu e acariciou a cabeça de Duquesa.

– O cachorro é fêmea. E o nome dela é Duquesa.

– Ela é linda.

– É mesmo. Então, você não a reconhece?

Jack desviou o olhar de Duquesa e encarou Damien.

– Não. Não há nenhum cachorro na Morada da Noite.

– Ela não está com Stark?

– Com o General Stark? Não. Ou, se está, nunca a vi nem ouvi falar dela – Jack respondeu. – Espere aí, ela é a cadela de Stark?

– Sim, mas ele a compartilha. Com a gente.

Jack arregalou os olhos.

– Você está falando sério?

– Pergunte a ela.

Jack engoliu a saliva visivelmente e mudou de posição até ficar com as pernas para o lado de fora da cama. Então ele encarou os dois. Ele colocou a jarra na mesinha de cabeceira e esfregou as mãos nervosamente.

– Mas os gatos detestam a gente. Todos nós. Será que os cachorros não nos detestam também?

– Todos nós?

– Todos os novatos e vampiros vermelhos – Jack explicou.

Damien pensou rápido. Ele se lembrou de que Stark não queria Duquesa por perto quando era um jovem novato vermelho lutando com a sua própria humanidade. Ele abaixou os olhos para Duquesa, e a labradora olhou de volta para ele, com olhos repletos de amor incondicional e aceitação. E ele *sabia* que Duquesa não ia rejeitar o Outro Jack. Como Vovó Redbird, Duquesa iria olhar para dentro dele, para o Jack que eles amavam.

Então ele se virou para Jack, que estava olhando desejosamente para Duquesa.

– Pergunte à Duquesa. Ela o conhece. Ela vai aceitá-lo – Damien disse e percebeu a surpresa e a breve expressão de pura alegria que passou pelo rosto de Jack.

– Duquesa? Você quer vir aqui, sua garota linda?

Duquesa olhou rapidamente para Damien.

– Pode ir. – Ele abriu o sorriso para ela.

Ela foi saltitante até o Outro Jack e ficou se sacudindo alegremente, enquanto ele a acariciava e dizia como ela era macia, especial e linda.

Tão parecido com o seu Jack. Tão, tão parecido com o seu doce e perdido Jack.

– Ei, você está bem?

Damien não tinha percebido que estava parado ali com lágrimas escorrendo pelo seu rosto até Jack falar com ele.

– Ah, sim. – Ele enxugou as bochechas. – Desculpe. É que… – E então ele perdeu as palavras, pois a verdade é que tudo era doloroso demais para colocar em palavras.

– Eu entendo – Outro Jack falou em voz baixa. – Você quer entrar e se sentar? – Ele indicou a cadeira ao lado da mesinha em que estava a TV. – Ou talvez isso não seja uma boa ideia.

– Eu quero entrar. Mas como você se sente? Acha que consegue se controlar?

Jack continuou acariciando Duquesa com uma mão enquanto pegou a jarra de sangue com a outra. Ele deu um longo gole antes de responder.

– Sim. Eu bebi bastante e o nascer do sol está próximo, então já estou me sentindo sonolento.

– Bem, então vou entrar um pouquinho. – Damien pegou a cadeira da mesa e a colocou ao lado da cama. Não perto demais, mas também não tão longe quanto estava.

Ele pôs a cesta de piquenique ao seu lado, perguntando-se quando seria a hora certa de compartilhar o que estava lá dentro com Jack.

Eles ficaram sentados em silêncio enquanto Jack bebia a sua jarra de sangue e acariciava Duquesa. Finalmente, Damien disse:

– Você tem Netflix aqui embaixo, você sabe. – Ele apontou a televisão com o queixo.

– Ah, boa. Filmes. – Outro Jack pegou o controle remoto. – Quer assistir alguma coisa comigo?

– Claro. Mas precisa ser algo curto, já que você vai desmaiar daqui a pouco.

– Hum, vocês têm uma série aqui chamada *Make the Date?*[24]

– Acho que não. Como é?

– Ai meu Deus, é simplesmente incrível. É sobre dois caras, gays, é claro. – Jack fez uma pausa.

– É claro – Damien disse automaticamente. Assim como ele já tinha dito tantas, tantas vezes. Ele piscou rápido, não querendo estragar o momento com lágrimas. – O que tem esses caras?

– Bom, é um reality show de encontros. Só que os gays organizam a coisa toda: quem vai sair com quem, o que vão vestir, como vai ser o cabelo e a maquiagem deles, onde vai ser o encontro. Eles inclusive escolhem se os casais vão ter outro encontro ou então podem trocar alguém por outro participante do programa. No final de cada temporada, tem *pelo menos* um pedido de casamento. E drama. Muito drama. Você ia amar.

– Parece divino, mas tenho certeza de que não temos essa série aqui. Mas a gente tem um programa que eu tenho 100% de certeza que você vai amar. Chama-se *Project Runway.* Já ouviu falar?

– Não.

– Ok, ótimo. Dê o controle remoto e eu encontro a última temporada para você. Espere até ver Tim Gunn. Ele é fantástico. Na verdade, eu o encontrei recentemente em uma festa da Morada da Noite em Nova York, e ele é tão fantástico na vida real quanto parece ser no programa. – Damien se inclinou para a frente, com a mão estendida, esperando o controle remoto.

Sem nenhuma hesitação, Jack entregou o controle remoto para ele.

Os dedos deles se tocaram. Os seus olhares se encontraram.

Devagar, bem devagar, Damien abriu os dedos para que, mesmo com o controle remoto entre eles, pudesse sentir o calor da pele de Jack.

Quando os olhos de Jack começaram a ficar cor de ferrugem, Damien o soltou e se recostou de volta na cadeira como se nada tivesse acontecido.

– Ok, vamos ver. Ah, aqui está o botão. – Ele estava digitando P-R-O-J-E-C-T quando as palavras de Jack perfuraram o seu coração.

– Eu senti tanto a sua falta. Você me deixou. Sozinho. Naquele mundo horrível. Você me deixou.

Damien colocou o controle remoto no colo e virou a cadeira para encarar o Outro Jack.

– Neste mundo, foi *você* quem me deixou.

– Não de propósito, certo? Zoey disse que a minha morte foi arranjada para parecer um acidente, apesar de ela achar que teve algo a ver com Neferet. Mas, tenha ou não algo a ver com ela, eu com certeza não parti de propósito. Você, sim. Você se matou.

Damien inspirou profundamente e soltou o ar devagar, antes de conseguir falar.

– Como? Como eu me matei?

– Você cortou os pulsos na banheira. Eu o encontrei assim. Morto. Frio. Ensanguentado. Foi a pior coisa que já aconteceu na minha vida. Nem isto – ele fez um gesto violento em direção ao contorno da lua crescente na sua testa – foi pior.

– Eu sinto muito, Jack. Sinto muito mesmo. – Então, devagar, Damien começou a contar para o Outro Jack o que ele nunca tinha contado para ninguém. – Mas eu entendo o seu Damien. Eu já senti essa mesma depressão… esse mesmo desespero.

– Neste mundo também?

Damien assentiu.

– Mas só depois que eu morri, certo?

Damien suspirou pesadamente.

– Não. Antes. Muito tempo antes. Eu sempre me senti triste e destroçado até onde a minha memória alcança. Foi por isso que eu sempre me voltei para os livros e para o estudo. Isso me ajudava a escapar. E a minha depressão melhorou quando fui Marcado e vim para cá. Eu fui aceito aqui. Eu não sofria mais bullying, ou pelo menos não muito. Bem, não sofri bullying nenhum depois que virei companheiro de quarto de Erik Night, mas isso é outra história. Então você foi Marcado e a gente se apaixonou. E eu pensei que aquela tristeza horrível tinha ido embora, mas não. Foi como se ela tivesse ficado adormecida, esperando.

– Esperando o quê?

– Esperando uma época tranquila. Uma época normal. Em que eu não tivesse acabado de me apaixonar ou não estivesse ocupado ajudando Z. a salvar o mundo. Basicamente, esperando que a vida seguisse o seu curso. E então ela despertou, e eu tenho tentado colocá-la para dormir desde então. Foi só hoje, alguns minutos atrás, que descobri que não existe isso de colocar a depressão para dormir. Eu preciso consertá-la, curá-la… eu preciso me curar.

– Como?

– Não sei exatamente, mas o que eu sei é que vir aqui e estar com você é um passo na direção da cura. Eu também sei que preciso falar sobre os meus sentimentos. Tenho que admitir que preciso de ajuda. – Damien estendeu sua mão. Com hesitação, Outro Jack a pegou. – Eu te amo, Jack Twist. Em qualquer mundo. De qualquer forma. Eu te amo e, se isso for uma escolha minha, eu nunca, jamais vou te deixar. Quero que você saiba disso.

– Eu também te amo, Damien. Tudo o que eu quero é você. Você é tudo o que sempre quis desde o dia em que a gente se conheceu.

Damien não conseguiu se controlar. Ele não quis se controlar. Ele queria Jack. Ele puxou a mão de Jack, trazendo-o para mais perto. Cuidadosamente, movendo-se de modo que Jack soubesse o que ia acontecer, Damien o puxou para cada vez mais perto – até que os lábios deles estivessem a apenas um sopro de distância.

– Por favor, beije-me – Damien murmurou.

Jack obedeceu. Foi um beijo doce e inocente. Os lábios deles se tocaram suavemente.

Damien bloqueou o cheiro de Jack e se concentrou em como sentia os lábios dele. Eram os mesmos, ainda macios e carnudos. Ele ainda não tinha nenhuma barba por fazer, só uma leve penugem superficial de pêssego que fazia cócegas com uma amada familiaridade. Damien estendeu a mão e começou a acariciar o cabelo de Jack. E era o cabelo de Jack: macio, levemente cacheado e um pouco comprido demais – ou curto demais, dependendo da sua noção de estilo. Mas, de qualquer forma, era perfeitamente Jack. Com um gemido, Damien aprofundou o beijo, encontrando a língua de Jack.

Jack levantou os braços para envolver os ombros de Damien.

E então Duquesa começou a ganir, no exato momento em que a mão do Outro Jack deslizou do ombro de Damien na direção do seu pescoço.

Damien sentiu a mudança em Jack instantaneamente.

O beijo se endureceu, tornou-se doloroso.

A mão de Jack, que estava suavemente pousada no ombro de Damien, de repente ficou firme, segurando-o no lugar para que ele não conseguisse se mexer quando Jack interrompeu abruptamente

o beijo. Jack rosnou, mostrou os dentes… e então a sua mão livre estava se insinuando ao redor do pescoço de Damien e…

– Aaai! – Outro Jack gritou, tirando rapidamente a mão do colar de turquesas que tinha encontrado.

Damien se levantou tão rápido que a sua cadeira caiu para trás. Duquesa também se moveu rapidamente, posicionando-se entre Jack e Damien, porém sem rosnar e sem ameaçar. Ela simplesmente se sentou ali, olhando para Jack e choramingado com tristeza.

O Outro Jack colocou a mão no estômago e usou as pernas para empurrar o seu corpo de volta para a cama.

– Vá embora. E leve-a junto também. Não quero que nenhum de vocês dois me veja assim. – A voz dele era áspera, e Damien viu o brilho vermelho dos seus olhos transformados.

– Não.

– Vão embora! Eu sou um monstro! E eu não consigo me controlar, mas eu sinto muito. Eu sinto muito, muito mesmo – ele soluçou convulsivamente.

– Eu não vou a lugar nenhum. – Damien pegou a jarra de sangue na mesa de cabeceira e a atirou para Jack, que a apanhou com a velocidade sobrenatural de um predador. – E você não é um monstro. Você está doente. Só isso. E eu acredito que a gente vai descobrir um jeito de fazer você ficar bem.

– Você deve ficar longe de mim até lá. Eu não consigo me controlar. – Ele desenroscou a tampa da jarra e matou o resto do líquido de uma vez.

– Jack, você *acabou* de se controlar.

Jack engoliu, enxugou os lábios e olhou para a sua mão, que estava vermelha e com bolhas, mas já começando a se curar.

– O que foi isso?

Damien endireitou a sua cadeira e se sentou, acariciando Duquesa para tranquilizá-la.

– Turquesas infundidas de amor de avó.

Jack olhou para Damien. Os olhos dele já estavam começando a clarear de vermelho para cor de avelã.

– Machucou.

– Não machucou você, mas sim as Trevas dentro de você que o estão deixando doente. Você quer mesmo que a gente vá embora?

– Não. – A voz de Jack soou baixa e triste. – Mas você deveria. Eu não quero machucá-lo.

– Você não vai me machucar. Nós não vamos deixar. Duquesa, Vovó e eu.

– Você não vai mesmo embora?

– Não até que você realmente queira que eu vá – Damien respondeu.

– Por favor, não vá – Jack falou tão baixo que Damien quase não o escutou. – Eu estou tão cansado de ficar sozinho.

– Então eu não vou embora. – Ele se abaixou e abriu a cesta de piquenique, tirando de dentro a garrafa térmica e as duas taças de cristal lapidado para vinho.

– Ooooh, elas são tão lindas! – Jack disse, soando cada vez mais como ele mesmo.

– São adoráveis, não é? Aqui, uma é para você. – Damien ofereceu uma taça a Jack, que de moto hesitante e rápido foi até a beira da cama e a pegou.

Então Damien abriu a garrafa térmica e serviu duas taças cheias do líquido quente e vermelho, que preencheu o quarto com a fragrância sedutora de sangue fresco.

Damien observou o Outro Jack atentamente. Os olhos dele começaram a mudar de cor, mas, assim que deu um gole na taça, eles começaram a clarear de novo. Lembrando-se do que Vovó havia dito, Damien procurou no fundo da cesta e encontrou um Hymalayan Dog Chew[25] fresquinho, que ele jogou para Duquesa. Ela o pegou habilmente, depois saltou até o chão aos pés da cama de Jack, girou algumas vezes e, com um suspiro feliz, deitou-se e começou a roer.

– Eu gosto muito, *muito* dela – Jack sussurrou, como se estivesse com medo de assustar Duquesa, mas tudo que a grande labradora fez foi abanar o rabo.

– Você sempre gostou – Damien disse. Então ele olhou de novo para a cesta e pegou o livro *Last Seen Living.* – Sabe do que mais você sempre gostou?

Jack deu um gole na taça de vinho antes de responder:

– Não, conte-me.

– Você sempre gostou que eu lesse para você.

– Você nunca leu para mim antes.

– Sério?

Jack assentiu.

– Sim. Você estava sempre muito ocupado, estudando ou escrevendo artigos e tal.

– Bem, eu não estou muito ocupado agora. Você gostaria que eu lesse para você?

– Sim, gostaria. – Jack pegou a garrafa térmica na mesa de cabeceira, onde Damien a havia colocado, e encheu de novo a sua taça. – Mas eu vou pegar no sono assim que o sol nascer. Não posso evitar.

– Então eu vou ficar sentado aqui e ler para você dormir.

Os olhos de Jack brilharam de novo, mas desta vez por causa de lágrimas não derramadas.

– Você também vai estar aqui quando eu acordar?

– Sempre – Damien falou com firmeza. – Sempre, meu amor. – Então ele abriu o livro e começou a ler. – *Last Seen Living*, de Caleb Roehrig. Capítulo Um. “Na escuridão eles vão, o sábio e o adorável”.[26] Edna St. Vincent Millay. “Havia um cadáver no jardim da frente do meu vizinho”…

Algo como “faça o encontro”. (N.T.)
Marca de petisco de roer para cachorros. (N.T.)
Tradução livre de verso citado do poema de Edna St. Vincent Millay. (N.T.)

19

Aphrodite

O Escalade freou na frente de Aphrodite. As correntes que tinham acabado de ser colocadas nos seus pneus fizeram um barulho horrível contra a neve quando ele deslizou até parar. A porta do passageiro se abriu e Darius olhou para ela na luz cinzenta de uma nevasca pré-amanhecer.

– Você não vai andando. Não importa o que você diga, eu não ligo que você tenha aquela arma de choque elétrico. Eu vou levá-la. E vou buscá-la. Entre.

Aphrodite suspirou, mas entrou no SUV.

– Você parece irritado.

– Eu estou chateado.

– Não, irritado. Eu entendo de irritação. Entendo bem. – Ela se inclinou por sobre o assento e deu um beijo na bochecha dele, acariciando-o com o seu nariz com intimidade. – Mas obrigada.

Darius tirou com carinho o cabelo do rosto dela e a beijou como se deve.

– De nada. – Então ele começou a dirigir devagar, atravessando o estacionamento com cuidado na direção do portão da escola que dava para a Avenida Utica.

– Como você sabia que eu ia andando até o hospital?

– Zoey me contou. E eu senti você. Eu sabia que você estava armando algo.

– Você me conhece bem – ela disse.

– Você tem certeza de que visitar a sua mãe é uma boa ideia?

– Na verdade, eu tenho certeza de que não é. Mas ela vai morrer em três dias. Acho que isso significa que eu tenho que visitá-la. É o que dizem as regras para mães e filhas.

– Acho que essas regras só se aplicam a mães que agem realmente como mães – Darius falou.

– Bom, ela é a única mãe que eu tenho, então ela vai ter que servir. Além disso, não estou indo por causa dela. Estou indo por mim. Não quero me arrepender nunca por não ter feito isso quando eu podia. – Aphrodite observou o perfil de Darius, que estava concentrado na rua coberta de neve. – Eu nunca te perguntei sobre os seus pais. Como eles são?

– Eles estão mortos – ele respondeu sem tirar os olhos da rua.

– Oh. Sinto muito.

Ele deu uma olhada rápida para ela, sorrindo levemente.

– Faz muito tempo. Meu pai nasceu em 1902. Minha mãe nasceu em 1910. Eles eram boas pessoas. Eles não entenderam o que estava acontecendo quando eu fui Marcado, e eu só os vi duas vezes depois disso. O mundo era diferente naquela época… menor. Mais simples.

– Cacete. Quando você nasceu? – Aphrodite encarou o seu amante e companheiro. Ele parecia ter, no máximo, uns vinte e cinco anos.

– 1929. Foi um ano muito bom.

– Ah, Deusa! Você tem oitenta e oito anos!

Ele abriu o sorriso para ela.

– Tenho.

– Ainda bem que eu sempre gostei de homens mais velhos – ela disse.

– Ainda bem mesmo – ele concordou.

– Ei. Eu deveria ter perguntado sobre os seus pais antes. Darius, desculpe-me por ser tão egoísta. Vou me esforçar para melhorar isso.

– Eu acredito na sua bondade, e a sua bondade é maior do que o seu egoísmo, minha bela.

– Fico muito feliz por você pensar assim.

– Eu sei que é assim.

Darius olhou para o relógio no painel, que mostrava 6h22.

– O sol vai nascer daqui a uma hora mais ou menos. Você quer que eu fique com você ou prefere que eu volte para buscá-la depois?

– Nem uma coisa nem outra. Preciso ver a minha mãe sozinha. Vou esperar até o sol nascer e voltar andando para a escola. – Antes que ele começasse a argumentar com ela, Aphrodite o impediu. – Não! Eu vou ficar bem. Outro Jack contou que o povo dele é ainda mais sensível ao sol do que os nossos vampiros vermelhos. Eles não vão me pegar. Além do mais, você sabe que eu tenho isto aqui. – Ela tirou o Taser da sua bolsa-saco Saint Laurent com tachas prateadas.

Darius bufou.

– Você só tem que se concentrar em se livrar dos caras do mal. – Ela apontou para o seu lenço, que ainda estava enrolado no bíceps dele. – E lembre-se, aí só pode cair sangue de outras pessoas.

Darius parou na entrada do pronto-socorro do St. John’s e se virou para ela.

– Você tem certeza de que não quer que eu fique com você?

– Tenho. Você tem certeza de que vai estar em segurança por aí?

– Tenho.

Aphrodite já tinha soltado o seu cinto de segurança, então ele a puxou facilmente do assento dela para os seus braços para poder beijá-la profundamente. Ela o abraçou e o beijou apaixonadamente.

– Não deixe a sua mãe ferir demais os seus sentimentos – ele disse quando eles se separaram.

– Vou fazer o que posso. Não deixe ninguém te ferir de jeito nenhum.

– Também vou fazer o que posso. Fique bem, minha bela, e saiba que o meu coração está com você. Sempre.

– Vou ficar. E eu também te amo.

Aphrodite fechou a porta do SUV com firmeza e então abaixou a cabeça para se proteger da fúria do vento e da neve, até que finalmente entrou no pronto-socorro. Ela fez uma pausa antes de se dirigir ao posto de enfermagem, batendo o pé no chão para tirar a neve das suas botas Sorel. Ela olhou em volta para se certificar de que ninguém a estava observando antes de colocar a mão dentro da sua bolsa e pegar rapidamente dois Xanax no potinho que carregava sempre com ela, engolindo os comprimidos a seco.

– Pronto. Melhor assim. E agora estou pronta para a batalha… – Ela se aproximou do posto de enfermagem. – Oi, eu sou Aphrodite LaFont. Minha mãe é Frances LaFont. Eu gostaria de vê-la, por favor.

– Documento? – a enfermeira pediu e Aphrodite o mostrou a ela. Então a enfermeira assentiu e digitou o nome da mãe dela no computador. – Ela foi transferida do pronto-socorro para a UTI. Que estranho. O ferimento dela não era tão grave. – A enfermeira franziu

a testa enquanto lia as observações na tela. – Srta. LaFont, posso mandar localizar o Dr. Ruffing para você.

– Não, tudo bem. Eu sei o prognóstico dela. Minha mãe sabe?

A enfermeira leu as anotações em silêncio por mais alguns instantes antes de dizer:

– Não. Parece que o Dr. Ruffing está esperando alguém da família para contar a ela o pior. Mas ela está em isolamento, por causa da natureza contagiosa do seu ferimento.

– Então ela não tem a menor ideia de por que está em isolamento nem na UTI?

– Não tenho certeza. Como eu disse, posso localizar o médico.

– Não, não precisa se preocupar. Eu não vou demorar muito. Mas, se eu precisar dele, peço para alguém lá em cima localizá-lo. Em qual andar fica a UTI?

– No terceiro. Você precisa passar pelo posto de enfermagem, mas a sua mãe está no quarto 820.

– Vou fazer isso. – Decididamente, Aphrodite foi até o elevador. O hospital estava estranhamente quieto para um dia com uma nevasca tão forte. – Acho que as coisas não vão ficar agitadas até o povo de Oklahoma acordar e tentar levar as suas caminhonetes até o Albertsons[27] para comprar mantimentos para desastres. Eca, eca – ela falou com um péssimo sotaque de Oklahoma. Então as portas do elevador se abriram para o cheiro de antisséptico da UTI. Aphrodite empinou o queixo e marchou até o posto de enfermagem. – Oi. Eu sou Aphrodite LaFont, filha de Frances LaFont. A enfermeira do pronto-socorro me disse que ela foi transferida aqui para cima. – Aphrodite ofereceu o seu documento para a enfermeira conferir.

– Sim, Srta. LaFont. A sua mãe está no quarto 820, mas ela está sob protocolo de isolamento. Não é permitido que nenhum humano a veja sozinho. Posso localizar o médico ou um segurança para acompanhá-la.

– Não, isso não é necessário. Eu não sou humana. – Aphrodite se segurou para não revirar os olhos quando a enfermeira olhou incrédula para ela. – É sério. Eu era uma novata. Então eu virei Profetisa de Nyx. Eu saí em todos os jornais quando o meu pai foi morto há mais ou menos um ano. Lembra? – Ela começou a tirar o seu telefone da bolsa. – Posso achar a matéria do *Tulsa World* no Google se você quiser.

Os olhos da enfermeira se arregalaram quando ela encarou Aphrodite com mais atenção.

– Ah, está certo. Agora eu me lembro. Não precisa procurar a matéria. Tem certeza de que você não vai ser infectada? Você não tem nenhuma Marca, nem de novata, nem de vampira.

– Sim, eu sei. E, sim, tenho certeza. Não parece, mas eu não sou humana. Agora posso entrar no quarto da minha mãe?

– Pode, mas talvez você deva se preparar. Ela não está sendo muito… – a enfermeira fez uma pausa, mordeu a bochecha, e então concluiu – agradável.

– Minha mãe nunca foi muito agradável. Eu estou acostumada. Obrigada.

Aphrodite encontrou o quarto 820 facilmente. Havia uma grande placa laranja nele, onde estava escrito PERIGO BIOLÓGICO – RISCO DE CONTÁGIO. Era impossível não ver. Ela bateu duas vezes na porta.

– Sim, sim, pode entrar – a mãe dela falou com irritação. – Espero que você tenha trazido a minha camisola e a minha maleta.

E não me diga de novo que está nevando muito forte e que não dá para dirigir. Mande uma dessas assistentes de enfermagem idiotas ir andando até lá. A minha empregada mora na casa da carruagem.[28] Ela sabe onde fica a minha maleta de emergência e pode… – Ela interrompeu o discurso quando tirou os olhos do espelho de mão que estava usando para examinar a mordida no seu ombro. – Ah. É você.

– Sim. E eu não trouxe uma idiota reserva para ir buscar as suas coisas.

– Claro que não.

– Como você está se sentindo, mãe?

– O meu ombro está doendo e vou ficar com uma cicatriz, mas estou bem. Não graças a você. Estou satisfeita por finalmente terem me removido para um quarto privativo, mas estou irritada porque o único quarto disponível era na UTI.

Ah, então foi isso que disseram para ela, Aphrodite pensou. Havia uma cadeira de metal no quarto e ela se sentou, feliz por não estar muito perto da cama da sua mãe. Ela observou a mãe, reparando que ela estava pálida como não costumava ser e que a mordida, que tinha sido na curva entre o pescoço e o ombro, parecia vermelha e úmida.

A sua mãe franziu os olhos para Aphrodite e apressadamente colocou de volta o curativo sobre o seu ferimento de má aparência.

– Por que você está aqui?

– Você é minha mãe e está no hospital. É o meu dever estar aqui – Aphrodite respondeu.

– Ah, obrigação de família. Você nunca ligou muito para isso. Por que a súbita mudança?

Aphrodite encolheu os ombros.

– Não sei. Talvez tenha alguma coisa a ver com o fato de que eu sou parcialmente responsável por essas criaturas terem entrado neste mundo.

– Parcialmente? Eu diria que você e o seu grupo de aberrações são totalmente responsáveis.

– Bem, você diria isso.

– Por que vocês não estão lá fora os perseguindo? Meu Deus! – Frances estremeceu levemente. – Aquelas coisas são monstruosas! E o cheiro deles… horrendo!

– Os nossos Guerreiros estão trabalhando com a polícia de Tulsa para capturá-los. Eles têm um plano. Vai ficar tudo bem. – Aphrodite respirou fundo. – Mãe, sobre a sua ferida. Há mais…

– Não vamos falar sobre mim. Vamos falar sobre você.

– Sobre mim? Você quer falar sobre mim? – Aphrodite ficou sinceramente chocada. Desde quando a sua mãe queria saber qualquer coisa a respeito dela?

– Sim. Eu tenho pensado em você. Em nós. Desde que eu anunciei os meus planos de me candidatar a prefeita.

– Em *nós?* Você tem pensado em nós? – Aphrodite se sentiu levemente atordoada, como se tivesse tomado três Xanax em vez de dois.

– Ah, não fique tão surpresa. E pare de ficar embasbacada de boca aberta assim. Não é nada bonito. Sim, eu tenho pensado em nós e em como você pode me ajudar com a minha campanha.

– Você quer que eu ajude na sua campanha a prefeita? – Aphrodite não conseguia evitar. O seu coração estava batendo mais rápido e ela sentiu o seu rosto ruborizar. A mãe dela estava mesmo pedindo ajuda para ela? Finalmente? Logo alguns dias antes de morrer?

– Sim, definitivamente. Sabe, eu tenho prestado atenção em você. Admito que eu posso ter sido precipitada ao cortar os nossos laços depois que o seu pai foi assassinado por aquela escória de vampiros.

– Mãe, ele foi assassinado por Neferet. Ela não era vampira quando o matou. Ela era uma imortal e nossa inimiga.

LaFont fez um gesto de desdém com a mão.

– Ah, pare com essa mania de detalhes. E pare de fingir que você é um deles. Embora eu admire que você tenha usado o cérebro e não a vagina para criar uma perspectiva que a tornou valiosa para a escória dos vampiros. Fingindo ter visões e ser uma profetisa. Eu não teria feito melhor. Bem pensado.

– Mãe, eu não estou fingindo.

– Mania de detalhes. De novo. – Com uma careta, LaFont sentou-se um pouco mais ereta, reorganizando os travesseiros atrás de si. – Pergunte-me sobre os meus planos para nós.

– Acho que você não entende que…

Como de costume, LaFont cortou a filha.

– O meu plano é ganhar esta eleição mobilizando o *honrado* Povo da Fé – ela disse sarcasticamente – em um frenesi para se livrar da escória dos vampiros entre nós. Como se eu fosse a primeira política a ser eleita por provocar um pouco de xenofobia… – Ela riu baixo, com um som doce e falso que provocou arrepios na pele de Aphrodite. – Na verdade, aquela pequena inconsequência de vocês no Woodward Park funcionou bem de acordo com o meu plano. Acho que ouvi dizer que essas mesmas criaturas atacaram aquele restaurante abominável na estação, foi isso mesmo?

Aphrodite engoliu a náusea que ameaçava sufocá-la. *Ela não mudou. Ela nunca vai mudar.*

– Sim, mãe. As criaturas mataram todo mundo que estava no Restaurante da Estação ontem à noite.

– Perfeito. Onde eu estava mesmo? Ah, já sei. Assim que eu for eleita, vou instituir um imposto pesado sobre qualquer coisa vampira. Quer comer em um restaurante de vampiros? Pode se preparar para pagar mais. Bem mais. Quer comprar uma obra de arte feita por um vampiro? Tire o seu cartão de crédito platinum da carteira. Quer ir a uma daquelas feiras de produtores locais ridículas no campus da Morada da Noite ou fazer um daqueles cursos deles que insuflam a rebeldia? É melhor se preparar para pagar pelo menos o dobro do preço que você pagaria se estivesse apoiando a sua própria *espécie.* Sim, eu vou fazer Tulsa ser forte de novo.

Aphrodite balançou a cabeça.

– Eu não entendo. Por que você se preocupa tanto com isso? Os vampiros e os humanos *finalmente* estão se unindo. Estamos todos nos dando bem. Isso é bom para vampiros *e* para humanos.

– Não para todos os humanos – LaFont disse com um brilho de malícia nos olhos.

– Ah. Agora entendi. Você quer ganhar algo com isso.

– Aí você já foi longe demais. Acho que a escória com a qual você tem se misturado estragou os seus miolos, apesar de você nunca ter sido excepcionalmente brilhante para começo de conversa. Você sempre foi inteligente o suficiente, nunca brilhante demais. Mas o que eu quero dizer é bem simples, de verdade. Até você vai entender. Há uma parcela da sociedade, uma minoria, mas uma minoria muito rica e poderosa, que quer começar a colocar pessoas em posições políticas de poder que ouçam as suas vozes e ajam de acordo com os seus ideais. Eles não gostam muito do que não é humano, branco e de classe média alta.

– O quê? – Aphrodite sentiu náuseas. A sua mãe estava literalmente em seu leito de morte tramando como uma super vilã. Seria hilário se fosse uma cena de filme. Mas era real. Real demais.

– Eu disse humano, branco e de classe média alta. Você sabe… pessoas que ganham dinheiro suficiente para pensarem que têm dinheiro, então elas começam a doar para campanhas políticas. Enfim, é muito bom que nós somos humanas, brancas e ricas. Ricas de verdade, e não como os novos ricos. Eles são úteis, mas são tão, tão cafonas. – Ela passou a mão em uma mecha do seu cabelo antes de continuar. – Enfim, o que eu estava dizendo antes de você me interromper… é que ter você do meu lado durante a campanha seria perfeito. Pode ser algo como se você tivesse se levantado dos mortos: a filha pródiga que retorna ao seio de sua mãe depois de perceber que estava no caminho errado e que denuncia os monstros que estão entre nós. Os eleitores vão adorar.

– Você está misturando as suas metáforas.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Entendi. Mãe, seja isso conveniente ou não para você, eu não sou humana.

A mãe de Aphrodite fez um gesto menosprezando as palavras dela.

– Que importância tem isso? Você parece humana. Jogue o jogo certo e você consegue passar.

– Passar?

– Por humana, idiota.

Aphrodite sentiu que ficou paralisada por dentro. Ela encarou a sua mãe, talvez a enxergando de verdade pela primeira vez. *Ela é um monstro.*

– Você é um monstro. – As palavras escaparam da boca de Aphrodite antes que ela percebesse que havia falado.

LaFont riu com sarcasmo e desprezo.

– Isso é irônico vindo de você.

– Não, o que é irônico é que você é *literalmente* um monstro. Ou vai ser muito em breve. Mãe, você foi mordida por um vampiro vermelho de um mundo alternativo. Nesse mundo, a mordida de um vampiro vermelho é infecciosa. Você vai morrer em três dias. Depois de mais três dias você vai se levantar, mas você vai ser um deles. Um monstro. E não há nada que você possa fazer quanto a isso.

– Mentirosa! – a mãe de Aphrodite cuspiu a palavra para ela. – Você sempre foi uma mentirosa!

– Não, mãe. Essa é uma das muitas coisas em relação às quais você sempre esteve errada. Eu não minto. Esse é um dos meus pontos fortes e também um dos meus defeitos. Então, deixe-me contar mais uma coisa a você, *honestamente.* Você não só vai se levantar como um monstro, mas também vai morrer como um monstro. O seu frágil corpo *humano* não consegue tolerar a Transformação. Ele vai se acabar. Você vai morrer. Ponto final. E sabe de uma coisa? Mesmo que eu tivesse o poder de curá-la, *eu não faria isso.* Você não merece. O mundo fica melhor sem você. Adeus, mãe. Eu não vou vê-la de novo.

Aphrodite foi para a porta sem enxergar nada na frente, enquanto a sua mãe berrava obscenidades para ela.

– Srta. LaFont? – A enfermeira saiu apressada do balcão, olhando preocupada na direção da porta fechada através da qual a avalanche de xingamentos ainda podia ser ouvida. – Está tudo bem?

– Não. Ela já sabe que vai morrer. Como é típico da minha mãe, ela não recebe bem notícias ruins. Provavelmente ela vai ter que ser sedada.

A enfermeira tocou o braço de Aphrodite com delicadeza.

– Eu perguntei sobre você. Está tudo bem com você?

Aphrodite piscou rapidamente para segurar as lágrimas. *Eu não vou chorar.*

– Também não. Mas já estou acostumada. A minha mãe envenena tudo que ela toca. Mas pode ser que ela esteja certa em uma coisa: o fato de eu ter pensado que ela tinha mudado, nem que fosse um pouco, provavelmente significa que eu sou uma idiota.

– Não, isso não é verdade – ela disse amavelmente. – Significa que você é a filha de uma mulher desagradável.

– Talvez signifique as duas coisas. Com licença.

Aphrodite fugiu para o elevador e apertou o botão do térreo. Antes de as portas se abrirem, ela procurou e encontrou na sua bolsa a garrafinha que carregava sempre. Ela a pegou. Era um belo objeto prateado, com um monograma de um A ornamentado. Aphrodite desatarraxou a tampa, levou o frasco à boca e bebeu intensamente, fazendo apenas uma leve careta para o gosto de turfa do *whisky single malt* 21 anos.

Rede de supermercados. (N.T.)

Construção separada da casa principal, usada antigamente para guardar a carruagem. (N.T.)

20

Zoey

– Ok, Darius e os seus Guerreiros estão todos a postos. Faltam só quinze minutos para o sol nascer. Está na hora de ir! – Stark gritou para mim segurando a porta do Escalade aberta.

Eu saí correndo do prédio quentinho e seco da Morada da Noite em meio ao vento cortante da neve com a cabeça abaixada e os olhos semicerrados. Depois que entrei no carro, ele deu a volta correndo para o lado do motorista e também entrou.

– Está ficando pior. Bem pior – Shaunee disse do banco de trás.

– É só por isso que deixei Stark vir com a gente – eu falei.

Stark disparou o seu meio-sorriso metido.

– Z., eu estou dirigindo. É você que está vindo comigo.

Eu balancei a cabeça para ele.

– Não estou gostando disso. O sol já vai nascer em meia hora.

– Eu já disse que vou ficar bem. Sem chance de a luz do sol atravessar essas nuvens todas, e eu tenho isto aqui. – Ele levantou o seu capuz e piscou para mim. – Eu não vou fritar. Juro.

– Vou ficar bem irritada se você fritar – eu afirmei. – Isso sem falar que, se eu vir a sua pele só começando a ficar um pouco vermelha, vou arrastar o seu traseiro para dentro deste SUV com película hiper escura, jogar você no banco de trás e embaixo de um

monte de cobertores enquanto meto o pé na tábua desta coisa até a escola.

– *Você* dirigindo em uma nevasca? Agora *eu* fiquei com medo – Stark brincou.

Shaunee deu risada.

– Ei, não tem graça – eu protestei.

– Tem sim, Z. – Shaunee disse. – Todo mundo sabe que você é uma motorista de merda.

– Não, todo mundo sabe que eu não consigo parar o carro paralelo à guia. Quase ninguém consegue. Isso não faz de mim uma péssima motorista. – Eu me virei para olhar para Shaunee antes de a gente deixar o campus. – Ei, tem certeza de que você não quer ficar aqui? Esse tempo está horrível.

– Eu escutei Marx te contando que eles já estão com os lança-chamas preparados. Não vou perder isso de jeito nenhum.

– É uma boa ideia ter o fogo com a gente – Stark observou.

– Ok, sim, eu entendi. É que eu simplesmente não consigo parar de me preocupar desde que Kalona apareceu no meu sonho e mencionou aquela palavra que começa com N.

– Z., cai na real. Você não parou de se preocupar desde que foi Marcada – Stark comentou.

Eu suspirei.

– Você provavelmente está certo. Eu só, não sei… Eu só continuo tendo aquela sensação de que alguma coisa vai acontecer. Alguma coisa bem terrível.

– Você quer dizer alguma coisa mais terrível do que o apocalipse de zumbis? – Shaunee perguntou.

– Infelizmente, sim.

Nós havíamos chegado ao portão que dava para a Avenida Utica. Dei uma olhada para a rua que eu esperava estar totalmente vazia e vi…

– Ei, aquela ali não é Aphrodite cambaleando no meio da Utica, é? – Stark perguntou.

– Ah, que inferno, é sim. Espere aí. Eu vou buscá-la.

A mão de Stark no meu ombro me deteve.

– Não, sem mim, você não vai. Você não sabe por que ela está cambaleando.

– Você está falando sério? – Shaunee disse. – Se Aphrodite está cambaleando, todos nós sabemos por quê. Ou ela está bêbada, ou está chapada.

Eu suspirei e acrescentei:

– Ou as duas coisas.

– Normalmente, eu concordaria com vocês. Mas neste momento nós temos zumbis vampiros soltos em Tulsa, então não vou correr nenhum risco. – Ele pegou o seu arco e encaixou uma flecha nele. – Shaunee, pule para cá. Se essas criaturas aparecerem, passe por cima delas.

– Deixa comigo – Shaunee afirmou.

Stark e eu saímos do SUV, tentando nos proteger do vento e da neve, e fomos abrindo caminho até Aphrodite.

– O que aconteceu? Você está bem? – Eu fui rapidamente até o seu lado, enquanto Stark ficava de guarda, com o seu olhar atento examinando tudo ao nosso redor em busca de perigo.

– Zoey! Stark! – Aphrodite tropeçou e caiu em cima de mim. – Duas das minhas pessoas fffavoritas!

Eu a segurei para que ela não caísse no chão e senti o seu bafo forte de bebida quando a ajudei a ficar em pé.

– Você está bêbada.

– E super chapada! Tomei dois, não, espere aí, três Xanax. Ou Xanaxes? Ah, sei lá, tanto faz. – Ela ergueu a garrafinha prateada que estava segurando desajeitadamente e a virou de cabeça para baixo, sacudindo-a. Não saiu nada. – Ah, que merda. E parece que acabou o meu *single malt.* De novo.

– Você precisa parar de misturar remédios com álcool – eu afirmei, segurando-a enquanto ela cambaleava embriagada. – Você vai acabar se matando.

Ela bufou.

– Ah, tanto faz.

– Você viu a sua mãe? – eu perguntei.

– Sim, com certeza. Sabia que ela é um monstro? Literalmente? – Ela começou a rir histericamente enquanto tentava sugar o whisky inexistente da sua garrafa.

Alguma coisa bateu dentro de mim. Eu peguei a garrafinha da mão dela e a atirei na vala na lateral da rua.

– Ei! Isso custou caro!

– Chega! – falei bem perto do rosto dela. – Você tem que parar com isso. É autodestrutivo. E não é assim que os adultos agem, principalmente adultos que estão a serviço de Nyx.

– Talvez eu não queira estar a serviço de ninguém! Talvez eu não mereça estar a serviço de ninguém! Talvez fosse isso o que a minha visão realmente estava querendo dizer. Eu não sou humana. Eu não sou vampira. Eu não sou nada, só uma idiota que não é nem boa o suficiente para ser amada pela sua mãe.

Eu a segurei pelos ombros e a sacudi. Com força.

– Pare com isso agora! A sua mãe é péssima. Ela sempre foi péssima. Então pare de deixá-la foder com a sua cabeça.

– Oooooh, você disse “foder”. Só pode ser por causa do apocalipse dos zumbis. – Ela riu um pouco mais.

– Não tem graça. – Eu a soltei tão abruptamente que ela quase caiu. – E eu estou falando sério. E se eu precisasse de você agora? E se todos nós precisássemos de você agora? Você é uma Profetisa de Nyx. Nós estamos no meio de uma crise. E o que você escolher fazer? Ficar tão chapada que mal consegue andar. Isso é uma caca total, Aphrodite, e como sua Grande Sacerdotisa eu digo, ou melhor, eu *ordeno* que você fique sóbria.

– Ei, o monstro da minha mãe está morrendo. Eu vou ficar órfã. Eu tenho direito de ficar chapada.

– Não, você não tem. O que você tem é a obrigação com você mesma e com as pessoas que se importam com você de lidar com as questões da sua vida! Você está agindo como se fosse a única de nós a perder um dos pais. Ou que já teve uma mãe ou um pai horroroso. Bingo e bingo para mim e para vários de nós. Veja se cresce, Aphrodite, e perceba que você tem um problema.

Aphrodite franziu os olhos para mim, passando de bêbada alegre para bêbada brigona em um instante.

– De que *problema* você está falando?

– Cai na real, Aphrodite – Stark falou sem tirar os olhos da rua à nossa volta. – Todo mundo sabe que você tem um sério problema com álcool e remédios controlados.

Aphrodite parou de cambalear. O rosto dela ficou vermelho vivo.

– Vai se foder, James Stark! E vai se foder você também, Zoey Redbird! Fodam-se todos vocês. São todos uns caipiras que não sabem com quem estão lidando. Dar ordens para mim? *Dar ordens para mim?* Eu não pedi nada disso, e você, *Grande Sacerdotisa* – ela zombou –, não tem inteligência nem experiência para *ordenar*

que o feitiço correto entre em um círculo, e muito menos para dar *ordens* em mim. Estou fora! – Ela passou trombando por mim, chocando-se tão forte comigo que quase me fez cair de bunda no chão, e repetindo: – Estou fora! – por cima do ombro, ela continuou a cuspir sua raiva. – Digam para Darius que a gente vai embora daqui assim que o aeroporto abrir. A Rainha Damien odeia Nova York? Bom, eu amo, então anote que ele está fora e que eu estou dentro. Vou fazer um trabalho melhor do que o que ele está fazendo de qualquer jeito… tudo o que ele faz é só choramingar. Sim, *New York City.* É para lá que eu vou. O mais rápido possível.

Eu comecei a segui-la, mas Stark segurou o meu pulso.

– Deixe-a ir.

– Mas ela está…

– Ela está bêbada, entupida de remédios e querendo briga. E ela está andando na direção do campus. Ela vai ficar bem.

– Andando? Você não quer dizer cambaleando?

– Não. – Ele apontou para ela. – Olhe. Ela não está cambaleando mais. E ela já atravessou o portão. Vamos voltar para o carro.

Nós lutamos contra o vento até o carro.

– Deixem-me adivinhar… ela estava seriamente chapada – Shaunee falou enquanto voltava para o banco de trás, e Stark ocupava o seu lugar.

– Totalmente – eu disse.

– Sabe, a quantidade de remédios e álcool que ela ingere regularmente mataria uma pessoa normal – Shaunee afirmou. – E eu acho que ela não está comendo mais. Quer dizer, eu não andei por perto por uns tempos, mas só a tenho visto beber nas refeições desde que eu voltei.

– Estou sabendo disso. – Observei Stark colocar o SUV na direção da Utica e Aphrodite desaparecer na neve. – Ela está cada vez pior. A gente vai ter que falar alguma coisa para o Darius.

– Mas não o que ela disse exatamente – Stark opinou. – Ele não precisa se preocupar com isso enquanto está combatendo soldados de outro mundo.

– Apenas diga que ela ficou bêbada depois de ver a mãe – Shaunee aconselhou. – Z., Darius vive com ela. Ele é o seu Guerreiro Juramentado. Ele deve saber que ela tem um problema sério.

– Isso vai acabar separando os dois se ela não der um jeito nisso – falei em voz alta as palavras que eu andava pensando há algum tempo.

– Todo mundo sabe disso, Z. – Stark concordou. – Mas coloque sua cabeça de volta no jogo. Você pode descobrir o que fazer em relação a Aphrodite depois que a gente resolver o problema do apocalipse de zumbis.

– Você está certo. Estou de volta ao jogo. Juro.

– Para onde nós estamos indo? – Shaunee perguntou.

– Eu vou parar o carro na rua do Philtower. Ninguém passa pelos Guerreiros nas entradas para os outros túneis, então para os caras do mal vai parecer bom entrar lá ou no edifício Atlas. Marx passou um rádio contando que os seus homens encontraram rastros do lado de fora dos dois prédios. Eles deixaram as portas do nível da rua destrancadas, mas trancaram tudo nos andares de baixo, menos as entradas para os túneis. Eles vão ser apanhados.

– Com lança-chamas! – Shaunee praticamente gritou do assento de trás.

– Não fique tão contente. É nojento – eu falei.

– Ah, sim. Desculpe. Na verdade, eu não estava contente por queimar pessoas, só por tacar fogo em geral.

– Ok, então a gente vai para o Philtower, enquanto Darius fica com o edifício Atlas? – eu perguntei.

– Isso. Tem soldados da polícia nos andares de cima dos dois prédios esperando até o sol nascer. Então eles vão encontrar os nossos Guerreiros, e nós vamos abrir as portas para os dois túneis ao mesmo tempo. Z., eu quero que você fique esperando no edifício Philcade.

– Ahn? Eu não vou ficar lá. Eu vou com você até o Philtower.

– Não, você não vai. E Shaunee também vai ficar com você.

– Ahn duplo? – Shaunee falou.

– Vejam bem, Darius descreveu para mim o que aquelas criaturas fizeram na estação. Eles rasgaram as pessoas, arrancaram pedaços. Eles comeram nacos de carne dos seus corpos. Eu não vou correr nenhum risco de que você se machuque. Então, o Fogo pode esperar com a Líder do Conselho Supremo Norte-Americano, minha Rainha e consorte, *no edifício vizinho onde é mais seguro.*

– Não – eu disse com firmeza. – O Fogo e a Líder do Conselho Supremo Norte-Americano, sua Rainha e consorte, vão esperar no lobby maravilhoso do Philtower. Eu entendi que você não me quer naquele porão apertado com você, eu iria ficar no seu caminho quando você começasse a lutar, mas eu não vou ser banida para o outro lado da rua.

– Certo – Stark concordou. – Mas eu vou deixar um lança-chamas e um policial lá com vocês.

– Isso e o meu fogo vão ser mais do que suficientes para manter a nossa Zoey segura – Shaunee disse. – Espere aí, não tem um

túnel que conecta o Philtower ao edifício Philcade? Ele não passa quase exatamente embaixo da Rua Boston?

– Sim. Também tem uma porta de metal naquele túnel que está trancada com um sistema de polias bem louco e das antigas que só pode ser aberto do lado do túnel do Philcade – Stark explicou.

– Então, eles vão ficar encurralados mesmo.

– Vão sim.

– Ei, você contou para todo mundo que os novatos são inofensivos quando o sol nasce, certo? – eu lembrei Stark. – Outro Jack disse que todos vão estar inconscientes.

– Sim, todos sabem que não devem queimar ninguém que esteja dormindo. Nós só vamos amarrá-los e levá-los para a Morada da Noite. Quando você curar Jack, pode curá-los também.

– *Se* eu curar Jack – eu murmurei.

– Eu ouvi isso – Stark falou.

– Bom, eu não tenho a menor ideia de como ajudá-lo.

– Você vai conseguir – Stark afirmou.

– Vai sim, Z. Você sempre descobre como dar um jeito – Shaunee concordou.

Suspirei e fiquei de boca fechada, mas eu tinha um mau pressentimento em relação a isso… em relação a tudo isso. Alguma coisa ia dar errado. Eu simplesmente sabia.

21

Aphrodite

Aphrodite estava irritada. Muito, muito irritada.

Que direito Zoey pensava que tinha para falar com ela daquele jeito? Principalmente depois de tudo que Aphrodite tinha feito por ela e por toda aquela maldita Horda Nerd. Que merda. Caca, não. MERDA mesmo.

– Essa bosta de neve. Estou tão de saco cheio dessa neve. Desta cidade. De *tudo* isso – ela resmungou para si mesma enquanto caminhava com dificuldade até a porta da frente da escola. – Deusa, eu preciso de um vinho quente e de outro Xanax. – Ela puxou a porta para abri-la. Ela não saiu do lugar. Aphrodite tentou de novo. Nada. – Caralho, está trancada? Não fode. A gente nunca tranca nada. – *Que maldita sorte a minha. Isso é ridículo*, ela pensou. Aphrodite esmurrou na porta, mas com o vento e o efeito de abafamento da neve caindo, o som das batidas dela não repercutiu nem um pouco. Ela espiou por uma janela lateral. – Olá! Tem alguém aí?

Nenhuma pessoa apareceu.

– Que saco. Puta saco do caralho. – Aphrodite abriu caminho pela neve na altura da canela ao redor da lateral do prédio, até chegar ao pequeno jardim em que havia uma fonte e as mesas ao

ar livre do refeitório dos novatos. Ela fez uma pausa ali, cambaleando só um pouco, e espiou pela janela de vidro jateado. – Também não tem nenhuma maldita pessoa aqui. Merda. Tudo bem. Porta dos fundos, aí vou eu.

Ela foi até a entrada da pequena torre que abrigava a Sala do Conselho e o centro de mídia, e que também era uma entrada para os aposentos dos professores.

– Ufa. Finalmente. Lar. Ou melhor, lar temporário, até Darius e eu darmos o fora desta cidade caipira e careta. – Ela colocou a mão na maçaneta, girou-a e *empurrou* a porta. Ela abriu na mesma hora. Então ela se tocou. – Ah, que merda. A porta da frente não estava trancada. Eu tentei puxar a porta em vez de empurrá-la. – Ela começou a rir sem parar. E riu ainda mais, até que estava apoiada no batente da porta arqueada de madeira, sem mal conseguir ficar em pé.

Um raio de luz passou por trás dela, quando o vento fez uma pausa e a neve parou, no momento em que o sol se ergueu no horizonte. A luz bateu nas janelas longas e retangulares que emolduravam o corredor ao lado da porta. Aphrodite piscou, esfregou os olhos e observou.

Na imagem refletida no vidro chanfrado, o sol nascente criava uma aura de ouro e prata ao redor do Templo de Nyx, com a Deusa, de braços erguidos envolvendo a lua crescente, parecendo brilhar naquela luz estranha e inconstante de um amanhecer em meio à neve. Aphrodite ficou imóvel, com a sua imagem sobreposta ao reflexo. Quando os seus olhos focaram no seu próprio rosto, aquela luz ímpar emprestou um tom sépia ao que ela via, como se ela estivesse olhando através de uma máquina do tempo.

E Aphrodite se *enxergou* de verdade – enxergou o que ela estava se tornando.

O seu cabelo grosso e loiro estava uma bagunça, com mechas úmidas em cima do rosto e caindo sobre os seus ombros. Ela estava magra, mas mesmo assim parecia inchada. Havia uma sombra nos seus olhos, e a sua expressão estava vazia… quase morta. Ela parecia dura, malvada e muito mais velha do que os seus vinte e um anos, e ainda assim muito, muito familiar.

Com uma mão trêmula, tocou o seu rosto, e aquela estranha familiar no reflexo também fez o mesmo.

– Mãe? – ela sussurrou. – Eu sou a minha mãe.

O reflexo começou a soluçar convulsivamente. Aphrodite deu as costas para ele, incapaz de continuar olhando – e percebeu que ela estava voltada diretamente para o Templo de Nyx, iluminado pelo amanhecer, pela neve e pelo amor de uma Deusa benevolente.

Ainda soluçando, Aphrodite atravessou o jardim tropeçando e chegou à porta do templo. Ela a empurrou para abri-la e entrou cambaleando. Instantaneamente, ela foi envolvida pelo silêncio e pelos aromas tranquilizantes de baunilha e lavanda. Aphrodite não fez nenhuma pausa. Ela foi direto ao altar principal do templo, onde uma estátua deslumbrante de Nyx era o foco do ambiente. Em toda a volta dela, havia símbolos de amor: colares de contas coloridas e brilhantes, cristais, joias artesanais, velas, cálices de vinho, cumbucas de mel e frutas frescas.

Aphrodite desabou aos pés da Deusa. Ela cobriu o rosto com as mãos e chorou inconsolavelmente – chorou pelo seu pai morto, chorou pela sua mãe detestável e ausente que ia morrer logo, chorou pela sua infância perdida e, finalmente, chorou por si

mesma. Cenas nas quais ela não havia pensado por anos inundaram a sua memória.

Ela se lembrou de um dia, quando ela tinha seis anos e ficou tão feliz ao ver seu pai chegar do trabalho que subiu no seu colo, passou os braços por trás do seu pescoço e lhe deu um beijinho na boca. A sua mão a pegou pelo braço e a arrancou dolorosamente dele, atirando-a no chão e dizendo que ela era velha demais para beijar homens na boca – e que só alguns tipos de garotas faziam isso com certos tipos de homens. Ela disse isso como se a sua filha fosse suja e nojenta. Depois desse dia, Aphrodite não tinha mais nenhuma lembrança do seu pai dando um beijo nela para dizer oi ou se despedir.

Ela nem tentou se lembrar de sua mãe a beijando. Ela não tinha nenhuma memória de que isso tivesse acontecido algum dia. Jamais.

Aphrodite se lembrou de quando ela tinha oito anos e colocou o seu primeiro biquíni de duas peças. Era amarelo e branco, estampado com margaridas. Ela correu para a piscina, onde sua mãe estava tomando sol, para mostrar a ela o seu “biquíni de menina grande”, como a pequena Aphrodite o havia chamado. A sua mãe deu um olhar de relance cheio de desdém e disse: “Se você já tem idade para usar um biquíni duas peças, também já tem idade para começar a encolher essa sua barriga”.

Ela tinha oito anos. Ela não era gorda, nem mesmo cheinha. Mas, daquele dia em diante, ela começou a se preocupar com o peso e a pular refeições.

Aphrodite se lembrou de quando ela tinha onze anos. Um garoto da rua tinha passado na sua casa para perguntar se ela queria jogar *kickball* com ele e outras crianças da vizinhança. A mãe dela disse

não e mandou a empregada bater a porta na cara dele. Aphrodite chorou. A mãe dela deu um tapa nela. Com força. E disse que ela era uma putinha.

Ela não sabia o que a palavra puta significava até aquele dia. Então ela deu um Google, mas ainda continuou sem entender direito. Ela não tinha nunca nem beijado nenhum menino – nem dado a mão para um menino. Mas a sua mãe havia dito que ela era uma puta. Então, ela acreditou. Como ela poderia não acreditar?

Essas memórias continuaram inundando-a e, enquanto elas passavam pelos olhos de sua mente, as suas lágrimas secaram. O seu choro convulsivo se transformou em pequenos soluços. Ela levantou o rosto do chão de mármore e se sentou, levantando os olhos para a Deusa serena, e foi como se de repente os seus olhos, o seu coração e a sua mente se abrissem – e ela finalmente foi capaz de entender a verdade.

– Eu não sou o problema.

Aphrodite falou para a estátua da sua Deusa. No começo a sua voz soou trêmula, sufocada pelas lágrimas e pela emoção, mas, enquanto ela continuava a falar, continuava racionalizando um passado que a tinha mantido presa ao ódio a si mesma, as suas palavras foram ficando mais claras, mais fortes e mais sábias. Muito, muito mais sábias.

– Não é que eu não seja boa o suficiente para que a minha mãe me ame. Ninguém, nenhuma criança, marido ou trabalho jamais seria bom o suficiente para ela, pois ela nunca foi boa o bastante para si mesma. A vida dela a desapontou várias e várias vezes porque era imperfeita. A vida dela era imperfeita porque *ela* era imperfeita. Ela é imperfeita. – Aphrodite tirou o seu cabelo úmido do rosto e enxugou o nariz. – Eu não posso consertá-la. Eu não posso

fazê-la me amar. Eu só posso consertar a mim mesma, amar a mim mesma. E eu tenho que deixar a minha mãe ir, e deixar a dor que ela criou na minha vida ir junto com ela, senão eu vou acabar me tornando ela. Eu tenho que deixá-la ir embora.

Ela colocou o rosto entre as mãos e começou a chorar de novo, mas dessa vez as suas lágrimas estavam jorrando de alívio e de liberdade, porque foi nesse momento que Aphrodite LaFont começou a viver a sua própria vida de verdade.

– Filha, eu estive esperando para ver se você iria escolher a cura ou a autodestruição. Estou infinitamente feliz que você tenha escolhido com sabedoria.

Aphrodite levantou a cabeça, que ainda estava entre suas mãos, para olhar para a estátua – que não era mais uma estátua. Em vez de uma réplica de mármore de Nyx, a própria Deusa estava diante dela, envolta em um tecido diáfano prateado e dourado. O seu cabelo escuro batia na cintura, e acima dela havia o seu ornamento de estrelas que brilhava tão intensamente que Aphrodite teve que abaixar os olhos, o que ela fez imediatamente, pressionando a testa contra o mármore branco em súplica.

– Perdoe-me, Nyx. Eu tenho sido fútil, egoísta e cruel a mim mesma e com as pessoas que me amam. Eu não mereço, mas, por favor, perdoe-me.

Aphrodite sentiu o toque da Deusa na sua cabeça e foi preenchida por um amor tão completo, tão incondicional, que ela arfou com um barulho alto.

– Eu não preciso da sua súplica, filha. Eu a entendo. Eu a entendi desde o momento em que você foi Marcada. Eu só estava esperando que você mesma se entendesse. Levante-se, Profetisa! Contemple o seu futuro!

Ao comando de Nyx, uma pontada de dor se dispersou pela testa de Aphrodite, enviando estilhaços de agonia incandescente pelo seu rosto. Mas, em um instante, a dor desapareceu.

Aphrodite levantou o rosto e viu a Deusa sorrindo para ela. Nyx fez um gesto gracioso e abrangente com a mão, e um espelho com moldura de prata apareceu diante dela, capturando o reflexo de Aphrodite. Sentindo-se como se estivesse se movendo em um sonho fantasioso, Aphrodite levantou a mão. Com dedos trêmulos, ela observou o seu reflexo tracejar a tatuagem incrivelmente bonita, com o desenho de fogos de artifício azuis e vermelhos explodindo, margeando os seus olhos em uma máscara perfeita.

– O-o que é isso? Eu não entendo. – A sua voz ficou trêmula, com tanta emoção que ela mal conseguia falar.

– Isso é uma parte do meu presente profético a você, que precisou esperar um pouco até que você fosse sábia o bastante para portá-lo.

– Perdoe-me, Nyx, mas eu ainda não entendo.

– Filha, você não tem que continuar me pedindo perdão. Você não tem como entender sem a minha explicação.

Aphrodite desviou o olhar do seu reflexo incrivelmente modificado e encarou os olhos de sua Deusa.

– O que eu sou?

O sorriso de Nyx era como a luz do sol e da lua unidas em um harmônico esplendor de alegria.

– Assim como Zoey Redbird é uma ponte entre dois mundos, o mundo antigo dos meus primeiros filhos e o mundo frenético, louco e moderno dos dias de hoje, você também é uma ponte entre dois mundos. – A Deusa fez um gesto com a mão e o espelho desapareceu.

– Dois mundos? Você quer dizer o mundo dos humanos e o dos vampiros?

– Não, filha. Eu quero dizer os mundos dos meus filhos Marcados em vermelho ou azul. Desde o momento em que você sacrificou uma parte da sua humanidade para salvar Stevie Rae e os meus filhos Marcados em vermelho, você começou esse caminho. Eu esperava que você fosse forte o bastante para se curar do seu passado e sábia o bastante para buscar um novo futuro. Hoje a minha esperança se realizou.

– Então, eu sou uma ponte? – Aphrodite perguntou, soando mais como ela mesma.

Nyx riu e as estrelas que enfeitavam sua cabeça cintilaram com um brilho sobrenatural.

– *Sim, mas você também é uma vampira… completamente Transformada.*

Aphrodite colocou a mão na boca. Ela se sentiu tão repleta de felicidade que parecia que ia explodir. A Deusa esperou com uma paciência aparentemente infinita enquanto Aphrodite filtrava as suas emoções, saboreando uma sensação de paz e plenitude que ela nunca teve antes. Finalmente, quando conseguiu falar de novo, ela levantou o rosto para a sua Deusa mais uma vez.

– Muito obrigada. Essas duas palavras não são o bastante, mas são tudo o que eu tenho. Obrigada, Nyx. Eu não vou decepcioná-la. Eu não vou virar a minha mãe e não vou deixá-la me machucar nunca mais.

– Eu sei disso, filha. Mas você não quer saber a extensão dos seus dons de Profetisa?

– Há algo além desta Marca maravilhosa e das visões que eu recebo? – Aphrodite deu um sorriso travesso para a Deusa. – Por

favor, diga-me que você tirou a parte das lágrimas de sangue, da dor e da cegueira que vêm junto com as visões.

– Não, filha. Não posso dizer isso, pois cada dom vem com um preço, e o preço das suas visões é a dor. Também há um preço para o seu novo dom, embora eu acredite que você vá achá-lo mais e menos doloroso do que as suas visões.

– Agora eu fiquei confusa mesmo – ela falou.

– Então, deixe-me esclarecer. Nesses mundos modernos, em que vampiros azuis e vermelhos entram em conflito, eu preciso de uma Profetisa de Julgamento. Uma pessoa cujo passado a tenha ensinado que nem tudo que é bonito é bom e que nem tudo que é feio é ruim, pois a escuridão nem sempre equivale ao mal, assim como a luz nem sempre traz o bem.

Aphrodite assentiu.

– Minha mãe e Neferet são bonitas e as duas são cheias de Trevas. O Touro Negro poderia facilmente ser visto como um cara do mal, mas na verdade ele é puro amor, pura Luz. Eu entendi. Mas o que isso tem a ver comigo e com o meu julgamento?

– Eu não gosto de interferir nas escolhas de vida dos meus filhos, pois eu acredito que o livre-arbítrio define a humanidade. Tire o livre-arbítrio, e os humanos se transformam em uma raça de marionetes que nunca vão evoluir até encontrar o seu pleno potencial. Mesmo assim, os eventos relacionados à queda de Kalona e à maldição de Neferet abalaram-me até meu âmago. Percebi que eu estava errada. Há momentos em que a intervenção divina não só é necessária, mas também misericordiosa. Principalmente quando os mundos entram em conflito, como está acontecendo neste momento. Você, minha filha sábia, espirituosa e irreverente, é a minha intervenção divina.

– Você está sabendo sobre o apocalipse de zumbis da Morada da Noite do outro mundo? – Aphrodite balançou a cabeça. – O que eu estou dizendo? Você é a nossa Deusa. É claro que você sabe. Mas agora eu estou assustada *e* confusa.

– Então eu devo tranquilizá-la e explicar. Eu concedi a você o dom da humanidade e das segundas chances. Há momentos em que alguém que parece não ser capaz de se redimir se torna merecedor de uma oportunidade de redenção. Eu dei a você o poder de conceder humanidade àqueles que perderam a sua, para que possam ter uma segunda chance.

Aphrodite olhou embasbacada para a Deusa e falou sem pensar:

– Eu não quero esse poder!

– É por isso, além do seu passado, que eu a escolhi para ser minha primeira Profetisa de Julgamento. Ninguém merecedor iria querer esse poder.

– Mas como eu vou saber se alguém merece uma segunda chance?

– Você vai saber.

– Como? – a palavra saiu quase como um grito agudo, e Aphrodite limpou a garganta antes de continuar. – Eu não sou exatamente muito inteligente, e eu magoo o sentimento das pessoas e ferro tudo. Constantemente, na verdade. Mesmo quando eu não tenho essa intenção.

– Sim, você é muito humana. Essa é uma das coisas que gosto em você. E você fala o que pensa claramente com bem pouca sutileza. Acho isso essencial em uma Profetisa. Você tem uma sabedoria única que eu aprecio. Depende dessa sabedoria e depende do seu coração.

– Do meu coração?

– *Quando você souber aqui* – a Deusa tocou gentilmente a testa de Aphrodite – *e aqui*. – A mão dela pousou brevemente sobre o peito de Aphrodite, em cima do seu coração. – *Então a resposta que você busca vai ser a correta.*

– Ok, eu vou tentar. Eu não sei se vou ser muito boa nisso, e tenho certeza de que vou estragar as coisas às vezes, mas vou tentar. Eu juro.

– Eu aceito o seu juramento, Profetisa.

– Você disse que todo dom vem com um preço. Qual é o preço que eu vou pagar por esse dom?

– Cada vez que você der a alguém uma segunda chance, você vai perder um pouco do seu dom de julgamento. Você vai ver isso acontecendo, já que uma parte de sua Marca vai desvanecer até que, finalmente, um dia ela vai desaparecer completamente, deixando-a como você era antes.

– Antes?

– Antes de você ser Marcada. Quando a sua tatuagem sumir, o seu período como Profetisa também vai ter terminado, e você vai poder viver o resto de sua vida como uma humana mortal, reverenciada e amada por todas as Moradas da Noite do mundo e por quem mais você escolher tocar, até morrer em paz, cercada pelos seus filhos e por pessoas amadas, e então voltar para mim.

Aphrodite se sentia quente e fria ao mesmo tempo.

– Filhos?

– Muitos. E netos e bisnetos. Você vai ser amada por gerações do seu sangue. A sua vida vai ser tão repleta de amor, Luz e risadas que isso vai afogar para sempre a tristeza do seu passado. Assim eu digo. Que assim seja.

Aphrodite enxugou as lágrimas que tinham acabado de cair em suas bochechas.

– Eu posso salvar o Outro Jack.

– Você pode. Você também pode salvar todos os novatos e vampiros vermelhos que atravessaram para este mundo. Mas você vai fazer isso, Profetisa? Eles são merecedores de uma segunda chance?

Ela encarou a Deusa, com a mente zunindo.

– Eu… eu não sei. Como vou saber se eles são merecedores? O único que eu conheço é o Outro Jack, e eu não o conheço bem. Que merda, eu não tenho a menor ideia do que fazer! – Então ela se sacudiu e se corrigiu. – Desculpe por isso, eu não soei muito como uma Profetisa.

– Pense com a sua mente e sinta com o seu coração.

– Bem, eu conheço o Outro Jack, e o resto deles veio de um mundo péssimo onde Neferet deu um jeito de começar uma guerra. Um mundo sem Stevie Rae ou Zoey, onde não haveria ninguém para me induzir a abrir mão da minha humanidade para que os novatos e vampiros vermelhos pudessem escolher por si próprios se eles seguiriam a Luz ou… – As suas palavras se esvaneceram enquanto o seu coração concordava com a sua mente. – Eu já sei o que fazer.

– Qual é a sua decisão, filha?

– Eles nunca tiveram uma escolha, então todos merecem uma segunda chance.

– Não importa para você quanto do seu dom vai se perder ao salvar todos eles?

Aphrodite respirou fundo e soltou o ar devagar.

– Não. Acho que eu não posso deixar que isso importe. Não se trata de mim. Trata-se deles. – Ela hesitou, e então acrescentou: – Quanto do meu dom eu vou perder?

A Deusa respondeu com outra pergunta.

– E a sua mãe? Você vai conceder a ela uma segunda chance?

Aphrodite teve um sobressalto com o choque.

– A minha mãe? O que isso tem a ver com ela? Ela não é uma vampira vermelha nem azul.

– O seu dom não é limitado a novatos e vampiros. O seu dom é para a humanidade, e vocês são todos humanos, embora alguns de vocês gostem de debater isso.

Aphrodite se levantou e começou a andar de um lado para o outro na frente da Deusa. Ela se segurou com os próprios braços, como que para impedir que ela se desmantelasse. Finalmente, ela parou e encarou Nyx. Lágrimas frescas escorreram pelo seu rosto, e a sua voz estava repleta de desespero.

– O meu coração e a minha mente dizem a mesma coisa. A minha mãe não merece uma segunda chance.

Nyx desceu do pedestal e foi até Aphrodite. Gentilmente, a Deusa acolheu a jovem Profetisa e a abraçou forte enquanto ela soluçava. Nyx acariciou o seu cabelo e murmurou sons de conforto até as lágrimas de Aphrodite secarem.

– Obrigada – Aphrodite agradeceu, afastando-se do abraço de Nyx. – Estou melhor agora. E a minha resposta ainda é a mesma. A minha mãe não merece outra chance. O meu coração e a minha mente dizem isso. Eles também me dizem que eu não posso consertá-la e que eu tenho que deixá-la ir. Então, é isso o que eu estou fazendo.

– Você é sábia. Frances LaFont teve muitas chances de redenção durante a sua vida. O egoísmo e o ódio por si mesma a impediram de aproveitá-las. Mas nenhum filho deveria ter que fazer a escolha se o seu pai ou mãe merece a redenção. O dom final que concedo a você, Profetisa, é em dobro. A humanidade dos novatos e vampiros vermelhos do outro mundo vai ser restaurada. Esse dom vem de mim. Você não vai pagar nenhum preço por isso. Eu também concedo à sua mãe uma segunda chance. Que assim seja!

A Deusa agitou a sua mão, provocando uma ondulação no ar que lembrou Aphrodite a produzida por uma pedra jogada em uma piscina de águas claras e plácidas. A realidade formou uma pressão contra ela, alterando-se, transformando-se… fazendo com que fosse difícil respirar.

Então, tão subitamente quanto tinha começado, a estranha mudança na realidade se extinguiu. Aphrodite ofegou e conseguiu respirar novamente.

– É isso? Está feito?

– Sim, filha. Estou orgulhosa de você, e o meu orgulho é realmente o de uma mãe por uma filha favorita. E agora eu desejo a você *merry meet, merry part e merry meet again*. – A imagem de Nyx foi esmaecendo, até que o seu adereço de estrelas foi tudo o que restou, e então ele também se dissipou em uma chuva brilhante de faíscas de diamantes.

– Eu mereço o amor de uma mãe – Aphrodite sussurrou.

Do ar ao redor dela, ressoaram as palavras amorosas da Deusa.

– É claro que você merece, minha filha doce e sábia. E que você seja sempre abençoada.

22

Heff

Heff reprimiu o pânico que estava efervescendo e ameaçando sufocá-lo. Ele não tinha a menor ideia de como tudo isso tinha acontecido, mas definitivamente ele não estava em uma Tulsa que ele reconhecia.

A Tulsa dele não tinha nenhum restaurante na estação acima dos túneis que funcionavam como o acampamento principal do Exército Vermelho de Neferet.

A Tulsa dele certamente não tinha nenhum humano jantando em um restaurante tocado por novatos vermelhos.

Aqui não havia alçapões que se abriam com um toque do lado de fora, para que eles pudessem entrar na segurança dos túneis da estação em vários pontos ao longo da estrada de ferro deserta e entre o prédio da estação e o centro da cidade. Heff sabia que não. Ele e o General Dominick haviam se separado e tentado encontrar cada entrada escondida para o que deveria ser a fortaleza do seu exército.

Nenhuma deu certo. Não havia nenhum sinal de que *já tivesse existido* algum alçapão que levasse do nível da rua até os túneis.

Havia muita coisa em relação à Tulsa que estava errada – apesar de a cidade estar dormindo sob uma nevasca que deixava tudo

branco.

Guirlandas festivas enfeitadas com luzes decoravam as ruas do centro, balançando no vento como se elas estivessem dançando com alegria por estarem ali – por serem permitidas ali.

Na Tulsa de Heff, os humanos não podiam mais decorar as ruas para o Natal. Neferet havia decretado que esse era um feriado obsoleto.

E agora policiais humanos – *humanos* – mantinham uma presença ostensiva bem óbvia do lado de fora das entradas para vários prédios que proporcionavam refúgios em túneis abaixo deles. Essa foi a segunda coisa mais estranha que Heff já tinha visto na vida.

A primeira foi a sua irmã – viva, bem e uma vampira completamente Transformada – fechando o círculo que os havia atraído para este mundo de cabeça para baixo. Ele tentou criar compartimentos para a sua confusão e para a sua esperança. Tentou usar os truques mentais que o ajudaram a ficar são durante o último ano, mas, assim como este mundo, as suas emoções tinham virado de ponta-cabeça.

– Venha comigo, tenente – o General Dominick falou ríspido ao passar perto de Heff.

– Sim, senhor. – Heff seguiu o general em meio ao entulho e aos restos deixados pelos sem-teto que tiveram a má sorte de resolver abrir uma das janelas vedadas com tábuas do abandonado edifício Sinclair para tentar resistir à tempestade. O general havia ordenado aos seus vampiros que invadissem o edifício para que eles pudessem se reagrupar. E os sem-teto dentro? Eles tinham servido como o que o general chamou de um “lanchinho antes de dormir”.

– Nada está certo. – O General Dominick esfregou as mãos e se abraçou para se proteger do vento e da neve enquanto eles fechavam a abertura na madeira compensada da janela quebrada. Os dois ficaram perto da lateral do prédio, abrigando-se da tempestade e se escondendo de eventuais humanos errantes. – este não é o nosso mundo. Não pode ser.

Heff não disse nada. Ele sabia bem o que acontecia quando chamava muita atenção para si mesmo ou acidentalmente provocava o general.

– O nascer do sol está próximo. Próximo demais.

– Trinta minutos – Heff falou.

Dominick o fuzilou com seus olhos vermelhos.

– Eu sei disso tão bem quanto você! – O general voltou sua atenção para a rua coberta de neve. – Eu ainda não estou vendo ninguém do lado de fora do Philtower e também não tem nenhum movimento no edifício Atlas. Mesmo com essa neve cobrindo o sol, nós não podemos arriscar e ficar acima do chão.

– Mas este edifício aqui obviamente está abandonado há algum tempo. Há folhetos anunciando que o leilão público para vendê-lo vai ser no mês que vem. Com esta neve, acho que ninguém vai vir aqui, exceto os mendigos, e nem mesmo eles se nós fizermos uma barricada atrás dessa tábua solta.

O general não respondeu com palavras. Em vez disso, deu uma bofetada em Heff com as costas da mão. Com a força, ele foi atirado contra a lateral do edifício, e os seus ouvidos zuniram quando ele se chocou contra um pilar de calcário em ruínas.

– O seu trabalho não é pensar. Leve os novatos e um pelotão de vampiros. Vão até os túneis do Philtower. Eu vou levar o resto dos vampiros ao edifício Atlas. Depois do pôr do sol, a gente se encontra

aqui e decide como encontrar Neferet para receber as próximas ordens. Agora.

– Sim, senhor – Heff repetiu, esfregando a parte de trás da sua cabeça. Ele mantinha suas emoções sob rédea curta. Ele tinha aprendido bem essa lição. *Não chamar atenção. Fazer o que me mandarem. E segurar firme. Sempre tentar lembrar quem eu sou. Eu sou Kevin Heffer . Eu estou cercado por monstros, mas eles não me definem.*

Heff fez o que o mandaram fazer.

A evacuação deles do edifício abandonado foi rápida e eficaz. Ninguém precisou dizer a nenhum deles como estava perto do nascer do sol. Como sombras dentro de sombras, eles saíram silenciosamente do edifício Sinclair. Heff ficou atrás do seu pelotão de dez vampiros adultos e quase o mesmo número de novatos. Ele fez uma pausa, esperando que o general se distanciasse na rua com os seus soldados, até que a neve que continuava caindo obscurecesse a sua visão. Então ele cuidadosamente recolocou o compensado no lugar, usando um pedaço de telha quebrada que ele havia encontrado lá dentro para rapidamente bater os pregos no lugar, prendendo-o como se nunca tivesse sido aberto.

Eu posso precisar disto mais tarde, e Dominick não precisa saber disso.

Ele alcançou os novatos facilmente. Eles já estavam ficando lentos e estavam quase sonâmbulos quando chegaram à entrada ornamentada do lobby do Philtower.

– Fiquem aqui até eu assobiar. Quando eu chamar, venham rápido – Heff disse ao seu grupo, deixando-os agrupados na escuridão do lado de fora da entrada com arcos.

Ele correu até a porta dupla e entrou rapidamente.

Ele viu poucas diferenças entre este Philtower e o prédio em que Neferet morava. Mas essas pequenas diferenças eram significativas. Não havia nenhum Guerreiro vermelho de guarda na entrada nem nos elevadores. Não havia nenhum Guerreiro azul chegando para rendê-los em seu turno. Não havia nenhum Guerreiro presente de forma alguma. O lobby estava completamente deserto.

Ainda era ornamentado, com arcos góticos e lustres enormes. Mas este Philtower tinha conjuntos de assentos circulares estofados bem caros, e os lustres banhavam os entalhes góticos com uma luz elétrica suave em tom rosado.

O Philtower de Neferet não tinha esses assentos estofados. E ela havia substituído as luzes elétricas pela iluminação tremeluzente de lampiões a gás.

Embora estivesse com uma sensação de mal-estar e um formigamento na parte de trás do seu pescoço, Heff correu para a porta que se abria para escadas comuns, de aparência industrial, que levavam para o porão onde ficavam os túneis. As espessas portas de metal duplo eram as mesmas, com a única diferença de que elas estavam fechadas e trancadas, mas foi fácil para Heff abri-las.

Ele espiou a completa escuridão do túnel. Heff deixou a porta aberta enquanto entrava apressado lá dentro. Os seus olhos vermelhos incandescentes não precisavam de luz.

A pintura verde descascada era igual. O túnel arqueado era o mesmo, exceto pela ausência de camas de campanha.

E a porta que deveria estar aberta para o sistema de túneis do vizinho Philcade estava fechada.

Heff passou a mão sobre a familiar parede curva do túnel. Ele prendeu a respiração até que os seus dedos encontrassem a pequena indentação que ele esperava que estivesse ali.

Estava. Ele a sentiu pronta para ceder à sua mão. Ele soltou um longo suspiro de alívio. Pelo menos eles não ficariam presos. Então ele subiu as escadas correndo, atravessou o lobby deserto, abriu a porta e deu um assobio bem agudo.

Já estava tão perto do amanhecer que os novatos já se encontravam muito cambaleantes, então ele e o seu pelotão tiveram que ampará-los nas escadas até o túnel.

Heff fechou a porta de metal atrás deles. Sem falar nada, os novatos se aninharam bem juntos no chão e pegaram no sono instantaneamente.

Ele ordenou que os adultos descansassem perto da entrada.

Kevin Heffer não se juntou a eles. Em vez disso, ele caminhou com dificuldade para o fundo do túnel, abrindo caminho em meio a novatos já adormecidos, e então se sentou, apoiado na lateral fria do túnel perto da porta de trás. Enquanto o nascer do sol o abatia, colocando-o em um estado vacilante de semiconsciência, ele pensou na sua irmã.

Será que ela estava realmente viva? Será que ele a tinha visto mesmo ou aquilo foi apenas outra ilusão deste mundo estranho?

Heff achava que já tinha se esquecido de como se permitir ter alguma esperança, mas, enquanto o amanhecer o forçava a dormir, ele se surpreendeu ao descobrir que ainda sabia. Kevin Heffer ainda sabia como ter esperança.

Se ao menos… Se ao menos aquilo era verdade e Zoey estava viva, segura e era uma Grande Sacerdotisa, será que ela poderia ajudá-lo? Mais importante ainda, será que ela *iria* ajudá-lo?

Zoey

– Eles se separaram. Um grupo de vampiros vermelhos entrou no edifício Atlas. Há apenas alguns minutos, um segundo grupo formado na maior parte por novatos entrou nos túneis deste porão – Marx reportou a Stark, a Shaunee e a mim no segundo andar do escritório do Philtower que o Departamento de Polícia de Tulsa havia requisitado.

– Então, eles estão realmente encurralados? – eu perguntei.

Marx assentiu sombriamente.

– Estão. Nós bloqueamos todas as saídas do túnel do Atlas. Eles vão ter que sair por onde entraram. E nós conferimos duas vezes a porta entre o Philtower e o Philcade. Está trancada há anos pelo lado do Philcade e definitivamente ainda está segura. Essa é a única saída do pequeno sistema de túneis do Philtower. Esse outro grupo também vai ter que sair por onde entrou.

– Está amanhecendo – Stark disse, passando a mão pelo rosto cansado e se sentando em uma cadeira o mais longe possível das janelas envidraçadas.

– Fechem essas persianas, por favor – eu pedi, franzindo os olhos para as paredes de vidro.

– Desculpe, Zoey. Não tinha pensado nisso. – Marx fez um gesto para que um policial de uniforme fechasse as persianas. – Você está bem, Stark?

Stark assentiu.

– Eu vou ficar bem. Há tantas nuvens grossas que eu até posso sair lá fora com isto na cabeça. – Ele colocou o capuz. – Só não é confortável.

– Quanto tempo nós vamos esperar até entrar nos túneis? – eu quis saber.

Marx falou para o rádio portátil que ele tirou da cintura:

– Aqui é Marx. Prontos para ir até o Atlas?

– Ok. Estamos prontos – foi a resposta chiada.

Marx deu uma olhada para o grupo misturado de policiais e Guerreiros da Morada da Noite. Vários policiais estavam segurando equipamentos com aparência perigosa que, pelo olhar obsessivo de Shaunee, só podiam ser lança-chamas. O resto tinha espingardas. Espingardas bem grandes. Os Guerreiros estavam portando as armas antigas que nós preferíamos: espadas de diferentes tamanhos e de diferentes eras, além de arcos e lanças com jeito de cruéis.

– Prontos? – ele perguntou a todos.

O grupo assentiu em conjunto.

– Ok, para resumir, nós vamos coordenar o nosso ataque com o do nosso pessoal no Atlas. Nós vamos para os túneis ao mesmo tempo. Deem a eles a oportunidade de se renderem. Se eles não a aproveitarem… nós acabamos com eles – Marx disse. – Aconteça o que acontecer, se você é humano, *não* deixe que nenhuma dessas criaturas o morda.

– Você disse que os novatos estão todos aqui no túnel do Philtower?

– Sim, nós temos certeza de que apenas vampiros completos entraram no Atlas. Era fácil distinguir os novatos dos vampiros. Os novatos já estavam cambaleando quando entraram.

– Isso porque eles não conseguem ficar acordados depois que o sol nasce – eu expliquei.

– Stark e Darius já haviam nos informado disso. Nós entendemos – Marx olhou para os seus homens. – Vai haver um monte de novatos desmaiados dentro do túnel. Eles não conseguem acordar enquanto o sol está alto. Eles são inofensivos. Ignorem esses novatos enquanto lidamos com os vampiros. Depois nós podemos amarrar os novatos. – Ele se virou para mim. – Você quer que eles sejam levados para a Morada da Noite, certo?

– Quero.

– Ok. Eu conversei com o chefe de polícia. Por ele tudo bem os novatos ficarem presos na Morada da Noite, mas eles fazem parte do grupo de vampiros que assassinou oitenta e quatro humanos. Ele vai querer saber como eles serão punidos.

– Eu entendo – falei com uma confiança que eu não sentia. *Como diabos nós vamos punir novatos que a cada dia estão perdendo mais e mais o que resta de sua humanidade?* Decidi que aquela não era a hora de me preocupar com isso. Aquela era a hora de tirar novatos e vampiros perigosos das ruas de Tulsa. – E eu estou pronta.

– Certo, vamos fazer isso.

Com precisão militar, os homens foram saindo. Nós não usamos o elevador. Descemos os dois andares em silêncio até a porta que dava para o lobby. Então nós atravessamos aquele espaço requintado até outra porta lateral que se abria para um Philtower drasticamente diferente – o edifício gótico e ornamentado ganhava uma aparência industrial e tediosa depois de apenas alguns passos de distância.

– Ok, você espera aqui – Stark me disse.

– Brownston, fique aqui com a Grande Sacerdotisa – Marx ordenou a um dos homens que seguravam um lança-chamas. –

Cuide para que nada chegue perto dela.

– Pode deixar, detetive – Brownston respondeu.

– E você cobre o policial – Stark orientou Shaunee.

– Sem problema. Z. vai ficar bem – Shaunee falou.

– Deixem a porta aberta – eu pedi. – Quero ouvir o que está acontecendo lá embaixo.

Stark assentiu. Os homens desceram silenciosamente o primeiro lance de escadas. Escutei Marx falando baixo no seu rádio.

– Vou começar a contagem regressiva. Quando chegar ao um. Agora. Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois… atacar!

Fiquei andando de um lado para o outro, enquanto Shaunee e Brownston assumiam suas posições perto da porta aberta.

Exceto pelas pisadas abafadas, não houve nenhum barulho no começo. Então houve o que pareceu uma pausa eterna, seguida pelo rangido de velhas dobradiças se abrindo.

E então foi o caos.

– Vampiros vermelhos dentro do túnel! Aqui é o Departamento de Polícia de Tulsa e os Guerreiros Filhos de Erebus da Morada da Noite de Tulsa! Vocês entraram em um mundo que não é o seu. Vocês estão encurralados. Nós temos lança-chamas e rifles apontados para vocês. Vampiros adultos, saiam devagar com as mãos espalmadas e levantadas. Se vocês se renderem, não serão feridos. Esta é a única oportunidade para vocês se salvaram – a voz de Marx ecoou do porão.

– Atacar! Atacar! Atacar! – uma voz gritou. Era uma voz que me parecia estranhamente familiar, e eu pensei rapidamente se algum outro vampiro que não existia mais aqui poderia ter passado do seu mundo para o nosso.

Então eu não tive tempo para pensar em mais nada. Tiros ensurdecedores ecoaram contra as paredes esculpidas, enchendo os meus ouvidos com um zumbido que quase, mas não totalmente, encobria os gritos e os xingamentos dos homens abaixo de nós.

– Sem lança-chamas! – eu ouvi claramente Stark gritar. – Você vai fritar os novatos!

Isso me fez correr até a porta aberta. Shaunee me segurou enquanto Brownston bloqueou o caminho para o porão com o seu corpo.

Houve mais tiros – e mais gritos.

Então Stark de novo:

– O que está rolando? – Ele fez uma pausa. – Eles estão fugindo!

Ouvi o barulho de pisadas fortes contra o azulejo, até que Stark passou correndo pela porta aberta.

– O que está acontecendo? – eu gritei.

– Eles abriram a porta! Eles estão no Philcade! Brownston, venha comigo! Shaunee, fique aqui com Z.! – Os homens correram até a porta da frente.

Shaunee olhou para mim.

– Não, a gente *não* vai ficar aqui nem ferrando – eu afirmei.

– Siiiiim! – Shaunee disse com um sorriso que apenas mostrava os dentes.

Nós saímos correndo atrás dos dois homens.

Alguns segundos à nossa frente, Stark empurrou a porta para abri-la e saiu rápido para a rua deserta completamente branca. Ele abaixou a cabeça e puxou o capuz sobre o rosto enquanto atravessava a rua correndo até o Philcade, com Brownston ao lado dele.

O prédio estava trancado. Stark pegou o lança-chamas e arremessou a sua parte de baixo contra o vidro da porta da frente, que se estilhaçou. Então Stark colocou a mão para dentro para abrir a porta antes de desaparecer dentro do lobby em forma de T.

– Voltem! – Stark me fuzilou com os olhos quando eu e Shaunee os alcançamos.

– Não!

– Por aqui! – Marx passou voando por mim, com o rifle na mão, apontando para a sua esquerda. Nós cinco corremos pelo piso de mármore lustroso, passando por belas colunas cheias de veios entalhados que sustentavam o teto arqueado folheado a ouro.

Os homens estavam à minha frente quando virei no canto que dava para a entrada decorada do sistema de túneis.

– Parados! Se vocês não pararem, nós vamos atirar! – Marx gritou.

Eu vi Marx levantar o seu rifle e apontá-lo no mesmo instante em que Brownston soltou o botão de segurança do lança-chamas e Stark, que de repente estava ao meu lado, encaixou uma flecha no seu arco.

Um som sibilado longo e maligno atraiu o meu olhar para o final do corredor, de onde o grupo de vampiros, com as presas expostas, mãos erguidas como garras e olhos cintilando em vermelho cor de sangue velho, vinha na nossa direção.

– Preparar. Atirem assim que estiverem ao alcance – Marx disse a Stark e Brownston.

Pelo canto do olho, vi que Shaunee estava respirando fundo para se centrar, e eu sabia que ela estava invocando o seu elemento.

O meu olhar se voltou para o grupo de demônios de olhos vermelhos cada vez mais perto de nós – e de repente todo o ar saiu

do meu corpo.

Liderando o grupo – com olhos vermelhos incandescentes, caninos expostos e uma tatuagem de vampiro adulto escarlate brilhando na sua pele –, estava o meu irmão mais novo.

– Apontar, fo…

– Não! – eu gritei, empurrando Stark com o meu ombro com tanta força que ele caiu em cima de Marx. Stark soltou um pouco o seu arco e quase o derrubou. O rifle de Marx vacilou. – Não atire! – eu berrei para ele.

– Detetive? – Brownston perguntou, puxando o gatilho do lança-chamas para trás.

No mesmo instante, Marx e eu gritamos juntos:

– Fogo!

– É o *meu irmão!*

Eu escutei o choque de Shaunee, que respirou fundo e então se moveu com uma velocidade ofuscante para se posicionar entre o lança-chamas e Kevin. O lança-chamas disparou com um estalido repugnante. Shaunee ergueu as mãos, com as palmas voltadas para fora. A língua de fogo simplesmente os lambeu inofensivamente. Ela girou os pulsos, voltando as palmas da mão para cima, e a labareda ricocheteou para longe deles, queimando o teto.

De repente, havia olhos brilhantes por toda a parte.

Stark me segurou, tentando me puxar para trás dele. Eu me virei quando a horda passou correndo por nós.

– Kevin! – eu gritei.

O líder dos vampiros tropeçou. Ele girou para me encarar.

– Zoey! – A voz dele era áspera, como se ele tivesse o hábito de fumar um maço por dia, mas era a *sua* voz.

– Não fuja! Está tudo bem! Venha comigo para a Morada da Noite! Não vou deixar que nada aconteça a você!

Eu o vi hesitar. Eu vi um brilho tão intenso de vontade de ficar comigo em seus olhos que juro que eles pararam de cintilar por um instante.

E então, com um rosnado feroz, ele girou novamente e saiu correndo atrás dos outros vampiros.

– Vá! – eu gritei para Stark. – Não deixe que o matem!

Stark disparou atrás de Kevin, com Marx e Brownston o seguindo. Tentei fazer as minhas pernas funcionarem. Não consegui.

Então Shaunee segurou a minha mão e a puxou. Com força.

– Vamos!

Eu descongelei e corri, voltando pelo mesmo caminho até o lobby. Eu cheguei lá e vi Marx e Brownston parados no meio da rua, olhando impotentes ao redor. Stark havia corrido até metade da quadra, mas parou. Com a neve e o vento, mal dava para enxergá-lo, mas eu consegui vê-lo girando lentamente, ofegante.

Nada. Kevin não estava em lugar algum, assim como nenhum dos vampiros vermelhos que estavam com ele.

– Onde ele está? Para onde ele foi?

Marx balançou a cabeça.

– Ele se foi. Desapareceu na neve. Preciso falar com o Atlas. – Ele ligou o rádio. – Atlas, informe!

– Acabou tudo aqui. Nós os pegamos – foi a resposta.

– Eles se renderam? – Marx perguntou.

– Não, senhor. Eles atacaram. Nós nos defendemos. Não há sobreviventes.

Senti um vazio no estômago e minhas pernas cederam. De repente, eu estava sentada no chão de mármore frio.

– Quantas baixas entre os nossos homens?

– Zero.

– Ok. Pegue o ônibus aqui para levar os novatos. Um grupo de adultos escapou. Vistos pela última vez indo para o leste na Fifth Street. Eles estão a pé.

– Entendido! Estou a caminho.

Marx se voltou para mim.

– Que diabos foi isso? Você poderia ter morrido e nós, pior ainda.

Levantei os olhos para ele.

– Era o meu irmão mais novo. Era Kevin. Aquele vampiro vermelho líder. Kevin. *Meu irmãozinho.* Eu… eu não podia deixar que você o matasse. – E então eu comecei a chorar.

23

Damien

Um choro e duas latidas agudas acordaram Damien. No começo, ele não se lembrou de onde estava, então viu Duquesa. Ela estava na cama de Jack. *Na cama de Jack? Na cama de Jack!* E a realidade afastou todos os vestígios de sono.

Damien se sentou bem reto, totalmente desperto.

Ele tinha pegado no sono na cadeira ao lado da cama do Outro Jack. *Last Seen Living* estava aberto no seu colo. Ele mal se lembrava, mas sabia que não tinha passado muito tempo depois de o sol nascer até que Jack de repente fechou os olhos e ficou completamente imóvel. Como se estivesse *morto.*

Duquesa latiu de novo e Damien ficou em pé e foi até a cama antes que os seus pensamentos tivessem tempo de alcançar os seus pés.

Outro Jack estava chorando.

Não, isso estava errado.

Jack estava soluçando. Os braços dele estavam em volta do pescoço de Duquesa e o seu rosto estava enterrado no pelo macio do ombro dela. Ele estava chorando tão intensamente que todo o seu corpo tremia.

Damien sentiu uma onda de preocupação e confusão.

Será que eu dormi o dia inteiro nessa cadeira? Só pode ter sido isso.

– Jack? – Ele se aproximou da cama cuidadosamente, enquanto Duquesa choramingava e fazia aquele olhar canino que claramente transmitia apreensão. – O que foi?

Outro Jack levantou a cabeça. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– Ve-veja que horas são.

Totalmente confuso, Damien olhou para o seu relógio. Então ele piscou. E piscou mais uma vez.

– Não pode estar certo.

– O-o que mostra o relógio? – Jack falou entre soluços.

– Mostra que são 8h25. Da manhã de 24 de dezembro. Mas isso não pode estar certo. Isso significa que o sol já nasceu há menos de uma hora e que você não deveria estar acordado.

– Não deveria, não – Jack fungou. – Eu não *conseguiria.*

Damien foi até a mesa e pegou a caixa de Kleenex, oferecendo-a para Jack. Ele assoou o nariz e enxugou os olhos. Então ele ficou encarando o lenço de papel.

– Jack? Eu não entendo o que está rolando.

Jack levantou o rosto para olhar para Damien, e os seus olhos estavam brilhando, mas não com o brilho vermelho da fome e de uma raiva irracional. Os olhos de Jack estavam brilhando de alegria.

– As minhas lágrimas. Elas não estão ensanguentadas. Nem um pouco. – Ele levantou o lenço de papel, mas Damien não precisou olhar para ele para ver a prova. Lágrimas cristalinas estavam escorrendo pelas bochechas de Jack.

– As suas lágrimas. – Os joelhos de Damien cederam e ele se sentou pesadamente na beira da cama de Jack. – Elas estão

transparentes. Como você está se sentindo? – ele perguntou com urgência.

O sorriso de Jack era inocente, doce e cheio de felicidade.

– Eu me sinto como eu mesmo.

– Como você mesmo?

Jack assentiu.

– Sim! Exatamente como eu mesmo. Antes de eu rejeitar a Transformação. Antes de uma fome terrível e péssima me despertar e de eu ser um novato vermelho, convocado para entrar no Exército Vermelho. Damien, *eu me sinto como eu mesmo!*

– Venha cá – Damien disse.

Avidamente, Jack se atirou por sobre a cama na direção dos braços abertos de Damien. Os seus lábios se encontraram e o beijo deles não foi nada preliminar ou hesitante. Foi profundo, demorado e intenso.

Damien se forçou a se afastar um pouquinho. Ele estava abraçando Jack contra o seu peito, e o colar de turquesas de Vovó Redbird estava aninhado entre eles – pressionado com a mesma intensidade contra Jack e Damien.

– As turquesas não estão te queimando. – Damien se sentia atordoado e com falta de ar.

– E eu não quero te morder! – Jack tocou o rosto de Damien. Acariciando-o levemente, a sua mão percorreu o caminho da lateral do pescoço dele, onde ela pousou por um instante, até o peito de Damien, onde ela parou, com a palma voltada para as contas de turquesa. – Bom – Jack sorriu com um flerte tímido –, eu até posso querer te morder, mas não para machucar.

– Como seria isso?

– Eu não sei. Mas eu estou tão…

A porta se abriu abruptamente e Aphrodite entrou correndo no quarto. Ela parou ao lado da cama. O Taser estava na sua mão levantada, preparada para disparar, mas os seus olhos observaram Damien e Jack. Então ela abaixou a sua arma de choque.

– Então funcionou mesmo. Oi, Outro Jack. Você está se sentindo bem?

– Eu me sinto como *eu mesmo!*

– Bem, ótimo. Ou melhor, excelente.

– *Ai, caralho, o que aconteceu com o seu rosto?* – Damien gritou, quase derrubando Jack para fora da cama.

Aphrodite sorriu com o canto da boca. Ela empinou o queixo e atirou para trás o cabelo, que estava todo bagunçado, como não costumava estar.

– Eu me Transformei. Pela segunda vez. Ah, e o Outro Jack está totalmente curado. De nada. – Então ela se virou e saiu andando.

Damien olhou para Jack. Jack olhou para Damien.

– Aphrodite é esquisita em qualquer mundo – Outro Jack disse.

– Não tenho a menor dificuldade para acreditar nisso. – Damien puxou Jack para os seus braços. – Bem-vindo ao lar.

Os seus lábios se encontraram e então os dois se agarraram um ao outro como se fossem cordas de salva-vidas. Porque era exatamente isso o que eles eram.



Zoey

– Não, Stark, a gente vai levar você para casa. O céu está clareando. Você sabe que não pode ficar aqui fora à luz do sol. – Eu me virei e olhei para o lado de fora do vidro da frente do Escalade. – Ignore-o e dirija, Shaunee.

– Como disser, Grande Sacerdotisa. – Shaunee fez a sua versão de saudação para mim e arrancou com o carro numa rua coberta de neve, enquanto Stark se encolhia no banco de trás, embaixo de um cobertor, protegendo-se da luz do sol que de repente decidira atravessar as nuvens baixas e transformar Tulsa em um cenário de globo de neve reluzente.

Sim, era bonito. Também era mortal para vampiros e novatos vermelhos.

– Shaunee, vá na direção leste pela Fifth até a Detroit, então vire à esquerda. Vamos subir o viaduto e dar uma volta pelo Brady District. Eles podem ter encontrado algum lugar para se esconder perto do Guthrie Green.[29] – A voz de Stark estava abafada, mas insistente.

– E então? – Shaunee levantou uma sobrancelha para mim.

– Eu estou bem aqui atrás e você precisa procurar o seu irmão.

– Sem você fritar – eu falei. – É por isso que vamos voltar para a Morada da Noite, logo depois de dar essa volta pelo Brady District perto do Guthrie Green. Mas sou eu que vou ficar olhando para fora para procurá-lo. Shaunee está dirigindo. E você, fique com a cabeça coberta.

– Certo – Stark concordou. – Ei, você consegue pensar em algum lugar para onde o seu irmão iria? Algum lugar que seja especial para ele no centro da cidade?

– Não! Eu não o conheço tão bem! – então eu respirei fundo e comecei de novo. – Desculpe. Eu não quis parecer tão louca, mas… hum… eu estou bem surtada agora.

– Quando foi a última vez que você falou com o seu irmão? – Shaunee questionou.

– No dia em que eu fui Marcada. Eu também tenho uma irmã. O nome dela é Barbara, mas eu gosto de chamá-la de Barbie. Ela é caloura na Ohio State University, especializando-se em cerveja, em ser uma *cheerleader* e em caras gostosos. Kevin está no segundo ano do ensino médio na Broken Arrow. Ele está indo bem, mas os seus professores dizem que as notas dele não são muito boas.

Ninguém disse nada.

– O que foi? Só porque a gente não se fala, isso não quer dizer que eu não queira saber como eles estão. Desde que a minha mãe morreu, eu queria ter certeza de que eles estavam bem. Eles estão. O padrastotário adotou Kevin. Ele não adotou a Barbie, mas ela já tem mais de dezoito anos, então tanto faz.

– Você não ligou para eles nem nada? – Shaunee perguntou, não de um jeito rude.

– Eu não sabia o que dizer. E o padrastotário é um problema. Ele me odiava. Ou melhor, ele me odeia. Tenho certeza de que é melhor conjugar o verbo no presente. Eu não queria que nada disso acabasse passando para eles e, além disso, a Barbie nunca fez muita questão de se relacionar comigo. Ela sempre foi perfeita. Ela se parecia muito mais com Mamãe do que Kev e eu. – Fiz uma pausa, pensando no que eu realmente queria dizer. *Todos nós tínhamos o mesmo pai biológico, mas Barbie era super branca. Ela era até loira, sem muita ajuda da sua colorista do Ihloff Salon. Kevin e eu parecíamos mais com Vovó. Nós éramos morenos, com cabelos e olhos castanhos e pele morena.* Dei de ombros. – Pensei que eu os ajudaria ficando afastada. E a maioria dos novatos e vampiros rompe com a sua família humana. Se isso não acontece quando eles são Marcados, normalmente ocorre quando se

Transformam. – Franzi os olhos para a manhã de neve super clara, tentando capturar de relance algo que pudesse ser o Outro Kevin.

– Ei, eu não estou te julgando – Shaunee disse. – A minha família não quer saber de mim. Quando eu fui Marcada, eles basicamente me chutaram.

– A minha também – Stark falou. – Z., a gente não quis te recriminar. Só estamos tentando ajudar.

– Eu sei, eu sei. É que eu estava tão chocada. Eu *estou* tão chocada. Tipo… Kevin. Meu irmãozinho irritante que só queria saber de videogame e tinha aquele cheiro de adolescente.

– Eca! – Shaunee exclamou.

– Sim, ele era *esse tipo* de irmão mais novo. Mas agora ele é um vampiro vermelho assassino que pode espalhar uma praga de zumbis na cidade inteira. Eu só… eu só… eu só não tenho palavras.

– Nós vamos ajudar, Z. A sua Horda Nerd está toda no mesmo lugar de novo. Nós vamos dar um jeito nisso. *Você* vai dar um jeito nisso – Stark afirmou.

Eu não sabia por que o voto de confiança dele em mim fez o meu estômago doer.

– Tem muita neve. Ainda bem que você colocou correntes nos pneus – Shaunee comentou, enquanto habilmente nos livrava de uma derrapada horrível.

– Ei, você dirige bem na neve – eu a elogiei.

– Sim. Aprendi em Connecticut. Meio metro de neve no inverno é considerado ameno.

– Devagar! – exclamei. – Acho que vi alguma coisa ali perto do Brady Theater.

Shaunee freou e virou à esquerda na contramão em uma rua de mão única que, felizmente, estava deserta. O Escalade deu a volta

bem devagar no quarteirão do Brady Theater.

– Não, foi só a bandeira do Mexicali Grill ondulando toda esquisita no vento – eu disse. – Mas talvez a gente deva entrar no Brady, só para garantir.

– Não – Stark falou com firmeza. – Zoey, eu sou o seu Guerreiro. Você precisa me ouvir. Não é seguro nós três entrarmos no Brady. Chame o Marx. Conte que você acha que viu algo. Ele vai vir para cá com reforço para conferir.

– Você está certo. Eu sei que você está certo. É que é tudo tão bizarro. É Kevin.

– Sim. E Damien pensava que o Outro Jack era só Jack. Se a gente não estivesse cuidando dele, o que teria acontecido? – Stark perguntou.

– Outro Jack teria devorado Damien – eu respondi cheia de tristeza. – Ok, vou chamar o Marx. Continue dirigindo, Shaunee. Dê uma volta pelo extremo leste dos trilhos de trem. Há alguns viadutos lá. Eles podem estar se escondendo embaixo deles.

– Ok – Shaunee concordou.

Fui pegar o rádio portátil que Marx havia nos dado porque as malditas torres de celular ainda estavam danificadas… e o meu celular me deu um susto ao explodir em vibrações e com o toque da música “Eye of the Tiger”. Eu o tirei rapidamente do bolso lateral do meu casaco.

– Alô.

– Zoey, é Marx. Os novatos estão acordados.

– O quê? Você quer dizer os novatos da Morada da Noite? – perguntei. Marx tinha concordado em escoltar o ônibus cheio de novatos vermelhos adormecidos até a escola, que era para onde, infelizmente, eles tinham que ser levados, já que a estação ainda

era uma cena de crime, o que significava que os túneis estavam interditados.

– Não. Os novatos do ônibus. Nós ainda não chegamos na escola. Que diabos está acontecendo? – Marx perguntou.

Olhei para a tela do meu celular. Eram 8h25.

– Eu não tenho ideia. Mas a gente já se encontra na Morada da Noite. Certifique-se de que esses novatos estão cobertos e pare na entrada do Ginásio, aquela que é coberta. Os celulares obviamente voltaram a funcionar, então vou ligar para a escola e avisar que você vai chegar com os novatos vermelhos. Ah, e pode ser que eu tenha visto algo perto do Brady Theater. Você pode mandar alguns policiais para darem uma olhada?

– Pode deixar. – Ele desligou sem dizer mais nada.

– Shaunee, a gente precisa…

– Já estou voltando – ela falou. – Segurem firme.

– O que ele queria? – Stark quis saber.

– Os novatos vermelhos estão acordados – eu expliquei enquanto verificava as últimas chamadas para encontrar o número de Lenobia, mas, antes que eu pudesse selecioná-lo, o meu telefone tocou de novo. O identificador de chamadas mostrava Aphrodite. Eu contive um suspiro e atendi. – Aphrodite, eu não tenho tempo para isso agora.

– Sinto muito por ter sido uma vaca horrível – ela falou.

– Ah. Tudo bem. Desculpas aceitas.

– Não, não está tudo bem, mas estou trabalhando nisso. E você precisa voltar para cá.

– Você parece sóbria.

– É porque eu estou sóbria. E tem algo aqui que você precisa ver. Bom, você também precisa entender, mas ver é importante. Ou pelo

menos eu acho que é. É uma coisa bem bonita, embora eu não esperasse nada diferente, ainda mais sendo algo feito por Nyx e tal.

– Você está falando coisas sem sentido. Tem certeza de que você está sóbria?

– Tenho.

– Ok, eu já estou a caminho. Mas Marx e uma grande van para transporte de prisioneiros do Departamento de Polícia de Tulsa que eles chamam de ônibus vão chegar aí antes de mim. Ela deveria estar cheia de novatos vermelhos do outro mundo dormindo profundamente, mas…

– Mas eles estão acordados – ela completou.

– Como você sabe?

– Venha para casa e veja por si mesma. Eu vou acomodar os novatos. Tchau.

– Tchau – eu falei, olhando para o telefone.

– O que foi agora? – Stark quis saber.

– Aphrodite está sóbria. E ela se desculpou por ter sido uma vaca horrível.

– Tem certeza de que você não estava falando com uma Outra Aphrodite? – Shaunee perguntou.

– Eu não vi nenhuma Outra Aphrodite atravessando para cá através daquela fonte – eu respondi.

– Bom, eu também não, mas pedir desculpas por ser uma vaca não parece coisa da nossa Aphrodite.

– E mesmo assim ela acabou de pedir. Ela também sabia que os novatos estavam acordados. Ela disse que eu tinha que ver uma coisa. Ou entender alguma coisa. Ou ambos, eu acho. Ela me deixou confusa. Que inferno, esse dia inteiro me deixou confusa.

– Vamos para casa – Stark afirmou, e Shaunee meteu o pé no acelerador.

Parque e espaço de eventos no bairro Brady Arts District, em Tulsa. (N.T.)

24

Heff

Cinco vampiros conseguiram escapar com vida junto com ele. Kevin correu. Ele liderou o que sobrou do seu pelotão diretamente até a grade do esgoto que tinha visto mais cedo. Com a força dos vampiros, eles arrancaram a tampa que parecia uma grelha e desapareceram lá dentro em menos tempo do que os seus perseguidores levaram para sair correndo do prédio atrás deles.

Os seis estavam respirando com dificuldade, ofegantes com o pânico e a adrenalina. Ele fez um gesto para que os soldados entrassem na rede de esgoto, afastando-se da grade, e sussurrou:

– Silêncio. Venham por aqui.

Eles o seguiram sem hesitação, agachando-se no espaço estreito e fétido. Kevin estava aliviado por esses cinco serem coerentes o suficiente para seguir ordens – para muitos dos soldados do Exército Vermelho, dava apenas para apontar a direção do inimigo e soltá-los para rasgar, arrancar pedaços, morder e matar.

Kevin estremeceu.

Ele era diferente. Ele sempre foi diferente.

Desde o dia em que a sua irmã morreu… o dia em que os sonhos começaram… o dia em que ele tinha sido Marcado como o novato vermelho mais novo da História. E apenas dois meses depois, a

Transformação o mudou de novo, fazendo dele o vampiro vermelho mais novo da História.

Bom, pelo menos na História do seu mundo.

Sons vindos de cima deles ecoaram, misturando-se sinistramente ao gemido do vento e ao barulho de gotejamento de água em algum lugar atrás deles. Os seis se juntaram e ficaram esperando.

A mente de Kevin era um turbilhão de pensamentos e emoções tentando encontrar o seu caminho em meio à fome incessante e à raiva que turvava cada momento seu desde que ele atendeu ao telefone uma noite e escutou uma voz fria informar que a sua irmã, Zoey Redbird, havia sido encontrada morta – decapitada e pregada em uma cruz na frente da Morada da Noite. Ele tinha colocado o telefone no gancho e se virado para dar a terrível notícia para a sua mãe, quando desabou. Em seguida, ele se esforçou para ficar em pé, enquanto sua mãe começava a berrar… sem parar… apontando para a lua crescente vermelha tatuada no meio da sua testa.

Pense. Raciocine. Você consegue fazer isso. O que eu sei com certeza?

Zoey estava viva, apesar de ele saber que ela estava morta. As fotografias mórbidas foram publicadas no *Tulsa World.* A morte de Zo tinha sido a terceira decapitação na frente da Morada da Noite, e a reação dos vampiros contra os humanos foi rápida e decisiva.

Os exércitos de Neferet foram vitoriosos. Eles ainda eram vitoriosos.

Mas não havia nenhum sinal de Neferet nem dos seus soldados aqui.

Humanos e vampiros – vermelhos e azuis – trabalhavam juntos aqui.

Zoey estava viva. A sua irmã estava viva. Ela o havia reconhecido. Ela o tinha salvado de ser queimado.

Os homens que nos atacaram não estavam mentindo. Este realmente não é o meu mundo.

– Quais são as próximas ordens?

Kevin se chacoalhou e se concentrou novamente no presente. Um dos soldados o estava observando de perto – o brilho vermelho nos seus olhos estava presente, mas opaco. *Se nós ficarmos acordados, vamos ter que nos alimentar.*

– Durmam – Kevin disse a ele. – Eu vou ficar vigiando.

– E depois do pôr do sol? O que devemos fazer então? – o soldado perguntou.

– Depois do pôr do sol, nós vamos até o ponto de encontro com o general – Kevin respondeu automaticamente, embora ele sinceramente duvidasse que o general fosse aparecer.

As pessoas deste mundo estavam de olho neles, e o general havia caído na armadilha deles. Kevin também teria caído e morrido, se não fosse por Zoey.

– Durmam – Kevin repetiu. – Depois vamos nos encontrar com o outro grupo e nos alimentar.

Isso os soldados entenderam, então eles se aninharam bem juntos e dormiram.

Kevin lutou contra a sua vontade. Seria bom, tão bom, encolher-se junto aos outros, compartilhar do seu calor e das batidas dos seus corações… dormir despreocupadamente e depois acordar apenas com mais nada além de fome na sua mente.

Não. Eu não quero isso. Eu não quero me perder. E eu não quero perder os meus sonhos.

Quando a adrenalina e o pânico foram embora, a exaustão ocupou o seu lugar. Kevin caminhou com dificuldade para ficar em pé perto da grade. Ele teve que franzir os olhos para protegê-los contra a luz do sol repentinamente forte, e ele foi cuidadoso para evitar os feixes de luz que passavam pela grade. Os sons dos homens lá em cima ficaram mais distantes e irregulares. A rua pareceu se aquietar. Kevin se sentou e recostou a cabeça contra a lateral fria e úmida do cano de esgoto.

O que eu faço agora?

Os seus pensamentos estavam voltando para Zoey e os seus olhos arregalados de choque que a deixaram paralisada diante dele, quando aconteceu.

Foi como se ele estivesse prendendo a respiração por muito tempo e, do nada, ele fosse capaz de respirar um ar limpo, doce e revigorante. Ele arfou alto, e ouviu o mesmo som vindo dos cinco soldados. Eles se sentaram, piscando e olhando em volta, como se não tivessem a menor ideia de onde estavam. Todos voltaram os seus olhos na direção dele ao mesmo tempo.

– Tenente? – o soldado que havia falado antes foi o primeiro a dizer alguma coisa. – O que acabou de acontecer?

Os outros homens balançavam as cabeças e esfregavam os olhos, como se tivessem acabado de se abrigar de uma tempestade furiosa.

Kevin inspirou profundamente. E depois mais uma vez.

– Eu… eu não sei bem. Como você se sente? – ele perguntou ao soldado.

– O meu nome é Marc. Marc Haimes. E eu me sinto normal. Eu me sinto totalmente normal.

– Eu também – disse o rapaz ao lado dele. – Eu sou o Ben.

– Sim, eu também estou bem. E eu sou o Ethan.

– Estou com dor de cabeça e tem um cheiro ruim aqui embaixo, mas estou ok. O meu nome é Dave.

– Eu sou o Justin. Onde diabos nós estamos?

Kevin os encarou.

– Vocês conseguem pensar de novo.

Os cinco assentiram. Eles não pareciam muito diferentes, exceto pelo fato de que não havia nenhum sinal de vermelhidão nos seus olhos e de que os seus rostos tinham emoção – uma emoção que não era raiva nem fome insaciável.

– Nós fomos curados – Kevin disse devagar.

– Como assim, curados? – Marc perguntou. – Eu estou bem. Ou melhor, eu *estava* bem até outro dia, quando acordei com esta maldita Marca vermelha na minha… – Ele perdeu a voz.

Então Kevin os observou enquanto eles se lembravam.

Silenciosamente, os cinco ficaram se encarando embasbacados. Kevin viu. Ele viu quando todos perceberam o que tinham se tornado, quando a lembrança das coisas que eles tinham feito inundou as suas mentes que não estavam mais envenenadas. Então ele descobriu pela primeira vez a resposta para a pergunta que ele não podia formular em segurança no seu mundo. *Será que eu sou o único vampiro que ainda se lembra de como é ser humano?*

Sim. A resposta era sim. Kevin Heffer era o único vampiro vermelho do seu mundo que se lembrava de como era ser humano. O único que se lamentava por isso, que sentia falta disso e que tinha aversão ao que todos haviam se tornado. Mas agora esses outros cinco também se lembravam da sua humanidade. E eles não conseguiam suportar.

– Não. – A palavra saiu em um soluço de Marc.

– Eu não posso ter feito essas coisas. Sério. Estou falando sério. Não posso – Ben falou enquanto lágrimas jorravam pelo seu rosto.

– Não, não, não, não, não, não, não, não, não, não – Justin ficou repetindo a palavra como uma litania, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Marc se esforçou para ficar em pé e cambaleou até Kevin. Ele caiu de joelhos na frente dele e olhou nos seus olhos.

– Nós dilaceramos pessoas com nossos dentes e nossas mãos. Nós as devoramos. Pessoas. Gente inocente.

– Sim. – A palavra pairou no ar ao redor deles, condenando-os, insultando-os, ferindo-os.

– Eu tenho que sair daqui! – Marc se precipitou na direção da grade e fez uma careta de dor quando os raios de luz do sol atingiram o seu corpo.

– Pare! – Kevin gritou, arremetendo na direção dele. Mas Marc já estava na luz do sol. Kevin retrocedeu, esperando que Marc explodisse em chamas.

Em vez disso, Marc saltou para trás e observou o seu próprio corpo. Ele estava usando uma camiseta, e os seus antebraços expostos estavam marcados com uma queimadura horrível, que já estava criando bolhas.

– Eu não morri.

– Nós fomos curados – Dave disse, arrastando-se sentado para mais perto deles e olhando boquiaberto para Marc.

– Será que isso vai passar? Nós vamos virar de novo aquelas… aquelas *coisas* que a gente era? – Marc perguntou.

– Eu não sei – Kevin respondeu.

– Como pode ser? Quem fez isso para nós? Eu não consigo… não consigo suportar essas lembranças. Não consigo. – Ethan colocou o seu rosto entre suas mãos e chorou convulsivamente.

– Não, não, não, não, não, não… – Justin continuou balbuciando, olhando para a grade.

– Vocês se lembram do que eles gritaram quando nos encurralaram? Eles disseram que a gente tinha entrado em um mundo que não é o nosso – Kevin raciocinou em voz alta. – Acho que eles estavam certos. Nós não estamos mais no nosso mundo.

– Podia ser uma armadilha. Uma armadilha do exército rebelde – Marc sugeriu.

– Não. Este não é o nosso mundo. Desde quando os humanos receberam permissão para decorar as ruas para o Natal? – Kevin disse. – E a estação? Tinha um restaurante ali onde *humanos* estavam sendo servidos *por novatos… novatos vermelhos.*

– Isso é impossível – Dave concluiu.

– Exatamente. E aquela vampira azul nos túneis que impediu os outros de nos matarem… ela é minha irmã. No nosso mundo, a minha irmã morreu no dia em que eu fui Marcado, mais de um ano atrás.

– O que tudo isso significa? – Marc perguntou.

– Eu sei quem pode nos ajudar a descobrir – Kevin falou.

– Quem? – Dave quis saber.

– Minha irmã. Ela tentou me ajudar. Ela me disse para não fugir. Zoey vai me ajudar. Ela vai ajudar a gente. Eu sei.

– Ela não pode ajudar nisto. – Ben se levantou e apontou um dedo trêmulo para a sua cabeça. – Ela não pode parar estas memórias aqui.

– Não, mas ela pode nos ajudar a descobrir como seguir em frente a partir de agora – Kevin argumentou.

– Não existe “seguir em frente” depois do que nós fizemos. – Ethan se levantou, tremendo, ao lado de Ben.

– Mas a gente tem que seguir em frente – Kevin afirmou.

– Não, não, não, não, não – Justin ainda repetia as palavras quando se levantou ao lado de Ben e Ethan.

Os três vampiros se olharam demoradamente.

– Justin está certo. Não – Ben disse. – Não, a gente não tem que seguir em frente.

– E nós não vamos – Ethan completou.

Juntos, Ben, Ethan e Justin lançaram-se para a frente, derrubando David e empurrando Marc contra Kevin. Pego desprevenido, Kevin lutou para se desvencilhar de Marc e ficar em pé. Quando ele conseguiu, era tarde demais. Ben já havia empurrado a grade para o lado e se arrastado através da abertura, com Ethan e Justin logo atrás.

Kevin tentou pegar a perna de Justin. Ele conseguiu segurar o seu tornozelo, mas Justin o chutou, derrubando Kevin, que caiu sentado no chão. Quando conseguiu ficar em pé pela segunda vez, os três vampiros vermelhos já estavam correndo do lado de fora da grade.

Puxando a sua camiseta para cima, de modo que ela cobria a sua cabeça e parte do seu rosto, Kevin se arrastou para cima a tempo de ver Ethan, Ben e Justin, com seus corpos fumegantes na luz do sol do inverno, gritando incoerentemente para o grupo de homens uniformizados que estava entrando em SUVs pretos. Os homens se viraram. Kevin os ouviu dando a ordem:

– Polícia de Tulsa! Parem ou vamos atirar!

Os três não pararam.

– Atirem ou vamos devorar vocês! – o grito angustiado de Ben chegou até eles.

O homem com o lança-chamas disparou contra eles.

Kevin puxou a grade de volta sobre o bueiro e caiu pesadamente no chão, enquanto os gritos deles morriam em meio a chamas, luz do sol e sangue.

Marc o puxou rapidamente para fora do alcance dos raios de sol.

– Eu não consegui detê-los – Kevin falou ofegante. – Eu tentei. Mas não consegui. – Ele levantou os olhos para Marc e David. – Vocês também vão fazer isso? Vocês vão cometer suicídio?

– Não posso prometer que vou conseguir viver com o meu passado, mas eu preciso de respostas – Marc disse. – Eu vou com você, tenente.

– Eu também. Não vou fingir que posso lidar com isso, mas também preciso de respostas – David concordou.

– Então, qual é o nosso plano? – Marc perguntou enquanto se sentava ao lado de Kevin.

– Vamos esperar aqui até o anoitecer e então vamos até a Morada da Noite pedir para ver a minha irmã.

– E se eles nos matarem? – David questionou.

– Então nós vamos estar mortos e não vamos ter que descobrir como viver com as nossas lembranças – Kevin respondeu.

– Bem pensado – Marc observou. – Estou dentro.

– Isso resolveria um problema para a gente. Também estou dentro – David afirmou.



Zoey

Só havia espaço suficiente para o Escalade parar ao lado do ônibus de transporte de prisioneiros da polícia e ainda ficar embaixo da entrada coberta do Ginásio. Shaunee ainda nem tinha terminado de estacionar e eu já estava fora do SUV, no meio do caminho até a porta da escola, com Stark e Shaunee correndo para me alcançarem, quando trombei com Aphrodite. Literalmente. Fazendo-a cair de bunda no chão.

Bem, tecnicamente, *eu* não a fiz cair de bunda no chão, mas sim a porta que eu empurrei para abrir. Mas, enfim, ela caiu desajeitadamente com um estrondo no piso de azulejo.

– Ai! Caramba, Z. Pensei que você tinha aceitado as minhas desculpas. – Ela massageou o seu traseiro enquanto se levantava. Ela levantou o rosto para franzir os olhos para mim e lá estava… a Marca mais incrível que eu já tinha visto.

– Como? Por q…? Eu não… eu nunca vi nada parecido com isso! – eu soltei quando finalmente consegui recuperar o controle sobre a minha boca.

– Não fode, Aphrodite é vampira! – Shaunee exclamou ao chegar correndo e parar logo atrás de mim.

– Vermelha e azul. Vermelha *e* azul? – Stark balbuciou. – Como pode ser vermelha e azul? E você nem era mais novata.

– Né?! É incrível demais, não é? – Aphrodite falou. Ela jogou o cabelo para trás, para que a gente conseguisse ver melhor.

Tenho que admitir. Meu queixo caiu.

A Marca dela era espetacular! Parecia uma daquelas máscaras de Carnaval *vintage* feitas à mão que são vendidas naquelas butiques maravilhosas de Veneza – do tipo que mulheres elegantes seguram para emoldurar os olhos, depois de puxar todo o cabelo em um coque no alto da cabeça e de espremer os peitos para fora

dos corpetes dos vestidos longos estilo século dezessete. Stark estava certo: a Marca era vermelha *e* azul e se parecia com fogos de artifício delicados e brilhantes explodindo em beleza na sua pele impecável.

– Eu não entendo – eu disse.

– Nem eu – Stark falou.

– Sim, é demais e tal, mas o que você é afinal? – Shaunee questionou.

Aphrodite levantou uma sobrancelha perfeita.

– Eu sou uma ponte.

– Ahn? – eu perguntei.

– Foi isso o que Nyx me disse. Essa foi exatamente a minha reação também. No começo.

– Mas por que aconteceu isso? – Eu ainda não conseguia fazer aquilo entrar na minha cabeça. – Você ainda é uma Profetisa?

– Hum, sim. Completamente. Pelo menos. E isso aconteceu porque eu finalmente deixei tudo para trás – Aphrodite respondeu.

– Caramba, garota. Você sabe que a gente não tem ideia do que "tudo" significa – Shaunee disse.

– *Tudo* é um monte de coisas… mas principalmente a minha mãe e todo o mal que ela me fez. E, ao deixá-la para trás, quero dizer que eu finalmente entendi. Eu finalmente compreendi que não importa o quanto eu queira que ela me ame e seja uma boa mãe… que inferno, ou pelo menos uma mãe mediana… por mais que eu queira, isso está fora do meu controle. Não importa o que eu diga ou faça. Eu não posso consertá-la. Eu só posso consertar o modo como eu reajo a ela… ou vou estar condenada, *por meio das minhas próprias decisões e das minhas próprias ações*, a repetir a

vida mentirosa e péssima dela. Foi isso. Então Nyx apareceu e aconteceu isso e mais um monte de coisas.

– Você falou bem, Aphrodite. Zoey Passarinha, o agradável Detetive Marx disse que você precisava conversar comigo. – Vovó apareceu no corredor que levava ao Ginásio.

– Eu preciso. – Respirei fundo e soltei. – Você sabe como o Outro Jack veio de uma Morada da Noite de outro mundo?

– Sim.

– Outra pessoa que nós conhecemos também veio desse mundo. É o Kevin, Vovó. Ele é um vampiro vermelho.

– Oh, querida. Oh, oh, querida. – Ela cambaleou um pouco e Stark correu para pegar o seu braço.

– Calma, Vovó. Vai ficar tudo bem. Nós vamos encontrá-lo e trazê-lo para cá. Assim como o Outro Jack está aqui.

– Ele é como aqueles outros pobres jovens novatos? Eles estão tão perturbados. É simplesmente terrível tudo o que eles estão passando.

– Eu não sei como ele é, Vovó. Eu só o vi por um segundo, mas ele disse o meu nome. Ele definitivamente me reconheceu – eu contei.

– Zoey, aí está você! – Marx chegou apressado vindo da lateral da entrada do Ginásio. – Eu estou recebendo informes loucos do centro. Parece que alguns vampiros vermelhos, os mesmos que estavam nos nossos túneis, cometeram suicídio.

– Ah, Deusa, não! – As pernas de Vovó cederam, e só o braço forte de Stark ao redor dela a impediu de cair no chão.

Marx se moveu em direção a Vovó.

– Não, não, não o seu neto! Desculpe-me, Sra. Redbird. Eu devia ter começado com essa parte. Um dos policiais que viu Kevin no

túnel mais cedo estava lá. Ele disse que nenhum dos vampiros que se mataram era ele.

– Eles se mataram? Como assim? – Stark perguntou.

– Eu sei o porquê – Aphrodite afirmou. – A explicação vem junto com isto – ela apontou para a sua Marca incrível. – E com o motivo de os novatos vermelhos do outro mundo estarem acordados e conscientes. Entrem. Eu vou contar tudo. Ah, e não esperem que Damien se junte a nós logo. Ele e Outro Jack estão tendo um *lance*. – Ela levantou a mão e fez “shhh, shhh” para mim quando tentei obter mais informações sobre o tal *lance.* – Menino com menino em ação. Isso é tudo que eu vou dizer, pois tenho certeza de que eles não iriam me deixar assistir. Apesar de eu ter certeza de que queria assistir. Então, para dizer algo mais, eu teria que inventar os detalhes, e o meu cérebro está ocupado. – Ela deu de ombros. – Enfim, venham comigo. Eu tenho umas coisas inacreditáveis, do caralho, para contar para vocês.

– Isso certamente vai ser bem interessante – Vovó disse, já soando mais como ela mesma.

– Você me concederia a honra de me dar o seu braço, Sylvia? – Stark estendeu o braço para ela, parecendo um perfeito cavalheiro.

Vovó sorriu e deu o braço a ele, com a cor já voltando às suas bochechas macias.

Eu o amei tanto naquele momento que mal conseguia respirar.

25

Zoey

– Uau. Simplesmente uau. – Eu não conseguia parar de encarar a Marca de Aphrodite. Nós estávamos na sala de conferências anexa aos escritórios administrativos, e todo mundo – Stark, Shaunee, Marx e Lenobia – também estava olhando embasbacado para Aphrodite.

– Deixe-me ver se entendi direito: os novatos e vampiros do outro mundo estão curados, na falta de uma palavra melhor – Marx falou.

– Estão – Aphrodite concordou. – Bem, um jeito melhor de colocar as coisas é dizer que eles tiveram a sua humanidade restaurada.

– E foi por isso que eles começaram a cometer suicídio. Porque a humanidade deles foi restaurada e eles não conseguem viver com as coisas que fizeram – Vovó concluiu. – Isso faz sentido, terrivelmente.

Stark tocou o ombro dela suavemente.

– Ei, isso não quer dizer que Kevin vai se matar.

– Eu entendo isso, meu filho, mas significa que ele está sofrendo.

Eu olhei para Marx.

– Nós precisamos encontrá-lo.

– Toda a polícia de Tulsa já está vasculhando o centro, procurando em lugares nos quais ele possa ter se escondido. Só me dê um segundo que vou passar um rádio, informando que eles devem segurar o lança-chamas e não deixá-los cometer suicídio se jogando para cima dos policiais, como os outros três fizeram.

– *U-we-tsi-a-ge-ya*, eu tenho que ir.

– Vovó? Você não pode voltar para a fazenda de lavandas. Ainda há muita neve – eu disse.

– Ah, não, Zoey Passarinha. Eu preciso sair daqui e ir até o Templo de Nyx. Lá eu vou me purificar e então começar a vigília de orações por Kevin. Isto é… se eu tiver a sua permissão para fazer isso.

– É claro que sim, Vovó! Se você precisar de qualquer coisa, basta pedir para uma das Sacerdotisas na sala de meditação. – Eu fui até ela e peguei a sua mão. – Você está bem?

– Vou ficar quando nós trouxermos Kevin para casa. – Ela acariciou minha mão e beijou minha bochecha. – Você faz a sua parte, e eu vou fazer a minha. – Então, devagar, como se de repente a sua idade a tivesse alcançado, Vovó saiu da sala.

Fui até o telefone na mesa da administração e digitei o número do Templo de Nyx. A Sacerdotisa atendeu no segundo toque.

– Aqui é Zoey. Minha avó está a caminho do templo. Dê tudo que ela precisar e fique de olho nela. Mas nada obsessivo. Só certifique-se de que ela está bem. Ligue-me se ela precisar de qualquer coisa. Obrigada. – Coloquei o telefone no gancho e voltei para o meu assento. – Ok, onde estávamos?

– Imagino que você quer que o seu irmão e qualquer outro vampiro vermelho que a gente encontre sejam trazidos para cá imediatamente, certo? – Marx continuou.

– Sim. Por favor – eu disse.

– Ok, sem problemas. – Ele começou a se dirigir para o corredor, mas fez uma pausa e olhou para Aphrodite. – A mordida deles ainda é contagiosa?

– Não. Agora eles são novatos e vampiros vermelhos normais – ela respondeu. – Ei, ahn, Marx, será que você poderia fazer algo por mim, por favor?

– Se eu puder.

– Você poderia ir até o St. John's e contar à minha mãe que ela está curada… ou que houve um erro e que ela sempre esteve bem? Tanto faz. Só a informe que ela não vai se transformar em nada e não vai morrer.

– Você foi até o hospital? Para ver aquela mulher horrível? Sério? – Shaunee quis saber.

– A sua mãe é louca? – Aphrodite disparou a pergunta para Shaunee.

– Não. Ela só é apática.

– Então não fale comigo sobre o fato de eu ter ido vê-la. Não estou orgulhosa das coisas que eu disse a ela e não vou fazer isso de novo. Mas não vou fingir que sinto muito. Não é verdade. Eu só sinto por ter deixado que ela me magoasse por tanto tempo. – O seu olhar voltou para Marx. – Você pode falar com ela por mim?

– Tem certeza de que você não quer fazer isso? Eu posso ir com você – ele se ofereceu.

– Tenho certeza absoluta. Na verdade, um dos meus novos objetivos é nunca mais falar com a minha mãe de novo enquanto eu viver.

– Tudo bem, então. Vou dar uma passada no St. John's no caminho até o centro. Com licença. Os meus homens precisam ser

informados sobre os últimos acontecimentos.

Ele saiu da sala e nós voltamos a encarar a Marca de Aphrodite.

– Então, o que foi agora? – ela falou.

– Você tem certeza de que não quer ir até o hospital com ele para contar à sua mãe que ela vai ficar bem? – eu perguntei.

– Sim. Vamos mudar de assunto. Como você se sente sabendo que o seu irmão é um vampiro vermelho selvagem?

– Sinto como se a minha cabeça fosse explodir – respondi honestamente.

– Faz sentido – ela disse. – Você vai sair para procurá-lo?

– Claro – eu afirmei.

– Você pode ficar aqui – Stark sugeriu. – E dar uma situada nos novos novatos vermelhos. Eu vou procurá-lo no seu lugar. Se Darius e eu não conseguirmos encontrá-lo… ninguém consegue.

– Você não vai sair lá fora. Tem sol demais – eu argumentei.

– Você não vai sair lá fora. É perigoso demais – Stark replicou.

– Eu detesto estragar esse lindo comecinho de discussão, mas alguém, alguém que seja um vampiro vermelho, precisa ficar aqui e acalmar esses novatos vermelhos. Eles estão bem surtados – Aphrodite interveio.

– Não é de se surpreender – Shaunee observou. – Eles comeram gente. *Literalmente.* Isso não deve ser bom para a autoestima deles.

– Aphrodite está certa – eu falei. – Esses novatos vão passar por momentos difíceis. Onde está Stevie Rae?

– Já está no porão com eles. Foi uma pena que vocês perderam a reação dela ao ver a minha Marca. Foi uma clássica explosão caipira cheia de *"Aiminhadeusa"* e uma metáfora perturbadora que tinha alguma coisa a ver com um cachorrinho malhado, seja lá o que isso signifique. Enfim, ela está lá embaixo. Shaylin e Nicole também

estão com ela, mas os novos novatos são todos meninos, e acho que eles se sentiriam melhor se pudessem conversar com um homem. Ou seja o que for que os homens fazem quando se conectam.

– Eu vou sair com Z. de novo. Os vampiros vermelhos não são mais perigosos, mas se alguma coisa acontecer o fogo vai acendê-los. – Shaunee fez um pequeno floreio com as mãos.

– Só porque eles tiveram a sua humanidade de volta não significa que eles não são perigosos – Stark disse. – Três deles já cometeram suicídio se atirando para cima dos policiais. A gente não sabe o que os outros podem fazer.

– Eu posso lidar com isso sozinha. E vou estar com Shaunee.

– E Darius – Aphrodite acrescentou. – Onde está o meu homem?

Depois de terminar um telefonema, Marx espiou para dentro da sala de novo e respondeu:

– Darius está voltando para a Morada da Noite. Ele está acompanhando a van do médico legista com o que sobrou nos túneis… não que tenha sobrado muito. Devo esperar até que ele chegue?

– Não, vá em frente. Ele está com um rádio, certo? – eu perguntei.

– Sim.

– Ótimo. Shaunee e eu vamos sair com ele e começar a procurar. A gente coordena as buscas com você pelo rádio.

– Nós já começamos a procurar em uma área. Darius foi informado. E tomem cuidado lá fora. A cidade ainda está sob estado de emergência e ainda não deixei os limpa-neve saírem.

– Nós vamos no Escalade. Ele está com correntes nos pneus.

– Ela também vai encher o Escalade de Guerreiros. – Stark me deu um olhar triste, mas resignado.

– Ok, já estou indo – Marx disse. – Aphrodite, você quer que ligue depois para contar como a sua mãe está passando?

– Não, obrigada – ela respondeu.

Eu observei Aphrodite. Ela definitivamente não estava mais bêbada nem chapada, mas isso não era nenhuma surpresa. Os vampiros metabolizavam álcool e drogas de um jeito diferente dos humanos, então para ficar bêbada ela teria que tomar, tipo, cerca de uma caixa de garrafas de bebidas alcoólicas – o que eu não duvidava que ela fosse capaz, mas claramente ela não tinha tido tempo pra isso. Ainda. Eu não tinha ideia se o Xanax ainda estava fazendo algum efeito nela e me perguntei como ela iria lidar com os seus novos poderes – e a sua nova atitude em relação à sua mãe – sóbria. Desde que eu a conhecia, Aphrodite nunca tinha lidado com muita coisa sóbria.

– Você está me encarando.

– Desculpe. A sua Marca é muito linda.

– É mesmo, né? Mas você não estava me encarando com um olhar do tipo a-sua-Marca-é-muito-linda.

– Bom, é muita coisa para assimilar – eu saí pela tangente.

– Pessoal, vocês podem dar uma ajuda lá embaixo? – Shaylin entrou correndo na sala de conferências com os olhos arregalados e o cabelo despenteado. – Aqueles novos novatos estão chorando. Muito. Quero dizer, eles estão urrando mesmo, com catarro e tudo o mais. Damien e Outro Jack estão tentando confortá-los, mas eles estão totalmente surtados. E, por falar nisso, as auras deles estão bem confusas.

– Alguém precisa fazer com que eles apaguem – Aphrodite murmurou.

Isso me deu uma ideia.

– Ei, e se a gente mudasse o grupo do porão para o dormitório dos meninos? As janelas têm cortinas bem fechadas e seguras, e eles ficariam protegidos da luz do sol, mas é mais difícil para os novatos vermelhos ficarem acordados se eles estão acima do chão.

– Ótima ideia – Stark concordou. – E você está certa.

Shaylin deu um tapa na própria testa.

– Afe, eu já fui uma novata vermelha. Devia ter me lembrado disso.

– Ok, vou ajudar a fazer a mudança deles – Stark falou.

– E certifique-se de que eles estão seguros – eu recomendei. – Quero dizer, protegidos inclusive contra eles mesmos.

– Que tal designar um dos nossos novatos para cada um deles? – Aphrodite sugeriu.

– Acho bom. Onde está Lenobia?

– No porão, tentando bem desajeitadamente fazer um monte de meninos pararem de chorar – Shaylin respondeu. – Neste exato momento, tenho certeza de que ela está odiando o seu trabalho.

– Tenho certeza de que você está certa. Então, diga para Lenobia fazer uma lista dos estudantes que ela acha que seriam bons parceiros para os novos novatos. Depois vocês podem começar a montar os pares e levá-los até o dormitório.

– Ok, pode deixar! – Shaylin disse. Antes de desaparecer no corredor, os seus olhos focaram em Aphrodite. – A sua Marca me assusta. Ela é linda e tudo, mas mesmo assim. Ela. Me. Assusta.

– Obrigada – Aphrodite falou. Então os seus olhos brilharam e ela ficou em pé. – Lá vem o meu homem! – Ela olhou em volta da sala e

revirou os olhos. – Por que a gente não tem um espelho aqui?

– Ahn, é uma sala de conferências. Uma sala de conferências de estudantes – Shaunee explicou.

– E você quer dizer que estudantes não querem ficar com uma aparência boa? Isso é ridículo. – Ela veio até mim e espiou o meu rosto como se eu fosse um espelho. – Como eu estou?

– Bom, a sua Marca é maravilhosa.

– Eu sei.

– E o seu cabelo está muito louco.

– Se Erin estivesse aqui, ela diria que você parece um peido[30] – Shaunee observou.

– Sem palavras. Não tenho palavras para você e o seu comentário péssimo – Aphrodite disse para Shaunee.

Enquanto Shaunee gargalhava, eu falei a verdade para Aphrodite.

– Ei, pare se se estressar. Darius vai achar que você está linda. Porque você é linda e ele te ama.

– Você está totalmente certa. Obrigada, Z.

Então Darius entrou na sala, com uma parede de Guerreiros Filhos de Erebus atrás dele.

– Isso vai ser bom – Shaunee sussurrou.

Aphrodite se virou. Eu vi o rosto de Darius ficar vazio, como se ele não conseguisse processar o que estava vendo, e então os seus olhos se arregalaram e o seu rosto ruborizou. Ele foi até Aphrodite e colocou um joelho no chão diante dela e abaixou a cabeça.

– Marx disse que algo tinha acontecido. Ele contou que você era o motivo de os novatos vermelhos terem acordado e de os vampiros vermelhos terem se suicidado. Minha bela, minha Grande Sacerdotisa, minha consorte e meu amor. É uma honra para a

minha vida inteira ser o seu Guerreiro Juramentado. Você aceita o meu compromisso?

Aphrodite se ajoelhou na frente de Darius. Ela pegou o rosto dele entre as suas mãos, fazendo-o olhar dentro dos seus olhos.

– Para sempre, Darius. Para sempre. Eu não merecia você. Mas eu retribuo com o meu juramento de que vou me esforçar muito para ser merecedora de você. Agora, por favor, levante-se e me beije.

Darius fez o que a sua Grande Sacerdotisa ordenou, e os Guerreiros atrás dele aplaudiram e deram vivas ao casal.

– Isso foi muito meloso – Shaunee falou baixinho.

– Também acho. – Stark me deu um beijo rápido. – Vou ajudar com os novatos vermelhos. Estou com o meu telefone, mas, se ficar sem serviço de novo, vá me passando rádio. Quero atualizações constantes. Ok?

– Ok. – Eu o beijei de volta. – Obrigada. A propósito, caso você se pergunte… você é a minha definição de fora de série.

Ele abriu o seu sorriso metidinho de James Stark, tocou a ponta do meu nariz e sussurrou:

– Eu também te amo, minha Rainha.



Zoey

Eu estava mais do que frustrada. Nós esquadrinhamos todo o centro e não achamos Kevin nem nenhum sinal recente dele nem de nenhum outro vampiro vermelho.

Ah, a gente encontrou o local por onde eles tinham invadido o velho edifício Sinclair na Avenida Boston. Eles haviam devorado uns pobres mendigos que tiveram a má sorte de pensar que tinham encontrado abrigo da nevasca, mas os vampiros vermelhos não

voltaram para lá. E agora já eram 5h00, o pôr do sol já estava próximo e eu só conseguia pensar em uma coisa a fazer.

– Vamos voltar para a Morada da Noite. Vou chamar Stark, Stevie Rae e Rephaim, e a gente vai voltar para cá e continuar procurando.

– Z., não sei se isso é uma boa ideia. Está começando a nevar de novo – Shaunee falou.

– Vai ser ruim se vocês ficarem presos aqui fora em outra tempestade. Principalmente porque há vampiros vermelhos, provavelmente em pânico e perigosos, que daqui a alguns minutos vão sair de onde quer que eles estejam se escondendo – Darius acrescentou.

– Eu tenho que continuar procurando. Ele é meu irmão. – O que eu não quis admitir em voz alta era algo que estava girando pela minha mente o dia todo: que eu não podia decepcionar Outro Kevin. Eu já havia decepcionado um Kevin. Eu basicamente o tinha abandonado, deixando-o lidar sozinho com o meu padrastotário e com a pressão dos seus colegas de ensino médio.

– A gente entende, Z. A gente só quer que você fique segura – Shaunee disse.

– Eu sei. Desculpem se fui meio rude. – Esfreguei a ponta do meu nariz. Eu estava com uma dor de cabeça horrível e os meus olhos ardiam de ficar olhando para neve cheia de sol o dia inteiro. Eu precisava comer e descansar, mas, quando eu pensava em Kevin por aí, encolhido em algum lugar escuro, e na dor, no medo e na confusão que ele devia estar enfrentando… bom, eu tinha que continuar procurando. – Eu sou muito grata a vocês.

– Nós vamos encontrá-lo – Darius falou com muito mais confiança do que a que eu sentia.

Olhei para o céu cinza leitoso que indicava o começo do pôr do sol, enquanto o SUV ia bem devagar na direção da nossa casa. Tinha começado a nevar de novo. Felizmente, dessa vez o vento tinha parado e flocos de neve gordos iam caindo preguiçosamente até o chão.

Em algum momento no meio do dia, a eletricidade havia caído na maior parte do centro da cidade. Quando nos aproximamos da Morada da Noite, ela estava iluminada pelas chamas tremeluzentes dos lampiões a gás, fazendo o campus parecer congelado no passado.

Stark nos encontrou assim que entramos pela porta. Ele me abraçou forte, e eu me permiti ter aquele momento, descansando o meu rosto no peito dele, enquanto ele me envolvia em seus braços, cercando-me de amor e do calor do seu afeto.

– Obrigada – eu sussurrei. – Eu precisava disso.

– Eu também. Você está bem?

– Se eu dissesse que sim, você acreditaria em mim?

– Nem por um segundo.

– Bom, então vamos pegar alguma coisa para comer e conversar sobre o nosso plano para esta noite.

– Parece uma ótima ideia. Estou morrendo de fome – Shaunee disse. – E onde…

Erik Night despontou no canto do corredor. No instante em que ele viu Shaunee, o seu rosto se iluminou com o seu sorriso cheio de megawatts de estrela de cinema. Ele percorreu os poucos metros que os separavam em apenas dois passos largos e a levantou em seus braços, rodopiando com ela.

Tentando não me encolher, eu esperei que ela soltasse uma faísca nele ou, pelo menos, mandasse que ele a colocasse no chão.

Em vez disso, ela deu risadinhas.

Risadinhas.

– Aqui está minha gostosa! – Ele recostou o nariz no pescoço dela e deu uma mordidinha maliciosa. – Sabe o que eu fiquei fazendo o dia todo, enquanto você ficou por aí com Z.?

– Decorando suas falas admirando-se no espelho? De novo? – ela o provocou.

– Não, espertinha. Fiquei tomando conta dos novatos vermelhos.

– Eles não se acomodaram e não pegaram no sono ainda? – Tentei não ficar encarando os dois. Quero dizer, eles formam um casal maravilhoso, mas eu simplesmente não estava acostumada a ver Shaunee toda menininha com um cara. *Nem* Erik tão apaixonado que não se importava se estava parecendo descolado ou não.

Erik colocou Shaunee no chão.

– A metade deles sim. A outra metade está em uma situação crítica. Mas foi uma boa ideia colocá-los em pares com os nossos novatos. Isso realmente ajudou. Um garoto não para de chorar. De jeito nenhum. Shaylin disse que a aura dele está muito escura e confusa. Acho que ninguém sabe o que fazer.

– Eu sei. – Aphrodite emergiu do corredor que levava ao Ginásio. – Temos que dar tempo a ele. Temos que deixá-lo falar. E temos que conseguir um cachorro para ele. – Ela foi até Darius e começou a abraçá-lo antes de perceber que ele estava coberto de flocos de neve. Com uma careta, ela tirou a neve dos ombros dele, resmungando: – Eca. Neve. Isso sempre me lembra daquela cena horrível de *O clube dos cinco*, em que a personagem gótica de Ally Sheedy faz aquele desenho com a própria caspa no lugar da neve.

Aquilo me apavorou para sempre. – Então ela o puxou para um longo e interminável beijo.

– Espere aí, você disse um cachorro? – eu perguntei.

– Sim. Acho que a gente precisa investir em um serviço de cachorros para estresse pós-traumático para os novos novatos. Os gatos não querem saber deles. Isso é bem estranho. Mas, como eles vêm de outro mundo, acho que o fato de os gatos sentirem repulsa por eles na verdade não é tão estranho. Enfim, Duquesa está lá embaixo com Damien e Outro Jack. Ela não ligou nem um pouco quando eles apareceram histéricos e sujos. Vocês sabem, esta é só mais uma diferença entre cachorros e gatos, os quais eu acho que julgam muito melhor o caráter das pessoas. Os cachorros aceitam praticamente todo mundo. Gatos têm mais discernimento.

– Não desrespeite o meu cachorro, Aphrodite – Stark falou.

– Ai, não fique todo irritadinho, Cara do Arco. Só estou citando a diferença entre os dois, não estou desrespeitando ninguém. Duquesa ajudou hoje. Muito. Então, vamos arrumar mais cachorros.

– Parece uma solução fácil. E eu gosto de cachorros. Vamos entrar em contato com a Humane Society[31] de Tulsa e adotar um monte de cachorros bacanas para os novatos. Um típico ganha-ganha – eu afirmei. – Vocês querem comer alguma coisa? Depois eu vou dar uma olhada nos novos garotos antes de voltar lá para fora e continuar procurando por Kevin. – Olhei ao meu redor. – Damien ainda está lá embaixo com Outro Jack? E onde está Stevie Rae?

– Damien e Outro Jack estão indo para a nossa sala de refeições. Eu disse que você não iria se importar que o Outro Jack se juntasse a nós porque ele está tecnicamente morto e não é um estudante daqui – Aphrodite contou.

– Isso é mórbido, mas está correto.

– E Stevie Rae estava nos ajudando com os novatos, mas, quando o anoitecer se aproximou, ela saiu em disparada para capturar o Menino-Pássaro, ou seja lá o que ela faz para que ele voe de volta para ela.

Eu revirei os olhos.

– Ela disse que encontra a gente na sala de refeições com Rephaim. Imagino que depois de ele trocar as penas por um jeans e uma camiseta.

– Ok, então. – Eu sorri para todos, esperando que, se o meu rosto estivesse feliz, a minha mente iria acompanhá-lo. – Quem quer *psaghetti*?[32]



Zoey

Tive um déjà vu enorme quando entrei na sala de refeições e vi Damien sentado na nossa mesa com Outro Jack. Os dois estavam de mãos dadas, com as cabeças inclinadas um na direção do outro. Jack sussurrou alguma coisa no ouvido de Damien, e a risada dele foi como purpurina flutuando por todo o ambiente e deixando pequenos pedacinhos brilhantes em cada um de nós.

– Ele parece muito melhor – Shaunee comentou.

– Qual deles? – Aphrodite perguntou.

– Os dois – Darius falou enquanto nos dirigíamos à nossa mesa.

– Oi, meninos. Outro Jack, realmente é muito bom ver você. Eu ia perguntar como você está se sentindo, mas é óbvio que você está ótimo.

– *Merry meet*, Grande Sacerdotisa! – Outro Jack se levantou, curvando-se formalmente para mim.

– Ei, pode me chamar de Zoey. Você e eu vamos ser bons amigos. De novo.

A gente se sentou na nossa grande mesa e a garçonete anotou os nossos pedidos. Fiquei surpresa quando Aphrodite pediu uma salada para acompanhar a sua tradicional taça (ou cinco) de vinho, e ainda mais surpresa quando a salada chegou e ela ignorou o vinho e se dedicou à comida.

– Aí está você, *u-we-tsi-a-ge-ya!* – Vovó, feito um furacão, chegou correndo à nossa mesa. – Posso comer um prato desse *spaghetti?*

– Claro! – Stark chamou a Sacerdotisa que estava nos atendendo e pediu um prato para Vovó.

– Eu não o encontrei, Vovó. Mas eu vou encontrá-lo. Nós vamos. Eu prometo.

– Os Filhos de Erebus vão fazer tudo o que está ao nosso alcance para trazê-lo para casa, eu também lhe dou a minha palavra, Vovó Redbird – Darius disse solenemente.

– Ah, vocês não vão precisar fazer nada – ela falou.

– Ahn?

Vovó me deu um sorriso maroto e uma piscadinha para Darius.

– Acredito que Kevin vai encontrar vocês.

– Z.! Que ótimo! Você voltou. Rephaim tem umas coisas para contar. – Stevie Rae e Rephaim chegaram apressados à nossa mesa. – Oi, Vovó! Aaah! *Psaghetti!* Nham-nham. Vou querer um pouco.

– Kalona não esteve no seu sonho! – Rephaim anunciou sem nenhum preâmbulo.

– Ahn, sim, ele esteve. Eu estava lá. Eu o vi.

– Pode ter sido alguém que se parecia com ele e que falava como ele, mas eu juro que não era o meu Pai. Ele jurou pelo seu

amor por Nyx que não entrou no seu sonho. Além disso, ele me pediu para dizer a você que ele lhe dá a sua palavra de que nunca vai aparecer para você em sonho em um lugar do seu passado. É como eu tinha explicado antes, o meu Pai quer distância do que ele já foi um dia.

– Se não era ele, então quem pode ter sido? – Stark parecia tão confuso e perturbado quanto eu me sentia.

– O meu Pai falou para você tentar se lembrar de qualquer coisa que tenha parecido fora de lugar no sonho. Ele também disse que era muito estranho que a mensagem tivesse a ver com o diário de Neferet, já que ele acha que é a única pessoa que sabia sobre ele.

Eu tentei me lembrar.

– Parecia ele. Bom, uma versão meio sem jeito dele, mas eu não pensei isso na hora. Quero dizer, ele apareceu no meu sonho em um lugar onde antes ele me perseguia… achei que era por isso a falta de jeito. – Eu mordi o lábio, pensando. – Esperem, tem duas coisas meio esquisitas. Eu mencionei que eu gostei mais das suas asas brancas do que das pretas, e ele pareceu chocado.

– Chocado por você gostar das asas? – Stevie Rae perguntou entre mordidas de *spaghetti.*

– Não, chocado por elas serem brancas. Além disso, ele fez um comentário ao qual eu não dei muita importância, mas pensando agora pode significar algo. Não lembro as palavras exatas, mas ele disse que estava me alertando porque, ao contrário de Nyx, ele tinha passado um bom tempo com todos nós e sabia que a gente poderia lidar com a preocupação.

Eu vi Rephaim ficar alarmado.

– O meu Pai não diria isso. Ele não iria nem supor nada negativo em relação a Nyx.

– Ah, que merda. Acabei de pensar uma coisa. Será que pode ter sido Neferet, fingindo ser Kalona? – Aphrodite sugeriu.

– Acho que isso não é possível – eu respondi.

– Bem, poderia ser, se ela conseguiu a habilidade de influenciar o mundo ao redor dela – Darius observou.

– Mas não faz sentido que ela nos avisasse sobre si mesma – eu argumentei. – E ela nunca iria nos mostrar o seu diário.

– Verdade, é pessoal demais – Shaunee concordou.

– É, não mesmo. E, seja quem for que estava se passando por Kalona, ele estava certo… nós realmente aprendemos um monte de coisas sobre ela quando lemos o diário – Stevie Rae concluiu.

– Então, quem mais tem poder para manipular os sonhos *e* tem um conhecimento pessoal sobre Neferet? – Vovó questionou.

Eu tentei me lembrar, filtrando mentalmente as memórias horríveis registradas no diário trágico de Emily Wheiler – e de repente senti o meu corpo começar a gelar inteiro por dentro.

– Só há uma entidade que tem esse tipo de poder e esse conhecimento: o Touro Branco – eu afirmei.

Em meio a um silêncio terrível, Outro Jack levantou a mão.

– Querido, você não precisa levantar a mão para falar algo – Damien disse a ele.

– Nem para fazer uma pergunta?

– Nem para fazer uma pergunta – eu confirmei.

– Ah, obrigado. Que gentil. Então, hum, quem é o Touro Branco?

– O mal – Damien respondeu. – O Touro Branco é o puro mal.

– Isso é péssimo. Bem péssimo mesmo – Outro Jack comentou.

– Você não tem nem ideia. – Eu afastei o meu prato de *psaghetti* quando senti as peças do quebra-cabeça se encaixando. – É claro que o Touro Branco está por trás de toda essa confusão. Toda

aquela bobagem sobre Neferet e coisas ruins vindo na nossa direção, nada daquilo era verdade. Aquele sonho criou tudo isso… simplesmente fazendo a gente pensar que Neferet estava aprontando algo e então desencadeando toda essa avalanche a partir daí.

– Mas por quê? O que ele quer? – Outro Jack perguntou.

– Caos e morte: isso é tudo o que o Touro Branco quer – Damien afirmou.

– E foi exatamente isso o que ele causou. De novo – eu concluí.

– Na verdade, *u-we-tsi-a-ge-ya*, desta vez ele não causou só isso – Vovó acrescentou. – Desta vez ele provocou a reunião de Damien e Jack, fez com que Aphrodite se curasse do seu passado e fosse Marcada como um tipo especial de Profetisa vampira e fez com que Kevin, o nosso Kevin, tivesse a sua humanidade restaurada. Desta vez ele acreditou que estava causando o caos e espalhando o mal, mas na verdade o amor e a Luz brilharam através das Trevas dele.

– O que significa que ele vai ficar bem irritado já que o seu plano nefasto não funcionou – Aphrodite disse.

Ah, que inferno.

Fart (peido em inglês) também significa uma pessoa irritante, tola ou desprezível. (N.T.)
Organização de proteção aos animais dos Estados Unidos. (N.T.)
Modo como as crianças dos EUA às vezes pronunciam “spaghetti” erroneamente. (N.T.)

26

Zoey

Eu tinha voltado para o meu quarto para lavar o rosto e trocar de roupa antes que Stark, eu e um monte de Guerreiros saíssemos para continuar procurando por Kevin, quando ouvi os Guerreiros que estavam de guarda ao redor do muro tocarem o alarme. Saí correndo do meu quarto pelo corredor, encontrando Aphrodite e Darius na escada.

– Você sabe o que foi isso? – perguntei a Darius.

– Não. – Ele pareceu sombrio, e eu reparei enquanto corríamos escada abaixo que ele estava levando facas de arremesso dentro do seu colete feito sob medida.

Cruzei mentalmente os dedos e fiz uma prece silenciosa. *Nyx, faça com que seja o Outro Kevin e não deixe que ele esteja louco demais.*

Nós corremos até a frente do prédio, onde encontramos um Guerreiro Filho de Erebus e Stark.

– O que está acontecendo? – perguntei a Stark.

– Três vampiros acabaram de escalar o portão do lado da Utica e entraram no campus – Stark respondeu.

– Vermelhos? – Darius questionou.

– Sim – o Guerreiro confirmou.

Ladeada pelos meus Guerreiros, fui até a porta da frente, tentando enxergar através da escuridão e dos flocos de neve grandes e preguiçosos que pareciam que não iam parar de cair nunca. Consegui distinguir três figuras. Eles estavam se movendo devagar, mas deliberadamente, andando com dificuldade em meio à neve na altura do joelho, seguindo o caminho agora invisível que levava diretamente a nós na parte de trás do prédio.

– Eles sabem onde estão indo – Stark observou.

– Eles só podem ser do outro mundo. Nenhum dos nossos Guerreiros está a pé – Darius comentou.

– Bom, vamos ver o que eles querem. – Stark tirou o seu arco das costas e colocou a sua mão na porta.

A voz de Vovó o deteve.

– Só um instante, *tsi-ta-ga-a-s-ha-ya.* Acho que você não vai precisar desse arco.

– Do que você está sabendo, Vovó? – eu perguntei, ainda encarando os vampiros que se aproximavam.

– Eu tenho um pressentimento, Zoey Passarinha. E os meus pressentimentos raramente estão errados.

Escutei mais Guerreiros se enfileirando atrás de nós, mas não desviei o olhar dos vampiros. Silenciosamente, eu amaldiçoei a neve, desejando que uma lua cheia e brilhante estivesse no céu – ou que pelo menos eu tivesse um binóculo. Eu ia abrir a boca para pedir que um dos Guerreiros fosse buscar um binóculo para mim, quando o líder do grupo – o garoto que estava andando no meio dos dois e os ajudava quando eles tropeçavam – fez algo tão simples e tão familiar que eu soube, sem sombra de dúvida, quem ele era.

Kevin estalou as juntas dos dedos. Isso era uma coisa que ele fazia desde que era bem pequeno. Eu lembrava que a nossa mãe

costumava falar para ele parar de fazer isso, senão as articulações dele iam ficar grossas, mas ele sempre dava risada e fazia uma piada. E naquela época – antes de a nossa mãe se casar com John Heffer , o padrastotário, e se perder completamente ao se transformar na esposa perfeita dele –, Kevin conseguia fazê-la rir com a piadinha de criança mais boba do mundo. Barbie e eu costumávamos tirar sarro dele, chamando-o de “queridinho da Mamãe” e forçando-o a pegar gotas de chocolate e sorvete escondido na cozinha porque aquilo era verdade. Ele definitivamente era o favorito da Mamãe. Se ela o apanhasse, ele simplesmente faria minha mãe rir e todos nós comeríamos gotas de chocolate e sorvete.

Agora só o que eu conseguia ver era aquele garotinho… aquele menino cujas franjas tinham sido cortadas curtas demais pela Mamãe em casa para economizar. Eu saí apressada pela porta. Stark segurou o meu braço, mas eu o sacudi e me soltei dele.

– É o meu irmão. Eu sei.

– Então espere aqui. Deixe-o vir até aqui, onde você vai estar segura – Stark disse.

– Não, eu… – Então eu olhei para o meu Guerreiro. O olhar dele estava cheio de amor e preocupação.

– Eu não quero afastar você do seu irmão. Eu só quero mantê-la segura, Zoey.

Eu assenti e voltei para dentro. E esperei.

Aquele momento pareceu durar uma eternidade, mas os três vampiros finalmente chegaram perto o bastante para que eu pudesse distinguir os seus rostos. Eu estava certa. Outro Kevin era o do meio. Ele estava com o braço ao redor da cintura do vampiro à sua direita e a sua mão apoiando o cotovelo do outro à sua

esquerda. Ambos pareciam mais velhos do que ele e ambos pareciam em um estado pior do que o do meu irmão.

Quando eles se aproximaram da porta, eu vi os olhos do Outro Kevin perscrutando o nosso grupo e então o momento em que ele me viu.

Ele parou. Ele disse alguma coisa para os homens ao seu lado e então continuou andando, enquanto os outros ficaram onde estavam, com as cabeças abaixadas e abraçando os próprios corpos para se protegerem do frio e da neve.

Outro Kevin chegou até a porta e eu a abri.

Nós nos encaramos. Eu me senti feliz e triste ao mesmo tempo e não sabia o que fazer. O meu irmãozinho falou primeiro.

– Zo! Você está viva!

O seu rosto abriu um sorriso enorme e ele veio na minha direção. Eu fui até ele. Nós nos encontramos bem na frente da porta aberta, e eu o abracei com tanta força que ouvi o ar sair do corpo dele. Mas Kevin não me soltou. Ele não se afastou. Ele só ficou parado ali, abraçando-me e dizendo “você está viva… você está viva… você está viva…” sem parar.

Então Vovó chegou ali também, e Outro Kevin exclamou de alegria, puxando-a para os seus braços junto comigo. Ele encostou o rosto no alto da cabeça de Vovó e desatou a chorar lágrimas de homem.



Zoey

Primeiro nós cuidamos dos homens de Kev. Ele os apresentou como Marc e Dave, soldados do Exército Vermelho de Neferet. Darius os levou para os quartos do porão, onde Outro Jack e

Damien trouxeram para eles uma troca de roupas e comida. Eles falaram muito pouco e se moveram bem devagar, assustando-se com pequenos barulhos e sombras.

Eu sabia que eles faziam parte do grupo que tinha matado humanos e os nossos novatos. Mas, quando eu olhava para eles, não sentia nada além de pena. Eles não haviam pedido para perder a sua humanidade. Eu os estava vendo como eles eram de verdade, ou melhor, como eles tinham sido antes de serem Marcados em vermelho e se Transformado. Estava claro que eles estavam traumatizados e mal se segurando no que havia sobrado da sua sanidade. Eles estavam vivendo um inferno, e isso era uma punição maior do que qualquer uma que o Departamento de Polícia de Tulsa ou eu poderíamos dar a eles.

Kevin era diferente. Ele parecia menos chocado e mais controlado. Vovó, Stark e eu ficamos esperando do lado de fora do quarto que havíamos destinado a ele. Quando Kevin finalmente apareceu, com o cabelo molhado e loucamente espetado, rosto recém-lavado, vestindo um jeans velho de Stark e uma camiseta onde se lia **Oklahoma** é **ok** em letras grandes, eu quase perdi o fôlego. Eu ainda podia ver o meu irmãozinho fofo e meio irritante que eu costumava atormentar, mas ele estava *tão grande.*

– Você parece melhor. – Vovó estendeu a mão e acariciou as bochechas dele.

Ele abriu o sorriso para ela.

– Você por acaso não trouxe um pouco de cookies de chocolate e lavanda, trouxe?

Eu falei sem pensar, assumindo meu lado irmã mais velha automaticamente:

– Afe, você é um saco sem fundo.

– Como você sempre disse, Zo.

Meu coração apertou quando ele me chamou assim. No meu mundo, Heath Luck, meu primeiro namorado desde o ensino fundamental até o ensino médio, tinha sido a única pessoa a me chamar de Zo. Heath estava morto e ninguém me chamava assim há quase um ano.

– É claro que eu trouxe cookies. Devem ter sobrado alguns. Vou buscá-los.

– A gente vai para a sala de refeições. Imagino que você queira comer mais do que apenas cookies, certo? – Stark perguntou.

– Certíssimo – Outro Kevin concordou.

– Eu encontro com vocês lá. Com os meus cookies.

E, como ele fazia sempre, Outro Kevin se abaixou para que Vovó pudesse beijar a sua bochecha, antes que ela saísse apressada, cantarolando alegremente.

– Você ficou muito alto – consegui dizer com um sorriso.

– Obrigado. As nossas tatuagens são bem parecidas.

– Né? É estranho – eu falei.

– E você tem muito mais tatuagens do que eu. Foi um artista quem as fez ou foi Nyx?

– Foi Nyx – respondi, enquanto Stark e eu deixávamos o porão à frente de Kevin, conduzindo-o pela nossa Morada da Noite. – Teve uma época em que uma nova tatuagem de Nyx era o único jeito de eu saber que não estava fazendo tudo errado.

– Posso entender. Bem que eu queria que ela tivesse me dado algumas tatuagens quando fiz algo certo.

– Cara, tenha cuidado com o que você deseja – Stark disse.

Era sábado, então eu não tinha que passar nas salas de aula. Os novatos estavam espalhados pelos corredores, assentindo

respeitosamente para Stark e para mim e olhando com curiosidade para Outro Kevin enquanto caminhávamos. Também havia garotos ao ar livre no jardim. Um grande grupo de estudantes de arte, humanos e novatos, estava construindo um elaborado castelo de neve. Percebi o choque no rosto de Outro Kevin quando ele percebeu que, sim, realmente havia garotos humanos lá fora brincando com os novatos.

– As coisas são muito diferentes aqui – ele observou.

– A gente já ouviu isso antes – eu comentei.

– Você é uma Sacerdotisa.

– Kev, ela é a nossa Grande Sacerdotisa e Líder do Conselho Supremo dos Vampiros Norte-Americanos – Stark o corrigiu. – E ela tem afinidade com todos os cinco elementos.

– Caramba, Zo, isso é muito louco. – Ele sorriu provocativamente para mim. – Ainda bem que não tem teste de Matemática para conseguir esse emprego, hein?

Stark franziu o cenho como se ele tivesse me insultado, mas eu gargalhei.

– Né? Ou um teste em que eu tivesse que estacionar o carro paralelo ao meio-fio.

– Você ia levar a maior bomba – ele falou.

– A sala de refeições é por aqui. – Eu apontei a escada que levava para cima.

– Sim, eu sei. Algumas coisas são iguais nos dois mundos. Ahn, você tem certeza de que tudo bem eu entrar aí? É um lugar restrito a praticamente todo mundo, exceto à elite de Neferet. – Outro Kevin fez uma pausa quando chegamos à porta de madeira encerada.

– Stark falou a verdade. Eu sou mesmo a Grande Sacerdotisa aqui. Se eu digo que está tudo bem… então está tudo bem.

– Ah, eu não achei que ele tivesse mentido. Eu só pensei, sei lá, que eu posso estar completamente louco e que a minha interrupção da realidade pode ter me levado para dentro de um videogame, e se eu abrir essa porta aí vai ter um Balrog atrás dela que vai me devorar.

– Então, tem *O Senhor dos Anéis* no seu mundo? – eu perguntei.

Outro Kevin me olhou como se eu fosse a louca.

– Claro.

– Ah, sim, claro – Stark murmurou.

Como Kev continuou hesitando, eu o olhei com cara de interrogação.

– Marc e Dave… eles também receberam algo para comer? – ele questionou.

– Com certeza – eu afirmei. – Você não precisa se preocupar com os dois. Eles estão sendo muito bem cuidados. Assim como os novatos vermelhos que vieram do seu mundo.

– Jura? – Ele se virou para mim com o olhar do Kevin de dez anos de idade.

Eu estendi o meu dedinho para ele enganchar no seu.

– Juro.

– Ok, então. Estou morrendo de fome.

Subimos as escadas e fomos em direção à nossa mesa, enquanto Outro Kevin não parava de olhar ao redor.

– Este lugar é bem legal. Tem um cardápio? Ou é tipo buffet ou algo assim? – ele perguntou.

– Hoje, não. Mas só peça o que quiser comer que eles fazem para você – eu disse.

– Qualquer coisa?

– Bem, sim, com bom senso – eu respondi.

A Sacerdotisa apareceu na nossa mesa e Outro Kevin pediu:

– Eu quero macarrão com queijo e um monte de porcaria, por favor.

Eu explodi em uma gargalhada ao ver a expressão da garçonete.

Em meio às risadas, consegui dizer:

– Peça ao *chef* para fazer aquele macarrão com queijo especial que ele faz para mim. Aquele com creme de cogumelos, ervilhas e atum. E ele também vai tomar um refrigerante de cola. Normal, não diet.

– Uau, o macarrão com porcarias está perfeito, mas não esse seu refrigerante de cola, Zo. Essa coisa vai acabar te matando. Você pode me trazer uma grande taça de sangue? Prefiro O negativo.

– Claro – respondeu a imperturbável Sacerdotisa antes de se dirigir à cozinha. Tomei nota mentalmente para dar a ela uma folga extra e para falar com o seu mentor para elogiá-la sobre como ela conseguia ficar calma mesmo sob a pressão de uma situação esquisita.

– Então. Você está viva *e* é Grande Sacerdotisa. – Outro Kevin de repente atraiu a minha atenção de volta para ele. – E Neferet está o quê? Ela está morta no seu mundo?

– Isso é mais complicado do que parece. – Dei uma olhada para Stark. – Acho que ele precisa saber.

– Acho que não tem problema nenhum. Ele está aqui, e a Neferet dele está em outro mundo – Stark falou.

– Espere aí. Ela não é a *minha* Neferet.

– Ok, aí vai a versão resumida. – Tentei organizar meus pensamentos… *que inferno*… então resolvi simplesmente despejar tudo em cima dele. – Neferet tentou começar uma guerra contra humanos aqui também. Os meus amigos e eu a impedimos – eu

comecei, e ele levantou as sobrancelhas, mas não me interrompeu. – Não foi fácil. Principalmente porque, no começo, eu era a única que acreditava que ela era do mal. Então, porque ela era tão poderosa, do mal e manipuladora, um monte de gente morreu. Humanos, novatos, vampiros e, hum, outros. – Esse pensamento me fez perguntar: – Ei, Neferet tem algum companheiro ou consorte no seu mundo?

Kevin bufou.

– Sim. Um monte.

– Não é de se surpreender – Stark comentou.

Kevin cruzou as mãos e observou Stark.

– Você é um deles.

– Como. Assim? – eu exclamei.

Kevin deu um sorriso.

– Sim. Todo mundo sabe que o General Stark e Neferet têm um lance daquele tipo em que eles terminam e voltam toda hora.

– Deusa, acho que vou vomitar – Stark comentou.

– Idem – concordei. – E agora vou esquecer que ouvi isso. Onde eu estava mesmo? Ah, hum, também foi difícil derrotar Neferet porque ela conseguiu se tornar imortal.

– Sério?

– Tão sério quanto um ataque cardíaco – confirmei. – Nós finalmente a derrotamos, mas ela não está morta. Ela não pode morrer. Neste momento, ela está sepultada naquela gruta no Woodward Park. Você sabe, lá onde tinha aquela fonte de sangue nojenta por onde você veio para este mundo.

– Foi Neferet quem nos trouxe para cá?

Eu balancei a cabeça.

– Até onde eu sei, ela não pode influenciar nada do lado de fora da gruta. Mas o melhor amigo dela, na falta de uma maneira melhor de descrevê-lo, é o Touro Branco. Você sabe quem ele é?

– Não tenho a menor ideia – Outro Kevin respondeu.

– Isso pode ser bom – Stark observou. – Talvez o bem e o mal estejam em equilíbrio no mundo dele.

A Sacerdotisa havia trazido o drink de sangue para Outro Kevin, e a bebida quase saiu pelo nariz dele ao ouvir o que Stark disse. Ele engoliu, tossiu e finalmente afirmou:

– Não, definitivamente, não. O mal está fora de controle no meu mundo.

Eu suspirei.

– Enfim, o Touro Branco é a encarnação física do mal. O seu gêmeo é o Touro Preto, a encarnação física do bem. O Touro Branco e Neferet se uniram neste mundo e quase desequilibraram a balança para o lado do mal. Nós acreditamos que foi o Touro Branco quem desencadeou toda essa cadeia louca de acontecimentos que acabaram fazendo com que você estivesse aqui.

– E quando você sepultou Neferet, você assumiu o lugar dela?

– Sim, basicamente. O meu círculo, as minhas Profetisas, os meus Guerreiros e eu. Foi Aphrodite, uma das minhas Profetisas, a responsável pelo fato de você e os outros terem a sua humanidade restaurada.

– Então, foi isso o que aconteceu. Novatos e vampiros vermelhos perdem a sua humanidade. Faz sentido. Eu gostaria de agradecê-la, se for possível.

– É possível sim. Eu vou apresentar vocês dois – eu disse. – Ok, sua vez. Conte-me como você foi Marcado e como acabou aqui.

– Espere, antes disso, eu estou aqui? Nesta Morada da Noite, neste mundo? Eu gostaria de saber, antes de esbarrar comigo mesmo por aí. Cara, isso seria bizarro, hein?

– Você está neste mundo, mas você não foi Marcado. Você é um garoto humano que estuda na BA.

– Sério?

– Sim.

– Nós somos próximos?

Eu hesitei. *Conte a verdade a ele.*

– Não. Não mais. Não desde que a nossa mãe se casou com o padrastotário e a nossa família basicamente se desintegrou.

– O padrastotário é péssimo. Eu queria que Mamãe acordasse e se livrasse daquele traste.

Senti o sangue escapar do meu rosto.

– Mamãe está viva no seu mundo.

– É claro que ela está viva. Não que ela queira nada comigo. Ela estava toda: “Como se não bastasse toda a tristeza que a sua irmã já me deu, agora você também teve que ser Marcado”. Você sabe como ela é agora: blá-blá-blá, Deus; blá-blá-blá, John; blá-blá-blá, igreja. – Então Kevin balançou a cabeça e perguntou: – Espere aí. Mamãe não está viva aqui?

– Não.

A expressão dele ficou séria.

– O que aconteceu?

Stark contou a ele, já que não consegui fazer a minha boca funcionar:

– Neferet a matou.

Outro Kevin abaixou a cabeça e ficou olhando para a mesa, obviamente tentando se recompor.

– Ela… ela sofreu?

Na minha mente, eu vi a cena de novo. Neferet chegando até a porta da casa de Vovó, procurando pelo sacrifício perfeito para fazer o seu Receptáculo do mal. Mamãe abrindo a porta. Neferet rasgando o pescoço dela. Tinha sido rápido, mas havia algumas coisas de que Kevin não precisava saber. Havia algumas coisas, muitas coisas, que eu preferia não saber.

– Não. Mamãe não sofreu – eu falei com firmeza. – E ela tinha se separado do padrastotário.

Outro Kevin levantou os olhos e encontrou os meus.

– Ela ia ser a Mamãe de novo?

Eu apenas assenti, pois não confiei na minha voz.

– Zo, e a Barbie?

– Ela está na Oklahoma State University – eu disse.

– Especializando-se em cerveja, em ser uma *cheerleader* e em caras gostosos? – ele perguntou.

Aquilo quase me fez sorrir.

– Sim.

– Que bom que algumas coisas não mudam. Ok, então, onde eu estava? Marcado. Bom, eu fui Marcado no dia em que você morreu.

– Isso me deixa muito desconfortável – Stark comentou.

– Somos dois – eu falei. – Mas continue. Quero saber como eu morri.

O meu irmão hesitou.

– Eu vou contar, Zo, mas é bem horrível. Tem certeza de que você quer saber?

– Kev, eu estou aqui. Eu estou viva. Aquela eu não sou eu. Está tudo bem. E, sim, eu quero saber.

– Certo, aí vai. A declaração oficial da Morada da Noite foi que você foi a última vítima de uma série de assassinatos. Primeiro dois outros professores, e depois você, foram encontrados decapitados, estripados e pregados no nosso portão da frente com alguma escritura sagrada idiota pendurada no pescoço. Os policiais não encontraram os assassinos dos dois primeiros professores e também não tiveram a chance de tentar investigar o seu caso. Neferet responsabilizou o Povo da Fé. Zo, a sua morte foi o que começou a guerra entre os humanos e os vampiros.

27

Zoey

– Eu não gostaria de interromper, mas, pela cara de Z., acho que ela precisa ser salva – Aphrodite falou.

Eu fiquei tonta e de repente tudo pareceu borrado. Eu tinha dito para Kev que não me importava em saber como eu tinha morrido, mas isso foi antes de descobrir como tinha sido algo totalmente violento e terrível. Pisquei várias vezes para clarear a minha visão e levantei os olhos para ver Aphrodite e Darius parados em pé ao lado da nossa mesa. Ela estava com as mãos nos quadris, olhando feio para Outro Kevin.

– Vocês não estão interrompendo. Sentem-se – Stark disse. – Outro Kevin acabou de contar a Zoey como ela foi assassinada no mundo dele. Ahn… não foi nada bom.

– Ah, é claro que não foi nada bom, gênio. Ela *morreu* – Aphrodite continuou a fuzilar Outro Kevin com os olhos, enquanto ele se levantava e trocava de lugar para que ela e Darius pudessem se juntar a nós.

– Aphrodite, Darius, este é o meu irmão Kevin. Ou melhor, Outro Kevin. – Eu olhei para o meu irmão e ele deu de ombros.

– Por mim tudo bem ser Outro Kevin.

Eu assenti e continuei, pensando que uma coisa simples, como fazer as apresentações, era melhor do que focar na minha decapitação e estripação pelas mãos de Neferet.

– Kev, esta é Aphrodite, a Profetisa que restaurou a sua humanidade e a dos outros garotos.

Outro Kevin estendeu a mão para a saudação tradicional, e Aphrodite franziu os olhos para ele, mas segurou o seu antebraço.

– *Merry meet* – ela falou.

– Uau – Kev exclamou. – A sua Marca é extraordinária, mas eu não deveria ficar surpreso. Só uma Sacerdotisa extraordinária poderia ter feito o que você fez.

– Hum. Você é o irmão de Z.?

– Sou.

– Você é mais alto do que eu imaginava.

– Então você imaginava coisas sobre mim? – O sorriso de Kevin era tão fofo quanto metido.

– Ahn, eu já falei que Darius é o Guerreiro Juramentado de Aphrodite e o consorte dela? – eu acrescentei.

– Você acabou de falar. – Ele também ofereceu a mão a Darius. – Cara, você é um Guerreiro de sorte.

Darius grunhiu para ele, mas apertou a sua mão. Rapidamente. Antes de se sentar ao lado de Aphrodite.

– Kevin, querido, eu encontrei alguns cookies na minha cesta, o que pode ser considerado um milagre. Zoey e os seus amigos parecem um bando de gafanhotos. – Vovó estava segurando uma travessa lilás com cookies, que ela colocou no centro da mesa antes de se sentar ao lado de Kevin. – Ah, não quero interromper. – Ela o acariciou na bochecha e me cumprimentou com um sorriso luminoso.

Ninguém disse nada. Eu suspirei.

– Vovó, Kevin está me contando que eu estou morta no mundo dele. Tem certeza de que você quer ouvir isso?

Vovó empinou o queixo.

– Zoey Redbird, eu tenho combatido o mal ao seu lado. Eu quase fui morta por seres das Trevas. Não me subestime.

– Tem razão, Vovó – Stark concordou.

– Tem toda a razão mesmo. Então, continue com a sua história, Kevin. Z. morreu. Imagino que de um jeito terrível. Conte-nos tudo – Aphrodite falou com animação demais para o meu gosto.

– Neferet me matou. Da mesma forma que ela matou a Professora Nolan e Loren Blake.

– A morte de Zoey começou a guerra entre humanos e vampiros. Outro Kevin foi Marcado no mesmo dia em que ela morreu. Agora vocês estão atualizados – Stark explicou.

– Aquela criatura horrível, horrível! – Vovó exclamou. Ela pegou um cookie e o mordeu, como se precisasse devorar algo.

– Vovó, se você começar a chorar, eu vou parar de falar – Kevin disse.

– Eu prometo que não vou chorar, meu querido.

O olhar de Kevin se voltou para mim.

– Neferet realmente fez tudo isso? Matou esses professores aqui, do mesmo jeito que no meu mundo?

Encontrei o olhar do meu irmão.

– Sim. Definitivamente. Isso e muito mais. Termine de nos contar sobre você.

– Eu fui Marcado no dia em que a escola nos informou sobre a sua morte. Foi péssimo, e não apenas porque você morreu. Pelo

menos você tinha sido Marcada em azul. Você era normal. A minha Marca era vermelha.

– O que significa isso no seu mundo, querido? – Vovó perguntou.

– Normalmente significa soldados sem cérebro, vírus ambulantes e máquinas de matar. Alguns garotos continuam como eles mesmos depois que são Marcados em vermelho, mas sempre dá para perceber quando alguém está se aproximando da Transformação. Eles mudam.

– Explique essa mudança – Darius disse.

– A fome toma conta deles. De alguém que antes era na maior parte humano, eles mudam e passam a ser principalmente máquinas de comer. Depois que um novato vermelho se Transforma totalmente, apenas uns poucos, talvez um a cada cem, conseguem raciocinar em meio à fome. Esses entre nós que conseguem viram oficiais no Exército Vermelho de Neferet. Os outros são soldados.

– E você é um oficial? – Vovó quis saber.

– Sim. Como você, Stark – Kevin afirmou e Stark se enrijeceu, mas ele continuou falando. – Bom, não exatamente como você. Eu sou apenas um tenente. Você é um general.

– Mas você não é muito jovem para ter sido Marcado de qualquer forma? – Aphrodite questionou enquanto pegava um dos cookies de Vovó e o mordia.

– Ele acabou de fazer dezesseis anos em agosto – Vovó falou.

– Sim. Eu tinha acabado de fazer quinze anos quando fui Marcado. Eu sou o garoto mais jovem a ser Marcado na história da Morada da Noite de Tulsa, seja em vermelho ou em azul. E eu me Transformei mais rápido do que qualquer um já registrado, em apenas um mês.

– Por que agora você está bem e ninguém que veio com você está bem? – Stark perguntou.

– Outro Jack está bem. Bom, agora ele está bem – Aphrodite observou.

– Mas o resto dos novatos não está – Darius acrescentou. – E dos vampiros que estavam com você, três cometeram suicídio e os dois que estão lá embaixo não estão nada bem. Qual é a diferença entre vocês?

– Eu não sei. Eu nunca soube. Não é que eu não tivesse a mesma fome deles. Eu tinha. Era terrível. Mas eu conseguia raciocinar mesmo assim. Eu tinha certeza de que ia me perder como acontecia com todo mundo que se Transformava, mas eu não me perdi.

– O que o seu mentor dizia sobre isso? – eu quis saber.

– Zo, no meu mundo, os novatos vermelhos não têm mentores. Eles têm treinadores. E não são individuais. Basicamente, você passa de uma aula sobre armas para a outra, junto com um bando de novatos, até se Transformar. Então eles esperam e veem se você consegue raciocinar em meio à sua fome. Se você não consegue, então é um soldado. Se consegue, você vai para o treinamento de oficiais. Mas você não tem um mentor. Você tem ORs.

– Ahn?

– Oficiais Responsáveis – ele esclareceu. – E você não conversa com eles sobre nada além de combates e matança.

– Ninguém sabia que você era diferente? – Vovó questionou antes de mim.

Senti um aperto no estômago pelo Outro Kevin.

Ele balançou a cabeça.

– Eu fiquei bom em esconder isso. Eles queriam que a gente fizesse algumas coisas. Coisas terríveis, péssimas. – Outro Kevin ficou segurando o garfo na metade do caminho até a sua boca, com a cabeça abaixada, encarando o seu prato.

– Kev? – eu falei suavemente.

– Está tudo bem, querido. – Vovó pousou a sua mão sobre o braço dele. – Nós temos combatido as Trevas. Nós não vamos julgá-lo.

Ele se retraiu e abaixou o garfo. Ele deu um grande gole na sua taça e então segurou a mão de Vovó e encontrou o meu olhar.

– Ser capaz de pensar claramente na maior parte do tempo é uma vantagem, principalmente quando ninguém sabe disso. Eu tomava cuidado para me manter longe das piores situações. Mas às vezes eu não conseguia suportar a sede… a fome. Quando isso acontecia, eu fazia tudo rápido pela minha vítima. Sem dor. – Ele esfregou a ponta do seu nariz, um gesto do qual eu me lembrava tanto. – Houve algumas vezes em que eu tinha certeza de que estava ficando louco… Nessas horas eu pensava “Então, é isso, é agora que eu viro um deles”. Mas então eu tinha um daqueles sonhos com Nyx e eu me acordava de novo.

Eu me sentei mais ereta. Vovó e Aphrodite se inclinaram para a frente.

– Sonhos com Nyx? – Vovó perguntou.

– Sim, que tipo de sonhos com Nyx? – eu quis saber.

Ele encolheu os ombros.

– Eu tive toneladas de sonhos. Depois do primeiro, não me lembro deles claramente. Só do sorriso da Deusa e do jeito que a mão dela pousava sobre a minha cabeça. Às vezes, eu acordava

pensando que tinha dormido com a cabeça encostada no ombro dela. – Ele olhou encabulado para mim. – Bem idiota, né?

– Não necessariamente – eu respondi.

– Conte-nos sobre o primeiro sonho. Aquele do qual você se lembra – Aphrodite pediu.

Kev abriu o sorriso para ela.

– Qualquer coisa que você pedir, Deusa do Amor.

Eu o chutei embaixo da mesa.

– Ei!

– Foco – eu afirmei. – No sonho.

– Pode parecer estranho, mas eu me lembro de cada detalhe dele. Começou na sua fazenda, Vovó. Eu estava tentando te achar, mas eu estava doente, tonto e tropecei. No meu sonho, eu bati a cabeça e depois acordei. Isso é estranho, pois tecnicamente eu ainda estava dormindo, mas, no meu sonho, o meu eu do sonho acordou.

– Sim, sim, nós entendemos – Aphrodite disse. – Continue.

– Ei, vocês estão fazendo uma festinha sem a gente! – Stevie Rae, segurando a mão de Rephaim, deu um tapinha no ombro de Stark, que abriu espaço para os dois.

– A gente não está fazendo festinha, caipira. Kev está nos contando sobre o sonho que ele teve com Nyx depois de ser Marcado – Aphrodite falou. – Pegue um cookie e fique quieta.

Eu fiz rápidas apresentações.

– Kevin, esta é Stevie Rae e seu companheiro, Rephaim. Casal, este é o meu irmão, Outro Kevin.

– Oba! Mais cookies! – Rephaim agarrou um cookie e o mastigou alegremente, assentindo para Kevin para cumprimentá-lo.

– E aí? – Stevie Rae sorriu com covinhas para ele.

– Oi. Você é uma vampira vermelha. – Outro Kevin ficou olhando fixamente para Stevie Rae, como se ela fosse um experimento científico que deu errado.

– Ela é uma Grande Sacerdotisa – eu disse. – Ela também tem afinidade com a terra.

– Uau.

– Ficar encarando não é educado – Darius resmungou para ele.

Outro Kevin piscou.

– Desculpe. É que eu nunca vi uma vampira vermelha mulher antes.

– O quê? – Eu olhei embasbacada para ele. – As garotas não são Marcadas no seu mundo?

– Não como novatas vermelhas. Nunca.

– Isso é mais estranho do que tetas em um porco macho – Stevie Rae comentou.

– Deusa, dai-me forças. – Aphrodite revirou os olhos para os céus.

– Vamos voltar para o sonho – eu falei. – Você estava procurando Vovó, daí tropeçou e caiu. Então você acordou.

– Sim, eu estava em uma espécie de caverna quando acordei, só que era apenas a minha alma e não o meu corpo. O meu corpo estava caído lá onde eu tinha tropeçado, e lembro que a minha cabeça também estava sangrando. Uma voz de mulher estava me chamando e eu saí flutuando, seguindo-a. No começo eu pensei que fosse você, Vovó, porque a voz estava cantando em Cherokee, mas não era. Zo, umas coisas bem estranhas aconteceram. Tipo, eu consegui ver a cor das palavras e dos sons.

Minha pele estava toda arrepiada.

– Risada é azul como o glacê dos bolos de aniversário.

Outro Kevin pareceu chocado.

– Como você sabe?

– Continue.

– Ok, hum, eu segui a voz e lá estava ela: a Deusa. Ela estava sentada perto de um pequeno riacho. – O olhar do Outro Kevin foi para longe, e ele sorriu docemente, fazendo-o parecer um garotinho de novo. – Ela era a coisa mais bonita que eu já tinha visto. Ela ainda é a coisa mais bonita que eu já vi. Ela me chamou de *u-we-tsi.*

– Filho – Vovó traduziu com um sorriso.

Outro Kevin assentiu.

– Eu não sou tão bom quanto Zo com o Cherokee, mas essa eu sei. Nyx me chamou de *u-we-tsi* e me disse que eu era especial. Que o meu poder era a singularidade do meu sangue, mistura de Xamãs ancestrais e do mundo moderno. Ela disse que eu seria os seus olhos e os seus ouvidos em um mundo que está lutando para encontrar o equilíbrio entre o bem e o mal. Então ela disse algo que eu jamais vou esquecer. Eu até tatuei essa frase no meu braço.

Ele levantou a manga da sua camiseta para que a gente pudesse ver a tatuagem em letra cursiva que envolvia o seu bíceps. Eu sabia o que estava escrito antes que Vovó lesse em voz alta:

– A escuridão nem sempre equivale ao mal, assim como a luz nem sempre traz o bem.

– Então Nyx me beijou. Bem aqui. – Ele apontou para a Marca de lua crescente preenchida na sua testa. – Quando acordei, eu tinha me Transformado.

Ninguém disse uma palavra.

Kevin olhou ao redor da mesa. Ele suspirou e se inclinou para trás, passando os dedos pelo seu cabelo escuro e desgrenhado e se esquecendo da comida.

– Eu sabia que vocês iam pensar que eu era louco.

– *Aiminhadeusa*, Outro Kevin é a Zoey do mundo dele! – Stevie Rae exclamou.

Kevin me encarou e dissemos juntos:

– Ah, que inferno.

28

Outro Kevin

– O mesmo sonho. Você está me dizendo que eu e você tivemos o mesmo sonho. – Kevin não conseguia parar de olhar para a sua irmã.

– O que eu estou dizendo é que não era nenhum sonho. Isso aconteceu comigo. Quase exatamente como você descreveu, com a única diferença de que eu realmente fui até a fazenda de Vovó no dia em que fui Marcada porque Mamãe e o padrastotário se recusaram a me levar para a Morada da Noite. Em vez disso, eles falaram que iriam rezar por mim. – Z. e Kevin reviraram os olhos juntos. – Espere aí, o que aconteceu quando eu fui Marcada no seu mundo?

– Você me buscou na escola. A gente surtou com a sua Marca, e então eu fui até a Morada da Noite com você.

– Eu não fui para casa?

– Não. Nós achamos que não tinha nenhuma razão para isso, e a gente estava certo porque, quando fui Marcado, eu já tinha ido para casa antes. Eu estava, hum, bem perturbado. Você tinha morrido, Zo.

Vovó apertou a mão dele.

– Isso deve ter sido muito difícil para você.

– Foi terrível. Para você também, Vovó.

– Mamãe te levou para a Morada da Noite? – Zo perguntou.

– Você está brincando? Ela e o padrastotário queriam começar a corrente de orações. Eu escapei e liguei para a linha vermelha.

– O que é a linha vermelha? – Stevie Rae quis saber.

– É o telefone de emergência da Morada da Noite para quem é Marcado em vermelho. Você apenas disca 733 de qualquer telefone e alguém vai buscá-lo. Foi o que eu fiz, e então eles me levaram à estação com o resto dos outros novatos vermelhos. E isso é tudo. – Ele se recostou no assento e esperou pelo que quer que fosse que viria na sequência.

– Você não vai me ouvir dizer isso com frequência, mas Stevie Rae está certa: você é a Zoey do seu mundo – Aphrodite afirmou.

– Eu concordo – Vovó Redbird disse.

– Eu também – falou o nativo alto chamado Rephaim que estava com Stevie Rae.

– Sim – Stark concluiu.

Então todo mundo ficou apenas encarando Kevin.

– Ei, eu perdi alguma coisa?

Dois caras chegaram apressados à mesa. O mais alto tinha uma tatuagem azul bacana que parecia as asas de um deus egípcio. O outro era um novato vermelho que Kevin não reconheceu. Eles estavam de mãos dadas. O vampiro azul disse:

– Aqueles novatos vermelhos finalmente relaxaram um pouco, então nós conseguimos dar uma escapada. Lenobia, Travis e a Professora P. estão sentados lá com eles no refeitório. Eu estou me sentindo muito mal por esses garotos. Eles estão super confusos.

Logo atrás deles estava uma garota negra maravilhosa com uma tatuagem azul de duas fênix saindo das chamas.

– Sim, mas isso não é nada comparado aos vampiros vermelhos amigos desses garotos. Erik está com os dois. Eles não querem sair do quarto. Hum, posso pegar um cookie? – ela contou, enquanto todos se afastavam no assento para abrir espaço para os três, e Zo fazia mais apresentações.

– Kevin, este é Damien. A afinidade dele é com o ar. E Outro Jack. Ele é o do seu mundo. Neste mundo, ele e Damien estavam juntos, até que o nosso Jack foi assassinado.

– Mas agora eu o tenho de volta. – O vampiro Damien olhou para Jack com tanto amor que parecia até uma invasão de privacidade assistir.

– E eu *o* tenho de volta. – Jack encostou a cabeça no ombro de Damien.

– Sim, e esta é Shaunee. A afinidade dela é com…

– O fogo, eu aposto – Kevin disse.

– Esperto e bonito. Já gostei dele – Shaunee comentou.

– Pessoal, este é o meu irmão, Outro Kevin.

– Oi – Kev os cumprimentou. – Então, Marc e Dave ainda estão mal?

– Muito mal – a vampira do fogo contou. – Você tem algum sábio conselho para dar, que poderia nos ajudar a ajudá-los?

Kevin olhou para baixo. Ele estava tão dividido. De um lado, ele estava incrivelmente feliz pelo fato de a sua irmã estar viva. Do outro lado, estava o passado e os homens lá embaixo, que poderiam nunca conseguir superá-lo.

– Bem que eu queria ter – ele falou devagar. – Tempo. E apoio. Conversem com eles, como Zo está conversando comigo. – Ele levantou os olhos e sorriu com tristeza para a sua irmã. – Como se eu fosse normal. Como se eu não fosse um monstro.

– Você não é! – Zo exclamou, soando tanto como uma irmã mais velha protetora que Kevin encontrou o seu sorriso de novo.

– Eu não sou agora, mas o meu passado não é nada bonito. E o passado deles é ainda mais feio.

– Nós vamos ajudá-los a passar por isso – a loira bonita prometeu. – Alguns de nós também temos uns esqueletos bem feios no armário.

– O seu mundo não é o único que tem monstros – disse o cara chamado Rephaim.

Houve um longo silêncio que fez Kevin começar a estalar as juntas dos seus dedos ansiosamente. Zo o salvou ao contar:

– Ah, pessoal, a gente acabou de descobrir que, no mundo de Kevin, ele é uma versão de mim.

E então todo mundo o encarrou de novo.

Kevin suspirou.

Finalmente, o vampiro azul chamado Damien falou:

– Ok, eu vou dizer isso, já que parece que ninguém mais vai. Se Outro Kevin é a Zoey do seu mundo, o que ele está fazendo aqui?

– Eu vim através daquela coisa. Vocês sabem, aquela fonte de sangue no parque. Como todos os outros. Como Jack – Kevin lembrou.

– É um prazer conhecê-lo. – Jack ofereceu a mão a Kevin, que a apertou. – Como *você* está?

– Bem. Obrigado. – Kevin tentou não se incomodar com todo mundo olhando fixamente na sua direção. Ele concentrou a atenção no Jack do seu mundo. – Acho que eu não te conheço.

Jack mexeu o ombro nervosamente.

– Hum, eu meio que sei quem você é porque você é um oficial, mas você não me conheceu lá. Eu, hum, evitava os oficiais o

máximo que podia.

– Espere aí, você também manteve a sua humanidade? – Kevin se inclinou para a frente ansiosamente.

– Na verdade, não. Eu fui Marcado não faz muito tempo. Eu podia sentir a minha humanidade indo embora, mas, como eu nunca fui bom em esportes, lutas e coisas de menino em geral, ninguém prestava a menor atenção em mim. Eu apenas ficava sozinho o máximo que podia, o que na verdade era bastante.

– Você ficava sozinho? O tempo todo? – Damien parecia de coração partido.

Jack se virou para Damien.

– Sim. Era mais seguro ficar sozinho. Eu esperava que, quando fizesse a Transformação e não conseguisse pensar mais, eu fosse esquecer tudo e todos da minha vida real. Esse era o único jeito de eu conseguir suportar.

– Está tudo bem agora. Você está em casa. Você nunca mais vai ficar sozinho. – Damien acariciou o cabelo dele e o beijou suavemente, o que fez Kevin se surpreender um pouco. Foi a primeira vez que ele viu dois caras se beijando. Ele achou meio estranho, mas também legal. Eles pareciam se amar muito.

Então Kevin processou o que Damien realmente quis dizer antes.

– Espere aí, vamos voltar ao que você falou. Você perguntou o que eu estava fazendo aqui, mas você já sabia a resposta, né? Então, eu devo ter entendido mal a pergunta.

Damien não respondeu. Em vez disso, ele olhou para Zo e sugeriu:

– Acho que você deveria explicar para ele.

Kevin viu a sua irmã dar um longo suspiro. Ele percebeu que ela estava cutucando os seus dedos, o que significava que algo a

estava incomodando. Então ele se preparou para notícias ruins.

Ele deveria ter se preparado para notícias *realmente* ruins.

– Com o que eu vou falar, pode parecer que sou meio metida – Zo começou, mas Damien a interrompeu.

– Na verdade, narcisista é um jeito melhor de expressar isso do que metida. – Ele fez uma pausa e olhou para os seus amigos, que estavam todos, inclusive Vovó, de cara feia para ele. – Eu não quis dizer que Zoey seja *realmente* narcisista, só que vai parecer que ela é depois do que ela vai falar. – Damien suspirou. – Deixa para lá. Continue.

– Enfim – Zo começou de novo. – O que eles querem que eu conte é que eu sou o motivo de termos derrotado Neferet. Não que eu tenha feito isso sozinha, mas, como Nyx disse quando fui Marcada – então ela citou quase exatamente o que Nyx também tinha dito quando ele fez a Transformação –, o meu poder é a singularidade do meu sangue das Sábias e Idosas ancestrais combinado a uma visão e compreensão do mundo moderno. Ela disse que eu seria os seus olhos e os seus ouvidos em um mundo que está lutando para encontrar o equilíbrio entre o bem e o mal. Então ela falou: – Zo apontou para as palavras tatuadas ao redor do bíceps dele: – A escuridão nem sempre equivale ao mal, assim como a luz nem sempre traz o bem.

– A mesma coisa aconteceu com você. – Um terrível pressentimento fez os pelos dos braços dele se arrepiarem.

– Kevin, você tem afinidade com algum dos elementos? – Zo questionou abruptamente.

– Não sei.

– Quando você está participando de um círculo, digamos, para um Ritual da Lua Cheia, e os elementos são invocados, você já

sentiu alguma coisa? – Damien detalhou a questão.

– Não tenho ideia.

– Como assim, você não tem ideia? – Zo perguntou.

– Eu nunca participei de um ritual. Nem de um círculo.

Com exceção de Jack, a mesa inteira olhou embasbacada para ele.

– Do que você está falando? – Aphrodite exclamou.

– Novatos e vampiros vermelhos não participam de rituais. Nós não fazemos círculos. Nós nem podemos entrar no Templo de Nyx – Jack explicou.

– Ah, Deusa, isso é verdade? – Zo parecia que ia hiperventilar.

– Bem, sim. Uma vez eu tentei entrar escondido no Templo de Nyx, mas fui pego. – Kev fez uma pausa para afastar a lembrança da terrível surra que levou. – Nunca mais tentei de novo. Por isso que eu tinha certeza de que os meus sonhos com Nyx eram só delírios… do meu cérebro morrendo, ou algo assim.

– Isso é abominável – Damien comentou.

– Precisamos consertar isso. Agora. – Aphrodite se levantou. – Vamos levá-lo até o templo. Se ele tiver o que você tem, Z., nós vamos saber que ele é realmente você no mundo dele.

– E se eu não tiver? – Kevin quis saber.

– Se você não tiver, então você é apenas um vampiro vermelho fofo que é irmão da chefe de todos nós – Stevie Rae respondeu.

– Eu não sou a chefe de vocês – Zo protestou.

– Eu vou te lembrar disso da próxima vez que você vier me dar ordens – Aphrodite disse.

– Crianças, parem de se estranhar. Vamos para o Templo de Nyx – Vovó afirmou.

– Esperem, precisamos de Shaylin – Zo lembrou.

– Ela estava com Nicole no estábulo da última vez que a vi – Shaunee falou. – Ela disse que precisava de um pouco de terapia de estábulo depois de lidar com aqueles novatos vermelhos super perturbados. Eu vou buscá-la e encontro vocês no templo.

Todos começaram a se encaminhar para a saída da sala de refeições. Kevin puxou a manga de Zo, segurando-a para trás por um instante.

– Ei, e se eu tiver o que você tem? O que isso significa?

– Significa que você é o que eu sou: um líder, um ponto de convergência, alguém que une as pessoas. E, quando a gente faz isso, nós derrotamos as Trevas.

– Ah, que inferno – ele exclamou.

– Isso aí. Eu não poderia ter me expressado melhor.



Outro Kevin

Os flocos de neve gigantes tinham se transformado em partículas brancas minúsculas e constantes que refletiam a iluminação a gás dos lampiões no caminho para o templo e pareciam luzes de estrelas. Os amigos de Zo estavam conversando tranquilamente entre si. Eles até acenavam para os novatos que chamavam os seus nomes.

Zoey estava caminhando ao lado dele, silenciosa como não era do seu feitio.

Vovó Redbird ia do seu outro lado. Ela também estava em silêncio, de mãos dadas com ele.

– Não fique nervoso, *u-we-tsi* – ela falou baixinho, apenas no ouvido dele. – A Deusa já conhece você.

– Como você pode ter certeza? Talvez fossem apenas sonhos, ou delírios, ou talvez algum estranho eco paranormal entre mundos, refletindo o que deveria acontecer com Zoey.

– Eu tenho certeza porque conheço Nyx – Vovó respondeu de modo enigmático.

E então eles estavam entrando no Templo de Nyx, e Kevin esqueceu o seu nervosismo. Ele esqueceu os seus medos. Ele esqueceu tudo, exceto a fascinação por Nyx.

No momento em que entrou no templo, ele foi envolvido pelo aroma de baunilha e lavanda. Ele ouviu o murmúrio da água corrente e olhou para a sua direita quando passaram por uma bonita fonte feita de ametista, com velas flutuando na água. Havia muitos caminhos por onde eles poderiam ter ido, mas o grupo não hesitou. Eles viraram à esquerda, atravessaram uma entrada arqueada de pedra espessa e entraram em uma sala ampla que estava iluminada por velas brancas suspensas por toda parte. Arandelas com chamas acesas se projetavam das paredes. Bem no centro do ambiente ficava a única peça de mobília: uma antiga mesa de madeira com entalhes elaborados, sobre a qual estava outro candelabro, além de uma fulgurante estátua da Deusa feita de ônix dourado e iridescente que tinha luz própria. Os seus braços estavam erguidos, e ela estava envolvendo a lua crescente entre as mãos. Vários bastões grossos de incenso de erva-doce americana fumegavam aos seus pés. Na frente da mesa, havia uma chama acesa que ardia dentro de uma cavidade no chão de pedra. Ele pensou que parecia que ela poderia queimar por um século e nunca vacilar, nunca fraquejar, nunca se extinguir.

– Z., eu vou buscar as velas – Stevie Rae afirmou, desaparecendo dentro de uma sala lateral.

– Eu a encontrei! – Shaunee entrou na sala com uma garota bonita e pequena ao seu lado. Ele piscou surpreso ao ver outra vampira vermelha mulher. Essa tinha uma tatuagem de adulta que parecia aquela famosa onda japonesa, mas com camadas sobre camadas cheias de detalhes.

– Kevin, esta é Shaylin. O elemento dela é…

– A água – Shaylin completou. Ela o examinou com atenção e, ao fazer isso, os seus olhos começaram a se arregalar cada vez mais. – Ele tem exatamente a mesma aura do que você, Z.

– Ahn? – Kevin estava ainda mais confuso que já estava antes de entrar no templo. – Aura?

– Ela é uma Profetisa de Nyx. Ela vê auras – Shaunee explicou.

– Sério? E a minha é como a de Zo? – Kevin quis saber. – Como ela é?

Shaylin sorriu.

– Linda. Vocês dois têm auras violetas com pitadas de prata, como mercúrio líquido, faiscando por toda parte.

– É normal duas pessoas terem a mesma aura? – Zo questionou.

– Não – Shaylin respondeu.

– Nem irmãos? Outro Kevin é meu irmão.

– Minha resposta ainda é não. Eu nunca vi duas pessoas com a mesma aura antes.

– Bom, isso é estranho – Kevin e Zoey disseram juntos.

– *Jinx!*[33] – Kevin gritou. – Ganhei!

Ela deu um empurrãozinho no ombro dele.

– Pare com isso. Você está do meu lado. – Então ela fez um gesto para os outros. – Ok, vamos fazer um círculo.

Só levou um instante. Cada um sabia exatamente o que fazer. Bom, cada um menos Kevin, que ficou parado ao lado de Zoey,

observando tudo e estalando as juntas dos dedos. Quando todos estavam nas suas posições, Zoey se voltou para ele. Os dois estavam no meio do círculo, entre a mesa e o fogo no chão.

– Ei, pare de ficar tão nervoso. Isso é fácil e divertido. Só me acompanhe. Damien, Shaunee, Shaylin, Stevie Rae e eu vamos fazer tudo. Você só precisa se concentrar no que está sentindo e, se você sentir algo, diga-me. Pronto?

– Sim – ele mentiu.

– Ela pegou um fósforo longo e uma caixa para riscá-lo. Então ela andou até Damien, que estava segurando uma vela amarela.

– Do leste, eu invoco o ar, o elemento que nos preenche ao nascer e que nos rodeia por todos os dias das nossas vidas. – Ela encostou o fósforo aceso na vela amarela.

Kevin sentiu o seu cabelo esvoaçar e ouviu o som do vento sussurrando através de folhas. Ele olhou em volta, tentando ver se havia perdido algo. Será que tinha alguma janela aberta?

Zoey e Damien o estavam encarando.

– Alguma coisa? – ela perguntou.

– Eu… eu senti o vento no meu cabelo e ouvi folhas farfalhando.

Damien abriu o sorriso.

– Esse é o primeiro – ele falou.

– Sério? Eu tenho mesmo uma afinidade com o vento?

– Com certeza – Zo afirmou.

– Uau! Simplesmente uau, uau, uau! – Kevin exclamou.

– Venha. Vamos ver o que mais você tem.

Todo mundo se virou para a direita, enquanto ele e Zoey se aproximavam de Shaunee, que estava segurando uma vela vermelha.

– Do sul, eu invoco o fogo, o elemento que nos aquece e nos dá luz. – Ela nem precisou encostar o fósforo na vela vermelha. Ela se acendeu espontaneamente, e Kevin deu um pulo. Ele estava rodeado de calor, como se estivesse perto demais de uma fogueira. Um suor leve irrompeu no seu rosto, e ele automaticamente enxugou a testa.

– O meu palpite é que esse é o segundo – Shaunee disse.

Zo levantou as sobrancelhas para ele.

Ele assentiu, incapaz de controlar o seu sorriso de contentamento.

– Eu definitivamente senti isso. É incrível!

Eles se viraram para a direita e foram até Shaylin, que estava segurando uma vela azul.

– Do oeste, eu invoco a água, o elemento que nos lava e nos irriga. – Ela acendeu a vela azul.

O barulho das ondas preencheu os ouvidos de Kevin, e o aroma do mar inundou o seu nariz.

– Eu estou ouvindo! Eu estou sentindo o cheiro!

– Esse é o terceiro – Shaylin contou.

Eles foram para a direita de novo e pararam na frente de Stevie Rae e da sua vela verde.

– E aí, Z. e irmão da Z.? – Ela sorriu para os dois.

Kevin pensou automaticamente que ele gostava daquela garota e decidiu na hora que queria conhecê-la melhor.

– Do norte, eu invoco a terra, de onde nós viemos e para onde retornamos. – Ela acendeu a vela verde.

Kevin podia sentir a suavidade de um prado gramado sob seus pés. Ele sentiu o cheiro de feno e ouviu o canto dos pássaros.

– Esse é o quarto. Certo, Kev?

– Certo! – Kevin falou para a loirinha.

– E agora vamos ao quinto. – Zo o levou de volta à mesa e à grossa vela roxa que estava ali. – Por último, eu invoco o espírito ao nosso círculo, que é a conexão entre nós e a nossa Deusa. – Zo acendeu a vela roxa.

Inacreditavelmente, Kevin sentiu o seu próprio espírito saltar, como se houvesse pássaros esvoaçando dentro do seu peito. Ele abaixou a cabeça para ver Zoey, surpreendendo-se ao perceber que os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

– Você sente isso, não é?

– Sim. Eu sinto. – Então algo chamou a sua atenção, e o olhar de Kevin se voltou para o círculo propriamente dito. Em toda a sua volta havia um filete prateado incandescente, como uma fita de mercúrio. – Caramba! Vocês estão vendo isso?

Ele ouviu todo mundo rindo baixo. Eles estavam sorrindo para ele e assentindo. Vovó estava batendo palmas. Zoey era a única que parecia triste.

– Enquanto o nosso círculo está aberto, eu quero fazer uma coisa – Zo afirmou. Os olhos dela percorreram toda a circunferência, encontrando cada um dos seus amigos. – Ajudem-me, ok?

Os quatro assentiram.

Zoey se voltou para o seu irmão.

– Abaixe-se para que eu possa colocar a minha mão sobre a sua cabeça.

Kevin fez melhor. Ele se ajoelhou diante de sua irmã e, ao fazê-lo, sentiu como isso estava certo. Ela pousou a sua mão delicadamente sobre a cabeça dele e, quando começou a falar, a sua voz estava completamente diferente – repleta de um poder de outro mundo e da força de uma Deusa.

Para o meu irmão, eu peço a benção dos cinco elementos

Ar, fogo, água, terra, espírito

Não importa aonde ele possa ir – que dificuldades ele possa enfrentar

Sigam-no. Fortaleçam-no. Se o coração dele estiver vazio, preencham-no.

Conservem-no feliz, seguro e vivo.

Eu peço à nossa Deusa Nyx lá de cima

Que o mantenha perto de si, envolvido em amor… sempre em amor.

– Assim ela disse. Que assim seja – os seus amigos entoaram.

Instantaneamente, Kevin foi banhado por uma sensação tão intensa de compaixão, de amor infinito e incondicional, que ele soube sem sombra de dúvida que Nyx também era a sua Deusa.

Zo sorriu para ele em meio às lágrimas.

– Que tal você fechar o nosso círculo?

Ele precisou enxugar os olhos e limpar a garganta para conseguir responder a ela.

– Eu não sei como, Zo.

– É fácil. Só faça o caminho de volta ao contrário. Isso sempre fecha um círculo, termina um ritual ou feitiço. Comece por aqui. Libere o elemento e assopre a vela.

– Hum, espírito. Obrigado por ter vindo. E agora você pode ir. – Ele se sentiu meio constrangido, mas assoprou a vela e sentiu a liberação de uma pequena centelha dentro de si, que ele sabia ser o espírito.

Sorrindo apesar do seu nervosismo, ele caminhou pelo círculo na direção oposta, liberando cada um dos elementos. Quando ele

terminou, todos correram para cumprimentá-lo. Todos falando ao mesmo tempo. Todos, exceto Zoey.

Ele sabia o que havia de errado com ela, mas não queria pensar nisso naquele momento. Não queria falar sobre isso naquele momento.

Aphrodite se aproximou.

– Sabe, até que para um garoto você não está nada mal.

Estimulado pelo milagre que tinha acabado de acontecer com ele, Kevin colocou a mão sobre o coração e se curvou para ela.

– Aphrodite, Deusa do Amor, Profetisa, Salvadora e bela… se você passasse algum tempo sozinha comigo, eu iria mostrar a você que a juventude tem as suas vantagens.

O sorriso de Aphrodite foi como um gato lambendo chantilly.

– Own, Zo, eu sei quem ganhava todos os jogos na sua família.

– Eu gostaria de acrescentar “esperta” à minha lista de elogios – Kev gracejou.

A montanha de músculos chamada Darius deu um passo à frente.

– Sai fora, garoto.

Aphrodite colocou a mão na cintura do Guerreiro.

– Ah, bonitão, você fica lindo quando está com ciúme. – Enquanto ela e Darius se afastavam, ela piscou os seus cílios incrivelmente longos para Kevin e jogou um beijinho por sobre o seu ombro.

Ele foi para trás, fingindo apanhar o beijo dela no ar, e quase derrubou a sua irmã.

Zoey revirou os olhos.

– Sim, ele está se sentindo totalmente ameaçado por mim. Posso garantir.

– Você vai levar um chute no traseiro. Posso garantir – Zo falou.

Kevin fez uma pose de *Karatê Kid*, com os braços estendidos como um guindaste. Com um pé levantado, ele agitou as mãos como um pássaro gigante e gritou “iáááá!”, pulando e chutando o ar ridiculamente.

– Certo. Ahn-ham. Ele pode *tentar* chutar o meu traseiro.

Stark balançou a cabeça.

– Patético. Totalmente patético. Mas também não resta a menor dúvida de que você é irmão de Z.

Zoey ficou encarando Stark. Kevin percebeu que ela estava se controlando para não rir e então saltou de novo, gritando outro “iáááá!”.

Zoey começou a rir. Ela tentou parar, o que a fez roncar, o que por sua vez fez Kevin roncar também. Então a sala inteira estava gargalhando.

Foi nessa hora que aconteceu.

O pensamento atingiu Kevin com força. Ele sabia o que tinha que fazer. Ele não queria. Ele preferia fazer qualquer coisa *menos* isso – mas ele realmente não tinha nenhuma escolha. Ele percebeu então que nunca teve realmente nenhuma escolha.

E a sua risada se modificou. Transformou-se em lágrimas. As lágrimas viraram soluços. Kevin cambaleou até a estátua de Nyx e se ajoelhou aos seus pés, assim como ele tinha se ajoelhado aos pés de sua irmã apenas alguns minutos atrás.

Zo estava do seu lado. Assim como Vovó. Elas colocaram os braços ao redor dele. Ele sentiu os outros quatro – ar, fogo, água e terra – juntarem-se a eles em um círculo apertado de apoio, conforto, esperança e amor.

Então ele falou. Ele finalmente falou. A voz dele estava grossa por causa das lágrimas, mas ele falou cuidadosamente, para que a sua voz preenchesse o Templo de Nyx e esperançosamente se elevasse até a própria Deusa.

– Eu matei tantas pessoas. Eu não queria. Eu não as deixei sofrer. Mas eu fiz isso. Eu realmente matei. E eu tenho que voltar. Eu tenho que me juntar aos rebeldes. Eu tenho que… Eu tenho que… – Ele perdeu as palavras ao sentir o seu coração partir. Ele não queria ir embora. Ele queria tanto, tanto ficar aqui, neste mundo maravilhoso que não estava cheio de guerra e insanidade. Ele queria ficar com a sua irmã e a sua família de amigos.

– Redimir-se – Zoey falou baixo, mas a sua voz ressoou como o aroma de baunilha e lavanda, que permeava tudo.

Kevin suspirou de alívio e assentiu.

– Sim. Eu tenho que me redimir. Para encontrar o perdão… se Nyx me permitir.

– Oh, Kev – Z. disse em meio às lágrimas. – Ela já o perdoou. Agora você precisa encontrar um jeito de perdoar a si mesmo.

– Eu vou encontrar lá. Naquele mundo. Eu posso fazer a diferença lá, assim como você fez aqui.

Zoey deu um passo para trás, enxugando os seus olhos junto com Vovó. Stark arranjou lenços de papel em algum lugar e os distribuiu pelo círculo. Até Aphrodite e Darius se juntaram a eles – embora Darius não parecesse nem perto de chorar.

– Mas como você vai voltar? – Stevie Rae perguntou. – Nós nem sabemos direito como trouxemos você para cá.

Kevin piscou surpreso para ela.

– Isso é óbvio. Vocês acabaram de me mostrar como.

– Ahn? – Zo disse.

– Façam o que vocês fizeram para me trazer para cá de novo, só que, desta vez, façam ao contrário. Como vocês fecham um círculo e terminam um ritual ou feitiço… com o oposto do que vocês fizeram antes.

– Isso pode funcionar mesmo – Damien concordou.

– A gente deveria praticar antes – Zo falou.

Kevin colocou a mão no ombro dela.

– Eu não tenho tempo até que vocês pratiquem. Eu tenho que voltar para lá.

– Você pode esperar alguns dias. Deixe a gente pensar sobre isso. Fazer uma experiência. E se a gente deixar as coisas ainda piores do que elas estão agora? – Zo questionou.

Então Vovó surpreendeu todos.

– Zoey Passarinha, você precisa deixá-lo ir. Agora. Você não percebe? Quanto mais tempo ele ficar aqui, mais difícil para ele vai ser partir. E, *u-we-tsi-a-ge-ya*, como você iria se sentir se fosse arrancada deste mundo e enviada para outro, e então descobrisse como o seu mundo anterior precisava desesperadamente de você?

Lágrimas estavam escorrendo pelo rosto de Zo, mas ela assentiu.

– Eu… eu entendo. Eu só não quero que você vá embora.

– Obrigado, Zo. Isso significa muito para mim. E eu também não quero ir embora, mas eu preciso. Você sabe que eu preciso.

Zoey enxugou o rosto e assoou o nariz. Então, com uma voz forte e alta, ela afirmou:

– Ok, círculo. Juntem tudo que vocês tinham antes. Nós vamos voltar para o Woodward Park.

Brincadeira de criança ou superstição norte-americana: quando duas pessoas falam algo ao mesmo tempo, a primeira a falar “Jinx” ganha e a outra fica com má sorte. (N.T.)

29

Zoey

Surpreendentemente, levou pouco tempo para reunir os elementos do feitiço. Meu círculo fez tudo. A única coisa que eu fiz foi sentar com o Kevin e contar a ele tudo que consegui pensar que poderia ajudá-lo na sua volta àquele outro mundo.

O tempo inteiro eu fingi que ele não estava realmente indo embora. Uma grande parte de mim esperava que ele não conseguisse.

– Pare com isso – Kev disse.

– O quê? Eu nem falei nada.

– Pare de pensar nisso. Não há nada que a gente possa fazer. Eu preciso ir. Você sabe disso. Eu sei disso. A Vovó sabe disso. E eu aposto que a Nyx também sabe disso. Então pare de pensar nisso.

Soltei um longo suspiro.

– Ok, onde eu estava?

– Você terminou de me contar sobre as armas no porão da Morada da Noite. Eu entendi. Elas valem uma fortuna, e uma fortuna é o que a resistência precisa. Vou pensar num jeito de descer lá e, se tiver ouro e joias naquelas colinas, eu vou penhorá-las.[34]

– Você é um bobo – eu falei.

– Mas eu sou alto. Tenho isso a meu favor. E Aphrodite disse que eu dou jogo.

– Ninguém escuta a Aphrodite.

– Ahn, Zo, ela é sua Profetisa.

– Mesmo assim. Ok, então você vai levar uma cópia do diário de Neferet com você.

– Sim. – Ele deu um tapinha no bolso interno da jaqueta que Damien havia arranjado para ele. – Está bem aqui.

– Pode ser que nada disso tenha acontecido a ela no seu mundo. Ou talvez só uma parte. Mas nós descobrimos que as coisas do passado dela são um jeito de atingi-la, especialmente quando são coisas que ninguém sabe.

– Vou dar uma fuçada e ver se ela é de Chicago. Se for, vou fazer umas pesquisas sobre o passado dela. Se estiver lá, eu vou encontrar. Sou muito bom com computadores. – Ele sorriu.

– E você precisa encontrar a sua Horda Nerd – eu afirmei. – Essa é a coisa mais importante.

– Sim, é o que você diz, mas eu estou preocupado com isso. Stevie Rae não está viva no nosso mundo. Eu lembro quando ela rejeitou a Transformação porque eu estava na Morada da Noite. E eu não conheço nenhuma Shaylin. Como o Jack do meu mundo contou, Damien também está morto. Só sobra Shaunee. Ela é legal, mas está sempre com uma garota que ela chama de “Gêmea”. E ela parece uma pessoa completamente diferente da Shaunee que é o fogo aqui.

– Espere aí, essa Gêmea é uma garota branca de Tulsa?

– Loira, bem gostosa e meio vadia?

– É ela! Ok, isso significa que você tem fogo *e* água.

– A vadia é água? Até faz sentido.

– Ah! E no carro, Outro Jack reconheceu Aphrodite. Ele só perguntou onde estava a Marca dela, então ela também está no seu mundo.

– No meu mundo não tem nenhum vampiro com uma Marca azul e vermelha como a dela.

– Não, mas ela está no seu mundo. Lembre-se, Kev, quem nós somos no fundo é igual. Nós só tivemos experiências diferentes, então nossas personalidades podem ser diferentes. Encontre Aphrodite. Ela pode substituir qualquer dos elementos, mas ela era o ar quando trouxemos você para cá, então eu provavelmente a faria personificar isso para você também.

– Ela deveria ser fogo já que é tão gostosa.[35]

– Eca. Pare com isso. Agora você só precisa da terra.

Vovó se juntou a nós, sentando-se ao lado de Kevin no confortável sofá de veludo em frente ao fogo que crepitava alegremente na sala dos professores. Outro Kevin e eu havíamos vindo para a sala para esperar enquanto o meu círculo corria de um lado para o outro atrás dos elementos do feitiço. Quando eles encontravam cada um – de novo –, entravam correndo, colocavam em cima da mesa à nossa frente e depois saíam voando de novo. Até agora, a mesa dispunha das cinco velas do ritual, fósforos, uma pirâmide de cristal/tetraedro (que Shaunee surrupiou novamente de outra mala de troféus) e um athame.

– Encontrei, Zoey Passarinha. Eu sabia que tinha outra no meu quarto. Só precisei procurar. – Vovó acrescentou uma pena de cardeal-do-norte ao crescente grupo de coisas.

– Então, você só precisa encontrar mais uma pessoa que possa personificar um elemento. Esperançosamente, a terra. – Pensei por um segundo e então acrescentei: – Pense em Stevie Rae quando

estiver procurando por ele ou ela. Stevie Rae é uma típica garota de Oklahoma, ela é ligada à terra vermelha, sente-a na alma. Lembre-se disso, ok?

– Ok, eu vou lembrar. Pare de se preocupar.

– É o que eu faço melhor – eu disse.

– E aquelas pobre almas que vieram para cá com Kevin? – Vovó perguntou.

– Kev e eu já conversamos sobre isso – eu expliquei. – Seria bom para ele ter um aliado, mas nenhum deles está pronto para voltar agora.

– Eles nunca estarão prontos, Zo. Jack é o único que foi capaz de manter a sua sanidade. O resto está destruído. Prometa que você não vai fazê-los voltar.

– Ei, eu nunca forçaria ninguém a voltar pra lá – eu assegurei a ele.

– Kevin, eu quero que você vá diretamente até a minha fazenda assim que voltar. Conte-me tudo que aconteceu. Entregue-me isto. – Vovó tirou do pescoço uma pequena bolsa de miçangas pendurada em uma tira de couro trançado e a passou sobre o topo da cabeça de Kevin, deixando a bolsinha bem no meio do peito dele, perto do seu coração. – Eu acreditaria em você de qualquer forma, mas isso vai acelerar as coisas.

– Obrigado, Vovó.

Stevie Rae entrou apressada na sala, segurando uma varinha de sorveira.

– Achei! Desculpe a demora. Estava bem no fundo do baú de feitiços e rituais. – Ela riscou os itens que já estavam em cima da mesa. – Então, nós só precisamos da pedra com ranhuras.

– No formato de um coração – eu lembrei.

– Eu tenho uma ideia. Vou atrás de Shaylin. – E Stevie Rae não estava mais lá.

– Ok, deixe-me pensar. O que mais… – Minha mente estava uma cacofonia de pensamentos lutando com uma orquestra de emoções.

– Kevin, você disse que não conhece um Dragon ou uma Anastasia Lankford? – Vovó perguntou.

Ele sacudiu a cabeça.

– Não. O Mestre da Espada da nossa Morada da Noite é um vampiro bem velho chamado Artus. Ele é super assustador.

– Então, nenhum Dragon foi assassinado na sua Morada da Noite no último ano? – eu questionei.

– Não.

Vovó e eu trocamos um sorriso.

– Encontre Dragon Lankford e sua consorte, Anastasia. Eles vão ajudá-lo, e eu aposto uma bandeja de cookies da Vovó que Anastasia pode assumir a posição da terra ou encontrar alguém que possa.

– Ok, entendi. Eu vou me lembrar disso.

– E Kevin, independentemente de qualquer coisa, não subestime Neferet. Ela se tornou imortal neste mundo. Ela comandou filamentos de Trevas para fazer seu trabalho sujo. Que inferno, eu até a vi se transformar em um zilhão de aranhas.

– Isso é totalmente nojento. – Kevin estremeceu.

– Né? Então, seja extremamente cuidadoso. Ah, e neste mundo ela tinha poderes psíquicos enormes, mas ela nunca conseguiu ler minha mente. E se outras pessoas, como Damien, Stevie Rae ou o resto da Horda Nerd, ocupassem as suas mentes com coisas repetitivas, como listas de palavras ou coisas assim, isso atrapalhava as habilidades dela de ler mentes.

– Ok, entendido também.

– Conseguimos! – Stevie Rae e Shaylin entraram correndo na sala. Elas estavam sorrindo e segurando uma pedra de arenito do tamanho de um punho fechado que tinha uma perfeita marca de água ondulada em forma de coração impressa nela.

– Onde vocês conseguiram encontrar essa pedra? – eu perguntei, passando a minha mão sobre o coração, que juro que senti úmido.

– Shaylin a fez.

– Porque Stevie Rae ajudou. Nós juntamos a terra e a água e marcamos a pedra!

– Ela é perfeita. De verdade. – Levantei os olhos para o relógio bacana na parede, que mostrava os horários e datas internacionais. – Mal consigo acreditar, mas estamos dentro do horário.

O olhar de Kevin seguiu o meu e viu o relógio que marcava as horas na região de Tulsa e mostrava 11h15 pm – 24 de dezembro.

– Ei, Z.! Só percebi agora… feliz *natalversário!*

– Ah, grande Mãe Terra. Eu esqueci totalmente do seu aniversário. – Vovó disse.

– Tudo bem. Aconteceu muita coisa hoje. Eu também esqueci.

– Mas agora você tem dezoito anos, certo?

– Sim, acho que tenho. Pensei que eu ia me sentir diferente, mas não. Talvez isso aconteça aos vinte e um.

– Não, *u-we-tsi-a-ge-ya*, isso acontece aos sessenta e um – Vovó gracejou, antes de se inclinar para me dar um beijo. – Feliz aniversário, minha Zoey Passarinha.

– Que droga, Z. A gente meio que esqueceu o seu aniversário. – Stevie Rae quase parecia que ia chorar.

– Tudo bem… eu estou acostumada a ter aniversários péssimos. Pelo menos este não foi entediante.

– Você me trouxe para o seu aniversário. E eu não sou nem um presente temático de Natal. – Kevin deu um soquinho no meu braço.

– Afe, não, obrigada. – Revirei os olhos para ele. Ou eu fazia isso, ou explodia em lágrimas, só que aí ele podia começar a chorar. De novo. E nós dois ficávamos cheios de catarro quando chorávamos. Muito. Então, simplesmente não. – Ok, meninas, digam para Damien, Shaunee, Aphrodite e Stark que estamos prontos. A gente encontra vocês lá embaixo no SUV.

Depois que elas saíram, Vovó se aproximou de Kevin e o abraçou.

– Eu vou me despedir aqui. Eu não posso ir com vocês para o parque. Eu não estava lá da primeira vez. E eu… eu não quero vê-lo ir embora – a sua voz tremeu, mas ela piscou com força, tentando impedir as lágrimas de caírem. – Eu te amo, Kevin. Com muito carinho. Para sempre. Em qualquer mundo. Vá encontrar a sua Vovó. Ela vai estar esperando por você.

Com os olhos cheios de lágrimas, Kevin sorriu.

– Com cookies de chocolate e lavanda?

– Com cookies de chocolate e lavanda. Eu prometo.

Eles se abraçaram por bastante tempo. Então Kevin se abaixou, enxugou as lágrimas do rosto de Vovó e a beijou delicadamente.

– Eu também te amo, Vovó.

Vovó deu uma palmadinha na bolsa medicinal que tinha dado a ele e então, andando devagar, ela foi embora.

Nós a observamos, ambos fungando. Eu suspirei, coloquei a mão no bolso, tirei de lá de dentro dois lenços amassados e estendi um

para Kevin. Enquanto a gente enxugava os olhos e assoava o nariz, eu fiz a pergunta contra a qual estava lutando há horas.

– Kev, você conhece Heath Luck?

Ele inclinou a cabeça para o lado e abriu o sorriso para mim.

– Você quer dizer o seu primeiro namorado do ensino fundamental *e* do ensino médio, *quarterback* e o garanhão do pedaço, Heath Luck?

– Sim, você sabe que é dele que estou falando – eu respondi, tentando fingir que o meu rosto em chamas estava roxo de vergonha e não por causa do meu coração disparado e da agitação no meu estômago.

– É claro que eu o conheço. – Então Kevin me olhou com mais atenção. – Espere aí, ele está *morto* neste mundo?

Eu assenti, pois não confiei na minha voz.

– Ah, Zo. Eu sinto muito. Ele está totalmente bem no meu mundo. Completamente vivo. Jogando futebol americano pela Universidade de Oklahoma.

– Mesmo com uma guerra rolando?

– Os vampiros adoram alguns esportes, principalmente futebol americano. Isso se tornou um estranho hobby deles. Então, se você é um jogador popular ou uma *cheerleader* ou está se formando em alguma coisa que os vampiros em geral, ou Neferet em particular, pensam que é importante ou pelo menos divertida, eles o deixam em paz. Bom, quase isso. Heath está indo bem.

– Isso é bom. Fico feliz. Mesmo.

– Ele estava no seu funeral. Ele estava totalmente arrasado.

Eu encontrei os olhos de Kevin.

– Não me conte mais nada, está bem?

– Ok. A aniversariante manda. – Ele me deu uma chave de pescoço de brincadeira e começou a fazer *noogies*[36] em mim. – E aqui estão os seus *noogies* de aniversário.

– AIMEUDEUS, pare de bagunçar o meu cabelo! – Eu estava dando uns tapas nele quando Stark entrou na sala.

– Ahn, nós estamos esperando vocês dois.

– Ótimo – eu falei, tentando arrumar o meu cabelo totalmente zoado. – Eu já estava pronta para dar uma de Tartaruga Ninja para cima dele.

– Que medo. Estou morrendo de medo.

– Sim, ela é bem assustadora quando você mexe com o cabelo dela – Stark disse.

Os dois riram feito garotinhos. Eu enganchei meu braço direito em Outro Kevin e o esquerdo em Stark. Então, como Dorothy de braços dados com o Espantalho e o Homem de Lata em *O Mágico de Oz*, nós três nos dirigimos para o SUV.



Zoey

O Woodward Park estava como o resto do centro da cidade pelo qual passamos – completamente deserto. Ainda estava nevando. Os flocos deixaram de ser pequenos e cintilantes e ficaram pesados e lentos.

Exatamente como na noite anterior.

Fiquei observando o “país das maravilhas” invernal enquanto caminhávamos com dificuldade pelo parque. Era como se nada de ruim tivesse acontecido – como se a neve tivesse coberto todos os nossos erros e deixado tudo novo mais uma vez.

Esse pensamento se manteve quando olhamos para baixo na direção do lugar que havia causado tanta coisa errada – e certa – na noite anterior.

Ah, minha Deusa! Como podia ter acontecido tudo isso em apenas vinte e quatro horas?

À distância, eu podia ver montes de neve e o reflexo das luzes da rua sobre as fitas amarelas na cena do crime, e compreendi que a tempestade tornou impossível a remoção dos estragos que os vampiros provocaram. De longe, tudo parecia tão inofensivo – quase como brinquedos que crianças abandonaram porque tinham sido chamadas do parquinho para se preparar para dormir.

Coloque sua mente no jogo, Zoey! Um erro hoje à noite pode ferir Kevin. Eu me sacudi mentalmente e conferi o horário com Stark.

– Está na hora?

– Sim. – Stark foi até Kevin e estendeu a mão para ele. – Foi muito bom te conhecer. Queria que você pudesse ficar. Ei, quando você vir o Outro Stark e quiser se conectar com ele, diga que William Chidsay iria ter vergonha por ele estar trabalhando com Neferet. Ele não vai gostar, mas isso vai tocá-lo.

– Quem é esse? – Kev perguntou.

– Ele foi o meu mentor e uma grande parte da minha vida. Mais importante, ele era um homem bom. Um homem muito bom. E não importa em qual mundo seja, não acredito que ele estaria do lado de Neferet.

– Obrigado. Vou me lembrar disso. Foi bom te conhecer também. Cuide da nossa Zo, beleza?

– Com certeza.

Então Kevin deu um abraço masculino em Stark, com tapinhas nas costas.

– Eu tenho que ficar aqui em cima, como na noite passada. Também estou feliz por termos nos conhecido. Fique seguro, ok? – Damien não estendeu a mão. Ele foi direto para o abraço, que Kevin retribuiu.

– Estou feliz que Jack está com você. Não o deixe voltar para o nosso mundo. Lá não é bom para ele – Kevin disse.

– Não vou deixar. Ele vai ficar aqui comigo. Para sempre – Damien garantiu a ele.

Kevin se voltou para mim.

– Estou pronto.

– Aquele muro está cercando a gruta de Neferet – eu expliquei para Kevin enquanto descíamos cuidadosamente a escada coberta de neve.

Ele a observou com curiosidade.

– A gruta fica ali dentro?

– Sim.

– É menor do que eu pensava.

– A Associação do Woodward Park me contou que era uma toca de raposa.

– Que estranho. Ia simplificar as coisas se eu pudesse apenas enfiá-la lá dentro e lacrar a saída.

– Sim, ia mesmo – eu falei.

– Boa sorte com isso – Shaunee desejou. – Ela é muito mais difícil de pegar do que você imagina.

– É disso que eu tenho medo – Kevin murmurou.

– Ei, você é um cara cheio de recursos. Você vai descobrir um jeito. – Aphrodite deu um sorriso de flerte para ele.

Kevin se acendeu como uma árvore de Natal.

– Bom, Deusa do Amor, se você diz, então eu acredito.

Darius bufou e resmungou algo baixinho.

– Viu só – Kevin sussurrou para mim. – Ele está totalmente preocupado.

Eu balancei a cabeça para ele e quase escorreguei em um degrau. Kevin pegou a minha mão para me equilibrar e depois não soltou mais.

Eu não liguei. Nem um pouco.

Nós não falamos muito enquanto trabalhamos para preparar o espaço. Foi mais difícil do que da primeira vez. A gente estava lidando com neve que, em alguns lugares, batia na altura do joelho. Nós também estávamos passando por uma miríade de emoções – medo, ansiedade, preocupação –, e toda hora eu fiquei lembrando o meu círculo para focar no nosso intento. Nós assumimos as nossas posições. Eu estava me concentrando muito, tentando lembrar exatamente quais palavras eu havia usado e em qual ordem para invocar os elementos – e me sentindo aliviada por eu não ter inventado nenhuma loucura elaborada da qual eu nunca iria me lembrar.

Quando estávamos prontas, chamei Outro Kevin para ficar no centro do círculo comigo.

– Vai ser como o que a gente fez no Templo de Nyx, só que eu vou usar palavras diferentes e cada uma das garotas vai me dar algo. Vai ser estranho, porque nós vamos trabalhar de trás para a frente. Eu nunca invoquei os elementos nessa ordem nem fiz um círculo assim. Não tenho certeza se vai funcionar.

O olhar de Kevin estava cheio de confiança.

– Eu tenho certeza. Cem por cento. Vai ser fácil. A parte difícil foi a primeira. Agora, vocês sabem o que estão fazendo.

– Realmente é um bom jeito de ver as coisas – Stevie Rae disse, mostrando as covinhas para ele.

– Obrigado.

Kevin parecia super satisfeito consigo mesmo, e eu de repente percebi que os meus amigos gostavam dele. *Realmente* gostavam dele.

E eu tive que me esforçar para não explodir em lágrimas.

– Ok, todo mundo tem que pensar no que a gente estava pensando antes. Proteção. Nós estávamos fazendo um feitiço de proteção. Entendido?

– Entendido! – as quatro ecoaram.

– Ok, a gente vai chamar primeiro o espírito. – Fechei os olhos e me concentrei, procurando me centrar. *Por favor, Nyx, ajude-me a fazer isso direito.* Eu abri os olhos e me ajoelhei na pequena área da qual Kev e eu havíamos tirado a neve. – Oh, espírito forte, poderoso e onisciente, eu o invoco. Derrame as suas poderosas bênçãos sobre a magia que eu opero aqui. Espírito, manifeste-se e complete o meu círculo!

Levantei a minha vela roxa e senti o toque doce e familiar do espírito invadir o meu corpo. Kevin respirou fundo, o que me mostrou que ele também tinha sentido o mesmo.

Pensei que isso era um ótimo sinal.

Então eu levantei o braço e soltei a trança que prendia a minha pena de cardeal-do-norte, assim como eu tinha feito na noite anterior, dizendo:

– Eu ofereço esta pena, o espírito do meu povo, livre e forte. É o meu desejo que ele preencha o nosso círculo e concentre o nosso intento para o nosso feitiço esta noite.

Eu me levantei e, com Kevin ao meu lado, fomos até Stevie Rae. Eu disse as palavras para invocar a terra, e Stevie Rae fez a sua parte e me estendeu a varinha de sorveira. Ela sorriu para Kevin e falou apenas com o movimento da boca, sem som: *Adeus, vamos sentir sua falta.* Então ela enxugou uma lágrima.

Nós fomos até Shaylin na sequência e pegamos a pedra com a marca de água.

– Fique seguro – ela sussurrou para ele.

Shaunee e o fogo eram os próximos. Quando me entregou o tetraedro de cristal, ela disse para Kevin:

– Tome cuidado. Vamos sentir saudades.

Então nós estávamos na frente de Aphrodite.

Eu invoquei o ar e acendi a vela amarela dela, e Aphrodite me estendeu o athame terrivelmente afiado. Então ela levantou os olhos para Kevin.

– Quando você falar com a Outra Aphrodite, seja exatamente quem você é. Ela também vai amá-lo.

Então ela me deixou totalmente chocada ao dar um beijo nele. Suavemente, docemente, bem nos seus lábios.

– Adeus, minha Deusa do Amor. – O garoto deu um passo para a frente, segurou o rosto de Aphrodite entre suas mãos e a beijou. Não suavemente nem docemente, mas sim de um jeito *bem sexy.*

Eu não olhei para Darius e fiquei aliviada por ele estar na mesma posição do que na noite passada – do lado de fora e *do outro lado* do círculo.

Dei um empurrãozinho em Kevin com o meu ombro. Ele a soltou. Finalmente.

Kevin e eu nos viramos para voltar para o centro do círculo, e eu senti o ar sair dos meus pulmões. O nosso círculo estava

completamente cercado por uma faixa de luz vermelha incandescente.

– Isso é normal? – Kevin sussurrou.

– Não. Mas acho que é bom.

Quando nós chegamos de novo no meio do círculo, eu me agachei e comecei a recriar a última parte do feitiço. Foi quando eu percebi que a pena de cardeal-do-norte havia desaparecido. Comecei a olhar em volta para procurá-la, até que uma onda de surpresa percorreu o meu corpo e me deixou mais leve.

Ela também tinha desaparecido da primeira vez. Eu havia cometido um erro que nem percebi, mas de algum modo eu o repeti.

Estou fazendo isso direito!

Ok, trabalhar de trás para a frente. Corte-se.

Foi exatamente o que eu comecei a fazer… e parei. Minha mente deu um estalo e o meu olhar encontrou Aphrodite.

– O nosso intento! A gente estragou tudo bem nesta hora. Todas nós pensamos em coisas ruins sobre a sua mãe. A gente tem que mudar isso.

Aphrodite assentiu. Então os olhos dela se iluminaram.

– Eu entendi! Todas nós temos que pensar: “Frances LaFont tem uma segunda chance”.

– Perfeito! – O meu olhar percorreu todo o círculo. – É isso o que eu quero que vocês pensem. Todas vocês. Agora!

Comecei a desenhar o pentáculo para manifestar o pentagrama dentro do nosso círculo. E, junto com o último movimento, eu passei a lâmina afiada do athame na palma da minha mão, diretamente sobre a casca da feriada ainda dolorida, enquanto pensava: *A mãe de Aphrodite tem uma segunda chance.*

Dali em diante foi realmente fácil. Eu acrescentei a pirâmide de quatro lados, que representava a manifestação do fogo, e depois a pedra de Shaylin. Finalmente, eu peguei a varinha de sorveira de Stevie Rae e, enquanto a plantei no chão, falei as palavras das quais não tive dificuldade para me lembrar, apenas as alterando para adequá-las à ordem na qual o meu feitiço era feito.

– Eu termino com a oferenda da terra, a sorveira. Eu a devolvo a terra, abençoada pelos elementos e imersa em poder. Que ela cresça forte e por muito tempo, tão poderosa que possa resistir a qualquer influência negativa. – Assim como eu havia feito na noite anterior, pressionei a ponta da varinha no chão, plantando-a com firmeza.

Não houve nenhuma explosão como da última vez. Houve apenas uma grande expiração, como se a própria terra tivesse inspirado profundamente, de modo revigorante.

Na base da sorveira, o chão se abriu. Não era um buraco gigante. Na verdade, nem era um buraco propriamente dito. Era mais como uma alteração da terra e a formação da ausência de algo. O não buraco se expandiu, sugando a pedra, a pirâmide… e o athame. E, enquanto aqueles itens magicamente infundidos desapareciam, a sorveira começou a crescer.

Dessa vez, ela não era contorcida. Dessa vez, ela cresceu alta, robusta e reta.

Eu me levantei e encarei o meu irmão. Ele segurou as minhas duas mãos com as dele. Nós dois apertamos forte.

– Promete uma coisa para mim? – ele perguntou.

– Qualquer coisa.

– Aproxime-se do seu Kevin. Ele não sabe como se aproximar de você. Ele é só um garoto, você sabe. Mas ele sente a sua falta,

mesmo que ele provavelmente nunca vá admitir isso. Seja a irmã mais velha dele, ok?

Lágrimas estavam escorrendo silenciosamente pelo meu rosto e se misturando à neve, até que eu não conseguia mais dizer qual delas estava ensopando a minha blusa.

– Eu prometo. E prometa uma coisa para mim também.

– Qualquer coisa.

– Você vai tomar cuidado. Muito cuidado, não só o cuidado de um jovem bobo metido a herói. – Ele começou a responder, mas eu o cortei. – E prometa que, se você entrar em uma situação realmente ruim, você vai juntar todas essas coisas de novo, vai até o Woodward Park com quatro pessoas que podem ajudá-lo a traçar um círculo e vai voltar para cá.

Ele sorriu em meio às próprias lágrimas.

– Isso são duas coisas, não uma.

– Só diga que promete.

– Eu prometo.

Então nós nos juntamos, e eu o abracei como se não quisesse deixá-lo ir embora nunca.

E eu não queria. Eu nunca quis deixar o meu irmãozinho partir.

– Eu te amo – nós dois falamos ao mesmo tempo e então, quando nos separamos, rindo em meio às lágrimas, dissemos: – *Jinx!*

– Acho que falei antes de você. De novo – ele afirmou.

– Sem chance – eu respondi.

– Você é uma péssima perdedora. Mas eu te amo assim mesmo. Cuide-se, Zo. E cuide daquele meu outro eu também.

Kevin deu um passo para dentro do buraco e desapareceu.

Aqui o personagem faz duas referências. Na frase original, ele diz: “if there’s gold and jewels in them thar hills, I’ll pawn it”. “Them Thar Hills” (“naquelas colinas”) é o título de uma comédia pastelão norte-americana de 1934. Já o primeiro verso da canção country “Gold Watch and Chain” é “Oh I’ll pawn you my gold watch and chain, love” (Oh eu vou penhorar a você o meu relógio e a minha corrente de ouro, meu amor). (N.T.)

Hot, em inglês, significa “quente” e também “gostosa”, na gíria. (N.T.)

Esfregar os nós dos dedos na cabeça de alguém. Quando feito de leve, é uma brincadeira. (N.T.)

30

Zoey

Fechar o círculo foi o anticlímax. Nós fizemos tudo em voz baixa. Devagar. E então, cercada pelos meus amigos, eu voltei para a Morada da Noite. Sem o meu irmãozinho.

Ninguém falou muito. Aphrodite aconchegou-se em Darius, e eu a ouvi chorando baixinho. Darius a abraçou suavemente, acariciando o seu cabelo e murmurando para ela.

Stark pediu para Shaunee dirigir de novo. Então ele me puxou para o seu colo e me abraçou como se eu fosse uma garotinha, enquanto eu me acabava de chorar e fungar, molhando toda a camisa dele.

Ele não pareceu se importar nem um pouco.

– Eu vou tomar um banho – falei enquanto caminhávamos penosamente com nossas botas de neve até a porta da frente da escola.

Todos os meus amigos me abraçaram um atrás do outro. Ninguém falou nada. Não precisava. Quando Stark e eu ficamos sozinhos, ele tirou o meu cabelo escuro do meu rosto e beijou a minha bochecha úmida.

– Um banho é uma boa ideia. Eu vou até a sala de refeições pegar um lanche para a gente. Você quer alguma coisa em

particular?

– Não estou com fome.

– Que tal um pouco daquele chá de lavanda que você gosta?

Eu assenti distraidamente.

– Isso parece bom. Obrigada.

Pareceu um caminho longo até a minha suíte. Eu queria evitar todo mundo, e pensei que estivesse evitando. Mas, quando eu enxuguei as lágrimas dos meus olhos e realmente olhei em volta, vi que todos os estudantes – novatos e humanos – e todos os vampiros por quem eu passava paravam e, silenciosamente, respeitosamente, colocavam suas mãos sobre seus corações e curvavam a cabeça para mim.

Eu estava péssima, cheia de catarro, na hora que cheguei ao meu quarto.

Eu tinha a intenção de relaxar em uma banheira quente por horas. Talvez até dias. Mas, quando eu submergi, pareceu sem sentido. Saí, fiz um coque no alto da minha cabeça e coloquei um camisetão de Stark e a minha calça de moletom mais velha, detonada e confortável.

Ele estava esperando na frente da nossa lareira e, quando eu me aproximei, ele me puxou para os seus braços de novo e me deu um beijo na testa.

– Você pode vir comigo, por favor?

– Stark, eu não estou com fome. Juro.

– A gente não vai para a sala de refeições. Tem algo que você precisa ver.

– Isso não pode esperar? – Eu me sentia exausta. A última coisa que eu queria fazer era ir para qualquer lugar que não fosse a minha cama.

– Não. Isso não pode esperar. Venha. Por favor. Por mim?

Suspirei. Eu sabia que Stark podia sentir tudo que eu sentia – o que significava que eu sabia que o estava fazendo se sentir mal. Então, eu cedi. Eu devia isso a ele.

– Ok, mas vai demorar muito?

– Depende de você.

Ele me deu a mão e nós andamos devagar pela escola que eu tinha tornado minha. Quando chegamos à porta de trás, aquela que dava para a calçada que levava ao dormitório dos estudantes, eu parei.

Olhei para baixo e vi a minha pantufa rosa de coelhinhos.

– Eu não estou com as minhas botas de neve. Você devia ter me avisado que a gente ia sair.

– Tudo bem. Eu queria uma desculpa para te carregar no colo. – Ele imediatamente me levantou, aninhando-me em seus braços enquanto íamos até o dormitório das garotas.

Não consegui deixar de sorrir quando entramos. A visão… os cheiros… tudo me trouxe um monte de memórias de volta rapidamente. Estudantes estavam agrupados na frente de diferentes TVs, assistindo a filmes ou jogando videogames. Todo mundo fez uma pausa quando nós entramos. Todos se levantaram, colocaram as mãos sobre os corações e se curvaram para mim.

Eu também coloquei a minha mão sobre o coração, abaixei a cabeça e, com uma voz grossa de emoção, disse:

– Abençoados sejam vocês.

– Abençoada seja, Grande Sacerdotisa! – eles ecoaram.

Stark pegou a minha mão e me levou escada acima, diretamente até uma porta no segundo andar pintada de um roxo claro, bonito e familiar. Ele bateu duas vezes.

Stevie Rae abriu a porta. Ela estava com o seu pijama de flanela de cowboy, cheio de laços e cavalos. Uma risadinha escapou de algum lugar dentro de mim.

– Eu não acredito que você ainda tem esse pijama.

– Você está brincando, Z.? Este pijama é um clássico. Eu o jogaria fora tanto quanto jogaria fora o meu jeans Roper.

– Não é o que todos nós desejamos? – Aphrodite ironizou, em algum lugar atrás dela.

Stevie Rae deu um passo para o lado e eu percebi que não apenas o nosso antigo quarto no dormitório estava decorado quase que exatamente da mesma forma de quando Stevie Rae e eu éramos novatas juntas, mas também que meus amigos e Vovó Redbird estavam todos de pijama, aglomerados nas camas de solteiro e no chão. Nala estava encolhida, enrolada como um donut na ponta da minha cama, franzindo seus olhos verdes para Malévola, que, por sua vez, estava lambendo o próprio pelo na cama da Stevie Rae. A cena de abertura de *Procurando Nemo* já estava na tela, e os meus amigos estavam passando adiante a pipoca e incontáveis cookies de lavanda com chocolate da Vovó. A pequena pia estava cheia de gelo e refrigerante de cola.

– Surpresa! – eles gritaram.

Eu comecei a me debulhar em lágrimas.

– Ah, Z., não. Você vai fazer todo mundo começar de novo. – Stevie Rae pôs seus braços em volta de mim e me conduziu para dentro do quarto. – Venha abrir o seu presente. Ele vai fazer com que você se sinta melhor, eu prometo.

– Presente? – Eu funguei.

– Sim, e a gente promete que *não* é um presente temático de Natal – Erik falou. Ele e Shaunee estavam dividindo um pufe. Ele

me deu uma piscadinha e eu me lembrei do colar com um boneco de neve que ele tinha me dado no ano passado, então minhas lágrimas começaram a secar.

Aphrodite e Darius se afastaram para o lado para abrir espaço para mim na ponta do que costumava ser a minha cama de solteiro que agora parecia muito estreita. Stark me entregou uma caixa embrulhada em papel prateado e com um laço dourado.

Era uma caixa bem pequena.

Eu a balancei.

– É o seu presente? – eu perguntei para Stark.

– É de todos nós – ele disse enquanto meus amigos assentiam como bonecos de mola.

– Todos nós participamos disso, Z. – Stevie Rae disse, afundando na cama atrás de mim para poder espiar por cima do meu ombro. – Abra logo. A gente está guardando segredo há séculos.

– Ok, aí vai. – Eu rasguei o papel do embrulho e emiti um som de alegria quando vi a etiqueta da *Moody's Jewelry*, que pareceu um déjà vu meio assustador depois do comentário de Erik. Eu me preparei para fingir amar o que estivesse ali dentro e abri a caixinha de veludo.

O meu queixo caiu – de um jeito nada atraente, tenho certeza – quando as luzes a gás do quarto se refletiram nos diamantes e os fizeram cintilar o seu fogo branco. O pingente era de platina, na forma perfeita de uma lua crescente feita de diamantes.

Olhei embasbacada para os meus amigos, que estavam todos sorrindo para mim.

– Olhe atrás! – Stevie Rae falou.

Eu virei o pingente e vi a gravação no verso:

Feliz níver de 18, Z.
Nós ♥ você!

– Nós mandamos fazer especialmente para você – Stevie Rae contou.

– É por isso que você só ganhou uma coisa, porque foi caro pra caralho – Aphrodite disse. Ela estava segurando uma taça cheia de champanhe e recostada sobre Darius. Exceto pela sua Marca extraordinária, ela parecia 100% ela mesma de novo.

– Você gostou? – Stark perguntou.

Eu tive que limpar a garganta e engolir várias vezes antes de conseguir responder.

– Não. Eu *amei!* É o presente de aniversário mais lindo, mais perfeito que eu já ganhei na vida.

– Eeeee! – todo mundo festejou e então, de repente, todos estavam em volta de mim, enquanto Stark prendia o meu lindo, fabuloso e incrível colar no meu pescoço… e todos nós exclamávamos “oooh” e “aaah”, admirando-o.

No meio disso, o celular de Aphrodite tocou alto “Respect”, de Aretha Franklin.

Ela franziu os olhos para o telefone, entregou a sua taça de champanhe para Darius e então atendeu a ligação.

– Sim, é Aphrodite LaFont. – Ela fez uma pausa, escutando, e eu observei o rosto dela perder a cor. – Como isso aconteceu? – Ela fez outra pausa. – Entendi. Não. Tudo bem. Vou cuidar disso. Obrigada por avisar. – Ela clicou no botão de desligar e colocou o telefone de volta dentro da sua bolsa de algum estilista. Enquanto a sua mão estava dentro da bolsa, percebi que ela procurou algo, e então ela tirou de dentro um familiar pote de remédios, cheio até a boca de Xanax. Ela estendeu a mão pedindo a sua taça de

champanhe, a qual Darius devolveu a ela depois de certa hesitação e um suspiro resignado.

Então Aphrodite fez a última coisa que eu esperava que ela fizesse. Ela foi até a nossa pia e derramou a sua taça de champanhe sobre o gelo. Depois ela se virou e abriu a porta do nosso modesto banheiro. Eu estiquei o pescoço, como todo mundo, e a vimos abrir o seu pote de Xanax e despejar tudo na privada, dizendo: “Eu não sou ela. Eu nunca vou ser ela. Deixo isso para trás”. Ela deu a descarga, jogou o potinho vazio na lata de lixo e então voltou para o seu lugar.

Como ninguém falou nada, ela revirou os olhos.

– Perguntem logo.

– Ok – eu falei. – Quem estava no telefone e por que você jogou fora a sua bebida favorita e as suas pílulas favoritas? Não que a gente não ache isso uma excelente ideia, mas, enfim.

– Era do hospital. Era sobre a minha mãe.

Shaunee bufou.

– O que foi, eles a liberaram e ela não tinha nenhum amigo que poderia buscá-la? Não é surpresa.

– Diga para ela chamar um Lyft – Damien sugeriu. – Você não precisa mais lidar com as questões dela.

– Eu não preciso mais mesmo. Ela está morta.

– O quê? Como? – eu exclamei.

– Ela morreu de overdose. Aparentemente, foi um acidente. Ela misturou remédios controlados demais e muito álcool da última vez. Ela não estava mais conectada aos monitores porque estava pronta para ir para casa assim que a neve melhorasse. Pensaram que ela estava dormindo, e ela tinha gritado tantas vezes com as

enfermeiras para que não a perturbassem que a deixaram em paz. Como ela tinha exigido. E ela morreu.

Eu fui até Aphrodite.

– Você está bem?

Ela levantou o rosto para mim. Os olhos dela estavam límpidos e a sua expressão estava serena.

– Estou. – Então ela ergueu uma taça imaginária e disse: – Eu quero fazer um brinde. – Todos nós pegamos copos, confusos em relação ao que estava acontecendo, mas querendo apoiá-la. Aphrodite se levantou. – Às vezes, as pessoas recebem exatamente o que elas merecem. Esperamos que isso funcione assim com o irmão de Z. também. Então', ao Outro Kevin! Que ele receba todo o bem que ele merece!

– Ao Outro Kevin! Que ele receba todo o bem que ele merece!

E isso era algo pelo qual todos nós podíamos brindar.

Zoey

Eu voltei ao Woodward Park na noite seguinte – sozinha. Stark não queria que eu fosse desacompanhada, mas eu insisti. Tinha parado de nevar um pouco depois da meia-noite na noite anterior, e as máquinas limpa-neve tinham feito hora extra para liberar as ruas. Mas isso foi só depois de escurecer, e as ruas ainda estavam bem ruins, de modo que os únicos carros passando pelo parque naquela hora eram os da polícia e as ambulâncias.

Segui o meu caminho devagar até a gruta de Neferet. A sorveira havia criado raízes. Ela se erguia reta e forte no meio do que foi o nosso círculo, coberta de folhas e parecendo tão mágica quanto era

de fato. Quando passei por ela, eu a toquei levemente e fiz uma prece simples para Nyx:

– Por favor, fique perto do Outro Kevin, Deusa. Eu sei que você o ama. Por favor, deixe que ele saiba disso com tanta certeza que o faça ficar forte mesmo quando as Trevas tentarem apagar a Luz dele.

A árvore ondulou e, no farfalhar das suas folhas impossivelmente verdes, eu ouvi o eco da voz de Nyx preencher o mundo ao meu redor: “Confie em mim, filha, para cuidar do meu filho”.

Eu abaixei a cabeça e senti uma onda de alívio que atenuou um pouco a minha tristeza.

– Obrigada, Nyx.

Então fui até a parede da gruta. Eu sabia o que estava me impelindo. Era o diário dela – A Maldição de Neferet – e a pena que eu não deixava de sentir de Emily Wheiler.

Eu encostei a palma da minha mão no muro, fechei os olhos e falei com ela.

– Eles erraram; o homem que abusou de você e os outros que estavam por perto e deixaram isso acontecer. Os vampiros do lugar para onde você foi depois também erraram. Eles deveriam tê-la ajudado, deveriam ter percebido que tinha algo seriamente errado com você. E nós erramos. Primeiro, por deixar que você tivesse tanto poder, e agora, por sermos tão rápidos em jogar a culpa em você, tão rápidos que nós abrimos o nosso mundo a monstros. – Fiz uma pausa e acrescentei: – Mas algum bem veio disso tudo. Eu encontrei o meu irmão. Damien encontrou o seu Jack. Aphrodite encontrou a si mesma. E eu aprendi uma coisa importante sobre você. Aprendi que eu sinto mais pena de você do que ódio, e isso é bastante coisa. Então, Neferet, pela primeira vez, posso dizer

honestamente que eu espero que você encontre a paz. E eu desejo que você abençoada seja.

Tirei a minha mão do muro e dei as costas a ele enquanto pegava o meu telefone e digitava o velho número que eu tinha encontrado naquele dia mais cedo. Ele atendeu no segundo toque.

– Ahn, oi, Kevin. É a sua irmã, Zoey.



Zoey Redbird não viu o fino filamento de Trevas que se esgueirou de uma rachadura quase invisível no muro, onde a mão dela tinha acabado de tocar. Ele foi na direção dela, trêmulo de desejo. Quando chegou a uma distância de um fio de cabelo do corpo dela, a sua face cega ondulou e a sua bocarra se abriu. Dentes pontudos reluziram com a saliva. Naquele instante, Zoey mudou a sua posição, deixando que a luz da lua que tinha acabado de se levantar brilhasse atrás dela. Quando o facho prateado tocou a gavinha, ela estremeceu, fumegou e, devagar, bem devagar, deslizou de volta por entre as rochas e desapareceu.

FIM

Por enquanto…

Um trecho de

PERDIDA

SÉRIE HOUSE OF NIGHT
OUTRO MUNDO

LIVRO 2

Stark

– Stevie Rae! Aí está você! Ei, a gente precisa conversar. – Stark atravessou a grama verde recente da primavera correndo na direção da estátua de Nyx, que ficava orgulhosamente no meio do jardim principal da Morada da Noite. Ao lado de Stevie Rae, havia dois jovens novatos que tinham acabado de acender a miríade de velas votivas que tremulavam alegremente em volta da base da estátua da Deusa. Eles se curvaram nervosamente, mas respeitosamente, para Stark. – Oi, e aí? Bom trabalho com as velas e tudo mais. Ok, hora de vocês irem para as suas próximas aulas! – Stark fez um gesto para eles, dispensando-os e os enxotando.

Os dois novatos praticamente saíram correndo na direção da entrada dos fundos da escola. Stevie Rae olhou feio para Stark.

– Ótimo. Você acabou de assustá-los. Você não se lembra de como é ser alguém que acabou de ser Marcado? Aqueles dois só

estão aqui há uma semana. Eles ainda estão chorando pelas suas mamãezinhas à noite nos seus travesseiros.

– Eles vão ficar bem, assim como nós ficamos. Quem não está bem é Zoey.

– De que diabos você está falando?

– Você a tem visto ultimamente? – Stark disparou a pergunta para ela.

– Sim. – Ela encolheu os ombros. – Eu a vi por um segundo agora há pouco. Ela estava indo para a estação, para tentar evitar que Kramisha e Aphrodite se matassem por causa das reformas no restaurante.

– Isso foi o que ela disse. Mas ela só deu uma passada por uns dez minutos lá e então deu uma desculpa esfarrapada para vazar. Ela tem feito isso ultimamente. Tipo quase todo dia. Você sabe que diabo há de errado com ela?

– Não! Eu não sabia que tinha algo errado. Ah, oh. Será que é o Outro Kevin? – Os olhos azuis de Stevie Rae percorreram todo o jardim da escola. – Ele está de volta? – Ela franziu os olhos, meio que esperando que ele se materializasse de uma das sombras do anoitecer.

– Não, ele não voltou. Mas, sim. Eu acho que tem alguma coisa a ver com o irmão dela e aquele Outro Mundo. E eu acho que ela não está bem.

– Você vai ter que me dar mais pistas do que isso. Desde que Rephaim e eu voltamos para Tulsa, eu ando super enlouquecida com a nossa mudança e preparando os planos de lições dessa maldita aula de Feitiços e Rituais que eu fui idiota o bastante para me oferecer para ministrar. Afe, quem poderia saber que ensinar é tão difícil?

– Todo professor de verdade deste mundo sabe disso, mas não é esse o ponto. Stevie Rae, você precisa me ouvir. Eu acho que Zoey não está bem.

Stevie Rae fez um gesto para que Stark se juntasse a ela em um banco de ferro com ornamentos esculpidos, perfeitamente situado próximo da estátua da Deusa.

– Agora, conte-me o que está entalado na sua garganta em relação a Zoey.

Stark soltou um longo suspiro quando se sentou ao lado dela.

– Ela está indo ao túmulo de Heath. Todo dia. E está mentindo sobre isso.

Stevie Rae ergueu os ombros.

– Isso não é exatamente ruim. Quero dizer, Z. sente saudades dele. Todos nós sabemos disso, e talvez ela não esteja contando a verdade porque não quer que você se sinta mal. E, se ela está mentindo, como você sabe aonde ela tem ido?

– Eu a segui. E, antes que você fale um monte, deixe-me dizer que só fiz isso porque estava preocupado. Muito preocupado.

Stevie Rae levantou as mãos se rendendo.

– Ei, eu não estou julgando você. E, se você diz que há algo para se preocupar de verdade, então tem a minha total atenção.

Stark passou os dedos pelo seu cabelo grosso e suspirou de novo.

– Então, eu a segui – ele repetiu. – E a observei. Ela se senta lá. No túmulo dele. E conversa com ele. Bastante.

– Ela conversa com a lápide dele?

Stark balançou a cabeça.

– Não. Ela se encosta na lápide dele, mas ela olha para o lado, como se ele estivesse sentado ali, junto dela, em algum lugar perto.

Perto mesmo, não no Bosque de Nyx.

– Bom, ok, isso é estranho e triste, mas talvez essa seja a forma de Z. lidar com o luto dela. Você sabe que levou muito tempo para que ela fosse ao túmulo dele. Talvez esse seja na verdade um bom sinal. Como ela está agindo fora isso? E me desculpe por eu ter andado tão ocupada me mudando para cá que não consigo responder essa pergunta por mim mesma, o que, como melhor amiga dela, eu deveria ser capaz de fazer.

Stark fez um gesto indicando que não tinha motivo para ela pedir desculpas.

– Não é só você. Todos nós. Acho que a gente a deixou sozinha demais desde que Kevin voltou para o Outro Mundo.

– Mas a gente estava dando espaço para ela. E ela tem visto bastante o seu irmão. Aquele que não é um vampiro vermelho. Acho que isso a tem ajudado a lidar com o fato de que Outro Kevin não está aqui. – Stevie Rae mordeu o seu lábio inferior. – Eu não perguntei praticamente nada sobre como ela está se sentindo. Como Kramisha sempre diz, não é legal ficar se metendo nos assuntos de Z.

– É, bom, a hora de dar espaço para ela acabou. Desde que ela começou a “conversar” – ele colocou aspas na palavra fazendo um gesto no ar com os dedos – com Heath, ela parou de conversar de verdade comigo. E, obviamente, com você.

– Z. também não tem conversado com Damien ou Aphrodite? – Stevie Rae perguntou.

– Ah, claro que sim. Z. conversa com Damien e Aphrodite, com você e comigo. Mas ela nunca diz como está se sentindo. Ela nunca fala nada que não seja só besteira superficial. Stevie Rae, ela está

se afastando de mim. E também de você, de Aphrodite e de Damien. Ela só está se abrindo mesmo com o Heath morto.

– Você acha mesmo que Z. não está apenas lidando com o luto dela?

– Não, porque essa coisa de conversar com o Heath morto não começou até o Outro Kevin vir do Outro Mundo e…

– E contar para ela que Heath está vivo lá – Stevie Rae terminou por ele, arregalando os olhos ao compreender.

– Exatamente – Stark assentiu.

Stevie Rae sugou o ar profundamente.

– *Aiminhadeusa*, Z. quer ir para o Outro Mundo!

– Exatamente! – Stark repetiu.

– Ah, que inferno!



Zoey

Eu entrei com o meu Fusca na Rua Setenta e Um com a Aspen e virei na primeira à esquerda para entrar pelos portões sombrios do Floral Haven Cemetery. Não tinha passado muito tempo depois do anoitecer, mas eu tinha calculado o horário perfeitamente para que eu pudesse entrar no cemitério depois que a maioria dos visitantes já havia saído e antes que os portões estivessem oficialmente fechados.

– Acho que a prática realmente leva à perfeição – eu murmurei.

Como se ele soubesse o caminho sem que eu precisasse dirigi-lo, o meu pequeno Fusca azul-piscina serpenteou pelas vias curvas do que já havia se tornado uma parte familiar do cemitério. Eu parei no lugar de sempre – perto do pé de zimbro que marcava o começo do caminho que eu seguia quase diariamente.

Era sempre triste quando eu chegava ali. O Floral Haven não seria a primeira escolha de Heath. Não que ele fosse um cemitério ruim ou qualquer coisa assim. Eu simplesmente sabia que Heath teria preferido algum lugar mais… bem… colorido. Heath adorava a loucura, e o Floral Haven era imaculado, estruturado, organizado e bem regulado. O oposto de loucura.

Mas, enquanto eu andava pelo caminho até o jazigo da família Luck, a minha tristeza se esvaía um pouco – e depois mais do que um pouco quando eu avistava as melhorias que eu introduzi na área vizinha. Fui até a sepultura adequada, modesta e entediante de Heath e me sentei bem em cima do seu túmulo, o que eu sei que ele teria gostado. Eu me recostei na pedra fria e cinza em que estava escrito em letras maiúsculas: HEATH REGINALD LUCK – FILHO AMADO, e olhei para o lado, na direção do jazigo familiar mais próximo ao dos Luck. Só havia uma lápide – que eu havia comprado logo depois de comprar o terreno familiar. Era tão não entediante quanto as regras bem específicas do cemitério haviam permitido. Eu tinha encomendado uma lápide feita de mármore azul polido, da cor exata de um local de pesca. O artista, que ficou mais do que ligeiramente confuso com a minha ideia pouco ortodoxa, havia esculpido uma cena de Heath sentado em um pequeno deque de madeira, arremessando a linha da sua vara na água. Eu pedi que ele fizesse o trabalho de modo que Heath ficasse olhando direto para mim, sorrindo como ele sempre sorria quando ia pescar.

– E aí, tudo bom? – eu perguntei para a escultura de Heath. – É, hoje foi um daqueles dias de primavera incríveis de Oklahoma. Não quente demais, não muito cheio de pólen e tasneira e sem muitos carrapatos. Ainda. Você diria que estava um clima bom para pescar,

mas na verdade você achava que todo dia estava um clima bom para pescar.

Ok, deixe-me esclarecer. Eu não perdi a cabeça – pelo menos, não totalmente. Eu não estou tendo nenhum delírio de que Heath está realmente aqui me ouvindo. Eu sei onde ele está – ou pelo menos uma versão dele. Heath Luck está lá onde eu o vi pela última vez, com Nyx. Ele provavelmente está pescando em algum lugar lá em cima neste momento.

Mas eu gosto de fingir que estou conversando com ele.

Eu preciso fingir que converso com ele.

Principalmente agora.

– Zoey? É você! Eu achei mesmo que tinha visto o seu Fusca entrar aqui.

A voz me fez dar um pulo, e me virei ainda sentada para olhar de onde vinha.

– Kev! Afe, você me deu um baita susto! Da próxima vez, faça algum barulho ao se aproximar.

– Que tal você me avisar da próxima vez que vier visitar o túmulo de Heath e a gente se encontra aqui? – Kevin falou, sentando-se ao meu lado. – Você não acha isso meio sinistro?

– O quê? Sentar no túmulo dele? Heath adoraria. – Eu sorri.

– Bom, adoraria isso e *aquilo*. – Ele apontou para o Heath pescador esculpido na lápide.

– Heath adoraria aquilo também – eu disse. – Você não lembra como ele tinha senso de humor?

– Claro. E você não lembra que ele está morto?

Fui para trás abruptamente, como se Kevin tivesse me dado um tapa.

– É claro que eu lembro. Eu estava lá. Perdê-lo quase me matou. Por que diabos você me perguntou isso?

– Por causa do que o Outro Kevin te contou.

Eu não falei nada. Eu não podia falar nada. Desde que Outro Kevin havia saído do seu mundo e entrado no nosso, e me contado que Heath – o garoto por quem eu era apaixonada desde a terceira série – estava vivo lá naquele mundo, só um pensamento ficava passando obsessivamente pela minha mente sem parar…

Vá até lá para ver Heath… Vá até lá para ver Heath… Vá. Até. Lá. Para. Ver. Heath.

– Zoey, eu vou com você. Você só precisa perguntar. – Kevin quebrou o silêncio que estava surgindo entre nós.

O meu olhar rapidamente encontrou o dele.

– Você não pode! Eu não estou viva naquele mundo, então eu poderia escapar e andar furtivamente por lá, mas você está. E você é um vampiro vermelho perigoso que provavelmente está liderando a resistência nos últimos meses. Lá não é seguro para você.

– Z., lá não é seguro para ninguém.

Eu desviei o olhar de Kevin e vi a imagem de Heath sorrindo de novo.

– Eu entendo isso – resmunguei.

– Mesmo? – Kevin estalou as juntas dos seus dedos e os dobrou, em um sinal claro de que ele estava estressado.

Eu respondi à pergunta do meu irmão com outra.

– Você sabe que eu vou, não sabe?

– Sim, eu sei. E, Z., se eu sei disso, os seus amigos também sabem.

Um mau pressentimento inundou as minhas veias como água gelada.

– Não! Eu não falei nem uma palavra sobre isso para nenhum deles.

– Você também não falou nada para mim. Eu descobri.

– O que significa que eles também vão descobrir – eu concluí.

– Ah, sim. Com certeza.

Isso vai partir o coração de Stark, eu pensei, engolindo o nó que estava se formando na minha garganta.

– Ah, que inferno…

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, nós queremos agradecer ao nosso superfã e amigo Thiago Marques, que faz parte dos *Nighters* brasileiros. Thiago, a sua ajuda na pesquisa foi inestimável. Nós te amamos.[1]

Obrigada à nossa agente e amiga, Meredith Bernstein, que disse aquelas três palavras mágicas tanto tempo atrás: “vampiros terminando colégio”. A série *House of Night* não existiria sem ela.

Nós temos uma vasta admiração pela nossa editora de longa data e amiga, Christine Zika. O *brainstorming* com você é sempre incrível! Obrigada por nos ajudar a fazer deste livro o melhor que ele poderia ser. Você é realmente a nossa Editora Deusa.

Nós queremos mandar um grande NÓS AMAMOS VOCÊS para a nossa nova editora, Blackstone. Vocês são o time dos sonhos. Obrigada por nos deixarem fazer parte dessa família. O Time Cast e o Time Blackstone formam um par perfeito!

Beijos e abraços.

No original, as autoras escreveram a frase “Nós te amamos” em português. (N.T.)

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO SOBRE *AMADA*

1. Um tema recorrente e importante na série *House of Night* é a aceitação e a tolerância. Frequentemente, esse tema é demonstrado externamente, como a empreitada de Zoey em abrir a Morada da Noite aos estudantes humanos. Mas, às vezes, esse tema aparece em uma batalha interna, como nos problemas de relacionamento de Aphrodite com sua mãe. Discuta a diferença entre aceitação e tolerância internas e externas e como ambas afetam o desenvolvimento dos personagens.
2. No começo do livro, Zoey acha que Kalona a visitou em um sonho, embora mais tarde ela descubra que não era Kalona, pois ele jurou nunca retornar a nenhum lugar onde tenha causado sofrimento a Zoey ou a seus amigos. Você concorda com a decisão de Kalona ou pensa que ele está simplesmente evitando a responsabilidade pelos erros do passado?
3. Em *Amada*, Aphrodite chega ao entendimento de que ela não pode fazer com que a sua mãe a ame ou a valorize. Discuta o caminho de Aphrodite até essa compreensão e se você acha que isso vai ou não vai afetar a sua personalidade e as suas decisões futuras. Quais são algumas maneiras saudáveis com as quais os adolescentes podem lidar com pais abusivos?

4. Há várias cenas políticas em *Amada*. Como elas refletem os acontecimentos atuais? Como situações do mundo real inspiram e/ou influenciam a ficção?

5. Em *Amada*, nós vemos D. lutar contra a depressão. Quais sinais e sintomas você percebeu que ilustram a profundidade da doença de Damien? Discuta os passos que Damien começou a dar em direção à cura. Na vida real, quais recursos estão disponíveis para ajudar adolescentes que estão lutando contra distúrbios mentais?

6. Em *Amada*, vocês são apresentados a dois personagens que vêm de um mundo completamente diferente em relação ao mundo dos personagens que eles espelham na nossa Morada da Noite. Esses personagens são diferentes, mas ainda assim parecidos o bastante para terem muitos dos mesmos gostos, aversões, amores e até idiossincrasias dos personagens que eles refletem. O que isso diz a respeito da afirmação de que a natureza da pessoa é mais forte do que a educação que ela recebe? Você concorda ou discorda?

7. As atitudes de Damien no Outro Mundo feriram Outro Jack profundamente. Você acha que a reação de Outro Jack a Damien é verossímil? Você concorda com a decisão de Outro Jack de finalmente aceitar o novo Damien?

8. O clima sempre desempenha um papel importante nos livros de *House of Night*. Discuta a natureza simbólica da tempestade de neve em *Amada*.

9. No seu ensaio intitulado “Recriando a ‘Cidade Mágica’”, para a antologia “Nyx na série ‘House of Night’” da coleção Smart Pop,

Amy H. Sturgis escreveu: “(…) os romances podem ser lidos como uma longa e criativa carta de amor à minha cidade natal” (Tulsa). Discuta como a afirmação da Sra. Sturgis pode ser demonstrada por exemplos extraídos de *Amada*.

10. Descobrimos que o Touro Branco está orquestrando acontecimentos caóticos na Morada da Noite e em Tulsa em geral. O caos é sempre do mal? Argumente a sua opinião.

PERGUNTAS & RESPOSTAS DOS FÃS

Você tem perguntas? P. C. & Kristin têm respostas para você!

O que inspirou essas duas lindas mulheres a trazer *House of Night* de volta? Os fãs da sua amada série? Foi só por causa do aniversário de dez anos? Ou alguma outra razão completamente diferente?

• RHIANNON "RHINNY" RICKETS

P. C.: Eu sempre planejei escrever outro livro de *House of Night*, mas pensei que deveria esperar cerca de cinco anos e então escrever um livro ambientado em um futuro distante – pelo menos cinquenta anos depois dos acontecimentos de "Redimida". Então Kristin e eu nos demos conta de que o aniversário de dez anos estava diante de nós e quisemos fazer algo especial para os nossos fãs. Embora nenhuma de nós duas leia resenhas sobre nossos livros, nós realmente interagimos muito com os fãs e escutamos o que os nossos leitores estavam dizendo – do que eles tinham mais saudade em *House of Night*, o que eles mais queriam ver se/quando eu escrevesse um novo livro. Então nós fizemos *brainstorming* sobre algumas possibilidades diferentes, como uma nova novela[1] ou talvez uma antologia de contos, pois eu achava que não teria tempo dentro da minha agenda para escrever um livro inteiro. Mas Kristin e eu não conseguimos parar de pensar em uma nova ideia que tivemos, que iria abrir uma outra dimensão inteira ao mundo de *House of Night*. Nós decidimos que eu deveria ir em frente e ver se

conseguiria terminar o livro no tempo que eu tinha – e consegui! Foi um prazer tão grande retornar ao mundo de *House of Night* que nós já esboçamos um segundo livro também, e atualmente estou trabalhando nele!

P. C. e Kristin Cast, não apenas mãe e filha, mas também uma dupla maravilhosa de escritoras. Como coautoras, como exatamente vocês trabalham juntas com tanto sucesso e qual papel cada uma das duas desempenha quando estão escrevendo a série *House of Night*?

• LUC WEST

P. C.: Para a série *House of Night*, eu escrevo tudo e Kristin funciona como a minha primeira editora. Desde o começo da série, ela cuidou para que Zoey e sua gangue não soassem como professores insatisfeitos de quarenta e poucos anos. Quando os livros foram progredindo, as vozes dos personagens se estabeleceram, então Kristin passou a se envolver muito mais em elaboração do roteiro e *brainstorming* comigo. Eu confio totalmente no seu aconselhamento editorial.

Kristin e eu fazemos livros como coautoras de fato. Juntas escrevemos *The Scent of Salt and Sand*[2] (uma novela da série de Kristin para novos adultos, *The Escaped*[3]), e nós estamos trabalhando como coautoras em uma nova série sobrenatural para jovens adultos programada para estrear em 2018, que se chama *The Dysasters.*[4] Quando somos coautoras, nós escolhemos os personagens de cada uma e decidimos de quem é a vez de escrever determinado capítulo, dependendo de qual personagem tem o ponto de vista principal naquele capítulo em particular. Um

esboço cuidadoso é muito importante quando atuamos como coautoras.

As pessoas normalmente perguntam o que acontece quando Kristin e eu discordamos e como resolvemos as brigas entre nós, e essa pergunta nos faz dar risada. Nós não brigamos! Nós trabalhamos juntas com respeito mútuo e muito pouco ego. Em relação ao enredo final e às escolhas dos personagens, se estamos de fato trabalhando como coautoras, nós tendemos a deixar a decisão para quem está escrevendo aquela parte do romance. Se for uma questão sobre *House of Night*, a decisão final é minha, já que sou eu que estou escrevendo, mas presto muita atenção aos conselhos de Kristin – ela normalmente está certa!

Quando vocês estavam escrevendo o esboço da história de *House of Night*, Nyx foi a única deusa grega considerada ou houve outras opções que poderiam ter sido escolhidas, mas que, por alguma razão, não se adequaram?

• ELLA MAY FLEMING-CHRISTIE

P. C.: Eu tive ajuda para encontrar Nyx! Quando eu estava criando *House of Night*, perguntei a um aluno meu se ele gostaria de pesquisar deusas para a minha nova série. Ele ficou empolgado em ajudar, e tudo que eu disse a ele foi que eu precisava de uma deusa vampira e que eu preferia que ela fosse baseada em uma das divindades mitológicas menos conhecidas. Ele me trouxe este poema de Hesíodo, e eu soube imediatamente que Nyx era a minha deusa e que Morada da Noite seria o nome da escola. Em retribuição, o estudante que me ajudou foi a minha inspiração para Damien!

Lá também fica a sombria morada da Noite;
nuvens apavorantes a envolvem na escuridão.
Em frente a ela, Atlas permanece ereto e sobre sua cabeça
e braços incansáveis sustenta com firmeza o amplo céu,
onde Noite e Dia cruzam uma soleira de bronze
e então se aproximam e se saúdam.
(Hesíodo*, Teogonia*, verso 744)

Qual foi a sua inspiração para escrever a série? Muitos escritores não continuam uma série por tanto tempo quanto *House of Night*. O que as fez continuar?

• EVEE HILTON

P. C.: Em 2005, eu e minha agente, Meredith Bernstein, estávamos no jantar de uma conferência de escritores, e ela disse que gostaria que eu escrevesse uma série com "vampiros terminando colégio". Ela queria que eu escrevesse algo realmente sexy (para adultos), mas eu estava dando aula no ensino médio e imediatamente a imaginei como uma série para jovens adultos. Eu a propus para ela como uma série para jovens adultos, e ela se apaixonou por *House of Night*!

Eu tinha um arco narrativo delineado para *House of Night* e, por causa dos meus prazos e das minhas restrições no número de palavras, simplesmente levou doze livros para chegar ao final.

Em que ponto da série você decidiu mudar a dinâmica entre Aphrodite e Zoey e fazer delas melhores amigas? Quando você decidiu que Aphrodite faria parte do time dos "mocinhos" da série?

• FELICIA CAREY

P. C.: Desde o comecinho! Eu sabia que queria ficar longe de clichês, fossem eles vampiros ou adolescentes originalmente. Eu acreditava que era importante mostrar as personalidades cheias de camadas de garotas que, como Aphrodite, são rotuladas de vacas ou de vilãs. Eu também queria permitir que todos os personagens principais tivessem a oportunidade de se desenvolver, amadurecer e crescer.

Eu gostaria de fazer uma pergunta com duas partes. De todos os personagens fenomenais de *House of Night*, quem foi o primeiro? Como você decide se os personagens vão ser bons ou maus? Obrigada. :)

• NANCY WENTE

P. C.: Zoey foi a primeira personagem que criei. Às vezes, eu planejo o desenvolvimento do personagem bem cedo e pretendo que eles sejam bons ou maus desde o começo, como no caso de Aphrodite e Neferet. Às vezes, os personagens crescem e demandam que eu preste atenção neles, como Rephaim, Nicole e Aurox.

Quem é o seu personagem favorito da série e o de Kristin?

• JAZZ ALEXANDRIA SCHAGANE

P. C.: A minha favorita para escrever é Aphrodite, mas Zoey sempre vai ocupar um lugar especial no meu coração.

K. C.: Heath é absolutamente o meu personagem favorito! Ele é super vagamente baseado em um cara que fez faculdade comigo, que é muito, bem, tipo o Heath.

Eu tenho uma pergunta. Existem vampiros transgêneros e Nyx daria a eles os corpos que eles realmente querem?

• EMILY FRIESEN

P. C.: Com certeza há vampiros transgêneros! Na sociedade de *House of Night*, TODOS são aceitos por Nyx e seus seguidores. Não digo que Nyx nunca daria a alguém do seu povo o corpo que realmente reflete quem ela ou ele é, mas a Deusa não gosta de manipular os acontecimentos humanos. Em vez disso, ela abençoa o seu povo com força, sabedoria, bondade, perseverança etc., e permite que todos encontrem os seus próprios caminhos.

Irmã Mary Angela… Maya Angelou.[5] **Foi intencional ou apenas uma feliz coincidência?**

• RACHEL FORRESTER

P. C.: Intencional! E estou muito feliz que uma ex-aluna minha tenha percebido! Beijos e abraços.

A vida amorosa de Zoey é tão complicada e estressante que sempre a relaciono comigo e com a minha vida real. Por que você decidiu continuar as intensas complicações amorosas de Zoey por tanto tempo em vez de abreviá-las e simplificá-las como a maioria dos escritores teria feito para evitar o conflito de opiniões dos fãs?

• CHRISTINE CARECHILD

P. C.: Estou feliz por você ter perguntado isso! Desde o começo de *House of Night*, Kristin e eu tínhamos uma convicção bem firme e clara de que trataríamos a vida amorosa de Zoey de maneira realista. A verdade é que os adolescentes ficam confusos sobre

quem eles devem namorar, e isso é ótimo! Pensar que um jovem que nem tem idade para votar é maduro o bastante e já tem idade suficiente para escolher um parceiro de vida é ridículo. Você precisa se conhecer bem antes de poder escolher com quem você gostaria de passar a vida. Os adolescentes estão apenas começando a descobrir quem eles são. Eles precisam percorrer essa jornada de descoberta sem estarem acorrentados a algum parceiro de vida antes de mal terem começado a experimentar a vida!

Também é uma triste verdade que garotas jovens são constantemente rotuladas como vadias se elas se atrevem a sair com mais de um garoto, mas e os meninos? Eles são aclamados como garanhões e heróis por serem populares com as meninas. Eu criei uma sociedade matriarcal para os nossos vampiros em *House of Night*, e uma das belezas de uma sociedade comandada por mulheres é que as mulheres não são julgadas por escolherem o seu próprio caminho – e isso frequentemente significa sair com mais de um cara ao mesmo tempo, principalmente se elas mal têm dezoito anos.

K. C.: Eu preciso sair em defesa dos meus colegas escritores que escolhem atribuir aos seus personagens um status de relacionamento mais simplificado. Eles muito provavelmente não fazem isso para evitar o conflito de opiniões de fãs. Como escritores, nós amamos vocês. Nós somos gratos a vocês. Nós precisamos de vocês. Dito isso, muitos autores escrevem o livro que querem, tenham os leitores opiniões conflitantes ou não. Na verdade, como escritora, eu espero que os leitores tenham opiniões diferentes. Isso significa que vocês me ouviram. É uma sensação fabulosa que um dos meus livros seja o catalisador que faça com

que as pessoas conversem entre si e aprendam umas com as outras.

Qual personagem você tem mais prazer de escrever e qual você acha o mais desafiador? Por quê?

• TED RYAN

P. C.: Aphrodite é a que eu mais gosto de escrever. Ela e eu compartilhamos um senso de humor e alguns outros traços de personalidade (provavelmente é melhor eu não me estender mais sobre isso!). Neferet é a personagem mais desafiadora para escrever. O declínio dela em direção às Trevas foi uma jornada dura de seguir.

Por que você matou Loren Blake?

• MARYON PEFFERLE CONCHA

P. C.: Fico feliz com a sua pergunta! Loren Blake era um predador. Ele manipulou e usou Zoey. Os adultos que abusam de suas posições de poder (professores, o clero, políticos, servidores públicos) em vez de servir e proteger aqueles que estão sob os seus cuidados deveriam ser responsabilizados. Loren *não* é um personagem romântico – não importa o quanto ele pareça bonito e charmoso. Ele é um abusador e um predador.

Como escritoras, se vocês pudessem tirar um dos personagens das páginas e trazê-lo ao nosso mundo para jantar, quem seria e por quê?

• CATHRINE JAMESON

P. C.: Essa é uma pergunta difícil! Eu realmente adoraria jantar com a Horda Nerd inteira! Mas, se eu tivesse que escolher um

personagem, provavelmente seria Lenobia. Ela e eu compartilhamos os mesmos cavalos!

K. C.: Eu iria amar jantar com Aphrodite! Você pode imaginar toda a fofoca sobre a Morada da Noite? Seria fabuloso!

Aí vai uma pergunta para vocês, não sei se já foi abordado nos livros se os vampiros adultos podem ter filhos. Seria adorável ter pequenas Zoeys e pequenos Starks correndo por lá. Mas imagino que eles não podem se reproduzir, é isso?

• MEGAN MCGURN

P. C.: A reprodução é impossível para os vampiros no universo de *House of Night*. A Transformação aumenta tanto o metabolismo dos novatos e a sua temperatura corporal que, quando se tornam adultos, as mulheres vampiras não menstruam mais, o que significa que elas não têm mais ovulação, e os homens não produzem mais espermatozoides viáveis.

K. C.: Isso nunca vai mudar. Nenhum vampiro de *House of Night* vai ter filho. Nunca. Sem chance. Não vai acontecer.

Houve alguma inspiração em um ou mais fãs para criar certos personagens ou a ambientação, o roteiro ou os temas de algum dos livros de vocês? Eu amo tanto todos os seus livros!

• JEREMY GRACE

P. C.: Sim! Alguns personagens foram inspirados em pessoas reais. Por exemplo: Zoey foi inspirada em Kristin aos dezesseis anos. Mas Zoey e a Kristin de dezesseis anos também são muito diferentes. Quando eu coloco um personagem no seu mundo ficcional, esse personagem começa a tomar vida própria. Como o mundo deles é diferente do nosso, os personagens se desenvolvem como pessoas

únicas e muitas vezes acabam tendo pouco em comum com a pessoa “real” em quem eles foram inspirados.

Em relação à ambientação, aos roteiros e aos temas… Em *Amada*, Kristin e eu de fato levamos em consideração as coisas que os fãs nos perguntaram nos últimos três anos, e nós entrelaçamos as respostas dentro da história!

Qual foi a sua parte favorita no processo de escrever este livro? É difícil retomar, depois de ter parado de escrever sobre esses personagens nos últimos três anos?

• LEAH GEORGE

P. C.: A minha parte favorita no processo de escrever este livro foi a coisa toda! Fiquei surpresa ao ver como estava nervosa por escrever outro livro de *House of Night*. Eu me estressei muito com isso e levei vários meses até começar a escrever, mas, assim que mergulhei de novo no universo de *House of Night*, o livro decolou! Foi como se eu tivesse viajado um caminho longo e difícil para visitar um grupo de amigos muito próximos, mas, assim que cheguei na “casa” deles, eu me senti completamente em casa de novo e tive uma experiência fantástica! Já estou trabalhando no segundo livro e adorando! Não tem mais estresse nem nervosismo. Está tudo bem em *House of Night* (para mim, está… para os personagens, nem tanto).

Você planeja como toda a história vai progredir, os principais pontos do roteiro e tal, ou você simplesmente vai criando enquanto escreve?

• THERESE EWA KLINGBERG

P. C.: Para *House of Night*, Kristin e eu fazemos *brainstorming* das ideias principais do roteiro e escrevemos um esboço bem vago. Normalmente eu começo com uma cena de abertura clara e aonde eu quero chegar na conclusão. O que acontece no meio é muito menos claro e frequentemente muda e me surpreende!

Esta é uma pergunta para vocês duas. Se vocês pudessem mudar uma coisa na série inteira, o que seria e por quê?

• ANITA JOUBERT

P. C.: Eu definitivamente mudaria o tamanho dos livros! Adoro escrever livros grandes e preferia mil vezes ter escrito seis livros grandes a doze livros de tamanho regular.

K. C.: Eu teria encorajado P. C. a escrever uma novela sobre a origem dos nossos vampiros. É uma história realmente interessante que ninguém mais sabe, e acho que os leitores iriam adorar!

Qual é a parte mais difícil em lidar com o mercado editorial? Há algum segredo sobre como lidar com os editores para quem é um escritor que acabou de fazer sucesso? Você já ficou tão cansada de editar os seus rascunhos que começou a pensar que o seu romance era péssimo? Como você mantém a inspiração quando tem um bloqueio de escritor realmente grave ou simplesmente perde o interesse?

• ALYXANDREA JADE LOFFER

P. C.: A parte mais difícil do mercado editorial é que o lançamento e o sucesso da sua carreira é algo muito fluido e subjetivo. Como autora, eu escrevo os melhores livros que posso, e essa é a última parte de controle que eu tenho sobre eles. Então eles vão para o

mundo, e eu basicamente tenho só que esperar para ver o que acontece com eles! Por exemplo: “Escolhida”, o terceiro livro da série *House of Night*, foi o meu primeiro livro a aparecer em uma lista de mais vendidos. “Escolhida” foi o meu décimo-oitavo romance publicado.

Segredos para lidar com os editores? SIM! O melhor conselho que eu posso dar a um aspirante a escritor é pesquisar o trabalho de ser um escritor profissional, como você faria com qualquer outra profissão. Você não entra em um consultório de dentista e anuncia “Ei! Alguém me dê uma broca que eu vou começar a trabalhar!”, sem anos de treinamento. É a mesma coisa com o trabalho de ser um escritor profissional. Saiba as etapas que precisam acontecer para que um manuscrito percorra todo o caminho até se transformar em um livro na prateleira de uma livraria. Conheça o trabalho de um editor. Conheça o trabalho de um agente. Decida se ser um escritor é a sua escolha de carreira ou um hobby. Então leia, leia e leia, e escreva, escreva e escreva.

Se você se cansa de editar os seus rascunhos, você precisa escolher outra carreira. Escrever é reescrever.

Como eu mantenho a inspiração? Escrever é o meu trabalho. Eu assino um contrato para produzir livros. Eu não olho para o mercado editorial através de lentes cor-de-rosa nem trato isso como um hobby. Eu escrevo se tenho vontade ou não, assim como eu costumava dar aulas se tivesse vontade ou não, pois esse era o meu trabalho e eu tinha a responsabilidade de fazê-lo bem feito. Escritores profissionais não têm tempo de dar a desculpa do bloqueio de escritor.

K. C.: Para mim, a parte mais difícil do mercado editorial e o segredo para lidar com editores têm a mesma resposta: desenvolver

uma casca grossa. As grandes editoras não estão no negócio de adoçar as coisas. Se eles acham que você é péssimo, eles vão dizer isso, mas de uma forma mais eloquente. Há uma chance enorme de que você seja rejeitado mais vezes do que achou que conseguiria lidar, mas, se essa é a sua carreira e não um hobby, você vai perseverar.

Se você dá de cara com um muro quando está escrevendo, seja "bloqueio de escritor" ou perda de interesse, você não está escrevendo a coisa certa. Volte uma cena. Pule para um novo capítulo. Vá dar uma volta. Não fique apenas sentado lá tentando terminar a frase, a cena, o capítulo, o que for. Claramente não está funcionando, então é hora de tentar alguma coisa nova.

A minha mente está enlouquecendo depois de saber que esta pergunta pode ser publicada na minha série favorita. Eu estou simplesmente na lua e flutuando em meio às estrelas com a perspectiva de outro livro de *House of Night*. Mas eu me pergunto… Como você consegue fazer o malabarismo de escrever não apenas este livro, mas também a sua série nova, *Tales of a New World?*

• DANIELLE BITSCHE

P. C.: Eu escrevo há bastante tempo e sei como passar de um mundo para o outro e de um livro para o outro sem misturar os personagens e os roteiros. Eu também programo os meus prazos de entrega de modo que normalmente eles não se sobrepõem. Enquanto respondo a esta pergunta, estou trabalhando na edição de *Amada*, no esboço do próximo livro de *House of Night*, no primeiro livro da minha nova série com Kristin para jovens adultos, *The*

Dysasters, e no terceiro livro da minha série *Tales of a New World.* Trata-se de foco, dedicação e trabalho duro.

De todas as histórias que você e Kristin escreveram, qual é a sua favorita e a dela?

• CAITLIN EVANS

P. C.: Essa é realmente uma pergunta difícil de responder. Os livros são muito parecidos com filhos ou "bebês peludos" – é duro ter um favorito. Eu sempre vou amar o meu primeiro livro publicado, *Divina por Engano*. Atualmente, estou gostando muito da minha nova série de fantasia, *Tales of a New World*, especialmente *Sun Warrior* (lançamento nos Estados Unidos em outubro de 2017). Acho que o meu livro preferido da série *House of Night* é *Queimada*, mas *Amada* fica logo atrás em segundo.

K. C.: *Scarlet Rain*, o segundo livro da minha série *The Escaped.* Eu sempre quis escrever um livro sobre uma coisa inseto/criatura que causa uma doença/epidemia super nojenta, e eu escrevi (mas com uma dose pesada de magia e de mitologia grega)!

Vai haver um filme de *House of Night*?

• SARAH NORMAN

P. C.: Em novembro de 2011, Samuel Hadida da Davis Films comprou os direitos de filmagem de *House of Night*. Kristin e eu nos encontramos com Hadida em Paris e passamos momentos adoráveis discutindo como deveria ser o primeiro de cinco grandes filmes. Hadida contratou um roteirista fantástico, Marc Haimes ("Kubo e as Cordas Mágicas"). Marc escreveu um roteiro maravilhoso, que tem o meu total apoio. Hadida não fez nada com

ele. Não há mais nada que Kristin e eu possamos fazer até que os direitos voltem para nós em 2020. Sim, nós achamos essa situação muito frustrante. Se você quer ter a sua voz ouvida e dizer a Samuel Hadida que gostaria que *House of Night* virasse um filme (ou uma série de TV!), aqui vão os contatos dele. Ele não está dando ouvidos às autoras da série. Talvez ele ouça os fãs!

Twitter: @Metropolitan_Fr
Facebook: https://www.facebook.com/DavisFilms.us/
E-mail: info@metropolitan-films.com
Endereço de correspondência:
Davis Films
29 Rue Galilée, 75116
Paris, France

***House of Night* ficaria melhor em um filme ou em uma série de TV?**

• JACKIE RAE HANSEN

P. C.: Eu gostaria de vê-la como uma ótima série de TV a cabo!
K. C.: Eu também!

Vocês estão planejando lançar alguns "produtos" baseados na série? Como as velas e os cartões de sabedoria?

• MEGAN CHAPMAN

P. C.: Sim! Fiquem ligados nos nossos sites, www.PCCastAuthor.com e www.KCastAuthor.com para novos produtos.

O que vem a seguir para vocês duas?

• DEREK CHARLES

P. C.: Obrigada por perguntar! Em outubro de 2017, sai *"Sun Warrior"*, o próximo livro da minha série de fantasia para jovens adultos *"Tales of a New World"*, e o segundo livro da série "House of Night – Outro Mundo" será lançado em 2018.

K. C.: P. C. e eu também estamos trabalhando em uma nova série para jovens adultos, *The Dysasters*, que também estreia em 2018. Em relação à minha carreira solo, ando bem ocupada escrevendo algo que é totalmente incrível e que vocês com certeza vão amar!

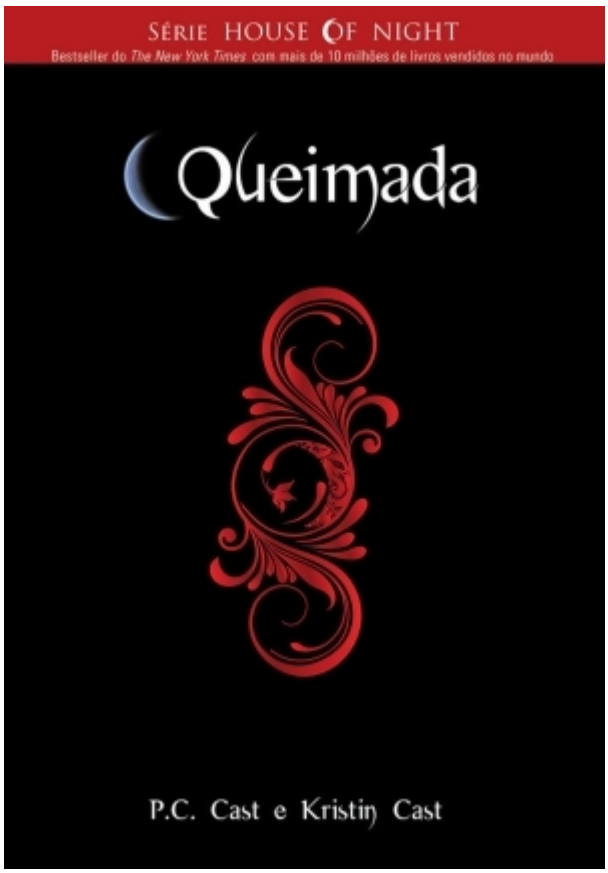
Gênero literário de extensão entre o conto e o romance. (N.T.)
O aroma do sal e da areia, em tradução livre. (N.T.)
Os fugitivos, em tradução livre. (N.T.)
Os desastres, em tradução livre. (N.T.)
Escritora e poeta dos Estados Unidos (1928-2014). (N.T.)

E sempre se lembre
Você tem poder! Suas escolhas importam. Obrigada por nos escolher.
Enviamos a você luz e amor… sempre o amor.

novo século®

www.gruponovoseculo.com.br

#Novo Século nas redes sociais


SÉRIE HOUSE OF NIGHT
Bestseller do The New York Times com mais de 10 milhões de livros vendidos no mundo
Queimada
P.C. Cast e Kristin Cast

Queimada

Cast, P. C.
9788576795636
376 páginas

Compre agora e leia

As coisas ficaram pretas na Morada da Noite. A alma de Zoey Redbird se despedaçou. Com o coração partido, vendo tudo ao seu redor desmoronar e com vontade de ficar para sempre no mundo dos mortos, Zoey está sumindo a olhos vistos. Parece cada vez mais difícil ela se recuperar a tempo de reencontrar seus amigos e recolocar as coisas em seus devidos lugares. Stevie Rae, melhor amiga de Zoey, quer ajudá-la, mas está enfrentando problemas seríssimos. Os Novatos Vermelhos do Mal estão pisando na bola e, dessa vez, nem Stevie Rae poderá protegê-los das consequências. No meio desta confusão está Aphrodite: ex-novata, patricinha podre de rica, bruxa do inferno convicta (e com muito orgulho), tendo visões que revelam o futuro e, para piorar, com Nyx resolvendo falar por meio dela, quer ela queira ou não. A lealdade de Aphrodite pode oscilar em várias direções, mas, no momento, é o destino de Zoey que está em jogo. Três garotas... brincando com fogo... se elas não tomarem cuidado, vão acabar Queimadas.

Compre agora e leia


Ana Beatriz Brandão
Caçadores de Almas
Segredos e Maldições
novo século

Caçadores de almas - segredos e maldições

Brandão, Ana Beatriz

9788542805772

222 páginas

Compre agora e leia

Um grupo de jovens unido por um juramento. Uma garota resgatada de um ritual de magia negra descobre que carrega a chave que abrirá o portal para o inferno. Um rapaz misterioso, condenado a vagar pelo mundo caçando aqueles dos quais um dia foi aliado. Unidos, tentam livrar a Terra dos que querem passar para este lado. Serão eles capazes de superar seus piores medos e vencer essa guerra?

Compre agora e leia